



P. Rocco Barbariga, ofm

EU EXULTO NO MEU SALVADOR

**Cinco fundamentos da espiritualidade
de Vincenza Stroppa**

Autor: P. Rocco Barbariga

Tradutores:

1º e 2º Capítulos: Frei Antonio Andrietta, OFM

Pequena Família Franciscana - 2009

Apresentação

“Eu exulto no meu Salvador, eterno e infinito amor”. Assim se exprime Vincenza concluindo uma oração, que emerge do coração, inserta numa carta às irmãs da Pequena Família Franciscana em março de 1977 (O caminho do Amor, II, pp. 122-124). Esta oração, densa e breve, não escapou à sensibilidade de Djanira, uma irmã brasileira. Esta compôs um canto com a frase acima mencionada, em estilo de estribilho (citado na p. 32). Um estribilho tantas vezes repetido durante a última visita ao Brasil de alguns membros do Conselho Central da PFF, de tal forma que quando se tratou de dar um título a este livro nos lembramos daquele: “Eu exulto no meu Salvador”.

Que título melhor poder-se-ia encontrar para este livro, que apresenta os cinco fundamentos da espiritualidade de Vincenza Stroppa, que não fosse o “Eu exulto no meu Salvador”? Compreende-se a exultação de Vincenza no seu Salvador, que muito recorda o Magnificat de Maria “a minha alma engrandece o Senhor e se alegrou meu espírito em Deus meu Salvador”, para dar unidade aos aspectos da espiritualidade de Vincenza, tomados em consideração neste volume. O “firme canto” de sua vida, o estribilho que perpassa tudo, inclusive nos momentos escuros, é mesmo esta capacidade de exultar no Senhor, reconhecido como o Salvador, eterno e infinito amor. É justamente esta abertura ao Senhor que “a livra da exigüidade de sua humanidade e a torna livre NELE” para capacitá-la à exultação. “Naquela mesma hora Jesus se sentiu inundado de alegria no Espírito Santo e disse: Graças te dou, Pai, Senhor do céu e da

terra porque escondestes estas coisas aos sábios e prudentes, e as revelaste aos pequeninos. Sim, Pai, porque assim foi do teu agrado” (Lc 10,21).

Em tal perspectiva podemos nos embrenhar no estudo que Padre Rocco Barbariga nos oferece neste livro sobre a espiritualidade de Vincenza nos cinco aspectos considerados fundamentais: a vida de união com Deus, a espiritualidade eucarística, a espiritualidade mariana, a espiritualidade apostólica, a límpida e combatida fé.

Cada aspecto constitui um capítulo deste livro, aliás, tratado com muita perícia; faz menção contínua aos escritos de Vincenza e toma sempre em consideração sua experiência pessoal para que nas exortações às irmãs do Instituto nada seja transcurado a fim de que seja perceptível a beleza, a amplitude e a profundidade da experiência espiritual vivida por esta mulher. O autor destas páginas, o Padre Rocco Barbariga, após dedicar-se por longo tempo a apresentar a figura e a obra do Servo de Deus, Padre Ireneo Mazzotti, OFM, fundador da Pequena Família Franciscana, oferece-nos agora uma preciosa contribuição para um conhecimento mais profundo de Vincenza. Seu estudo é metódico e exato, não elaborado apenas no “escritório”. Em realidade Padre Rocco conheceu Vincenza e, sobretudo, conheceu e conhece bem a Pequena Família Franciscana, porque seguiu sua evolução desde dentro por muitas décadas, com dedicação, discrição e perseverança, que lhe são tão próprias.

No octogésimo ano da Pequena Família Franciscana, o Instituto nascido do SIM de Vincenza e de Padre Ireneo, sob a ação do Espírito, recordamos também com carinho os sessenta anos de sacerdócio de Padre Rocco. “Caras irmãs, agradeçamos com a alegria

que brota de nossos corações, ao nosso Pai Celestial pela terna solicitude que dá a nossos padres assistentes, aos quais confia a PFF e a cada uma de nós. Peçamos que dê sempre mais aos corações sacerdotais dos nossos padres assistentes a plenitude de sua divina paternidade. Peçamos que se cumpra na terra sua vontade, nos corações de nossos padres, em nossos corações, assim como se cumpre no Céu” (O Caminho do Amor, II, pp. 146-147).

O livro será apresentado e distribuído durante a Assembléia Geral a realizar-se em Greccio, de 5 a 12 de julho de 2009.

*Conselho Central
da Pequena Família Franciscana
31 de maio de 2009 - Solenidade de Pentecostes*

INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

Escritos de Vincenza Stroppa

A maior parte dos escritos de Vincenza Stroppa foi recolhida e publicada em dois volumes com o título O Caminho do Amor; uma pequena parte, ainda inédita, se conserva no arquivo da Pequena Família Franciscana no Cenáculo Franciscano “Maria Assunta” em Ome (Brescia).

Escritos publicados

O Caminho do Amor de Vincenza Stroppa, Co-fundadora do Instituto Secular Pequena Família Franciscana, vol. I e II, Cenáculo Franciscano, Ome (Brescia), 1995.

Conteúdo do primeiro volume:

- *Irmã Vincenza fala de si.*
- *Vincenza na escola.*
- *Escritos para a Ordem Terceira Franciscana; (não constam outros publicados no Boletim da Terceira Ordem Franciscana, em São Caetano nos anos de 1930-1931.*
- *Para viver minha vocação. Comentário à Regra.*
- *Jesus Amor. Pensamentos e orações.*
- *Testamento espiritual de Vincenza.*

Como Apêndice, constam os seguintes escritos de outras pessoas:

- *21 Cartas do Padre Alessandro Malér a Vincenza (1916-1918).*

- *Cartas de Arminda Barelli e Bona Mattei a Vincenza.*
- *Lembranças biográficas de Vincenza, escritas pela sobrinha Cecília Ponti.*

O segundo volume contém os escritos seguintes:

- *Cartas de Vincenza às irmãs da PFF.*
- *Cartas de Vincenza a Maria Mariani.*

No Apêndice constam os seguintes escritos:

- *Cartas do Padre Ireneo Mazzotti a Vincenza.*
- *Três cartas do Padre Alessandro Malér a Vincenza (1938-1939).*

Último encontro de Maria Mariani com Vincenza.

Escritos inéditos:

Trata-se, provavelmente de cartas, de Vincenza a pessoas particulares, de caráter estritamente privado. São reunidas assim:

- *Breve relação enviada a Don Francesco Mettelli (fins de 1936).*
- *Escritos ao Padre Rocco Barbariga (Anotações nn. 1; 2; 3; 4).*
- *Cartas ao Padre Leonardo Tasselli.*
- *Cartas ao Padre Giuseppe Di Lazzaro.*
- *Cartas a Maria Mettelli.*
- *Cartas de Angelina Cogi di Chiari (Brescia) , sua chefe de grupo.*
- *Cartas a Egilda Miticocchi do grupo de Foggia.*
- *Cartas a outras irmãs.*

Escritos sobre Vincenza Stroppa

Acerca da pessoa e da obra de Vincenza Stroppa há vários escritos, publicados uns, outros não.

Publicados:

- O grão de mostarda. Perfil histórico da Pequena Família Franciscana.

Cenáculo Franciscano, Ome 1966.

- Querei-vos bem, ensinamentos do P. Ireneo Mazzotti à Pequena Família

Franciscana. Cenáculo Franciscano, Ome 1979.

- Celebração do Cinquentésimo de fundação da PFF, Cenáculo Franciscano, Ome, 1981.

- P. IRENEO MAZZOTTI, Quero ser santo, notas de diário espiritual, Cenáculo Franciscano, Ome 1988.

- Vincenza, uma imagem a descobrir, na “Vida di Família”, Ome, dezembro, 1995.

- Livro algum me fala como a Vida que há em mim, na “Vida de Família” Ome-Loreto, dezembro de 2000.

- P. ROCCO BARBARIGA, uma severa e doce sanidade. Fé e Caridade em ascensão. Biografia do servo de Deus Padre Ireneo Mazzotti, da Ordem dos Frades Menores, Fundador do Instituto Secular de vida consagrada “Pequena Família Franciscana”, EDIÇÃO BIBLIOTECA FRANCISCANA, MILÃO, 2001.

- P. ROCCO BARBARIGA, “Vincenza Stroppa, mestra de vida e de espiritualidade”- Pequena Família Franciscana, 2005.

- P. ROCCO BARBARIGA, Uma enamorada de Deus a serviço dos irmãos: Vincenza Stroppa, na “Vita Minorum”, n.6, 2006, pp. 121-141.

- Do nascer ao por do sol, uma vida de louvor a Deus, na “Vida de Família”, Ome 23-25 de março de 2007.

Escritos Não publicados

- *Testemunho de don. Mario Fattorini*
- *Testemunho de don Giovanne Riccagni.*
- *Testemunho de don Luigi Venni*
- *Testemunho de P. Donato Gimelli.*
- *Breve testemunho da sobrinha Adele Ponti.*
- *Minhas Memórias, pequeno caderno manuscrito de Maria Metelli.*
- *Cinquentenário da fundação da PFF, Região Lombardia-Piemonte. Cópias de 1980.*

Cronologia essencial de Vincenza Stroppa

- 07/09/1893 *Nascimento em Urago d'Oglio (BS) de G. Battista e de Maria Ossoli.
Foi batizada na paróquia de Urago d'Oglio*
- 1899-1902 *Freqüenta as três classes elementares.*
- 1902-1905 *Ajuda sua família*
- 1903 *Primeira Comunhão.*
- 1905-1910 *Operária numa fábrica de botões*
- 1911 *Entra no convento das Irmãs de Maria Menina em Milão. Rua S. Sofia, onde permanece por seis meses.*
- 1911-1912 *Conclui a escola elementar em Cálcio.*
- 1913-1916 *Freqüenta por três anos a escola técnica em Chiari.*
- Fev. – 1916 *Encontro com Padre Malér, beneditino francês, do convento de Chiari.*
- 12-10-1916 *Morte do pai.*
- Nov. 1916 *Inscrição na Escola Normal de Treviglio.*
- 1919 *Diploma de Professora primária. Renúncia à proposta de prosseguir os estudos no Colégio Internacional de Florença.*

- 1919-1920 Professora em Urago d'Oglio.
- 1920-1921 Professora em Vissone, distrito de Piancamuno, Val Camonica (BS).
- 1921 Torna a ensinar em Urago D'Oglio continuando até 1955, ano em que se aposenta, após 41 anos de trabalho (36 efetivos e 5 de abono).
- 12.07.1928 Encontro com o Padre Agostinho Gemelli, por intermédio de Armida Barelli.
- 16.07.1928 Encontro com Padre Ireneo Mazzotti.
- 25.07.1928 Padre Ireneo lhe envia a primeira carta. Abril de 1929 Por intermédio de Padre Ireneo envia sua Regra de Vida a Padre Gemelli.
- Agosto 1929 Algumas terceiras franciscanas pedem ao Padre Ireneo para viverem como consagradas no mundo.
- 1º. 12.1929 Envio da Regra a Padre Ireneo.
- 26.12.1929 Padre Ireneo consagra as primeiras irmãs, no Convento de São Caetano/Bréscia. Assim nasce a Pequena Família Franciscana.
- Ocupa o cargo da Secretária Geral da Pequena Família Franciscana.
- 1938-1940 Secretária Geral da PFF.
- 24.3.1940 Aprovação do Regulamento da vida da Pequena Família Franciscana.
- (Páscoa) “ad experimentum” pelo Ministro Geral da OFM. Assim foi definida: “Cenáculo de almas seráficas escolhida pelas irmãs professoras da Ordem Franciscana Secular”.
- 31.05.1949 Aprovação definitiva o Regulamento de Vida

- Da Pequena Família Franciscana pelo
Ministro Geral da Ofm.*
- 1949 *Morre a mãe aos 88 anos.*
- 04.01.1953 *Audiência com o Santo Padre Pio XII (os
Três “Sim”)*
- 08.12.1961 *A Santa Sé aprova a Pequena Família
Franciscana.
“Associação De Perfeição Evangélica
própria da Ordem dos Frades Menores”.*
- 18.05.1975 *A Pequena Família Franciscana torna-se
Instituto Secular de direito (Pentecostes)
Diocesano.*
- 24.03.1982 *Morre em Urago d'Oglio e é sepultada no
cemitério de sua cidade.*
- 01.01.1983 *A Pequena Família Franciscana torna-se
Instituto Secular de Direito Pontifício.*

CAPÍTULO PRIMEIRO

A união com Deus na espiritualidade de Vincenza Stroppa

INTRODUÇÃO

A dimensão religiosa exprime-se essencialmente numa relação recíproca entre Deus e a pessoa humana: uma relação que se torna comunhão pessoal com Deus. É o que chamamos vida teologal, que pressupõe a gratuidade de Deus e a resposta humana. Para os cristãos, cada uma das três pessoas divinas qualifica intimamente o ser e a vocação da pessoa humana, a assinala com o próprio nome. A vida cristã recebe das pessoas divinas conteúdo e nome: é vida em Deus Pai, vida em Cristo, vida no Espírito Santo, vida divina, vida cristã, vida espiritual. Nas páginas seguintes nos propomos, na medida do possível, de que modo o dom e o esforço de viver a união com o único Deus em três pessoas assinalou a vida de Vincenza Stroppa. Ela a viveu como um dom da graça e esforço fundamental da própria existência terrena na esperança de vivê-la em plenitude na eternidade. Queria tenazmente que tal união com Deus partilhada por todos, particularmente das irmãs de vida consagrada na Pequena Família Franciscana (PFF).

Nossa pesquisa se fundamenta nos dados biográficos de Vincenza e em seus escritos. Objetiva documentar como ela viveu a união com Deus e como a propõe às suas irmãs de ideal.

Os dados biográficos são valorizados pelo período (1893-1982), no qual se afirmava uma orientação espiritual de retorno a algumas verdades fundamentais do cristianismo, infelizmente, quase esquecidos, devido à preocupação especial de priorizar mais o aspecto

humano do que a iniciativa de Deus. Refiro-me ao primado da Palavra de Deus, a Jesus Cristo, fonte e modelo da vida cristã; Cristo, fonte vivificante de santidade, com o dom do Espírito Santo, orienta nossa vida e nos conduz com ele “no seio do Pai”.

Particularmente, o aprofundamento da teologia cristocêntrica de São Paulo e de São João, fixou a atenção na espiritualidade batismal, sobre nossa filiação divina e participação no mistério pascal de Jesus Cristo, e, finalmente, a imersão do cristão na vida do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Vincenza foi, mais ou menos, contemporânea de algumas pessoas, cuja espiritualidade se caracterizava por esta “redescoberta”, princípios teológicos e orientação espiritual. Mencionemos algumas figuras, como exemplo, a Bem-aventurada Isabel da Trindade (1980- 1906), o bem-aventurado José Columba Marmion (1958-1923), a Serva de Deus Lúcia Mangano (1896-1946), a Serva de Deus Ítala Mela (1904-1957) e outros.

Em certo sentido Vincenza precedeu algumas orientações do Concílio Vaticano II e sentiu-se feliz de estar em sintonia com ele. Veremos como ela em discreto ocultamento, esforça-se no ensino na escola elementar, em multiplicar-se nas atividades paroquiais, na assistência aos familiares, no cuidado da Pequena Família Franciscana, sem jamais descuidar de seu empenho fundamental, “o de viver em união com Deus na cela de sua alma no meio dos irmãos”. A íntima união com Jesus Cristo a conduziu naturalmente à intimidade com as Três Pessoas divinas.

Quanto aos escritos de Vincenza pertinentes a este assunto, recordamos em particular suas anotações em “Pensamentos e Orações” sob o título de “Jesus Amor; seu “Comentário à Regra” com o título Para viver

minha vocação"; seu *Testamento Espiritual*; suas *Cartas* e especialmente as *Cartas de Vincenza às Irmãs da Pequena Família Franciscana*.

Não pensemos encontrar pesquisas intelectuais, nem teorias sobre experiências místicas extraordinárias. Vincenza fala com simplicidade, mas com convicção e ardor daquilo que vive e do ardente desejo para que a união com Deus, como dimensão essencial da vida cristã, seja conhecida e vivida por todos. Trata-se da *vontade de Deus*, da *meta* principal e da *alegria* do nosso viver, da *Glorificação de Deus* e do *meio mais eficaz* para o apostolado.

Se alguém buscasse em *que fonte doutrinal* Vincenza atingiu sua espiritualidade, a resposta, talvez, mais próxima da verdade é a que se fundamenta sobre certos dados concretos.

a) Primeiro isto: Vincenza jamais cita autores que confirmam suas afirmações; não há assomo algum de erudição. Não que não lesse livros de espiritualidade, ávida como era para crescer no conhecimento espiritual; significativa é a afirmação que escreveu no seu *Testamento Espiritual*: "Entre todos os livros, um me é muito caro: a Sagrada Escritura"¹. "*Livro algum me fala da vida que há em mim*"² A Sagrada Escritura era para ela "*a cela vinária... a palavra vivificante de Deus, com a qual a alma se nutre da sabedoria, que contém toda a Vida*".³

¹ O Caminho do Amor, I, O Testamento espiritual de Vincenza, p. 128.

² *Idem*, p. 128.

³ O Caminho do Amor, II, Cartas de Vincenza às Irmãs da PFF, 19 de novembro de 1967, p. 63.

Parece-me ser necessário ainda tomar em conta outra afirmação de Vincenza contida no seu Testamento Espiritual:

b) Vincenza manejava muito bem a *Liturgia* da Igreja e o *Catecismo* ensinado às crianças e aos jovens. A ativa participação nas celebrações litúrgicas, o conhecimento doutrinal da fé e a leitura amorosa da Sagrada Escritura ajudavam-na a penetrar na compreensão daquela plenitude de graça recebida através da comunhão diária e da adoração eucarística. O ter feito da Eucaristia “o centro de sua vida” desde a juventude, a ajudará a sentir a presença de Jesus unindo-a ao Espírito Santo e ao Pai.

c) No entanto, é provável que durante sua formação Vincenza tenha haurido também algo da *espiritualidade beneditina*, justamente centrada em Jesus Cristo, vida da alma, e sobre a paternidade de Deus. Tal não foi só pela influência recebida da direção espiritual do beneditino Padre Alessandro Malér, mas também pelo fato de ela ter vivido por algum tempo no mosteiro das monjas beneditinas em Milão para aprender a arte de o gosto pela celebração da Liturgia.

Convenhamos: a influência da espiritualidade beneditina não impediu a Vincenza de realizar a própria “*espiritualidade franciscana*”, fundamentada na Paternidade de Deus, na centralidade de Jesus Cristo em nossa vida e na alegria de “construir em nós uma inabituação, uma casa permanente para Ele, o Senhor Deus onipotente, Pai, Filho e Espírito Santo”.⁴

O presente trabalho se resume em três partes. Em primeiro lugar trataremos do caminho gradual percorrido

⁴ SÃO FRANCISCO, *Regra não Bulada*, XXII, 27: Escritos de São Francisco, Ed. Vozes, 2008.

por Vincenza na sua formação espiritual: da comunhão eucarística à comunhão trinitária. Em segundo lugar, tentaremos, quanto possível, descobrir sua vivência espiritual sob o aspecto da comunhão com o Deus Trindade de Pessoas. E por fim, faremos uma síntese dos ensinamentos e das exortações que Vincenza propunha às suas irmãs de vida consagrada, sobre a União com Deus.

I – DA EUCARISTIA À TRINDADE

Já avançada em idade, a própria Vincenza resumiu sua existência como um processo gradativo à plenitude da doação e transformação de sua vida:

*“Meu Senhor, desde criança te amei com o coração;
Como jovem, com a inteligência,
Agora te amo com a inteligência, com o coração
e com toda a alma”.⁵*

Fixemo-nos em particular na primeira fase desse caminho.

1. Fascínio e atração

Atendo-me às confidências que Vincenza me confiou, vê-se que desde criança, sentiu um particular fascínio por Jesus, a ponto de pedir com insistência à uma irmã do oratório que lhe falasse sobre Ele. O conhecimentourgia sempre mais o desejo de receber a

⁵ O Caminho do Amor, I, Jesus Amor, n. 70, p. 102.

*Jesus na Eucaristia. Realmente obtive a exceção de fazer a primeira comunhão aos nove anos e meio e não aos 12 ou 13, como era o costume. Ela escreve: “Aos nove anos e meio, com grande desejo, fiz minha primeira comunhão” Desejo que mais aumentou em mim. (...). A Eucaristia tornou-se o centro da minha vida. Suportava tudo para receber a Jesus.*⁶

*Além disso, afirma que, desde criança, ao surgir o sol, corria nos campos para observar o orvalho. E comentava: “Para mim era a imagem viva da abundância da graça e do amor de Jesus em nossas almas. Sentia dentro de mim, a luz, o calor a vida e via em minha alma o Deus que me amava”.*⁷

*À medida que passavam os anos, a intensa piedade eucarística e a convicção da presença do Senhor brotava em Vincenza o desejo e o propósito de doar-se totalmente ao Senhor. Parecia-lhe que este ideal fosse plenamente realizável tornando-se uma irmã num convento. Com o consentimento de seus familiares decidiu-se a dar esse passo: “Queria consagrar-me quanto antes ao Senhor e aos dezoito anos entrei no convento”.*⁸

*A estadia no convento foi breve: apenas seis meses, porque por razões alheias a ela e contra sua vontade, foi coagida a voltar para a família. A experiência breve da vida conventual para ela foi “como se fosse a entrada no paraíso”, mas coagida a sair, “sofri indizível martírio”.*⁹

⁶ O Caminho do Amor II, Cartas de Vincenza a Maria Mariani, 13 de novembro de 1960, p. 170.

⁷ *Idem*, II, p. 179.

⁸ *Idem*, II, p. 173.

⁹ *Idem*, II, p. 173.

*Em nova e dolorosa situação, a divina Providência colocou em seu caminho um bom diretor espiritual na pessoa no monge beneditino Padre Alessandro Malér. Este, com iluminada sabedoria, ajudou Vincenza a convencer-se de que se o Senhor impedia a realização de um projeto nosso é porque queria realizar outro melhor. Recordou-lhe principalmente que a coisa mais importante não é viver num convento, mas amar o esposo divino em qualquer situação que se encontre: não o lugar, mas o amor e a adesão à vontade de Deus.*¹⁰

Padre Malér, em sucessivas cartas, voltou a esses conceitos afirmando que “o ser da santidade está no amor interno, quem muito ama é mais santo”.¹¹ E afirmando ainda que o Senhor “continua a manter aceso no coração aquele fogo ardente de caridade que, com uma força irresistível, atrai tua alma, como em seu centro, produzindo em ti o tormento da divina caridade, que jamais se sacia de amar”.¹²

2 – “Que felicidade a minha saber que tu tomaste posse de mim”.

Com respeito ao triênio que Vincenza viveu em Treviglio freqüentando a Escola Normal para conseguir o diploma de professora, ela afirma: “A Eucaristia era sempre o centro de minha vida e, ao mesmo tempo, continuava no coração de Vincenza um ardente desejo de ser toda de

¹⁰ Cfr. *O Caminho do Amor*, I, *Cartas do Padre Alessandro Malér Vincenza*, 6 de julho de 1916, pp. 131-132.

¹¹ *Idem*, I, 31 de agosto de 1916, p. 135.

¹² *Idem*, I, 15 de setembro de 1916, p. 137.

Deus: "Eu vivia com meu Senhor, em um martírio de amor, tudo em segredo".¹³

Parece que foi quando ela fez a escolha para conseguir o diploma de Professora que Vincenza se deu conta de quão verdadeiro e quão forte era sua vontade de se doar totalmente a Deus. Um futuro brilhante e invejável lhe estava reservado. O presidente a chamou e lhe disse: "Já está tudo preparado. Só lhe falta preparar as malas e partir para Florença, no Colégio Internacional para continuar seus estudos". Tais palavras do Presidente fizeram brilhar uma luz na mente de Vincenza pelo temor de um possível perigo: "E se o amor pelos estudos me separasse de Deus, apenas por um momento"? E apesar de sua paixão pelos estudos renunciou, entre lágrimas, a tão aspirada oferta.¹⁴

Mais tarde Vincenza escreveu:
"Senhor, por vós renunciei ao estudo, à música, à dança, às minhas paixões: mas principalmente aos estudos, que tanto amava. Temia que este amor me conduzisse longe de vós e que o mundo raptasse o meu Senhor. E tudo isso era nosso segredo. Estou tão feliz ao sentir-me possuída por vós!".¹⁵

3. A união com Jesus conduz à união da Trindade.

Um amor tão intenso para com Jesus recebido diariamente na Eucaristia, resultava no amor ao Pai e ao Espírito Santo, que com Jesus se comunicavam com ela. Mais tarde, muitas vezes escreveu que na comunhão

¹³ O Caminho do Amor II, Cartas de Vincenza a Maria Mariani, 13 de novembro de 1960. p.170-179.

¹⁴ O Caminho do Amor II, p. 177.

¹⁵ O Caminho do Amor I, Jesus Amor, n. 80. p. 106.

eucarística entramos na intimidade com a Santíssima Trindade, que nos *transforma*, operando em nós uma espécie de vida com Deus. Ao receber a eucaristia recebemos também a Trindade porque o Pai e o Espírito Santo são inseparáveis do Filho. Assim se realiza nossa união com o Pai, o Filho e o Espírito Santo e ao mesmo tempo somos unidos com todo o Corpo Místico de Cristo, com todos seus membros.

Vincenza, ao receber seu diploma, aos vinte e seis anos, retornou à terra natal. Imediatamente dedicou-se a uma intensa atividade. Sentia que o Senhor a chamava para uma missão especial. Escreve: “Minha alma estava plena Dele e pelo desejo de consumir minha vida por Ele. Comecei logo minha atividade de professora e a ensinar as outras obras de bem que as circunstâncias me traziam. Assim me dediquei à Ação Católica, ao catecismo, à escola masculina de canto, ao teatro para a juventude masculina, às missões, isto é, às obras missionárias, paroquiais, etc.”. Tudo isso não me era suficiente, pois, o Senhor queria ainda outra coisa: “No meio de tanto afã, Deus me chamava sempre mais no íntimo de minha alma. Ele queria a união com Ele no mundo. Queria almas que, morta para si e para o mundo, vivessem no mundo a vida de união com Ele. Uma vida de graça na secreta cela com a Trindade Santa, como Nossa Senhora”.¹⁶

Tudo permanecia no recôndito de sua alma; porém, Vincenza já tinha claro, qual seria a meta e o modelo principal de sua vocação. Da vida de *união* “com Jesus” e com “Deus”, se aclarava bem agora *a união com a Trindade Santa*. A vontade de Deus era clara: restava

¹⁶ *O Caminho do Amor*, I, *Cartas de Vincenza a Maria Mariani*, 13 de novembro de 1960, p.177.

agora atuá-la sempre mais em si mesma e propô-la a outros.

II. A VIVÊNCIA ESPIRITUAL DE COMUNHÃO EM VINCENZA

Prosseguindo em nossa pesquisa desejamos compreender mais profundamente como Vincenza viveu concretamente sua união com Deus; desejamos, outrossim, colher algo das relações com Deus vivendo em Vincenza e sua resposta às iniciativas divinas. De fato, a presença operante do Deus Uno e Trino no cristão, goza de um caráter íntimo, permanente e transformante, pelo qual o fiel é obra e objeto do amor de Deus e ao mesmo tempo é posto em referência ao Deus Pai, Filho e Espírito Santo.

À medida que a vida espiritual cresce e se desenvolve, a presença de Deus Pai, Filho e Espírito Santo se torna mais transparente na vida e nas atividades do cristão, segundo a própria vocação na Igreja.

É possível constatar isso em Vincenza?

Tentaremos fazê-lo através de seus escritos. Vejamos, como de fato, os escritos revelam as relações entre a iniciativa de Deus e a resposta de Vincenza; como ela fala a respeito de tal relação, não só com Deus, mas também com cada pessoa divina.

I – A iniciativa divina e a resposta de Vincenza

Na vida cristã a iniciativa é sempre de Deus; toca a alma acolher a graça divina e, com decisão, correspondê-la. Vincenza sabia bem disso, como aparece em seus escritos. A atividade de Deus a fascinava e provocava

sua colaboração: “A vida de união com Deus não é uma virtude ou muitas virtudes. É vida divina na criatura humana realizada por dois seres: Deus e a pessoa humana. O amor de Deus é um fogo incandescente, purificador, transformante, que torna o homem livre. Transformados em Deus inicia-se a liberdade. Uma vez livres do pecado, a escravidão e as correntes já não mais existem”.¹⁷

Na luz em que Deus existe e opera, refulge a beleza da nossa vocação: a preocupação única de Deus é amar e no amor realiza e produz. Deus é amor, é vida.

Eis a sublime vocação: viver do divino amor. A preocupação da criatura é semelhante à de Deus: amá-lo e ser vida com Ele. “Santíssima Trindade que habita e vive em mim suspiro a vida de amor convosco; ainda mais: desejo agradar-vos plenamente cá na terra. Livro algum me fala como é a vida que existe em mim”.¹⁸

Deus quer conduzir-nos no amor até realizar em nós *uma só vida com Ele*. Vincenza quer corresponder plenamente a esta vontade divina. “Deus não só quer o amor, mas quer amor para fazer uma vida só com Ele. Isto é a única coisa suprema na qual se compendia toda sua obra criadora e redentora. Eu vivi e vivo esta sua chama ardente em cotidiano martírio guardado com zelo (...). É um martírio totalmente interno, ou antes, são martírios que se tornam martírio único: o martírio do amor”.¹⁹

Um martírio ao qual se agrega o de uma tamanha e constante indiferença dos homens para com o dom de Deus e seu destino: “Oh! para mim este exílio é um

¹⁷ *O Caminho do Amor I, Jesus Amor*, n. 71, p. 102.

¹⁸ *Idem I, O Testamento espiritual de Vincenza*, p. 127.

¹⁹ *Idem I, Jesus Amor*, n. 8, p. 77.

martírio vivo. Aqui, onde Jesus deveria apossar-se de cada alma, enquanto se fala de tudo, enquanto exteriormente há tanta agitação, interiormente, bem pouco a alma está cheia de vida e preparada a recebê-la”.²⁰ Diversa é a visão da vida de Vincenza: “Em nós existe um recanto, o maior do mundo sem comparação: um recanto tão grande, infinito, porque nela existe o Amor, o Pai, o Filho e o Espírito Santo, trindade de ação e unidade de vida. Um recanto tão recolhido habitado somente pelo Amor e pela amada”.²¹

É neste lugar que Vincenza quer realizar a plenitude de vida em Deus, se possível até à identificação perfeita com Ele, porque *esta é a vida imortal que viverei para sempre*: “Senhor, desejo ardentemente que minha alma seja plena de vós. Não posso viver sem amar-te com todas as forças da minha alma, do meu coração, do meu corpo. Vosso amor é vida. Desejo ardentemente ser tua vida para ti. (...),. Desejo identificar-me convosco. Em qualquer parte e sempre inclino-me para isto. Desejo envolver-me de vós, deixando tudo para trás. Desejo imergir em vossa vida pelo amor esquecendo-me de tudo. Deus, vós sois o Amor, vós sois digno de ser amado e somente isto desejo com ardor: amar-vos porque sois digno de ser amado”.²²

A sede de identificar-se com este Deus, Sabedoria, Amor e Vida, aflora muitas vezes nos escritos de Vincenza: “Deus, vós sois a Sabedoria, o Amor, a vida. Minha alma tem sede de vós. Tenho tanta sede que necessito beber a cada instante para imbuir-me de vós”.

²³ “Deus, vós me mostrastes vivamente o ouro puro da

²⁰ *O Caminho do Amor*, I. p. 77.

²¹ *Idem*, I. *O Testamento Espiritual de Vincenza*. p.127.

²² *Idem* I, *Jesus Amor*, n. 10, pp. 77-78.

²³ *Idem* I, n.13, p. 79.

vossa caridade, e tenho vivido a divina diferença do amor, não obstante, grande pela alma rica dos vossos imensos dons. O ouro puro da vossa caridade sois vós, e viveis imerso na alma e esta vive da vossa própria vida divina. Meu Deus, fazei que este meu envolvimento seja sempre mais uno e contínuo. ²⁴ Meu Pai, Senhor de minha alma, vivificai-a com vosso espírito e aumenta em mim a vida pela minha identificação contigo. ²⁵

Ao escrever ao Padre Leonardo Tasselli, Vincenza lhe confidenciava: “A Trindade divina é a vida da minha alma e o Espírito Santo me concede vida fecunda, me invade e me inunda. Permanece em mim um fogo de vida divina para que aqueça o mundo. E sou sempre a criatura em trapos que necessita perdão da bondade do Senhor; a criatura em trapos, que apesar de tudo, tem sempre o suave e forte tormento de união sempre crescente e intenso com a Santíssima Trindade, para que se cumpra na minha alma sua vontade para Ele e para as almas. Tão miserável e tão amada! Medito minha correspondência, mas mesmo assim me meto no Coração da Trindade e a adoro e a amo, outra coisa, não sei fazer”. ²⁶

2 – “Meu coração te invoca a cada momento”

Ao considerar a grande atividade da Santíssima Trindade em nós, leva-nos espontaneamente a invocá-la e a *desejar* seu *acolhimento*. É justamente isto que Vincenza faz com todo ardor do coração; acolhe-se uma *plenitude de vida divina!* “Espírito Divino, plenificai a

²⁴ O Caminho do Amor I, 25, p.86.

²⁵ *Idem*, n. 35, p. 91.

²⁶ *Cartas de Vincenza ao Padre Leonardo Tasselli*, n. 10. Inédito.

minha mente com a vossa candura, com vosso vital amor; Jesus, enchei-me de vós. Pai, fazei de mim vossa vida, para ser, ó Trindade Santa, não mais eu, mas o fogo do Divino Espírito Santo, amor do Amor e vida do Pai”.²⁷

Realmente, Vincenza sabe que só pode ser apenas uma *gota da vida divina* naquele Deus, oceano infinito; todavia isto lhe basta para sua felicidade: ser uma gota *autêntica e fecunda*. “Realizai em mim, Senhor, o mistério de transformar-me em vós. Vinde, habitai em mim ó Trindade Santa, de tal modo que eu não seja mais que uma gota da vossa vida divina, complemento de vossa glória. Gota fecunda para as almas, para fazer-me um só amor, uma só vida convosco. Esta é a minha paixão, o meu ardente desejo, a minha contínua e amorosa aspiração, que me dá gozo, dor, sofrimento, alegria, e me transforma num doce fogo, forte, por vezes abrasador e se vós não amenizásseis tudo com vossa divina união e se eu não existisse em vós, não poderia viver”.²⁸

Não menos significativo é este outro desafio de sua alma: “Vosso amor me circunda e me eleva. Faz-me submergir na divindade. Vossa divindade me envolve, me penetra, me conduz a vós e então, a pobre e mísera angústia da natureza mortal desaparece. No meu Deus, sou divina”.²⁹

Vincenza implora que cada pessoa divina se revele com conhecimento e comunhão mais profunda: “Meus Deus, que me falem de vós de quem tenho tanta sede! Falai-me de vós, Jesus Amor, espírito de meu Deus.

²⁷ *O Caminho do Amor*, I, *Jesus Amor*, n. 19, p. 82.

²⁸ *Idem*, I, n. 75, p. 103.

²⁹ *Idem*, I, n. 47, p. 93.

Falai-me vós Trindade Santa, Pai divino, e acendei em meu coração o fogo do vosso amor”.³⁰

Vincenza roga que a Santa Trindade *reine* no coração de sua criatura e a modele segundo a vontade, o amor e a santidade divina: “Ó Trindade Santíssima, vós sois o meu vivo e único desejo. Vinde em meu coração. É vosso. Vinde, ele é vosso reino e vós ali habitais formando-o conforme vossa vontade, o vosso amor, a vossa santidade. Vossa vida aqui seja plena, na união do divino amor, como quereis e como vos agrada para tua glória. Pai, vós sois a minha vida! Faça que eu seja toda vossa e vos dê minha vida e no mundo seja eu vossa mesma vida. O silêncio se faz em minha alma. Vinde” !³¹

A Trindade está sempre presente e operante em Vincenza; ela, no entanto, suplica ainda: *Vinde*. Este “vir” é continuamente invocado com prazer e fecundo: “Trindade Santa, hoje vivi interiormente como em vosso reino em festa. Vós já viestes, mas meu coração te suplica a cada instante, para que vós tomeis sempre mais a posse deste vosso reino. Vinde, habitai em mim em plenitude ascendente. Operai em mim livremente porque sou toda vossa. Neste meu recôndito divino que eu seja convosco um único fogo de amor”.³²

Em situações tenebrosas, Vincenza invoca a graça de *ver* com os olhos da fé: “Senhor, fazei que eu veja com vossos olhos, que eu ame e vos sirva conforme vossa santíssima vontade. (...) Jesus, vinde em minhas trevas; juntos vos verei e compreenderei que a treva é viva, mas vós sois mais claro e real que o sol. Realizai

³⁰ O Caminho do Amor I, n. 40, p. 90.

³¹ *Idem* I, n. 34, p. 88.

³² *Idem* I, n. 45, p. 92.

em mim, Senhor, o mistério do amor ao transformar-me em vós”.³³

2. Maria modelo e auxílio

No empenho de progredir sempre mais intensamente na união com a Santíssima Trindade, Vincenza considera a presença da Mãe de Deus como *modelo e auxílio*. Deus mesmo o deseja, para *reinar e amar* no coração de Vincenza, como no coração de Maria. Tal exige de Vincenza uma total morte de si mesma: “Deus quer ter em mim um reino como em sua celeste Mãe. Quer que minha união seja contínua, que minha vida da graça seja grande, plena, fecunda. A atividade da minha mente, da minha razão e do meu coração devem morrer. É ele quem quer viver e amar em mim. Morrer de tudo, não resistir, deixar-me levar por Ele, abandonar-me a Ele como morta”.³⁴

Para Vincenza, olhar a Maria é sentir uma imediata atração e elevação a Deus: “Mãe, vós sois o meu elo da atração ao Pai, a Jesus, ao Espírito vivificador. Basta olhar-vos um só instante e imediatamente meu coração é transportado para Deus, no amor divino da Santíssima Trindade. Mãe, tomai meu coração e fazei-o semelhante ao vosso. Jesus me convida a viver a vossa vida e vós a ela me conduzis. Mãe, faze que eu seja cheia de graça do agrado de Jesus e que o meu viver com Deus seja semelhante ao vosso. Vós vedes como Jesus me chama”.³⁵

³³ *O Caminho do Amor I*, n. 75, p. 103.

³⁴ *Idem*, n. 57, p. 97.

³⁵ *Idem*, n. 11, p. 79.

Vincenza sente que, pela graça, carrega no próprio coração o universo inteiro, o terrestre e celeste; mas justamente por isso há necessidade de uma interioridade mais profunda para permanecer longamente a sós com Deus: “No meu coração há um universo inteiro terrestre e celeste. O universo-dor e o universo-gozo. O meu Jesus eucarístico e os meus irmãos. Necessito uma grande solidão para penetrar mais profundamente no recôndito de minha alma e ali permanecer longo tempo a sós com Deus, com a Trindade Santa. Permanecer com ela na sua chama, que queima qualquer nódoa, e nela deixar-me imergir na sua chama vital”. Chama de luz e de calor, que produz a vida. Quanto desejo que minha vida, como a de minha Mãe, não seja outra que sua vida. Por isso, se me faz necessário que eu lhe rogue, com todos os meios, para remover qualquer obstáculo, para que minha vida com Ele não seja senão sua vida. Tanto desejo amá-lo e fazê-lo amar! Gostaria de fazer tanto para que as almas estejam unidas a Ele pelo amor. E crescer, imergir-me e caminhar sem empecilhos na santidade”.³⁶

Contemplar Maria é admirar a santidade mais perfeita da criatura humana e sentir o mais ardente desejo de imitá-la principalmente na união com Deus: “É a perfeição divina da Mãe celeste que abre o recôndito de minha alma. Contemplo o paraíso que ela continha em si. O paraíso é perfeição na qual a minha alma entra sem esforço algum e plenamente, como na água de sua vida. Minha perfeição é entrar na perfeição da Mãe e possuí-la em mim. Devo assemelhar-me à minha Mãe para tornar-me em tudo a esposa amada, predileta do Coração de Jesus. Em mim se organizam todas as possibilidades numa harmonia vital onde o céu desce para encher-me a

³⁶ O Caminho do Amor I, n. 67, pp. 100-101.

alma. É uma maravilha, uma luz de sabedoria, uma íntima obra de amor, que só se realiza e se compreende sendo esposa de Deus. Sinto um perfume de Jesus, mas Ele está escondido. Eu o espero e toda pressurosa e atenta preparo a santidade de amor na qual ele se deixará todo para repousar em uma plena união. O tempo não me preocupa. Ele vem ou vai, minha preocupação única será a de preparar-me sempre mais, na minha cela, a santidade de amor que o Espírito Santo a seu bel prazer, queira oferecer-me. Afinal, sei que minha união com ele é infinita e infinita também a santidade do amor que devo acolher em minha alma”.³⁷

“Maria é modelo *perfeito de virtude: pureza angélica, grande silêncio, recolhimento profundo, caridade ardente, profunda humildade*”; sobretudo, é modelo de “*vida plena da fecundidade do Espírito Santo*”, preparada para “*receber e gerar Jesus, nossa vida*”. “Devo viver como minha Mãe para ter em mim a plena fecundidade do Espírito Santo para receber e gerar continuamente a vida: Jesus. Minha mente está sempre em Deus para recebê-lo. Meu coração está sempre unido a Deus para ter uma só vida com ele. “Minha alma está inteiramente voltada a ele, meu absoluto Senhor, para cumprir sua santa e divina vontade”.³⁸

O conceito de “gerar Jesus vida” em nós encontra-se mais vezes nos escritos de Vincenza. Fixemos a atenção em sua *oração* dirigida duas vezes em *Jesus Amor*:

«*Divino Pai Eterno, hoje na festa daquela que no vosso amor fez-se vosso reino perfeito, viveu e vive da vossa paternidade e da geração do Verbo na obra do*

³⁷ *O Caminho do Amor I*, n. 86, pp. 109.

³⁸ *Idem*, l. n. 68, p. 101.

vosso divino Espírito, nós a restituímos a vós pela vossa própria obra em nós.

*Vive em nós, ó Pai, gerando o vosso Verbo por obra do Espírito Santo. Eis o vosso reino! Vinde em nós e operai! ».*³⁹

Notemos duas versões: na formulação referida no n. 6 foi dito explicitamente que Vincenza se referia à «festa da Mãe divina», enquanto que no nº. 87 falta tal expressão; além disso, no n. 6 falta a frase conclusiva do n. 87 “*Eis o vosso reino! Vinde em nós e operai!*”.

A oração de Vincenza é dirigida ao *Divino Pai eterno*, àquele que é o princípio de tudo e cuja vida eterna é *gerar o Verbo* e, com o Verbo, a *inspiração do Espírito Santo*. A Santa Igreja não o faz diferente na sua oração litúrgica: é sempre voltada ao Pai que opera com o Filho e o Espírito Santo.

A oração de Vincenza é tomada da *festa da Maternidade divina* de Maria, cujo privilégio, é a razão de todos os demais privilégios concedidos a Nossa Senhora. Recorda-se primeiramente que este privilégio é puro *dom* concedido *no seu amor*, mas também é fruto de uma total colaboração de Maria “*que se fez vosso reino perfeito*”. Com seu “*fiat mihi secundum verbum tuum*”, Maria se ofereceu totalmente ao *reinar de Deus nela*. Maria é uma alma totalmente acolhedora, toda de acordo com o Pai, toda entregue a Ele.

Deus *reina perfeitamente nela e este reinar de Deus nela* é a misteriosa participação na *fecundidade infinita de Deus*: Vincenza escreve que Maria «viveu e vive da sua paternidade e da geração do Verbo na obra de seu divino Espírito». Notemos que o “*viveu e vive*”: a misteriosa participação da paternidade divina e da

³⁹ O Caminho do Amor I 87, p. 109 e n. 6 p. 76.

geração do Verbo encarnado é uma realidade que continua na história do mundo. Maria continua a unir e confirmar os cristãos a Cristo na sua união com o Pai no Espírito Santo. Sob essa luz Vincenza descobre o significado do apostolado cristão que é cooperar com Deus em gerar vida nova nas pessoas e uni-las a Cristo na vida filial com Deus Pai.

Aqui está a síntese da vida cristã: a misteriosa participação da vida trinitária de modo análogo àquele que foi a vida de Maria. Vincenza, no entanto, segue escrevendo: «*Nós nos restituímos a vós pela vossa própria obra em nós*». O nosso *restituímos* a Deus é imitar a mesma disponibilidade de Maria, ao deixar que Deus “reine” em nós e, desse modo, possa desenvolver em nós em nós a misteriosa “geração” de Cristo com a ação do Espírito Santo.

Pode haver algo maior e mais exultante?

O mistério da geração divina do Verbo, em certo sentido, se prolonga na humanidade: Deus Pai, na ação do Espírito Santo, gera o Filho no seio da Virgem Maria no seio da Igreja, no seio da alma. E o gera pelo mesmo fato que o doa. Por sua vez, a Virgem, a Igreja, as almas podem doá-lo ao mundo, gerá-lo nas almas com o apostolado e o testemunho de vida.

Se acolhemos na fé e no amor o dom de Deus, Ele toma posse das nossas faculdades e se serve delas para viver em nós. Nas *virtudes teologais* Deus não é somente o *objeto*, mas o *sujeito* da ação. É o sujeito que, através de nós, conhece, ama a si mesmo e ama os homens. Nós nos tornamos o instrumento através do qual, Deus age, ama, conhece a si mesmo e ama os homens. Então nós já não vivemos mais nossa pequena vida, mas é Cristo que vive em nós e sua vida em nós não pode ser

outra senão aquela que Ele vive no relacionamento com o Pai e os homens.

Compreendemos afinal a invocação de Vincenza: «*Vivei em nós, ó Pai, na geração de vosso Verbo por obra do Espírito Santo*». E assim, sublinhando o *operar de Deus em nós*, não é isto que, acima de tudo desejamos que se realize?” Novamente Vincenza exclama: «*Eis o vosso reino!*» E insiste: «*Vinde a nós e operai!*»

4. A Comunhão transformadora

Na comunhão eucarística recebemos Jesus ressuscitado e glorioso que nos nutre de sua própria vida e assim nos tornamos com Ele novas criaturas, *transformadas em Jesus Cristo através do Espírito do Pai e do Filho, portanto*, unidos ao Pai quais filhos seus. Frequentemente Vincenza afirma que a Comunhão eucarística a faz participante da caridade do Pai, do Filho e do Espírito Santo, portanto, da vida das três Pessoas divinas.

«Esta maravilhosa obra de participar da vida do Pai e do Espírito Santo, Jesus a realiza plenamente na Eucaristia». Aqui a alma, mais que nada, pode sentir-se disposta e animada a entrar na intimidade com a Santíssima Trindade: usufruir, em certo modo, antecipadamente, da participação da vida de Deus, que para isso foi criada e redimida ⁴⁰.

A presença da Trindade em nós é *ativa*, operante e nos transforma realizando uma certa *assimilação* consigo mesma: “Amar Jesus, na transformação eucarística é

⁴⁰ O Caminho do Amor II, *Cartas de Vincenza às irmãs da PFF*, dezembro de 1965, p. 49.

tornar-se com Ele um só amor divino na intimidade da Santíssima Trindade”. ⁴¹ “Adoramos seu corpo vivo de sangue imaculado. Comemos adorando profundamente. Assimila-nos a si. Permanece em nós”. ⁴²

Para Vincenza receber a Eucaristia era sentir-se como “*assimilada*” à humanidade de Jesus Cristo, revestida de sua beleza e glória, na comunhão com o Pai e o Espírito Santo. Isto ela afirma em muitos textos. Perceber sutilmente que Deus vivo nela é a *realidade infinitamente mais verdadeira e real do mundo material* e ela *vive da realidade que é Deus e por Deus*: «Vós, Senhor, sois a minha realidade. As realidades visíveis são apenas reflexos. Vós sois para mim a verdadeira realidade, infinitamente mais verdadeira e real do mundo material. E de vós, realidade verdadeira eu vivo no meio das verdades visíveis, para amar-vos e fazer-vos amar»!
43

Afirmações deste gênero várias vezes se repetem: é só escolher: “Para mim, a realidade viva mais evidente é Deus vivendo em mim. As demais realidades, para mim, são como sombras frente ao sol. Deus está em mim, eu estou com Ele, nada mais sei. Sinto possuir toda a vida”. ⁴⁴

«O Pai é a minha união com meu amado Jesus, e os frutos divinos que o Espírito Santo traz em mim são do Pai. O Pai realiza em mim na Trindade Santa que vive em mim. Oh! O amor fecundo do Pai é o paraíso. É a minha harmonia vital». ⁴⁵

⁴¹ O Caminho do Amor I, *Carta*, sem data p. 21.

⁴² *Idem*, II, 11 de fevereiro de 1975, p. 106.

⁴³ *Idem* I, *Jesus Amor*, n. 76, p.104.

⁴⁴ *Idem*, n. 81, p.107.

⁴⁵ *Idem*, n. 88, p. 110.

A experiência de fé e de vida que Vincenza vive lhe dá uma *visão* sobrenatural de uma realidade e um senso de *participação à beleza e à vida* que Deus infundiu na criatura. «Comunica-me um infinito gozo. Vejo o meu Deus. Vejo, na resplendente humanidade de meu Jesus, a perfeição divina, e esta é minha. Sinto-me participante de sua beleza, de sua vida, sinto que sou sua vida. Tudo o que me comunica me transforma nele e, para mim, tudo isso é mais vivo do que aquilo que me rodeia. Contemplo a humanidade na comunhão perfeita com o Pai e nestas, mergulho eu. Ele torna a minha humanidade capaz para acolher Deus todo». ⁴⁶

Uma série de notas de Vincenza entregues a mim entre 1978 e 1980, faz alusão à “*infusão*” e “*plenitude*” de vida com Deus. «A união de Jesus, meu Deus e meu Senhor, é para mim sempre mais uma plena infusão nele, minha vida Nele, em paz e em suave gozo. E a vida de Jesus se faz em mim sempre mais vida, na união do Pai e do Espírito Santo. É um viver pleno, intenso, forte na suavidade do Espírito, na doce paz de meu Jesus, no amor do Pai que em Jesus me ama». ⁴⁷

Em escrito posterior Vincenza conta uma *singular experiência* que iluminou toda sua pessoa e vida. Merece ser lembrada porque Vincenza a considerou como um dom extraordinário do Senhor: «Em 1924 foi-me designada uma terceira classe com sessenta e quatro alunos, com 32 repetentes, não meus; devia trabalhar com afinco. (este era meu costume: trabalhar com afinco). Uma tarde, estado sozinha na classe corrigindo a provas, senti-me transportada fora de mim, pelo meu

⁴⁶ O Caminho do Amor I, n. 84, p. 107.

⁴⁷ *Escritos de Vincenza ao Padre Rocco Barbariga*, 15 de maio de 1978. Inédito.

Senhor, Luz, Verdade, Vida. Vi a luz vivificante de meu Senhor. Meu Senhor, Luz, verdade, vida vem a mim, une-se a mim e na alegria e na paz do amor me revelou: “*Esta é minha união contigo, que não te será tirada e nada poderá toca-la*”. O meu Senhor não olhou minha miséria humana e sua união em mim foi sempre maior, e minha alma exulta no meu Senhor». ⁴⁸

Esta singular experiência Vincenza havia confiado também ao Padre Giuseppe Di Lazzaro em fevereiro de 1976. Seu comentário: «Já lhe comuniquei por telefone como Jesus me levou a uma luz divina e me fez ver a vida divina; e como dá à nossa humanidade a vida divina e nossa humanidade torna-se divina, humanidade divina de Jesus. E assim o homem torna-se divino, humano divino de Jesus. E assim o homem tem a vida completa na adorável Trindade, porque tem a vida na vida de Jesus. [...]. Oh! se pudesse falar-lhe da luz divina, da vida divina; Jesus ergueu o meu ser, eu o vi, eu era luz, vida divina, e somos luzes, vida divina quanto mais vivemos Jesus [...]. Eu vi e quando digo vi, quer dizer penetração de todo meu ser de luz, que é vida e eu vivo; como o ar penetra o corpo e este respira e vive, assim estamos em Deus do qual vivemos e nem um respiro na nossa vida tem fora de Deus. Ver como estamos imersos, como vivemos em Deus, como estamos em Deus - vida, amor, divina união, é um gozo sobre humano». ⁴⁹

Se esta era a *vivência* de Vincenza, compreende-se então as *explosões de alegria e de louvor* que com frequência irrompiam de seu espírito, como, por exemplo:

⁴⁸ *Escritos de Vincenza ao Padre Rocco Barbariga*, Anotações n. 2, sem data. Inédito. Citado em Rocco Barbariga, *Vincenza Stroppa mestra de vida e de espiritualidade*, 2005, p. 64.

⁴⁹ *Cartas de Vincenza Stroppa ao Padre Giuseppe Lazzaro*, n. 61, 1º de fevereiro de 1976. Inédito.

«Meu coração transborda de alegria; eu falo de vós, meu Senhor, adorável Trindade que habita e vive em mim. Soltastes-me da pequenez de minha humanidade. Fizestes-me livre no teu amor onipotente. Cheia de vida é vossa luz em mim. Vossa verdade em mim é saborosa e suave. Um gozo a união convosco, minha vida. Adoro-vos, meu Senhor Jesus, onipotente amor. Amastes-me. Vosso amor é eterno. Adoro-vos, Pai dulcíssimo: destes-me Jesus. Adoro-vos, Espírito Senhor, união minha no meu Senhor, adorável Trindade que habitais e viveis em mim. Eu exulto no meu Salvador. Ele é Deus conosco. O eterno e infinito amor». ⁵⁰

Para compreender a vivência de Vincenza há umas preciosas afirmações contidas no seu *Testamento Espiritual*: “Sinto dentro de mim a vossa vida e desejo tê-la muito até à plenitude, até que vosso desejo de plenificar-me seja completo. Vós me desejais plena de graça e isto também o desejo. Vejo um desconhecido abismo de amor, e eu anseio submergir-me e por ele ser envolvida. Num momento de profunda dor, pensando no melhor modo de amar-vos, quero dizer, numa última relação além da qual não há nenhuma outra, ele dissipou as trevas com uma claríssima e improvisada luz a tudo iluminando com as palavras: *assemelha-te toda a mim*. ⁵¹

Numa última carta de Vincenza às irmãs da Pequena Família Franciscana escrita um mês antes de sua morte, na costumeira estrofe introdutória, Vincenza termina com essa oração: «Senhor, vós quereis, que eu fale da vossa real presença conosco, em nós viva luz de vida que inunda todo o ser e dá plenitude de vida, assim

⁵⁰ *Escritos de Vincenza ao Padre Rocco Barbariga*, n. 76, 30 de novembro de 1976.

⁵¹ O Caminho do Amor, *Testamento de Vincenza*, p. 121.

como vós viveis em mim eu em vós. Meu coração canta a vossa glória, o vosso amor. Justamente no sofrimento a luz se une no recôndito de minha alma e o coração pleno de doce e celeste paz, vive plena 'vida. Gozo de uma real união e de um viver divino».

Dirige-se às irmãs exaltando a vida de união com Deus e depois retorna a oração: «Ó luz divina e onipotente que inunda todo o meu ser! Meu coração arde por vós e goza no sofrimento e padece porque nem todos os corações vivem de vós e não vos amam. “Jesus, vós sabeis do meu sofrimento e o ardente desejo do meu coração, para que todos os corações se incendeiem por amor de vós».⁵²

5. Relacionamento com cada uma das Pessoas divinas

Vincenza vive a união com Deus conforme as relações de cada Pessoa divina no entrelaçamento de cada uma com ela. É o que aparece em tantos escritos, e que podemos ver elencados no breve texto seguinte:

«Uma é a vida e trina é a obra.

Uno éreis vós, meu amor, e distintamente são três as Pessoas, que me fazem uma única vida convosco.

*O meu Jesus, me atrai ao Pai em sua santidade em mim, e o Espírito Santo, me vivifica, de modo que eu me torno vida divina com o Pai».*⁵³

⁵² O Caminho do Amor II, *Cartas de Vincenza às irmãs da PFF*, fevereiro de 1982, pp. 162-163.

⁵³ O Caminho do Amor I, *Jesus Amor*, n. 17, p. 81.

Nessas poucas frases Vincenza reconhece ser conduzida por Deus Pai deixando-se atrair, formar e vivificar pelo Filho e o Espírito Santo. Tentemos colher algumas indicações sobre essas relações pessoais.

A) Os relacionamentos com Jesus, Filho de Deus

Com Jesus, Filho de Deus, Vincenza vive intensas relações com entrega e gratidão. Para ela a face de Deus foi revelada antes de tudo pelo rosto e no coração de Jesus Cristo. De um lado ela sente que Jesus «gostaria de apossar-se de cada alma», para fazer-nos uma só vida com ele. De outro lado vê que os homens se agitam por qualquer outra coisa e tal torna-se para Vincenza «um martírio totalmente interno, antes, são mais martírios que se tornam um só martírio: o martírio do amor».⁵⁴ Para Vincenza, Jesus é aquele que a *lança* totalmente ao Pai, tornando-se participante de sua *santidade*, em colaboração com o *vivificante* Espírito Santo; «O meu Jesus me lança o Pai em sua santidade em mim, e o Espírito Santo me vivifica, de modo a tornar-me vida divina com o Pai».⁵⁵

Jesus é o caminho, a verdade e a vida a cuja participação se responde com amor as suas atrações: «Jesus me dá a visão da perfeição divina e, ao mesmo tempo, comunica a mim. É uma visão que dá o que é vital nele. Eu vejo e ao mesmo tempo recebo em mim sua vida. Mas Jesus vai mais além e me dá o impulso para correr porque espero uma vida maior. E me chama a uma perfeição que eu vejo tornar-se sempre mais perfeita. A

⁵⁴ O Caminho do Amor I, n. 8, p. 77.

⁵⁵ *Idem*, n. 17, p. 81.

perfeição completa de todo meu ser: perfeita pureza, perfeito amor, perfeita união na perfeição sem defeito, que lhe agrada: a sua perfeição». ⁵⁶

Percebemos uma sucessão de dons entrelaçados entre si: a capacidade de um *ver* sobrenatural, um *receber* a vida de Jesus, um *impulso para correr* atrás de uma maior plenitude de vida e de perfeição.

Vincenza acentua especialmente o *ver* sobrenatural. Contemplando e amando a humanidade de Jesus, abre-se para ela uma visão e a participação em toda a beleza e vida que Deus infunde no criado: «Comunica-me um gozo infinito. Eu vejo meu Deus. Vejo a divina perfeição na humanidade esplendorosa de Jesus e esta é minha. Sinto-me participante de sua beleza. Sinto-me participante de sua vida, sinto que sou sua vida. Tudo o que me comunica me transforma nele e isto para mim é mais vivo de todo o que há de mais vivo que me circunda. Contemplo sua humanidade na comunicação perfeita com o Pai e nessa e ele me envolve. Ele capacita minha humanidade de acolher tudo em Deus». ⁵⁷

Veze há em que Vincenza agradece a Deus pelo dom da razão e do saber. Mas também conhece os perigos do orgulho intelectual, inimigo da fé e do amor, e da vida divina em nós. Por isso invoca Jesus *Luz e Sabedoria* do Pai e nossa: «Jesus, minha Sabedoria, torna-me embriagada de vosso amor! Atrai-me ao centro de vossa cela, porque morro de sede por vós. Já não posso mais viver ó Jesus, se vós não me submergir no vosso amor. Tudo se torna estéril e sem vida fora de vosso amor. Convosco, Jesus, tudo é vida. Ah, amar-vos, ó meu amor, já não mais com meu amor, mais bem como

⁵⁶ *Idem*, I, n. 91, pp. 111.

⁵⁷ O Caminho do Amor I, n. 84, p. 107.

vosso amor, meu amor, meu Deus, dai alento à minha vida. A alma assim é a vossa glória e vosso eterno amor».⁵⁸

Quando Vincenza fala de Jesus *Luz, Sabedoria e Vida* parece não ter suficientes termos para expressar o que experimenta seu coração: «Senhor Jesus! Cálida luz de vida. Luz de vivificante gozo. Ardorosa luz na inefável paz da plenitude do fim. Vê-se em vós beleza, bondade; imerge no amor faz viver a vida. A sombra se torna toda beleza, toda a harmonia terrena, humana. A razão se obscurece. A razão está sob o aceno de vosso convite. Não entra nem pode entrar. Não há dons vivificantes, pois, deixa morrer de fome e de sede. Vossa luz é que sacia. Luz de sabedoria vivificante. Luz dos silêncios onde a palavra é vida. Ó luz, ó Senhor, tende piedade de nós».⁵⁹

Vincenza, à sua vez, ama a Jesus e quer fazê-lo amado. Esta vontade de sempre mais amar a Jesus e de torná-lo amado torna-se para ela *fogo, sede, martírio* inefável: «Jesus, amor de minha alma, amar-vos, amar-vos sempre mais. Dentro de mim arde um fogo ardente. Tenho sempre sede de vós. Quanto mais bebo, mais sede tenho e sempre mais cresce essa sede. Ó Deus de minha alma, quando estarei toda imersa em vós e minha alma se saciará de vez? Jesus, vós me haveis introduzido na vossa cela e isto me torna suave o inefável martírio, que não me abandona, não me abandona jamais. Amar-vos é o martírio inefável da minha vida».⁶⁰

⁵⁸ *Idem* I, n. 98, p. 115.

⁵⁹ O Caminho do Amor I, n. 72, pp. 102-103.

⁶⁰ *Idem* I, n. 33, p. 88.

B) Os relacionamentos com o Espírito Santo

Quanto à atuação do Espírito Santo em nós, afirma Vincenza que o «Espírito Santo é amor, e amor é a minha vida». ⁶¹ Sua “*propriedade*” é ser *vivificante*.: «O Espírito Santo me vivifica de tal modo que me torna vida divina com o Pai». ⁶² Junto com o Pai o Espírito Santo opera em nós uma *mística geração* do Filho Divino: «Vivei em nós, ó Pai, na geração do vosso verbo por obra do Espírito Santo». ⁶³

O Espírito Santo é fonte de santidade e nos torna *transparentes e puros*: «Que felicidade ser puro de coração! Espírito Divino, permanecei em mim e continuai a fazer-me simples e clara como o Pai. Ele é simples e assim fazei minha alma. É uma simples clareza universal e una e nisso possuo o criado e o Criador, o universo e a criatura a unidade de meu Deus o Pai e o amor e minha união com ele. Vê-se e se possui a Deus.[...]. Assim, com Deus, nenhuma obscuridade, mas uma claridade tão transparente, que a um simples olhar possui tudo, fato simples no envolvimento com a luz, com a verdade. Então surge o amor e a união». ⁶⁴

O até agora exposto explica a razão pela qual Vincenza clamava *reviver* no Espírito Santo e ser *animada por ele*: «Minha alma deseja receber o Espírito Santo em puríssimo amor. Preciso tornar minha alma resplandecente com a graça sacramental. [...]. Desejo receber o Espírito Santo com a alma incomparavelmente resplandecente de graça e plena de amor [...]. Rogo-vos, que em mim não haja a não ser puro amor. Amor que de

⁶¹ O Caminho do Amor I, n. 28, pp. 86, 87.

⁶² *Idem* I n. 17, p. 17; n. 35, p. 89.

⁶³ *Idem* I n. 80, n. 87, p.106.

⁶⁴ *Idem* I n. 46, p. 93.

vós emana, comunicado por vós mesmo à minha alma. Somente isso, Deus de minha alma. Todo o resto, por maior que seja, toma, toma e destrói. Ó meu Deus, fazei que eu não seja outra coisa a não ser o vosso amor».⁶⁵

Vincenza invoca o Pai porque, com o dom do Espírito Santo, a *renova* espiritualmente e assim pode ela viver em contínuo *crescimento* na *vida teologal*:

“Deus Pai, renova o meu espírito com o vosso Espírito Santo, para que na pureza de fé, de esperança e caridade, eu vos ame com perfeito amor.

Que eu cresça, ó Pai, todo o dia em santidade e graça. Quanto o desejo.

Crescer cada dia na graça é meu clamor ardente.

Crescer no vosso amor, na vossa vida e dar-vos glória.

*“Que sede de ser sempre mais unicamente vossa vida”.*⁶⁶

Dando-nos o Espírito Santo, o Pai e o Filho nos *vivificam e renovam, acrescentam* a vida divina em nós. Vincenza invoca com insistência esta vivificação a ponto de acrescentar um *envolvimento* com Deus: «Meu Pai, Senhor de minha alma, vivifica com vosso Espírito Santo a minha alma e aumenta em mim a vida pelo meu submergir convosco».⁶⁷

Entre as últimas anotações de *Jesus Amor* Vincenza retorna ainda sobre a atividade do Espírito Santo em nossa vida: «O Espírito Santo, dom do Pai,

⁶⁵ O Caminho do Amor I, n. 29, p. 90.

⁶⁶ Idem I, n. 23, p. 84.

⁶⁷ Idem I, n. 35, p. 89.

conduz à verdade reveladora do nosso ser em Jesus, do nosso viver Jesus, vida no Pai, doce Trindade, uma e única vida eterna».⁶⁸

C) Os relacionamentos com Deus Pai

Nos seus escritos Vincenza mostra um vivo sentido da *paternidade* de Deus por nós. Deus não é só Pai de Jesus Cristo, mas o *nosso* Pai: aquele que nos deu a vida natural e a sobrenatural. Vincenza se reconhece como *filha* de Deus e isto a instiga a amá-lo como filha:

*«Meu Deus, meu Pai, Pai meu,
eu sou tua filha, pequena, mísera,
mas que vos quer tanto amar».*⁶⁹

E ainda: «Eu amo meu Pai celeste com toda minha alma, de todo meu coração e com todas as minhas forças. A vida que me deu, ó Pai, é um gozo para mim. Nesta minha vida na qual vós mesmo viveis Uno e Trino. [...]. Pai, amo-vos e o único fim meu é glorificar-vos. A terra para mim é um exílio diário e sempre maior. Sofri imensas dores, mas a luz do imenso dom que me fizestes, dando-me a vida tornou-se para mim sempre maior. Somente vosso amor poderia conceder-me um dom tão excelso, imenso, infinito! Do nada fizestes-me vida e ainda mais, amar-vos e viver de vossa própria vida para sempre. Ó pai, eu vos amo».⁷⁰

O amor de Vincenza por Deus Pai torna-se “*martírio*” porque é inadequado ao dom recebido: «Pai, amar-vos é um gozo, e o martírio de amar-vos a mais é

⁶⁸ O Caminho do Amor I, n. 103, p. 119.

⁶⁹ *Idem* I, n. 14, p. 80.

⁷⁰ *Idem* I, n. 17, p. 81.

imenso. Dai-me,dai-me Pai, o martírio para que eu vos ame segundo a vossa santa vontade». ⁷¹

À luz do batismo e da Eucaristia, Vincenza goza ao saber que seu ser “filha da graça” é obra não só do Pai, mas também do Filho e do Espírito Santo, que vivem nela: «Ó Deus, ser vossa criatura é uma alegria sobre-humana: ser vossa filha é vida divina. [...]. Espírito Divino, enchei a minha mente do vosso vital candor, do vosso vital amor; Jesus, penetrai-me toda; Pai, fazei-me vossa vida para ser, ó Trindade Santa, não mais eu, mas fogo do divino amor, amor do Amor e vida do Pai». ⁷²

O Pai, vivendo em nós, *gera seu Verbo* em nós dom do como operou na Virgem Maria: «Vivei em nós, ó Pai, gerando em nós o vosso Verbo por obra de vosso Espírito Santo». ⁷³

O Pai é aquele que *chama a si*, se faz sentir sua voz, *vive em nossa alma*; Vincenza sabe, mas continua a *buscá-lo e a invocá-lo*: «Pai, eu vos procuro [...]. Ninguém chega a vós se vós não o chamais. Eu ouço vossa voz. Eu sei, vós viveis na minha alma; mas eu vos procuro e vos invoco porque existe um ponto profundo e alto onde minha alma deve estar convosco. Jesus, Pai, atraí-me a vós para que tenha convosco a vida». ⁷⁴

O Pai nos renova espiritualmente mediante o dom do Espírito Santo, para uma *vida teologal* mais intensa, de contínuo *crescimento*: «Deus Pai, renova o meu espírito com vosso Espírito Santo, para que, com pureza de fé, de esperança e de caridade eu vos ame com perfeito amor». Que eu cresça, o Pai, cada dia em santidade e em graça, isto é, na vossa vida divina.

⁷¹ O Caminho do Amor I, n. 26, p. 86.

⁷² *Idem* I, n. 19, p. 82.

⁷³ *Idem* I, n. 6, p. 76.

⁷⁴ *Idem* I, n. 9, p. 77.

Quanto clamo! O meu ardente clamor é crescer diariamente na graça. Crescer no vosso amor, na vossa vida e dar-vos glória. «Qual sede de ser cada vez mais unicamente vossa vida».⁷⁵

Esse anseio de crescimento é amor verdadeiro? Vincenza o suplica. Não lhe basta o impulso afetivo; penetra na filial obediência à vontade do Pai, a exemplo de Jesus Cristo. É isto que Vincenza quer: «Não só distinguir amo ou não, tanto é vivo meu desejo de crescer no amor. Minha alma já não mais se detém no presente estado no qual se encontra, mas continuamente é atraída e ungida pelo contínuo desejo de crescer no amor. [...]. E para conquistar esse amor estarei sempre em contato com ele diretamente pela oração e não quero ser distraída por coisa alguma, mesmo indiretamente, que não me deixe livre, nem mesmo minimize a conquista desse amor; esta será a mortificação na comida e em todas as demais comodidades. No entanto, prefiro com muita alegria, estar na obediência para todo o necessário, do que a alegria de satisfazer-me nas maiores penitências; ah, esta não a desejo. Eis meu estado, mas, acima de tudo, minha vida que transcorre em querer cumprir perfeitamente a amorosa vontade do Pai. Tornar-me uma só vida com ele, na semelhança perfeita do Filho, última relação (a maior) do homem com Deus, da criatura com seu Criador, da filha com o Pai, da esposa com o Esposo, da alma amante com seu Amor, de quem quer a glória de seu Deus».⁷⁶

A conclusão de tudo o que havíamos recolhido dos escritos de Vincenza sobre a vida de união com a Santíssima Trindade, apporto um trecho de uma carta

⁷⁵ O Caminho do Amor I, n. 94, p. 112.

⁷⁶ *Idem* I, n. 95, pp. 113 e 114.

endereçada a Padre Leonardo Tasselli em 5 de dezembro de 1972. Tudo o que Vincenza escreve é reflexo de sua vida.

«Tenha sempre presente que o lugar onde a alma encontra sua felicidade, ainda nesta terra, é contemplar a Santíssima Trindade, que habita dentro do próprio coração. Desse modo não há adoração mais agradável a Deus que a de adorá-lo presente no próprio coração. E esta é a minha vida. Que o ela viva sempre o mistério trinitário, será seu paraíso antecipado e a promessa da alegria e da paz que gozará quando for contemplar seu Senhor».

III. A UNIÃO COM DEUS PROPOSTA ÀS IRMÃS

Vincenza recomendava com insistência às irmãs que entravam na Pequena Família Franciscana a união com Jesus e, através dele, a união com a Santíssima Trindade. Isto para ela era o valor ao qual deviam aspirar com todas as forças. Trata-se da essência da vida cristã, da realização própria e o princípio vital que torna eficaz o apostolado.

Nós nos propomos a coordenar os ensinamentos de Vincenza sobre este tema em tríplice reagrupamento. Fixamos a atenção sobre os textos que apresentam a união com Deus como uma realidade exigida do mesmo Deus e como fim primário da PFF. Examinaremos como e quando Vincenza ensina sobre a atividade da Santíssima Trindade em nós. Concluiremos resumindo as exortações com as quais Vincenza indica as disposições necessárias para viver a união com Deus.

1. A vontade de Deus e a finalidade principal da PFF

Segundo Vincenza o sentido da vida se baseia na *vontade de Deus* da qual dependemos totalmente. E Deus chama todas as pessoas à “*grandeza da vida divina*” que precisamente é *a vida em união com Ele*. Resultam, portanto, espontâneas as duas perguntas: *o que é a vida de união? E como acontece?*

A) O que é e como acontece.

Vincenza, a essa dupla pergunta responde várias vezes. Uma das primeiras respostas que encontramos nos seus escritos, na ordem do tempo, é a seguinte, contendo não só uma descrição de vida de união, mas indica também as condições e os protagonistas (Deus e a pessoa humana): «Em que consiste a vida de união? Vida de união é viver inseparável, em nada divididas sem nenhuma diversidade. Mais: é viver da mesma vida. Tal união é própria de Deus. Quando Deus se une à alma, esta se torna um só espírito com ele, isto é, com a sua própria vida. Claro, que para chegar a essa união necessário se faz sermos chamadas. Sabemos muito bem que isto só não basta; é preciso correspondermos percorrendo todo o caminho que o amor exige. Não pensemos ter nem a mínima, nem a maior união (isso é obra de Deus), mas com insistência, com suma vigilância, levar a vida do amor que Deus nos deseja e inspira e a união nos dará ele, segundo sua santíssima vontade e isto nos baste».⁷⁷

⁷⁷ O Caminho do Amor, I, *Para viver minha vocação*, p. 37.

Vincenza propõe uma segunda pergunta: *como acontece a união da alma com Deus?* Sua resposta: «A alma se une amorosamente com Deus quando tem em si a graça. Quando vive da graça une-se a Ele como filha ao Pai. A esta união básica são chamadas todas as almas. Mas feliz a alma que outra coisa não quer, nem deseja senão um crescimento contínuo na graça, isto é, na união com Deus e a este objetivo se empenha».⁷⁸

É interessante aqui sublinhar o relacionamento *como filha ao Pai*, à necessidade do *desejo de crescer na graça e ao esforço total*.

Vincenza acrescenta em trecho posterior, a indicação de Maria Santíssima como modelo de *plenitude de união* e da vida perfeita *como vontade do Pai*: «A vida divina na criatura se inicia, mas não há término porque infinita. Parte do homem, mas sua finalidade é infinita. Feliz a alma, que a consequência do seu viver e do seu agir será o de aumentar a graça: terá com Deus uma grande união. Eis a Mãe do nosso amor Jesus e nossa! Ela é cheia de graça e como tal possui com Deus a plenitude da união. E nós, qual vida de união somos chamadas a atingir a vida perfeita desejada pelo divino Pai. Toda alma deve desejar a vida perfeita: é a vontade do Pai».⁷⁹

Vincenza vislumbra na vocação à vida consagrada uma graça especial e o motivo de uma maior responsabilidade pessoal, enquanto estas pessoas, em suas vidas de união de amor, devem atingir a vida perfeita que Jesus viveu em sua santíssima humanidade. «Há almas chamadas a uma especial perfeição de união de amor. Estas devem atingir a vida perfeita de Jesus na

⁷⁸ O Caminho do Amor I, pp. 43.

⁷⁹ *Idem*, p. 44.

sua santíssima humanidade. E tudo isto provém de Deus que aumentará em nós, sempre mais, sua vida divina e de nossa parte coloca-nos em condições tais que Deus possa agir plenamente em nós e plenamente viver em nós uma vida de graça, de amor».⁸⁰

B) É vontade divina e nosso esforço principal

Vincenza afirma constantemente que “a vida de união com Deus no recôndito da alma no meio do mundo” é *vontade Deus*, aliás codificada na Regra e aprovada pelo Papa. Portanto, se dará primado absoluto à união com Deus: «Atingir a união com Deus deve ser a primeira e única obra do nosso coração, da nossa mente, sempre e com todos os meios, vigilantes e ativos, como o prescreve nossa Regra».⁸¹

Vincenza possuía uma convicção firmíssima desta finalidade principal da PFF a ela confiada, inspirada pelo Senhor e havia cultivado com desejo e confiança até poder atualizá-la. «A Pequena Família Franciscana nasceu em meu coração no suave e ardente fogo da Santíssima Trindade. A nova criatura nasce da vontade de Jesus para todas as almas chamadas, e eu as via, a viver consagradas a Ele no meio do mundo».⁸²

Torna-se urgente uma *séria formação teológica* e espiritual. Por isso escreve Vincenza: «Necessário se faz colocar o máximo cuidado na formação da Pequena

⁸⁰ O Caminho do Amor I, pp. 44.

⁸¹ O Caminho do Amor II, *Cartas de Vincenza às irmãs da PFF*, Natal de 1946, p. 24.

⁸² *Cartas de Vincenza ao padre Leonardo Tasseli*, n. 21, 15 de janeiro de 1923. Inédito.

Família de Jesus,⁸³ e ao dar às almas os meios adaptados a fazer-lhes conhecer, da melhor maneira possível, *como deve ser* e como praticar suas uniões com Jesus. Peço que seja realizada a vontade de Jesus».⁸⁴

Vincenza vê a vocação vivida na PFF como um *dom do divino esposo Jesus* às suas «esposas prediletas, às quais, no meio de tudo, mas longe de tudo, no recôndito de suas almas, por obra do amor, vivam unidas a Ele principalmente na prática do amor. [...] “Verdadeiramente somos chamadas à melhor parte: à íntima união, que propicia ao eterno Rei, nosso Senhor, os mais divinos frutos».⁸⁵

A união é fruto do amor, por isso Vincenza insistentemente exorta a fazer do «amor nossa vida; amor a Jesus, que é o Amor; amor a Jesus, que a todos nos criou no amor; amor a todo o universo e a todas as criaturas, obra de seu amor. Amor ao nosso Senhor do céu e da terra, de quem, nossa vida chamada por ele ao amor, será uma eterna vida de união com Ele».⁸⁶

O ardente clamor de Vincenza consiste em que as irmãs compreendam e vivam este dom e este empenho fundamental de sua vocação: «Minhas queridas irmãs, sinto imenso desejo de conversar com vocês, sobre a união com o Senhor, porque a vida de união com Ele é a principal finalidade de nossa consagração a Deus, a Jesus Amor. Amar a Jesus e doá-lo é possível somente

⁸³ Este trecho foi escrito antes que ao grupo das consagradas na Pequena Família fosse agregado “Franciscana”, isto é, antes de 1935.

⁸⁴ *O Caminho do Amor*, I, *Jesus Amor*, n. 1, p. 74.

⁸⁵ *O Caminho do Amor*, II, *Cartas de Vincenza às irmãs da PFF*, Natal de 1935, p. 7.

⁸⁶ *Idem* II, janeiro de 1940, p. 8.

em união com Ele: esforço total de todo nosso ser. Espero conversar sobre o assunto em outra ocasião».⁸⁷

O amor a Jesus leva ao amor do Pai e ao Espírito Santo. Jesus leva ao Pai e dá o Espírito Santo a quem o ama. Jesus, através da comunhão eucarística, Jesus, de modo especial, Jesus realiza uma só realidade com Ele, com o Pai e com o Espírito Santo.⁸⁸

Vincenza manifesta sua admiração pelo fato de as três Pessoas divinas operarem em nosso coração, quando bem disposto: «Gostaria de contar-lhes as maravilhas da divina encarnação de Jesus em nossa natureza humana, no homem. A beleza, a plenitude de vida na imersão em nós do Pai, do Filho e do Espírito Santo. O coração atento ao Espírito Santo sente a exigência de penetrar no segredo, no íntimo de si mesmo e encontrar-se com o Senhor».⁸⁹

Todo este ardente desejo de vida de união com Deus é visto como condição necessária do nosso zelo para a eficácia da salvação das almas. Vincenza escreve: «Esta é a vontade do Senhor para nós, PFF: viver no meio do mundo a vida de união com Deus. Já lhes falei disso, mas a ação do Espírito Santo em mim, me urge e Ele, na suave força de sua vontade, também lhes dirá de sempre viver ofertando à humanidade o Amor: Jesus, nosso Senhor».⁹⁰

Para Vincenza a união de vida com a Trindade é clara *vontade de Deus* e o *carisma* da PFF: «Caras filhas e irmãs, na união do amor a Jesus, nosso Amor, nossa vida, e no impulso do Espírito Santo, repito-lhes: eis a vontade do Pai celeste para a PFF: viver nossa vida de

⁸⁷ O Caminho do Amor II, setembro de 1969, p.74.

⁸⁸ Cfr. *Idem* II, março de 1966, p. 50.

⁸⁹ *Idem* II, 13 de novembro de 1969, p. 75.

⁹⁰ *Idem* II, dezembro de 1976, p. 118.

união com Deus, no íntimo de nossa alma, no meio do mundo. Isto é, o que comumente chamamos de “carisma” e que eu chamo “vontade do Pai” porque eis o seu nome: fazer sua vontade na terra como no céu». ⁹¹

Vincenza, um mês antes de morrer, ainda escreve: «Filhinhas caríssimas, é vontade de Jesus a sua união real em nós, a glória do Pai e da doce Trindade». ⁹²

A união com Deus deve incrementar a união e a harmonia entre as irmãs e os vários grupos: «A comunhão de nossos corações, na suave força do Espírito Santo que nos dá Jesus, nosso Amor, nossa Vida, nossa união humano-divina na adorável Trindade é dom do Pai celeste [...]. A união dos nossos corações em Deus é glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo dulcíssima Trindade». ⁹³

2. A Santíssima Trindade em nós

Vincenza, ao tratar da Santíssima Trindade em nós, se fundamenta, de uma parte, no fato de que somos *batizados em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo* e de outra parte, sobre o fato de que *Deus é Amor. Através da graça do batismo nos tornamos partícipes da vida da Santa Trindade*, aqui na terra, na obscuridade da fé e após a morte, na luz eterna.

Vincenza tem bem presente as palavras de Jesus: “*Se alguém me ama, observará minha palavra e meu Pai o amará e nós viremos a ele e faremos nele nossa morada*” (Jo. 14,23).

⁹¹ O Caminho do Amor II, junho de 1980, p. 152.

⁹² *Idem* II, fevereiro de 1982, p.162.

⁹³ *Idem* II, setembro de 1977, pp. 126.

Vincenza, quando pensa ou fala de “*nosso Deus*”, para ela é o *Deus Amor, Amor Trindade nas Pessoas e Unidade de substância, fonte do Amor*: «Só o amor une o Amor. Mas o coração (coração significa todo nosso ser humano) não ama, não há nele amor se não do Amor: Pai, Filho e Espírito Santo: Trindade indivisível de pessoas e Unidade de natureza que se inflama de amor e gera o amor». ⁹⁴

Vincenza considera as três pessoas divinas, em suas *operações*, conforme as *propriedades pessoais de cada uma*. Como reflexo, pensa nas *relações* que cada uma de nós pode ter no relacionamento com cada pessoa divina. Os dois aspectos se entrelaçam entre si. Eis um texto, entre outros, que isto afirma: «Minhas caras irmãs, conversando entre nós, falamos de nosso Deus, Pai amoroso, benigno, misericordioso. Nosso amante coração lhe fala:

“Eu sou a tua criatura e, ainda mais, favorecida com tantas graças.

Eu vos adoro, ó Pai, no profundo de meu coração, Vos louvo, agradeço-vos muito unida ao meu adorado Jesus, que na santa comunhão me une ao seu divino coração eucarístico, ao Espírito Santo santificador da minha alma.

Tríade Santa, que me dá a graça da participação real na vossa vida divina,
Amo-vos e vos suplico de unir-me a vós». ⁹⁵

Depois dessas premissas, passemos à reflexão para delinear o pensamento de Vincenza sobre estes aspectos

⁹⁴ O Caminho do Amor II, *Cartas de Vincenza às irmãs da PFF*, setembro de 1969, p. 71

⁹⁵ O Caminho do Amor II, maio de 1961, p. 33.

da vida de união com Deus, como ela expressou especialmente nas cartas as suas irmãs. Também aqui seguiremos o mesmo caminho: com Jesus e com o Espírito Santo ao encontro do Pai.

A) As Relações entre o Filho de Deus e Nós

Jesus é o rosto humano do Pai, a revelação mais fascinante do Amor de Deus por nós. Vincenza se sentiu atraída desde criança e por toda a vida o chamou «Meu doce Senhor Jesus». O relacionamento de Vincenza com Jesus é sempre de *fé e de amor*, incessantemente inclinado a *crescer* e a conseguir ulteriores revelações. «Do meu coração irrompe a palavra do amor ao meu Deus que está em mim: *Creio*. Quanto agrada ao meu doce Senhor Jesus esta palavra de Amor! E ao lhe dizer-lhe, ele se revela a mim numa doce plenitude de amor e de vida. Esta doce palavra é meu dom total a Jesus e o glorifica.

Creio em vós, Jesus, feito homem e vós sois minha vida.

Em ti o Pai santifica a nossa humanidade que, na alegria da redenção,

Canta o vosso divino amor e vossa glória.

Jesus, fazei que cada coração se una a vós, único salvador, vos conheça e vos ame no eterno amor.

Como resplandece de beleza, de vida, de gozo o coração de Jesus!

“E como é gozoso deixar tudo por amor a Ele e deixar agir no coração todo a ele abandonado».⁹⁶

⁹⁶ O Caminho do Amor II, setembro de 1980, p. 155.

O Intercâmbio de amor entre Jesus e Vincenza se torna vivo de modo particular através da eucaristia, na qual Jesus é o caminho *que conduz ao Pai* e com o Pai e o Espírito Santo a ela *se doa*.

Jesus nunca está só: quando vem a nós, especialmente na Comunhão Eucarística, é *toda a Trindade que vem*, por isso Vincenza confirma: *Adoramos na Eucaristia a Santíssima Trindade*. Jesus, no entanto, desenvolve uma atividade específica de muitas revelações, de amor e de vida: «Na Eucaristia Jesus continua a revelar o Pai. Continua a doar às almas e à humanidade inteira o amor do Pai, no seu amor de Filho unido substancialmente ao Pai e ao amor do Espírito Santo numa união de vida com o Pai e o Filho».⁹⁷

Na eucaristia, o “*contanto vital*” com a humanidade divina e glorificada do Filho nos leva à comunicação com o Pai e «torna o homem livre na sua humanidade, livre na plena liberdade de filho de Deus. [...]. Viver no Homem Jesus é amar. Amar é viver num só coração com Jesus e com os irmãos – todos - na caminhada para o Amor, para a Vida».⁹⁸

Se transformarmos nossa vida mediante a Comunhão eucarística, Jesus «nos livra dos enganos do nosso eu e das seduções do mundo e nos nutre de verdade e de vida [...] e nos une ao Pai».⁹⁹

Desse modo Jesus realiza a missão pela qual o Filho de Deus se fez homem e quis permanecer entre nós como sacramento eucarístico: «Jesus, abri os corações e as mentes à sabedoria. Vivei vossa vida, Homem entre os homens, justamente para tornar conhecido o Pai, o

⁹⁷ O Caminho do Amor II, dezembro de 1965, p. 49.

⁹⁸ *Idem* II, setembro de 1971, pp. 84.

⁹⁹ *Idem* II, setembro de 1980, p. 156.

Filho e o Espírito Santo e conhecida a atuação de Deus na fecunda Trina Unidade».¹⁰⁰

Jesus dá a força do Espírito Santo junto com este conhecimento sapiencial: «No contato com Jesus o homem, vê sua própria humanidade em sua mais verdadeira dimensão de criatura viva resgatada pelo sangue do Salvador e entregue ao Pai. No contato com Jesus, o homem recebe o Espírito, força divina para caminhar nas lutas e nos sacrifícios da vida».¹⁰¹

Para usufruir dos imensos dons que o Filho de Deus nos regala, é necessário seguir o impulso mais profundo do coração, penetrando no seu íntimo: é aqui que se encontra o Senhor: «O homem, à semelhança de Cristo, é instintivamente levado até Ele, mas não o encontrará senão dentro de si mesmo, no ponto vital do próprio ser, lugar do Deus vivente, que ali colocou o seu reino: *O reino de Deus está dentro de vós*. Cristo Senhor, - luz, verdade e vida – quer tomar plena posse do coração do homem, habitar ali como sua morada preferida estabelecendo ali seu reino de amor, de paz e justiça. O homem então, não é mais coagido nas trevas humanas dos erros e nos estreitos limites de seu egoísmo, mas avança com Cristo para a plenitude da vida. Na solidão com o Deus-Amor, unido no centro profundo e vital do próprio ser, o homem torna-se um com Cristo e os irmãos. [...]. Pudessemos eu presentear o mundo inteiro a experiência do amor de Jesus que nos sacia até à medula dos ossos».¹⁰²

Atendamos ainda a uma afirmação, fruto do arrebuo da alma de Vincenza, confiada às irmãs, um ano

¹⁰⁰ O Caminho do Amor II, 19 de novembro de 1967, p. 63.

¹⁰¹ *Idem* II, maio de 1973, p. 95.

¹⁰² *Idem* II, 2 de fevereiro de 1971, p. 81.

antes de sua morte: «Viver em Jesus é gozo no tempo e na eternidade. Quanto mais ama a Jesus, mais o conhece, porque Jesus se revela no amor, e quanto mais se conhece a Jesus mais o ama e dele vive [...]».

Meu doce Senhor Jesus, vós vos revelais a mim na efusão do Espírito.

Como me arde o coração para que vós sejais conhecido e amado por todo coração!

“É este meu martírio de amor, às vezes Getsemani e Tabor».”¹⁰³

B. As Revelações entre o Espírito Santo e Nós

Vincenza, nas cartas às irmãs, remete ao Espírito uma parte importante e para nós dedicação. Em *Jesus Amor* afirmou que «o Espírito Santo é amor, e amor é minha vida fonte de contínua santidade»; e agora o recalca nas *Cartas às Irmãs*.

O Espírito Santo é o amor de Deus em nossos corações, que nos instrui e nos produz alegria. Por isso dele procede a verdadeira sabedoria que nos faz compreender e amar a Jesus e ao Pai. Vincenza está convencida disto: «a ciência da vida vem do Espírito Santo, que na clareza de sua sabedoria, de sua fortaleza, nos faz viver somente da fé, da esperança e da caridade e não do nosso natural humano e belo. E tudo o que é humano, belo, e grande, está impregnado de amor e, pela fé, esperança e caridade, se eleva à fonte da vida, a Deus, que nos aperfeiçoa. Jesus é o mestre que nos instrui interiormente. É ele o sol do Espírito que ilumina e vivifica. É ele que nos introduz na fonte da vida e nos

¹⁰³ O Caminho do Amor II, março de 1981, p. 159.

alimenta do divino. Meu Deus, vós nos enriqueceis porque nossa união convosco é vossa vontade».¹⁰⁴

Para Vincenza, esse trecho mostra como as três pessoas divinas se entrelaçam harmonicamente nas suas atividades em nós. Igualmente em outros trechos como o que segue: «No íntimo de nosso ser, o Espírito Santo ilumina, doa o seu puro coração, o amor de luz viva, claríssima, que torna claro todo o ser, ensina tudo, introduz na verdade, revela o Pai e faz conhecer o Filho. O coração atento ao Espírito Santo ama e recebe ardente força, suave... Quanto mais o coração é puro, adornado de graça, tanto mais ama e o Senhor o envolve. Como consequência a própria vida humana em si, individual e no mundo, com o mundo, age no amor do Espírito Santo».¹⁰⁵

Tais afirmações são insistentes. Em se tratando da “sabedoria” que o Espírito Santo nos comunica, sublinha-se que é uma sabedoria que *ilumina e move a pessoa humana*. Com sua sabedoria reveladora o Espírito Santo dá *luz, amor, força vital e alegria*: «o Espírito de Deus gera no homem a sabedoria. A Sabedoria lhe proporciona o conhecimento que o move para Deus, sua vida».¹⁰⁶

«O Espírito Santo, revelador trinitário, nos faz participar do que o Pai deu ao Filho, amor incriado; ele imerge o coração no amor e seu foco de luz, de verdade, de força transformadora nos faz em Cristo os amados do Pai, na doçura inefável e fúlgida beleza que supera qualquer imaginação; em suave ternura e gozo de união, fonte de cantos e nova vida no amor nem fim, nem limites, nem medida, apenas gozo do amor, de viver no

¹⁰⁴ O Caminho do Amor II, 11 de fevereiro de 1967, p.57.

¹⁰⁵ *Idem* II, 13 de Novembro de 1969, p. 75.

¹⁰⁶ *Idem* II, Dezembro de 1971, p. 85.

amor. O Espírito Santo nos transporta ao coração de Deus». ¹⁰⁷

Outro aspecto importante da ação do Espírito Santo é o de *purificar nosso coração*, para poder “*ver a Deus*” (cfr. Mt 5,8): «Os puros de coração verão a Deus, encontram-se no puro amor e amam com verdadeiro amor, com desejo ardente e assim o Espírito inunda os corações com sua formosura». ¹⁰⁸

Vincenza, em carta posterior retorna sobre o tema: o Espírito do Senhor leva àquele “*santo temor*”, que não é medo, mas amor *transformando a nova vida* sempre mais rica de graças: «O Espírito do Senhor penetra o coração: recebam-no, escutem-no. Ele conduz ao santo temor para que a graça cresça em vós. Temor não é medo, mas amor que não quer ofender nem de modo algum desgostar ao seu Senhor, no ardente desejo de conservar-se limpa e pura para Ele. Para este objetivo emprega todas as suas forças, e a graça, esplendor de Deus, inunda o coração. Necessário se faz receber o Espírito Santo, que incessantemente vem a nós pelo amor do Pai em nome de Jesus. E abundantemente e superabundantemente nos faz parte de Jesus, da graça, vida de Deus. Em contato com o atento coração, vigilante, o Espírito transforma a nova vida, a um novo esplendor, sempre novo e maior amor. Necessário se faz crescer na graça. Não importa a pessoa: ignorante ou sábia, pequena ou grande; não importam as qualidades humanas, o ambiente, o tempo, o cargo. Importa viver

¹⁰⁷ O Caminho do Amor II, 12 de maio de 1971, p. 83.

¹⁰⁸ *Idem* II, setembro de 1972, p. 90.

sempre plena da nova graça, à semelhança da Virgem nossa Mãe, a cheia de graça». ¹⁰⁹

O Espírito Santo é quem dá o verdadeiro e ardente *amor a Deus e aos irmãos*; daí a importância de invocá-lo pela oração. Ademais, Jesus mesmo o afirma; Vincenza nada mais faz que tirar as conclusões: «*Recebam, disse Jesus, a força do Espírito Santo*». Isto se dá na oração relação da união da alma com seu Senhor. A alma se dispõe a receber o Espírito Santo e este a inunda de luz, de força, de amor e de graça [...]. Considerem, irmãs, a necessidade da oração; nada pode substituir a oração. É um acontecimento de amor. O coração sai da oração mais puro e límpido. A graça do Senhor o transforma e o une a Jesus, o Deus Amor. Na chama de amor que o Espírito Santo acende, o coração ama a Deus e os irmãos com o mesmo amor verdadeiro e puro. [...]. Filhinhas, orem e recebam a luz do Espírito Santo». ¹¹⁰

Eis porque Vincenza é insistente da importância e necessidade da oração. Veja-se como exemplo, os dois trechos seguintes: «Vigilantes, tenhamos sempre o coração preparado para receber o Espírito Santo. Sua força vivificante faz - nos viver no Senhor Jesus Cristo, isto é, viver do amor do Amor, viver a vida na Vida». ¹¹¹

«Fiquem sempre vigilantes. Tenhamos sempre o coração aberto à efusão fulgente, vivificante, saborosa do Espírito Santo, que sacia verdadeiramente. Que vida plena é amar Jesus, viver de Jesus, onipotente e infinito amor, Criador e Senhor da vida, que fez sua morada no criado e habitante vivo no nosso coração, seu reino de amor e de glória». ¹¹²

¹⁰⁹ O Caminho do Amor II, Dezembro de 1972, pp.91 e 92.

¹¹⁰ *Idem* II, Dezembro de 1973, pp. 98 e 99.

¹¹¹ *Idem* II, Agosto de 1975, p. 111.

¹¹² *Idem* II, Dezembro de 1976, p. 119.

C) Relacionamento entre Deus Pai e Nós

Na visão de Vincenza nós já tomamos em consideração tudo o que se refere à *Paternidade* divina e a própria *filiação*. Sabemos que a iniciativa do Pai é *chamar--nos e atrair-nos a si. Doar-nos o Espírito Santo e Gerar-nos à vida divina em Cristo*.

De sua parte Vincenza respondia amando, adorando, cumprindo a vontade do Pai, acolhendo a graça divina e expandindo o coração para amar a todos os irmãos, filhos de Deus. Vincenza propõe às irmãs da PFF todos esses dados.

Em plena comunhão de vontade do Filho e do Espírito Santo, o Pai «oferece ao homem sua paterna bondade e, na força do Espírito Santo, une os homens num único amor: amor que é vida de todo homem, vida da humanidade inteira, de todo o universo».¹¹³

De sua parte o homem é uma «pequena criatura chamada a tornar-se no Senhor Jesus, Filho de Deus. Esta pequena criatura, amada por Deus é enriquecida de capacidades humanas e soberanos dons, na abundância da verdade, do amor, da vida. Esta pequena criatura pode amar o seu Senhor, participar da vida de Deus: amar e viver de seu Senhor! Este pequeno e mísero ser vive a vida divina em Jesus, seu Senhor, na efusão do Espírito Santo, no amor do Pai».¹¹⁴

Deus poderia dar algo mais a esta “mísera criatura”? E tudo isto por meio de Jesus Cristo e do Espírito Santo. Vincenza vê, sobretudo, em Deus Pai o *amor misericordioso e exultante* que se manifesta através de Jesus Cristo e do Espírito Santo. Considerem «a

¹¹³ O Caminho do Amor II, Maio de 1970, p. 79.

¹¹⁴ *Idem* II, Fevereiro de 1973, p.93.

magnanimidade do Criador que dá à sua criatura tamanhos dons que manifestam o excelso posto na obra de sua criação. [...]. O Espírito que o Pai envia em nome de Jesus, vivifica-o, incorporando-o a Cristo Senhor e assim o ser humano se harmoniza na sua própria ordem e, o amor - livre então - se estabiliza e avança na plenitude da vida em Deus». ¹¹⁵

A participação da vida divina em nós é dom do Pai. Vincenza deseja que reflitamos e saibamos apreciar este dom: «Deus dá ao homem, além da vida humana, a vida sobrenatural, própria dos filhos de Deus a ele unidos pela graça, participação da vida divina. É um mistério do amor de Deus para o homem, que não só lhe concede a vida humana, mas também a vida divina, a fim de que viva e com ele goze eternamente. “Desse modo o homem não é só homem, mas filho de Deus, vivendo da vida divina». ¹¹⁶

Após estas afirmações Vincenza refere vários tópicos do Evangelho nos quais Jesus nos fala do *verdadeiro pão que o Pai dá pela vida do mundo*. Ao iniciar uma nova carta, escreve: «Pai, eu exulto porque vós me fizestes conhecer a vossa vontade sobre a criatura humana e me concede cumpri-la na terra como no céu [...]. Vossa vontade é vossa união com o homem e do homem convosco». ¹¹⁷

Uma vez que o homem se une ao Pai por meio de Jesus Cristo, exclama Vincenza: «Como é belo o homem redimido por Jesus Cristo unido ao Pai. A beleza é interior e expressa sua sublime grandeza. O homem conhece e ama seu Redentor, Cristo Jesus, Deus feito homem. É ele o caminho a verdade e a vida, a nós

¹¹⁵ O Caminho do Amor II, Junho de 1972, pp. 88-89.

¹¹⁶ *Idem* II, 11 de fevereiro de 1968, p. 65.

¹¹⁷ *Idem* II, março de 1979, p. 139.

enviado pelo Pai para nos unir à adorável Trindade. Devido à redenção em Jesus, todo coração frui do gozo de seu posto no reino de amor do Pai celeste; há um dom de união sempre nova e mais plena com o Pai, conscientizando o homem à sua grandeza de filho amado. Esta é sua vontade: que em cada criatura humana haja superabundância de graças e cada coração viva a união com a dulcíssima Trindade».¹¹⁸

Vincenza, comentando a Regra antes de 1936, havia escrito: «A que grandeza de vida Deus chama todas as almas! A que união especial nos solicita na vida fiel e operante do nosso regulamento! Vida de ação, intensa ação a cada instante no caminho da perfeição para conseguir com ele a desejada união. Solicita-nos vigilância própria e perfeita do amor, sempre atenta produzindo sempre novos frutos para o amado Pai e Senhor».¹¹⁹

3. Condições e Exortações

Vincenza sempre esteve convencida do seu dever de consciência, insistindo em exortar em várias oportunidades, de modo especial, às suas irmãs de vida consagrada a viver a união com Deus. Por isso lhes indicava as melhores disposições de ânimo que favorecessem o agir deste ideal de vida. A esta altura de nosso estudo, tentaremos mostrar algumas dessas exortações e condições.

¹¹⁸ O Caminho do Amor II, março de 1979, p. 139.

¹¹⁹ *Idem* II, O Caminho do Amor, I, Para viver minha vocação, pp. 42 e 43.

A) Apreciar a Inefável Beleza do Dom

Vincenza, por experiência própria, sabia que a vontade é fortemente estimulada e potenciada, quando se entusiasma por um ideal. O mesmo devia ser para as irmãs de ideal. Por isso, falou-lhes, com insistência, da *beleza e sublimidade* de suas vocações.

O que poderia ser de mais invejável senão a vocação da mais intensa e possível união com Deus? União que depois resultaria também mais eficaz para conduzir os homens a Deus.

Na primeira de suas cartas dirigida às irmãs, usando termos usuais da linguagem do tempo, apresenta a vocação da Pequena Família como uma *predileção* divina, exigindo das vocacionadas que, «para viver a obra do amor, vivessem unidas ao esposo Jesus». E repete esta afirmação para causar-lhes motivo de *alegria* e *esforço*. «Em verdade somos chamadas à melhor parte: união íntima de amor àquela união que dá ao eterno Rei, Nosso Senhor, os mais divinos frutos. Ofereçamo-nos com alegria Àquele que nos chamou, separemo-nos de tudo com alegria, para preparar-nos uma clausura sempre mais digna para Ele, onde nossos irmãos, todos os irmãos do mundo inteiro, encontrem o Deus Vivo e amigo. Por isso confiemos nele, alcemos nosso olhar, avante, avante em busca de uma perfeição sempre mais adequada à nossa excelsa vocação. [...]. Abençoadas por Jesus alcançaremos aquela perfeição, alegria de Deus e salvação das almas. Assim Ele nos abraça uma a uma e todas juntas, para encher-nos daquelas graças que serão

para nós a coluna da caridade divina e do paraíso, que Deus descerrará no amor a fim de fazê-lo amar».¹²⁰

Esta primeira carta indica-nos, não só, os valores da íntima união com o Senhor, mas também a eficácia de tal união para *levar os irmãos e o mundo inteiro a Deus*.

A segunda carta, de janeiro de 1940, foi exarada no início da expansão da PFF além dos confins da Lombardia. Uma carta brevíssima centrada sobre a beleza de uma vida toda dedicada ao amor do Senhor e ao amor recíproco: «Amemo-nos mutuamente com fervente amor, como nos ensina o apóstolo do amor, São João. Amemo-nos com fervente amor ajudando-nos mutuamente, na conquista da perfeição e do amor ao nosso divino esposo Jesus. Jesus nos chama ao amor e o amor seja nossa vida; amor a Jesus que é Amor e o Amor seja nossa vida, amor a Jesus que é nosso amor; amor a Jesus que nos criou a todas; amor ao inteiro universo e a todas as criaturas, obras de seu amor. “Amor a nosso Senhor do céu e da terra, através de quem fomos chamadas ao amor, será uma eterna vida de união com Ele».¹²¹

Nas suas primeiras duas cartas prevalece a referência de *Jesus esposo, Rei, Senhor, Amor*, depois, a relação com o *Pai Celeste* considerado como aquele que, junto com o Filho, é o artífice de nossa união com eles. Inicia uma carta com uma oração que Vincenza deseja compartilhar com as irmãs:

«Graça e paz de Deus nosso Pai e de nosso Senhor Jesus Cristo.

¹²⁰ *O Caminho do Amor, II, Cartas de Vincenza as irmãs da PFF*, Natal de 1935, pp. 7-8.

¹²¹ *O Caminho do Amor II*, janeiro de 1940, p. 8.

Meu Jesus, com que alegria de alma dirijo-me às minhas queridas irmãs!

Vós que sois a vida, e o sei perfeitamente, somos tuas pela graça da vocação.

Pai celeste, nosso sumo Bem, dai-nos sempre, por vosso imenso, infinito amor, por vossa infinita bondade, vosso divino Filho, para que nossa vida não seja outra que vossa vida em nós.

Ó Pai amado, pedimos a vós ainda mais uma graça: que vossa vontade seja nossa com a de vosso divino Unigênito, nosso Senhor Jesus.

E, para glorificar-vos, Pai, para agradar a Jesus, nós vos suplicamos a inestimável graça da vontade de viver conforme teu divino Filho, nosso Senhor, humilde, pobre, desejosas de crescer diariamente no vosso santo e divino amor».¹²²

Na mesma carta, no entanto, não se esqueceu de acenar à obra do *Espírito Santo*. Após a exortação de viver a união com Jesus através da Eucaristia, Vincenza exorta as irmãs a *preparar diariamente a alma para ser habitação do Espírito do Senhor* acrescentando: «Ele vos dará a luz da verdade, a força da virtude, e levará à perfeita caridade, à união divina com o Senhor, Deus Pai e com o adorável Filho...[...]. Irmãs, a santa humildade é luz de vida, luz de Deus, vida escondida, retirada, desconhecida do mundo, silenciosa. Que lindo caminho esse no recôndito de nossa alma, onde o Espírito Santo nos faz orar com gemidos inefáveis do Pai e nos regala Jesus».¹²³

¹²² O Caminho do Amor II, Abril de 1943, p. 14.

¹²³ *Idem* II, Abril de 1943, p. 16

Por isso Vincenza freqüentemente insiste na vivência da união com Deus, não como peso, mas com alegria, um *correr* e um *voar* para Ele: «Conquistar a união com Deus deve ser a primeira e única preocupação de nosso coração, da nossa mente, com todos os meios, vigilantes e atentas, como pede nossa regra». ¹²⁴

A beleza e o fascínio da graça que o Senhor nos dá deve nos tornar *abertas para acolhê-lo e fazê-lo frutificar*. «É uma graça imensa viver a união com Deus. [...]. A alma que se entrega a Deus, que quer oferecer-se a Deus, para ser de Deus, só de Deus, toda de Deus é amada por Deus, que se entrega a ela com abundância. Ser toda de Deus, viver dele, com Ele, por Ele. É um esforço nosso perante Deus, perante nós mesmas, perante o mundo. Somos feitas para uma vida de união com Deus no meio do mundo, no meio de nossos irmãos em Jesus, nosso Senhor, para que Deus seja por todos amado». ¹²⁵

Junto com a *preciosidade* do dom que nos faz viver em Deus e por Deus, Vincenza tem presente, como resultado, a *eficácia apostólica*. Esta constitui um valor de grande importância: «O dom de nós mesmas a Deus numa vida de união no meio do mundo, além de glorificar a Deus por meio de nosso amor, além de nos encaminhar ao Paraíso, nossa meta, é a ordem divina do amor. Além disso, a particular missão da PFF na Igreja, pois o objetivo de nossa vida de união com Deus no meio do mundo é o de comunicar o Deus vivo na alma humana de todos nossos irmãos em Cristo Senhor». ¹²⁶

¹²⁴ *Idem* II, Natal de 1946, p. 24.

¹²⁵ O Caminho do Amor II, fevereiro de 1956, p. 30.

¹²⁶ *Idem* II, fevereiro de 1956, p. 30.

Vincenza deseja que suas irmãs degustem a beleza de dar-se livremente ao Senhor: «Cara irmãs, a vossa união com o Senhor no meio do mundo é o cumprimento do amor. Tudo é Dele [de Deus], mas a doação do amor ele a deseja livre: Ele, o Senhor do Amor e da vida; amor e vida eterna».¹²⁷

Se esta é a vontade do Senhor e o cumprimento do amor, deve ser espontâneo para nós *ter fome de Deus*: «Ter fome de Deus, nutrir-se de Deus, saciar-se de Deus. Esta é a justiça da bem-aventurança de Cristo Senhor. Tal fome de Deus nos faz sentir a “urgência do amor que se doa totalmente, para que o homem conheça a Deus, seu amor, o ame unido aos irmãos e com eles seja feliz em Deus».¹²⁸

Da nossa parte, nada somos, mas nos foi dado sermos grandes criaturas vivendo da vida divina, se cremos no gratuito amor de Deus. Afirma Vincenza: «Quem somos nós, queridas irmãs? Nada. Mas no amor à adorável Trindade, formamos comunhão de graças e nossa vida é divinizada em Jesus, holocausto de amor. [...]. O espírito do Senhor Deus as impulsiona e lhes insiste em doar a vida em holocausto de adoração, de louvor, de ação de graças, de amor. Assim se cumpre a vontade do Pai: o coração, unido em Jesus na adorável Trindade, nutre-se da verdade e vive a vida».¹²⁹

Vincenza tem sempre em mente a situação da grande parte da sociedade, que tem «extrema necessidade de ver a Jesus, de voltar para ele, de amá-lo». Por isso estaria sempre disponível a qualquer sacrifício para que Jesus pudesse ser conhecido e

¹²⁷ *Idem* II, 2 de fevereiro de 1971, p. 82.

¹²⁸ O Caminho do Amor II, dezembro de 1971, p. 85.

¹²⁹ *Idem* II, março de 1978, p. 129.

amado. Assim deveriam ser também os sentimentos das irmãs.

B) Entrar no Coração para escutar e oferecer-Se

Vincenza relembra às irmãs que «no íntimo de nosso coração o Espírito Santo nos ilumina, oferta o seu coração puro, o amor da luz verdadeira, claríssima, que torna claro todo o ser, ensina tudo, introduz na verdade, revela o Pai e faz conhecer o Filho». Por isso, «o coração atento ao Espírito Santo ama e recebe força ardente e suave». ¹³⁰

Esse é o motivo pelo qual Vincenza faz questão ao exortar as irmãs a *entrar intimamente dentro de si mesmas para auscultar o Espírito Santo*: «O coração atento ao Espírito Santo sente a necessidade de entrar no segredo, no íntimo de si mesmo e encontrar ali o Senhor. Rogo-lhes, filhinhas, concentrem-se em si mesmas, auscultem o Senhor, falem com o Senhor, peçam-lhe o amor para vocês, para os irmãos, para o mundo. Vigilante no amor, nossa entrega é plena, imensa quanto é imensa e complexa a vida; será uma doação conforme a vontade do Senhor para cada uma de nós, na igualdade do amor, na diversidade do nosso ser. Guiadas pelo Espírito Santo, caminhamos nas estradas do mundo, disseminadas pelo mundo. Devido à nossa plena doação, quantos corações serão fascinados a procurar o Senhor e o encontrarão. Só na eternidade saberemos quantos vivem em Jesus!». ¹³¹

Devotem especial atenção ao Espírito Santo, portador de frutos da fé, da liberdade, da segurança, do

¹³⁰ O Caminho do Amor II, 13 de novembro de 1969, p. 74.

¹³¹ *Idem* II, 13 de novembro de 1969, p. 75.

apostolado no seio do mundo: «Digo mais: coloquem o coração à escuta do Espírito. Os humildes têm o olhar da fé: são livres para se deixar conduzir, para receber, com segurança, no coração, não pensam senão em caminhar. Hajam rosas e espinhos em seus caminhos, alegrias e dor, feridas e sangue, são dons do Amor doando a vida. Jamais se esqueçam que nossa vocação, a vocação da PFF, está inserta no mundo, é o nosso viver com o Senhor no íntimo do nosso coração para levar para fora, no mundo; levar seu amor sua vida, para que o homem o procure, o encontre dentro de si, o ame nos irmãos e no universo inteiro». ¹³²

Como o mundo necessita de justiça, de paz, de fraternidade, Vincenza exorta as irmãs a pedir ao Espírito Santo lhes dê a *capacidade de amar a humanidade como Jesus a amou*: «Filhinhas, peçamos ao Espírito Santo o fogo que inflama e harmoniza nossa doação aos irmãos para juntos romper a letargia da alma e do corpo. E unidos cheguemos ao gozo da paterna e divina bondade, amor infinito». ¹³³

Vincenza quer intensamente isto de *entrar no coração* porque «Jesus colocou seu trono em nosso coração» e «nos proporciona ardente sede da união» e quem «nos dá a urgente sede da união». Diante da «invasão das ocupações diárias» cada uma se de vê interrogar: «para quem vive você? A quem entregaste sua vida»?

Isto não significa transcurar os deveres do próprio estado, mas vivê-los em união com o Senhor e por Ele: «Os deveres do próprio estado, os deveres profissionais, os deveres da caridade não tolhe a união com o Senhor,

¹³² O Caminho do Amor II, 13 de novembro de 1969, p. 76.

¹³³ Idem II, maio de 1970, p. 80.

ao contrário, a fomenta. Qual a meta de seu agir? O que você deseja? O que você quer a não ser revelar em suas ações, no seu agir, o Senhor e seu amor? Ele lhe dá um desejo contínuo e este seu martírio não é a união com o Senhor? Sim, há ocupações ainda que boas, mas cortesmente, pode-se deixá-las a outras, para que nos permitam tempo para a oração».¹³⁴

C) Correspondência sempre maior

A união com Deus é um dom divino, mas exige nosso sério esforço de acolhida e colaboração. E ao dirigir-se às suas irmãs, Vincenza insiste sobre o empenho delas em corresponder.

Note-se em princípio, que não basta o primeiro consentimento, uma primeira entrega de si mesma, mas necessário se faz algumas disposições com os quais tal entrega se torne *absoluta*. «Caríssima, alma querida, viver a vida de união com Deus. Reflita! Você é um dom a Deus, mas um primeiro consentimento, uma primeira entrega não é suficiente. É necessário que o dom de si mesma tenha a necessária disposição de conquistar e viver a união com Deus. Com a graça de Deus e sua livre vontade, o dom de si mesma deve, à medida que se envolva na vida de dedicação a Deus, tornar-se absoluto».

Consequência: é absolutamente necessária uma múltiplice *morte*: «morrer ao amor de si mesma, ao mundo, às criaturas, aos bens terrenos».¹³⁵

Se o coração suplica sinceramente a união com Deus, torna possível e alegre tal múltipla e radical morte:

¹³⁴ O Caminho do Amor II, março de 1970, pp. 77 e 78.

¹³⁵ *Idem* II, fevereiro de 1956, p. 29.

«Filhinhas queridas, todas unidas no coração de Jesus, dediquemos nossa vida sem cessar ao sacrifício, à adoração, ao louvor à doce Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, Deus Senhor. Peçam, desejem, abram os corações à união: é esta sua vontade. Seja feita sua vontade de união. Esta é a nossa alegria».¹³⁶

A morte de si mesmo e de tudo, será tanto mais facilitada se auscultarmos o Senhor que fala ao nosso íntimo: «Filhinhas caríssimas, é nosso doce Senhor que nos diz: *Ponha sua mão no ouvido e escuta*. Escuta o Pai que lhe fala de união. Escuta o Espírito Santo que lhe fala de vida na dulcíssima e adorável Trindade. Inclina seus ouvidos no altíssimo silêncio da divina união. Persevera com fervor na oração de união, adore, ame, viva na dulcíssima Trindade, que habita e vive no céu do seu coração, seu reino de amor. Desse modo, a iluminará a luz do Senhor, que purifica. Você será saciada da verdade de Deus, que dissipa as trevas geradoras de morte. Você será vivificada pela vida que é Cristo Jesus».¹³⁷

Vincenza deseja e quer que todas as irmãs sejam *pressurosas e solícitas* em adquirir as necessárias disposições para viver a união com Deus: união que dá glória à Trindade, plenitude ao nosso viver auxiliando assim nossos irmãos: «Filhinhas e irmãs caríssimas, tenham a máxima solicitude de viver na união com Jesus, nosso caminho, verdade e vida. Tenham a máxima solicitude ao dom de suas vidas, no íntimo da alma, dom sempre mais santo, sempre mais belo. O Pai celeste mora e vive neste seu íntimo, exclusivamente seu, em dulcíssima unidade com o Filho e o Espírito Santo. Nesse

¹³⁶ O Caminho do Amor II, 26 de julho de 1978, p. 29.

¹³⁷ *Idem* II, 1º de setembro de 1978, p. 137.

íntimo cumpre-se sua vontade de união entre a dulcíssima Trindade e nossa alma. Tal união ilumina sempre mais vivamente as trevas humanas. Repito-lhes: tenham sempre cada vez mais viva a solicitude de assim viver nesse íntimo da alma a união com o Deus Senhor, doce Trindade, eterna vida. Sua misericórdia chamou a PFF e sempre pede ao nosso coração a viver do seu amor no íntimo do amor, onde sua onipotência opera os dons de nossa vida aos irmãos, para que conheçamos as luzes do amor que afugentam as trevas e plenifica a vida na união divina». ¹³⁸

A escuta do Senhor e a total doação de si mesmo a ele *repara* tanta ignorância e desleixo que há nesse mundo, quanto aos verdadeiros valores da vida: «Há tanto barulho neste pobre mundo que desconhece e não vive o divino e eloquente silêncio da união com nosso Pai e com a doce Trindade. Ao invés, no íntimo de nossa alma como é saborosa a verdade, como é plena a vida de união com a doce Trindade, amor eterno». ¹³⁹

Vincenza sente-se solidária com todos os sofredores de corpo e alma e quer ajudá-los, e seu pensamento se dirige, sobretudo, para «as necessidades da alma e do corpo». «O amor sente onde há mais necessidade e ajudando o corpo resta ainda o tremendo auxílio para a alma sem a graça, sem o amor divino. Isto é a grande, a infinita dor do amor. [...] maior e tremenda é a dor de quem se encontra bem sobre a terra e não pensa, não sente que lhe falta a graça, que lhe falta Deus.

Caríssimas irmãs, precisamos nos santificar para levar a Jesus a cada coração. Devemos nos sacrificar,

¹³⁸ O Caminho do Amor II, dezembro de 1979, p. 147.

¹³⁹ *Idem* II, setembro de 1980, p. 156.

para que a graça que jorra do coração eucarístico de Jesus chegue às almas. A ausência da graça nas almas é o pior perigo que paira sobre a humanidade». ¹⁴⁰

Vincenza experimenta a alegria da vida divina que Jesus Cristo lhe comunica, e isto torna aguda sua dor pelos que não realizam sua mesma experiência: «A força divina é vital que emana da humanidade do Verbo assimila minha humanidade e Cristo Senhor vive em minha humanidade. A força vital de sua humanidade divina vive no mundo e atrai a si o coração de todos. Mas quantos ignoram que Ele realmente atrai e prende seus corações, enriquece de dons e anima suas vidas, não sabem que vive neles, a divina humanidade de Jesus, sua força vital». ¹⁴¹

A ignorância e indiferença de muitos afligem o Senhor e Vincenza sofre com Ele: «Jesus chora lágrimas amargas. A dor o revolve, fere seu coração de homem. Ele ama os homens, mas eles são indiferentes, hostis para com Ele e entre eles. Sua amargura é grande; a onda de dor o oprime e o Homem Deus chora. Sente o coração dilacerado pela ingratidão e pela maldade daqueles aos quais ama. Ora e retorna, ardente de amor, com os seus. Enfrenta a amargura da ingratidão, como enfrentará o espasmo atroz da paixão e a todos salvará. Atrairá a todos a si, dará tudo de si mesmo, e todos terão a vida. Minhas caríssimas irmãs, se seus corações compreendessem a psicologia do amor divino, realmente estariam reentrando na capacidade de serem envolvidas pelo Amor. Deus é amor e quem permanece no amor, permanece em Deus. Esta é a realidade divina que Deus proporciona ao homem, mais real que sua própria

¹⁴⁰ O Caminho do Amor II, Natividade de Maria 1967, p. 62.

¹⁴¹ *Idem* II, setembro de 1969, p. 72.

natureza de homem. Mas o homem tem medo de perder a si mesmo. Está envolvido pelo bem e pelo mal. Um enredo que só Deus pode desfazê-lo. Um enredo espesso e inextricável de sede de vida superior com a base comprometida, manifesta auto-suficiência e real impotência, de violentas atrações irresistíveis para Deus, mas de contínua resistência metódica no seu amor, uma sede de assemelhar-se ao supremo amor mas de um egoísmo desagregante. E o amor supremo, Deus, se fez homem para desenredar esse intrincado novelo de sua criatura para dar-lhe a força vital de sua divina humanidade».

«O desvencilhar desse novelo é um acontecimento pessoal entre Jesus e a alma de cada um de nós que se consoma aqui para encontrar a Jesus, estar com ele, viver com Ele, possuí-lo e viver dele. Então o novelo se vai desenredando, o coração se dispõe a extirpar, a qualquer custo, tudo o que não agrada a Jesus. Tudo se torna belo, santo, rico de energias vitais com a luz de Jesus, com sua palavra e com sua vida. Os corações, despojados do egoísmo, estão capacitados para responder ao amor. O coração que possui a Cristo Senhor e vive dele, transborda de amor, de ternura, sempre disposto à doação delicada e de rica sensibilidade aos corações dos irmãos; caminha pela estrada do mundo com premente desejo, com ardente necessidade de amar e dar amor para que cada coração tenha a vida de Jesus. Então, no coração, a Trindade indivisível de Deus Pai, Filho e Espírito Santo vive seu amor, sua vida em perfeita comunhão. Tenho imenso desejo de lhes falar, minhas caras irmãs, da união com o Senhor, porque a vida de união com Ele é a primeira finalidade de nossa consagração a Deus, a Jesus Amor.

Possuir a Jesus e doá-lo, só é possível em união com Ele com empenho total de todo nosso ser».¹⁴²

Vincenza declara, que para ela, é uma alegria comunicar-se com as irmãs para explanar-lhes o viver a união com o Senhor. E lhes exorta em tom imperativo: «Deixem tudo e escutem-no, vivam dele. Possuirão a plenitude da vida para vocês e para os irmãos».¹⁴³

D) A Urgência de crescer na Vida de União

A vida é dinamismo, crescimento, desenvolvimento, renovação. Ainda mais a vida sobrenatural por Deus a nós concedida. A vontade de crescer nesta vida é um requisito indispensável para aquelas que fazem parte da PFF: para elas assume um caráter de *urgência*. Vincenza o afirma decidida e passionadamente propondo motivos: «Confesso a vocês, minhas filhinhas, irmãs caríssimas, o meu vivo e incessante desejo que brota como oração ao Senhor para vocês, que tanto amo em nosso Jesus. Queiram, com urgência, crescer, conhecer e amar a Jesus, urgência na união com Ele. E fazê-lo conhecer e amar é dom do Amor em nossa consagração, que glorifica a adorável Trindade, redenção da humanidade em Jesus. [...]. Pois bem, minhas filhinhas, irmãs caríssimas, cresçamos na graça para nos unir a Jesus, conhecê-lo, amá-lo, e dele viver. Quanto mais o conhecemos mais o amamos; mais o amamos, mais o conhecemos e eis o nosso gozo: dar-lhe tudo de nós mesmas, qualquer que seja sua vontade a nosso respeito».¹⁴⁴

¹⁴² O Caminho do Amor II, setembro de 1969, pp. 73-74.

¹⁴³ *Idem* II, dezembro de 1980, p. 157.

¹⁴⁴ *Idem* II, janeiro de 1976, p. 115.

A exortação no *crescer* está implícita em cada trecho de sua carta nas quais fala do esforço em “*despojar-se*” de tudo que as prende para conseguir a plena libertação. Assim, por exemplo, quando escreve: «Minhas caras filhinhas e irmãs, gostaria de ver-las e falar-lhes a uma por uma para dizer a cada uma: meta-se decididamente, isto é, ponha sua alma, seu coração capaz de receber muito do Pai, do Filho e do Espírito Santo, de Deus, Trindade e Unidade indivisível. Seu amor é superabundante, a cada momento, sempre. [...]. Eu as conjuro, caríssimas irmãs, a que cortem os laços com tudo que lhes impede receber muito e que não deixem esvaziar a capacidade de receber muito de Deus. Podemos ser um só amor com Deus e, pela miséria da terra, por nosso pobre eu, recusamos receber de maneira sempre maior o amor divino que transforma o amor, que gozará e cantará eternamente sua glória».¹⁴⁵

E) Compromisso para (adquirir) um coração puro

Aproveitando a deixa da festa de Santa Inês de Assis, em janeiro de 1943, Vincenza exortou as irmãs «a se empenharem vivamente em conservar a alma pura de qualquer pecado leve», a fim de preservá-las *também da mais mínima sombra*: «Jamais ofuscar o imaculado esplendor da alma, rainha do esposo. Até a mais leve ofensa é grande mal para com Ele, o nosso Senhor, tão infinitamente digno de ser amado, Ele, tão cheio de amor por nós! Tudo sofrer, jamais ofendê-lo. Vigiem constantemente sobre vocês mesmas. Ó o amor, como não temer sempre de desagradar o amado! Como não

¹⁴⁵ O Caminho do Amor II, circular sem data, p. 21.

temer causar-lhe o mais leve desprazer! Ao contrário, deseja sempre agradar-lhe». ¹⁴⁶

Vincenza, um mês depois, torna ao assunto indicando como meta *um coração puro*, fruto de uma *ardente caridade*. Escreve: «Para nós que recebemos a graça da vocação e escolhemos consagrar-nos a Deus, nossa meta sobrenatural é o puro amor. Felizes se, ao correspondermos à nossa vocação, possa entrar o fogo de Deus em nós e queimar a perversidade de nossa natureza, transformando-nos Nele, sol de justiça, por que o amor que vive na alma é caridade de Deus». ¹⁴⁷

Faz-se necessária a purificação do coração para *ver e auscultar* o Senhor e assim conseguir a *liberdade total*. Faz-se necessária também, para ver a *beleza e a vida* que Deus nos dá e a *beleza de nossa doação* a Ele. Vincenza reforça isto com veemência. Refere-se a qualquer pessoa, particularmente às irmãs: «O homem de coração puro verá a Deus, verá a Verdade, a justiça o amor, a vida. Verá que, acima de todos os bens humanos e terrenos, existe Ele, o Senhor, o amor que tudo contém e tudo doa. Doa-lhe o humano e o divino. Verá o valor de sua vida de homem, feita para ser homem em Cristo Jesus. Verá a beleza, a riqueza da contínua renovação de sua vida, onde habita e vive a Trindade Santíssima. No rosto de seu semelhante verá o rosto do Senhor e a todos amará como irmãos. Tenham um coração limpo, puro». ¹⁴⁸

A conquista da pureza do coração só se realiza com um *esforço deveras total*. Isto Vincenza propõe com veemência às irmãs como indispensável para cumprirem

¹⁴⁶ O Caminho do Amor II, janeiro de 1943, p. 9.

¹⁴⁷ *Idem* II, fevereiro de 1943, p. 11.

¹⁴⁸ *Idem* II, março de 1972, p. 87.

sua vocação e missão: «Despojem-se de si. Desliguem-se dos bens temporais. Basta apenas um fiozinho preso a asa para as tornarem prisioneiras. A pobreza em espírito é libertação. O coração livre da prisão voa direto ao seu “tesouro” onde encontra todos os bens. Jamais ligadas à prisão, à escravidão, mas feliz voa para aquele que criou todos os bens e, no amor, lhes dá. [...] Minhas filhinhas, nossa consagração leva ao mundo a liberdade na pobreza. Levem a luz da oração. Levem Cristo Senhor, para que os corações sejam limpos e puros e assim vejam a Deus».¹⁴⁹

A grandeza dos bens a serem adquiridos justifica a radicalidade do despojamento e do sacrifício. Vincenza parte do princípio indiscutível que Deus, amor incriado, presente no homem, quer amor, quer consigo sua criatura, e a quer a vida com ele, no relacionamento divino do seu Espírito, fogo de amor, de vida. Consequentemente exige de nós uma escolha radical, que Vincenza indica com fortes termos: «É necessário atirar-se no fogo do Espírito com corpo e alma. É necessário responder assim ao seu amor radicalmente. Vocês sabem de que morte falo eu. Então o Espírito, que o Pai envia em nome de Jesus, vivifica, incorpora a Cristo Senhor e o ser humano coloca em ordem o seu próprio, e o amor, uma vez livre, se equilibra e avança na plenitude da vida em Deus. Não há limites nem medidas de espécie alguma».¹⁵⁰

Vincenza desejaria que «nossas assembléias, nossas reuniões, fossem flamas do Espírito Santo, união de corações intercomunicando fome e sede do Senhor, desejo do dom total a Ele, a procura da oração fonte de

¹⁴⁹ O Caminho do Amor II, março de 1972, p. 87.

¹⁵⁰ *Idem* II, junho de 1972, p. 89.

luz, contato, suave força do Espírito Santo, que aniquila tudo o que não é seu e transforma o coração em doce chama, que nada mais sabe senão amar».¹⁵¹

Depois desses ardentes apelos Vincenza volve seus pensamentos na presença do Senhor. O amor de Deus por nós se manifestou especialmente no *sacrifício da Cruz*. Não há melhor modelo para nós a fim de responder ao seu amor e para levar os homens a amar ao seu Deus: «Jesus quer um coração abandonado a Ele, que vive nele. Filhinhas minhas, nós seremos menos que nada, mas em suas mãos somos o amor de Deus que dá testemunho: somos comunidade dos filhos de Deus e comunhão dos santos para o mundo inteiro. Jesus prendeu nosso coração e nós vivemos morrendo de amor e cumprindo sua vontade, a vontade de nosso Deus. Nada mais queremos».¹⁵²

O ideal é grande como grande é o dom que Deus nos concede. Necessário se faz estar *consciente* do dom recebido e “da manifestação de Deus e viver *coerentemente* nossa resposta: «Filhinhas Caríssimas, façam que seus corações sejam “um” na adorável Trindade para trazerem em si Jesus ao mundo e o mundo creia. “Que fazemos de nossa vida se não nos ofertamos “todas” a Jesus»¹⁵³? Vincenza tem sempre presente esta forte exigência de total doação: não podemos reter nada para nós, frente àquele que doa tudo para nós.

F) Necessidade e eficácia da oração

Ao comentar a Regra Vincenza falou longamente sobre a oração indicando-lhe a necessidade, a beleza, as

¹⁵¹ O Caminho do Amor II, junho de 1972, p. 89.

¹⁵² *Idem* II, junho de 1972, pp. 89 e 90.

¹⁵³ *Idem* II, 11 de maio de 1975, p. 110.

disposições e os frutos¹⁵⁴. Aqui indica algumas anotações que emergem nas *Cartas de Vincenza às irmãs da PFF*.

Vincenza supõe que as irmãs saibam que, ao unir-se a alma a Deus pela oração, «o Espírito opera em nós com seus dons. O coração assim inflamado ama da melhor maneira o Senhor. De outra parte, nossa vocação exige uma intensa vida de oração: Nossa posição no mundo exige vontade inflamada, luz, vida intensa, grandíssimo amor. É a melhor parte de nossa escolha que o exige e por isto empenhem todas nossas forças da mente, da alma, do coração». ¹⁵⁵

Aqui é sinal de correspondência e fidelidade àquele que, querendo tomar posse de nosso coração, quer enchê-lo de sua vida: «Quem tomou posse do nosso coração, e nos deu o poder de amá-lo? Deus, Supremo Senhor, vida, amor eterno. E aqui entra todo nosso esforço de esposas. O pensamento, a alma, o coração unidos a Ele transformam-se em inflamada vontade, intensa vida dele». ¹⁵⁶

A vivência dessa total doação ao Senhor requer decisões sem medidas ao dar a primazia à oração: «Eis porque num certo ponto da caminhada, qualquer que seja, devemos tomar a iniciativa e decidir: caminho, ocupações pobres, amor às criaturas, com o meu Deus. Fiquem a sós com o Senhor. Só, no profundo de minha alma. Necessito dele, invocá-lo, escutá-lo; conhecer sua vontade, dizer-lhe meu amor; de permanecer em silêncio enquanto sua vida de graça se intensifica e opera muito intensamente minha alma». ¹⁵⁷

¹⁵⁴ *O Caminho do amor*, I, *Para viver minha vocação*, pp. 37-73.

¹⁵⁵ *Idem* I, *Para viver minha vocação*, pp. 37-73.

¹⁵⁶ *O Caminho do Amor*, II, *Cartas de Vincenza às irmãs da PFF*, setembro de 1965, p. 48.

¹⁵⁷ *O Caminho do Amor* II, setembro de 1965, p. 48.

Exposta a necessidade da oração, Vincenza quer falar sobre a *autenticidade* e a *verdadeira* oração: «Como gostaria falar-lhes amplamente da oração, da verdadeira oração: é água que dessedenta, é pão nutritivo, é descanso no amor, é intimidade viva que recebe e dá a força transformadora do Espírito Santo». ¹⁵⁸

Vincenza se pergunta como *chegar a esta oração*. Sua resposta nos soa como algo não usual, mas é o reflexo de sua vivência. Eis: «É justamente pelo martírio de desejá-lo, as ganas de revelá-lo e de dá-lo às almas em nossa ação. Quando sucede, excepcionalmente, que se abrevia o tempo da oração, não se perturbem, porque ao Senhor Jesus lhe bastam poucos instantes de nosso dom total para nossa união com Ele». ¹⁵⁹

Vincenza à pergunta: *Onde encontro Jesus*, responde: quando você se entretém com ele. Quando o olha. Quando lhe fala. Quando o escuta. “Quando lhe dá sua verdadeira resposta”. E passa imediatamente a descrever o *que acontece* neste encontro de oração: «Ao contato com Jesus o homem vê sua própria humanidade na sua mais completa dimensão de criatura viva resgatada pelo sangue do Salvador e elevada ao Pai. Ao contato com Jesus, o homem recebe o Espírito que lhe é força divina para atravessar as agruras e sacrifícios da vida». ¹⁶⁰

De tudo que Vincenza expôs sobre a oração ressalta uma preciosa exortação para ela e para as irmãs: «Minhas filhas e caras irmãs, antes que nosso mundo nos envolva, peçamos ao Espírito Santo que ele nos envolva». ¹⁶¹

¹⁵⁸ *Idem* II, março de 1970, p. 78.

¹⁵⁹ *Idem* II, março de 1970, p. 78.

¹⁶⁰ *Idem* II, maio de 1973, p. 95.

¹⁶¹ *O Caminho do Amor II*, maio de 1973, p. 95.

A oração ao Espírito Santo é necessária e fecunda porque também nos facilita a uma maior comunhão de amor com Deus e com os irmãos. Ajuda-nos a corresponder verdadeiramente à nossa vocação e missão: «A nossa vida de união com Deus, no mundo, há a grande missão de partilhar com os irmãos as luzes da fé e do amor ao Senhor. Sem um contato com o Senhor pela oração se torna impossível a união com o Ele. A oração, minhas filhas, nos tira de nós mesmas, da terra, do mundo com todas suas preocupações e nos une num só amor, numa só vida com o Senhor. Tornaremos a nossos irmãos, não sozinhas, mas nós e Deus».¹⁶²

G) Tomem a Maria como modelo perfeito

Quem mais além da Mãe do Verbo encarnado viveu a união com Jesus, com o Pai e o Espírito Santo? Por isso Vincenza a olha como modelo perfeito, e deseja que assim também procedam as irmãs. Em abril de 1943 escreve «Nossa Mãe celeste seja nosso espelho. Nele veremos como deve ser nossa vida escondida, retirada, silenciosa. Ó nossa Mãe no silêncio de sua casa! O mundo não se preocupava dela, mas seu coração era o feliz reino de Deus e Deus chegou até ela. Eis como a virgindade na humildade é fecunda de glória a Deus e de salvação às almas. Bem-aventuradas seremos se seguirmos a Jesus passo a passo e estarmos com Ele a exemplo de nossa Senhora. Ele nos transformará sempre mais e tornará sempre mais superabundante nossa vida».¹⁶³

¹⁶² *Idem* II, agosto de 1973, p. 97.

¹⁶³ O Caminho do Amor II, abril de 1943, p. 16.

Maria, modelo de *virgindade e humildade*, unida a Cristo, é um exemplo de *ardente desejo* de união sempre mais crescente com o Senhor. Tudo isso pressupõe um coração completamente *livre, distante* de tudo, porque está realmente unido ao seu Senhor. Isto é tudo o que Vincenza quer ao exortar as irmãs a *viverem em pobreza*, unidas à Virgem Mãe: «Minhas Filhinhas, consideremos nossa consagração a Deus na vida de união com Ele, à semelhança da nossa Virgem Mãe. Se não arde em nós o desejo e o querer de uma união sempre maior, vã é nossa consagração. Minhas filhinhas, eu lhes rogo, eu as conjuro, pelo amor de Deus que lhes tenho, para que sejam uma porção eleita de seu divino amor, procurem, com todas as forças de seus corações a união com Deus sempre melhor, sempre mais perfeita. Por isso vivam *em pobreza* unidas à Virgem Mãe. Seu amor materno nos acompanha no silêncio da união com o Espírito Santo, na intimidade do Pai, como nela, se cumpra a vontade de doação ao mundo, do amor de Jesus vivo em nós».¹⁶⁴

Maria Santíssima é modelo de *doação plena de amor*, toda inclinada *ao cumprimento da vontade de Deus*, que é união: «Sempre é muito urgente em mim a vontade do Senhor em nossa vida de união com Ele, no meio do mundo, com os irmãos. União que faz transparecer a graça e a dedicação de amor, à semelhança da Virgem, nossa Mãe. Caras irmãs, adentrem com o pensamento e o coração na oração, no imaculado coração da humilde serva do Senhor, Maria, sempre solícita e atenta à vontade do seu Senhor, toda abandonada na fé em seu Senhor, que ela ama mais que

¹⁶⁴ Idem, fevereiro de 1973, p. 94.

a si mesmo e de qualquer outra coisa no mundo. Seus cumprimento da vontade de Deus vivo em seu íntimo».¹⁶⁵

Vincenza, já anciã, cheia de sofrimentos físicos e de *“martírio espiritual”* sentia-se *unida a Jesus no caminho da cruz e do sacrifício*. Estava convencida que tal caminho é o «caminho do amor, da união com Jesus e com os irmãos e assim se cumpria em nós a vontade do Pai, suave união no Espírito com a dulcíssima Trindade. Exortava assim mesmo as irmãs a servirem ao Senhor na *exultação do sacrifício*, sob o modelo e auxílio de Maria Santíssima: *“Pequena Família Franciscana, sirvam ao Altíssimo à semelhança da Mãe de Jesus e nossa, cheia de graça. Cresçam na graça e sirvam ao Altíssimo na exultação do sacrifício, dom total de amor. Adorem e sirvam em Jesus na altíssima Trindade, salvação da humanidade. Ajudai-nos, Mãe cheia de graça, a crescer na graça, para que, na efusão do Espírito, a verdade brilhe no coração, suave força de vida, de amor, de sacrifício, de doação total. Como é belo o coração no esplendor da graça, de tal modo que [os outros] vejam a Jesus na beleza de nosso coração. Amem a Jesus com o amor do nosso coração a ele doado. Ajudai-nos, nossa Mãe, cheia de graça, para assemelhar-nos ao vosso coração imaculado, ardentemente unido à Santíssima Trindade. É esta a doce paz de vida humano-divina para nosso coração»*.¹⁶⁶

4. “Ó Trindade Santíssima, que habitas e vives em mim”

Concluindo tudo o que expusemos nas páginas precedentes, julgamos oportuno acenar especificamente

¹⁶⁵ *O Caminho do Amor* II, junho de 1974, p. 101.

¹⁶⁶ *Idem* II, março de 1978, pp. 128 e 129.

àquela estrofe ou antífona, que Vincenza por tantos anos colocou como saudação no início das cartas dirigidas às irmãs da PFF. Manuseando-as, nota-se que até 1961 as cartas eram iniciadas com a saudação *Jesus Amor*. Desde dezembro de 1963 foi substituída por uma breve estrofe onde se nomeia a Santíssima Trindade que *habita na alma* à qual Vincenza quer dar *adoração, agradecimento e amor*. Ei-la:

*«Meu Deus, Trindade Santíssima,
Pai, Filho e Espírito Santo,
que habitais em minha alma,
adoro-vos, agradeço-vos, amo-vos».*

De março de 1966 acrescentou ao verbo “*habitar*” a palavra “*viver*”: *que habitais e viveis em minha alma*. Claro está que se trata de uma *presença dinâmica, vivente e vivificante*.

De dezembro de 1972 usou-se habitualmente uma fórmula mais desenvolvida, mesmo que estejam explícitos os nomes de cada Pessoa divina:

*«Meu Deus, Trindade Santíssima,
que habitais e viveis em mim,
Adoro-vos, agradeço-vos, amo-vos!
Senhor, que eu fale de vós
conforme a vossa vontade.
Dai-me o querer e o agir.
Nada mais desejo que vossa vontade».*

A nova parte aludida, exprime a convicção de que Deus mesmo queria que Vincenza falasse da Santíssima Trindade às irmãs: é sua missão, sua responsabilidade para com as irmãs. A missão a ela confiada é delicada e

difícil e por isso solicita ajuda: *Dai-me o querer e o agir*. De sua parte não existe outro querer senão obedecer a Deus: *“Nada mais desejo que vossa vontade”*.

Vincenza apresentou por primeira vez esta nova fórmula às irmãs dizendo: «Seja assim também entre vocês, minhas filhinhas e irmãs. Aqui está o empenho de amor de toda alma consagrada. Aqui está a doce paz, na luz, na força suave do Espírito que move, guia, ensina, conduz à verdade e à vida».¹⁶⁷

Vincenza queria que aquela fórmula fosse própria de todas as irmãs, porque se via a síntese de sua vida. Vincenza amando a música e o canto, seu desejo era que fosse posta em música para que as irmãs a pudessem cantar. Seu desejo foi satisfeito e Vincenza o anunciou com muita alegria numa carta: «Agora sim, caras filhinhas, temos um canto, tudo pela Pequena Família Franciscana. Assim disse nossa irmã Djanira Luiza, Presidente Regional de Santa Cruz, de Belo Horizonte, do Estado de Minas Gerais, no Brasil. Estou sorrindo porque, ao menos geograficamente, vemos de onde é nossa irmã compositora da música. Cara Djanira, o Espírito Santo esteja sempre com você para inspirar-lhe celestes harmonias do Deus conosco, a dulcíssima Trindade. A minha alma exulta porque o canto dos nossos corações, todas unidas no Espírito Santo, adora, no meio do mundo, e da humanidade, o onipotente amor criador, adorável Trindade. Jesus é glorificado no Pai que nos deu a nós. É glorificado na oração de adoração do nosso coração, que vive em Jesus, nossa vida. Nosso padre, vice-assistente central prometeu-me que colocaria a música bem em evidência para dar oportunidade à

¹⁶⁷ O Caminho do Amor II, dezembro de 1972, p. 91.

todas as filhinhas de aprender o canto. Certamente o fará porque Padre Rocco mantém religiosamente sua promessa. E nós todas espalhadas pelo mundo, seremos a alegria de um canto que glorifica o adorado Senhor de nossos corações. Quanto mais o apertamos na cruz, da cruz prorrompe o canto puríssimo à verdade, ao infinito e onipotente amor, à vida, à dulcíssima Trindade que em nós habita».¹⁶⁸

Quanto à mesma Vincenza desejando de coração que as irmãs fizessem próprio este canto, se nota da conversa com Maria Mariani vinte dias antes de sua morte. A própria Maria Mariani contou. Vincenza há algum tempo não deixava mais o leito, sofria muito e estava completamente cega; mas seu pensamento estava sempre lúcido e presente. O colóquio favoreceu muito a recordação da história e da vida da PFF.

Nesse sentido escreve Mariani: «Uma pausa de silêncio, plena de recordações, depois, Vincenza continua: “Todas plenas de amor... Jesus amado, ouvido, servido, adorado porque com Ele está o Pai e o Espírito Santo: doce unidade!” Vincenza está exausta e eu procuro delicadamente deixar sua mão que aperta fortemente ao seu coração; mas há ainda algo a dizer-me, parece pressioná-la muito. Realmente: “E o canto da Santíssima Trindade? Será o hino da PFF”? Digo delicadamente: “Talvez seja um pouco difícil!” “Sim, mas alguém o tornará fácil!”». Realmente, muitas irmãs já o haviam aprendido.

No funeral de Vincenza, em 26 de março de 1982, com a participação de muitos fiéis, sacerdotes e muitas irmãs da PFF, ao término da Santa Missa, «eleva-se o dulcíssimo

¹⁶⁸ O Caminho do Amor II, dezembro de 1976, p. 120.

hino da Santíssima Trindade, cantado por uma de nossas irmãs da Lombardia’. Inefável encontro de almas! “O hino letra de Vincenza, a música, de uma irmã do Brasil». ¹⁶⁹

«A Eucaristia foi sempre o centro da minha vida».

CAPÍTULO II

A espiritualidade eucarística de Vincenza Stroppa

INTRODUÇÃO

¹⁶⁹ *O caminho do Amor*, II, *Último encontro de Maria Mariani com Vincenza*, p. 240.

Quem quer que tenha conhecido diretamente a Vincenza Stroppa ou por seus escritos, facilmente a reconhece como uma pessoa de intensa e iluminada espiritualidade eucarística. As páginas seguintes têm a finalidade de mostrá-lo com base em seus dados biográficos e em seus escritos.

Não há comparação entre a “vivência eucarística” de Vincenza junto a Deus, e tudo o que podemos colher de seus escritos e documentação. Isto não nos impede de realizar nossa pesquisa, nossa admiração e edificação. Vincenza, desde menina sentiu-se atraída pela Eucaristia. Desde sua primeira comunhão seu relacionamento com a Eucaristia foi sempre num “crescendo” e, quando impedida de recebê-la sacramentalmente, a insatisfeita “fome e sede” de Jesus eucarístico se tornavam um verdadeiro “martírio”.

Aqui tentamos coordenar os dados reagrupando-os no seguinte esquema: Ter presente sua “formação inicial” nos anos de sua infância e juventude. Examinar sua “vivência eucarística” nos anos de sua idade adulta. Finalmente tratar dos ensinamentos pertinentes à Eucaristia expostos por Vincenza às irmãs da Pequena Família Franciscana através de seus escritos.

I. NOS ANOS DA FORMAÇÃO INICIAL

A primavera da vida é a infância e a juventude, ricas de impulsos vitais, de expressões e de espera. Um fervoroso período de entusiasmo, mas também com crises, que os fatores do crescimento, não isentam de sofrimentos. Isso também aconteceu a Vincenza.

1. Fim da infância

Fatores que contribuíram para que Vincenza se sentisse atraída por Jesus, particularmente na Eucaristia: vida familiar num clima sinceramente religioso; a primeira freqüência no asilo das religiosas; o oratório paroquial. Ela mesma conta que quando menina de apenas oito anos, freqüentando o oratório, a irmã superiora a atendia sempre, quando Vincenza lhe rogava que falasse de Jesus. Tais conversas foram realmente eficazes, pois, aos nove anos, a própria superiora insistia com o pai a propor ao pároco a admissão de Vincenza à primeira comunhão, pois estava bem preparada eucarística e espiritualmente. Vincenza, por sua vez, ansiava receber a Jesus eucarístico.

O desejo era de difícil realização. Vincenza conta: «Meu pai esteve logo de acordo, mas a mamãe não, porque queria ajustar-se ao costume do lugar, pois a comunhão se fazia aos doze anos. O pároco também estava de acordo [mais a irmã e o papai] e decidiram que faria a primeira comunhão. Eu estava felicíssima».¹⁷⁰

Contando a história após tantos anos, Vincenza parece não dar tanta importância ao fato; após haver dito “que estava felicíssima”..., mas acrescenta: «afinal, a meu modo, porque àquela idade!... »..

A hostilidade da mãe persistiu até o dia do rito litúrgico, aliás, motivo de muito sofrimento para Vincenza, que, «não dando importância à bofetada da mãe irritada,

¹⁷⁰ *Quinquagésimo ano da fundação da PFF*, Mimeografado, p. 6. Citado por Rocco Barbariga, *Vincenza Stroppa mestra de vida e de espiritualidade*, 2005, p. 22.

correu para a Igreja paroquial com imensa felicidade no coração. Desde então, comungava sempre que podia».¹⁷¹

A compreensão do dom eucarístico era necessariamente limitada à inteligência numa menina de nove anos, não o era pelo anseio de seu coração. Vincenza, anos mais tarde, ao recordar os inícios de sua piedade eucarística confidenciou a Maria Mariani: «Aos nove anos e meio fiz minha primeira comunhão com grande desejo. Desejo este que aumentou sempre mais. Quando o Senhor Pároco me disse que o Papa Pio X havia dado a licença para comungar todos os dias, para mim foi uma grande alegria; por isso, quis e ainda quero tanto bem a São Pio X. A Eucaristia tornou-se para mim o centro de minha vida. Suportava tudo para receber a Jesus».¹⁷²

Vincenza, dos doze aos dezessete anos, foi operária numa pequena oficina, mas tal não impediu de comungar todas as manhãs. Na oração e no encontro quotidiano com Jesus crescia-lhe o desejo e a vontade de a Ele consagrar-se totalmente.

Os poucos meses de 1911 que viveu como postulante no convento das Irmãs de Maria Menina em Milão, parecia-lhe viver «como se tivesse entrado no paraíso [...]. Na comunhão Jesus me unia a si num futuro distante, longínquo, que eu não sabia».¹⁷³

¹⁷¹ *O Caminho do Amor*, I, *Lembranças biográficas da sobrinha*, p. 164.

¹⁷² *O Caminho do Amor* II, *Cartas a Maria Mariani*, 13 de novembro de 1960, p. 172.

¹⁷³ *O Caminho do Amor*, p. 173.

2. Nos anos da juventude

Podemos colocar nesse título a fase entre os anos de 1912 a 1919 na qual Vincenza freqüentou a “Escola Técnica” em Chiari e a “Escola Normal” em Treviglio, obtendo o diploma de Professora Elementar. «São anos contemporâneos à Primeira Guerra Mundial. Nesse período, a piedade eucarística de Vincenza lhe inspirou um grande desejo de união com Cristo para expiar e reparar as ofensas contra Deus, que parecia envolver completamente o mundo. Isso transparece das cartas de direção espiritual, que o Padre Beditino Alessandro Malèr lhe enviava para aconselhá-la e confortá-la».¹⁷⁴

Vincenza, parece, gostaria de fazer penitências e sacrifícios além das usuais, não lhe sendo permitido. Padre Malèr, reconhecendo-lhe as boas intenções, escrevia-lhe que a «fome e a sede de amor divino» são dons de Deus, mas ser «instrumento de expiação e purificação para o mundo» é apenas conforme a vontade de Deus. Recorda-lhe que «seu programa de vida estava reduzido a essas poucas palavras: Jesus continua a salvar o mundo em mim e por mim». Acrescentava: que «o onde é uma questão secundária». O que conta «é o amor, ou antes, o próprio Jesus, no coração da qual (a esposa) vive, morre e respira. Seja esse seu conforto cada vez que pensa em determinados sacrifícios impostos pelas circunstâncias. A vontade infalível de Deus é que todo o sofrimento, cada privação, cada sacrifício seja aceito com amor».¹⁷⁵

¹⁷⁴ Talvez pareça excessivo o espaço que dado a este relacionamento epistolar, mas é útil para a compreensão do drama interior de Vincenza e da força de sua piedade eucarística.

¹⁷⁵ *O Caminho do Amor*, I, *Cartas do Padre Alessandro Malèr a Vincenza*, 6 de julho de 1916, p. 132.

Numa carta posterior Padre Malér retorna ao assunto sobre «sentimentos e desejos» bons, que o Senhor suscita em nós, mas, na prática, «nos obriga a sufocá-los, uma vez que a obediência não permite realizá-los. Acrescenta: esta é “tática divina”. Deus dá a vontade da mortificação não permitindo depois efetua-la. Tal privação torna-se para a alma uma mortificação muito mais dura que todas as outras», mas ajuda a alma a se purificar de toda complacência de si mesma e de toda apropriação da vontade. Assim, «Jesus deixa a vontade sempre viva, para tornar mais viva a dor da privação. Nesse estado o mérito é duplicado: o desejo de sofrer torna-se uma nova cruz que melhor purifica a alma, rendendo mais glória a Deus. Seja este seu refúgio seguro, cara filha». Antes do término da carta Padre Malér acrescenta uma última exortação: «sem omitir seus deveres de filha obediente, não tema multiplicar suas visitas a Jesus Sacramentado: será uma consolação para Ele e um refrigério para você».¹⁷⁶

A referência à Eucaristia está também explícita na carta de 16 de agosto de 1916. Transparece aqui que Vincenza tem dentro de si uma «tendência viva e permanente, que lança sua alma para o tabernáculo». Padre Malér afirma que é puro dom de Deus ser chamada para «amar e sofrer pelos que não o sabem fazer»; quem é escolhido para tal, deve se sentir muito feliz e reconhecido ao bom Deus que o faz instrumento em suas mãos.¹⁷⁷

Na carta de 31 de agosto retorna o tema da “sede e fome” de Jesus. Escreve Padre Malér: «Quão bom é seu Jesus para você! A sede e fome dele que sempre a

¹⁷⁶ *Idem I*, 28 de julho de 1916, p. 133.

¹⁷⁷ *Idem I*, 16 de agosto de 1916, p. 134.

atormenta é efeito de seu amor por você. É Ele que suscita, mantém, aperfeiçoa tais sentimentos. A prova disso está naqueles momentos de aridez, quando seu Deus se esconde e parece não mais pensar em você».¹⁷⁸ Recorda-lhe que para satisfazer o amor que sente por Jesus não é necessário realizar obras extraordinárias, mas «simplesmente amá-lo».

A exortação para amar o Senhor volta na carta de 15 de setembro de 1916. Aparecem de novo os conceitos de Jesus *que atrai a alma a si como seu centro* e o conceito da *união com Deus como fim último da vida espiritual*. Padre Malér escreve: «Ele continuamente mantém aceso o fogo ardente da caridade ao qual com uma força irresistível [Jesus] atrai a ele sua alma como centro, produzido em você um tormento da divina caridade que jamais se sacia de amar. Não procure outra coisa, cara filha, senão de amar e amar sempre. A vida espiritual tem como último objetivo a união com Deus por meio da santa caridade. A alma que tende à perfeição deve, pois, em tudo buscar o amor. Tudo em sua vida dever um meio de se aperfeiçoar e de conquistar a caridade».¹⁷⁹

A 12 de outubro de 1916 falece, no hospital de Chiari, o pai de Vincenza, após uma operação de hérnia e uma parada cardíaca. O fato ocasionou-lhe uma profunda dor: havia perdido, entre seus familiares, a pessoa que mais que ninguém a compreendia e a animava.

Padre Malér teve notícia da morte somente no outro novembro. Escreveu uma carta de conforto à sua filha espiritual iniciando-a assim: «Cara filha em Jesus, o

¹⁷⁸ *O Caminho do Amor I*, 31 de agosto de 1916, pp. 135, 136.

¹⁷⁹ *Idem*, 15 de setembro de 1916, p. 137.

seu papai passou do calvário para os braços amorosos de seu criador. Ao receber esta manhã, a notícia tive um sentimento de viva dor, não somente por ele, mas por você, adivinhando, nas ouças letras, quanto sofrimento estava escondido em seu coração». Aparece aqui quanta estima tinha o sacerdote beneditino pela fé de Vincenza; continua: «Seria enganá-la se a exortasse a ter uma resignação cristã porque você não aceita a vontade de Deus forçada, você o ama e neste amor encontrará a força, o heroísmo para carregar a sua cruz». Prosseguindo a carta Padre Malèr oferece-lhe iluminadas considerações de fé e testemunhos bíblicos, seguro de não estar enganado. Acrescenta depois: «Não é certo, cara filha, que não se negaria a viver uma eternidade de dor, se com isto, fosse possível, para provar seu amor ao seu Dileto? Tal pensamento muito me conforta porque me faz compreender que você estaria amorosamente forte sob a mão daquele que a prova sempre com amor. Seu canto foi: Ou sofrer ou morrer. Seu desejo agora foi completamente atendido».¹⁸⁰

Provavelmente, à dor da perda de papai, surgiram outras dificuldades. Vincenza foi tentada a renunciar aos estudos e buscar um trabalho para viver, devido às condições em que se encontrava a família. Sua irmã maior a exortava a continuar os estudos tanto mais que esta era também a vontade do papai. Que fazer? Decidiu obedecer e confiar na vontade do Senhor. É neste contexto que se explica o que escreveu numa carta que conservou sem data de dia ou mês, mas certamente por volta de 1916. Escreve Padre Malèr: «... vejo nisto um sinal de predileção por você. Sim cara filha, Jesus a ama

¹⁸⁰ *O Caminho do Amor I*, 17 de novembro de 1916, pp. 139 e 140.

com um amor que Ele mesmo não se faz entender, porque seu coração é finito, como a sua inteligência. Inclina a cabeça, adora este mistério de amor, procura ser um instrumento fiel em suas mãos. Melhor ainda: ofereça toda a si mesmo a Ele a fim de que possa servir-se de seus membros para poder continuar em você a sua paixão, oferecendo a Deus reparação pela iniquidade do mundo. A mesma fome e sede de Jesus, que diariamente se lhe torna um tormento, será aquele martírio suspirado por você. Oferece seu sangue a Ele como Ele o oferece no altar, de maneira invisível, mas real, e assim não será em vão seu desejo». ¹⁸¹

Morando em Treviglio para freqüentar o triênio da Escola Normal Vincenza continuou sua vida de fé e de comunhão eucarística, que a tornava sempre mais resoluta e corajosa para testemunhar suas convicções religiosas diante de professores de tendências maçônicas. Vincenza, referindo-se àquele período, escreveu: «A Eucaristia era sempre o centro de minha vida». ¹⁸²

Era um tempo de guerra e de grandes sofrimentos. Além disso, Vincenza tinha problemas no ensino, onde se manifestavam prejuízos e desprezo pela religião. Acrescente-se a isto sua amargura pela difusão do «sensualismo no mundo e até mesmo nas almas de profissão de vida interior». Daí a necessidade da oração daquelas almas que Jesus escolheu como instrumento de expiação. Segundo Padre Malér, essa a missão de Vincenza: Escreveu-lhe: «Esta é sua missão, cara filha, não a perca vista sequer por um instante. Que tudo em

¹⁸¹ *O Caminho do Amor I*, 1916, p. 130.

¹⁸² *Idem I, Cartas de Vincenza Maria Mariani*, 13 de novembro de 1960, p. 176.

sua vida: oração, sacrifícios, amor, tenda a formar apóstolos. Tenho confiança que, apesar da multiplicação do mal, Jesus plantará uma bela messe de almas nos tristes dias em que vivemos». ¹⁸³

Vincenza, nos anos de sua juventude, deu provas não só de seriedade nos estudos, mas também no crescimento constante da união com Cristo, amando, sofrendo, atuando para fazer com que o Senhor fosse conhecido e amado.

II. UMA VIDA INTENSAMENTE EUCARÍSTICA

Aos vinte e seis anos Vincenza conseguiu em Treviglio o diploma de professora. Voltando à sua terra natal dedicou-se à escola, às atividades paroquiais e ao serviço de sua família. No meio de tanta atividade continuou a cultivar sua intimidade com o Senhor, fazendo da Eucaristia e da Palavra de Deus, o alimento de sua vida e a dedicação ao apostolado.

Esta parte é dedicada aos anos da maturidade e velhice de Vincenza. Iniciamos com a lembrança de um fato singular de sua vida, no segundo ano de seu ensino; coletamos alguns textos que demonstram sua constante “fome e sede” de Jesus eucarístico e como fez da Eucaristia a alma de seu viver; por fim, referimos alguns testemunhos sobre Vincenza, como adoradora do Santíssimo Sacramento.

¹⁸³ *O Caminho do Amor, Cartas de Padre Alessandro Malè a Vincenza*, 13 de maio de 1917, p. 152.

1. “Como presente, Ihe deixou as partículas consagradas no tabernáculo”.

Vincenza estava bem inserida no corpo docente da Escola Elementar de Urago d’Oglio e nas atividades da Paróquia; mas no ano letivo de 1920-1921, a conselho do Provedor, aceitou lecionar como professora única de muitas classes em Vissona, distrito montanhoso de Piancamuno no Vale Camonica. Quando lá chegou sofreu amarga surpresa ao constatar que a Igreja daquele distrito sofria a pena eclesiástica do “interdito”, isto é, sem sacerdote e proibida de ali serem celebrados os sacramentos.

Vincenza sofreu muito com tal situação, habituada que estava com a comunhão diária e com os longos momentos de adoração diante do Tabernáculo. Remediava em parte tal situação descendo, às quintas-feiras e domingos, por caminhos íngremes para paróquias vizinhas. «Para ela era um sofrimento não haver Jesus no tabernáculo e às quintas-feiras descia a uma localidade vizinha para participar da missa e estar um pouco com Jesus. Contava rindo os tombos que levava nos atalhos para chegar a tempo à Santa Missa». ¹⁸⁴ Vincenza, à sua atividade de professora na escola, agregava a de catequista e educadora para a meninada e para as moças do lugar. À tarde reunia na igreja (já ordenada por ela) para juntos rezarem as orações da tarde. Além disso, dizia: «Conseguí reunir os jovens e, aos domingos estudávamos o catecismo e os cantos». ¹⁸⁵

¹⁸⁴ *O Caminho do Amor I, Recordações biográficas da sobrinha*, p. 174.

¹⁸⁵ *O Caminho do Amor I, A Irmã Vincenza fala de si*, p. 10.

Em pouco tempo Vincenza atraiu a benevolência das famílias e assim, pouco a pouco, transformou o sentido religioso daquela gente e preparou o povoado para acolher, em visita pastoral, o bispo Giacinto Gaggia, que veio para retirar o “interdito”.

Quando o bispo chegou ao povoado, falou àquela gente, com a assistência de todo o povo, celebrou a Santa Missa e os meninos e meninas fizeram sua primeira comunhão bem preparados por Vincenza. «Para a visita pastoral Vincenza havia preparado seus alunos com cantos, poesias e palavras especiais de perdão. Uma aluna havia pedido perdão, mas o Bispo fez com que a aluna se voltasse para o sacrário e disse: Peça-o a Ele».¹⁸⁶ Após a celebração litúrgica, o bispo se reservou um tempo para entreter-se com Vincenza. Escutou-a falando-lhe longamente; prometeu-lhe enviar um sacerdote para celebrar a Eucaristia todos os domingos. Comovido pela fé e piedade eucarística de Vincenza: «*Como presente lhe deixo as partículas consagradas no tabernáculo dizendo: Faça-o somente por ti*».¹⁸⁷ Vincenza acrescenta este particular: «*O Bispo me disse para não chorar mais porque tenho comigo o Senhor*».¹⁸⁸

2. Fome e sede de Jesus Eucarístico

Ao passar dos anos a piedade eucarística de Vincenza continuava a ser o centro de sua vida. Circunstâncias e enfermidades várias obrigaram Vincenza a dolorosas privações de Jesus Eucarístico, mas jamais diminuiu sua “fome e sede” de Jesus, nem sua adoração mesmo longe

¹⁸⁶ O Caminho do Amor I, *Lembranças biográficas da sobrinha*, p. 175.

¹⁸⁷ *Idem*, p. 175.

¹⁸⁸ *Idem*, *A Irmã Vincenza fala de si*, p. 15.

do sacrário. Quanto a esta “vivência eucarística”, eis algumas confidências pessoais de Vincenza.

Encontrando-se em São Pedro, em Cariano (Verona), junto a uma sobrinha, expressou seu amargo desprazer: «Estou aqui longe de todos e de tudo, principalmente longe de Jesus Eucarístico, pois, a Igreja fica muito longe». ¹⁸⁹

Seis anos mais tarde ao escrever ao Padre Leonardo Tasselli, Vincenza lhe pediu: «Ofereça-me sobre o altar a Jesus e igualmente minha sede e fome de graça e santidade e também fome da Eucaristia, pois, raramente posso comungar, e por causa da minha vista, devo esperar por companhia e ainda por cima pela minha fraca saúde». ¹⁹⁰

O mesmo pedido é repetido alguns meses mais tarde: «Ofereça-me a Jesus sobre o altar do amor, ofereça-me a mim mesma e meu desejo que [Jesus] seja amado por todos os homens, por toda a humanidade, e me ofereça com a minha fome e sede Dele na Eucaristia. Raramente posso ir à Santa Missa aos domingos e preciso de acompanhamento devido à minha quase total perda da visão». ¹⁹¹

Vincenza, ao escrever ao Padre Giuseppe di Lazzaro, lhe confiava: «Tenho tanto desejo da Eucaristia. Correm lágrimas de meus olhos que retorna ao coração. Devo sofrer tanto. Escondida no meu ninho vós me oferecestes em holocausto. Cumpra-se vossa vontade.

¹⁸⁹ *O Caminho do Amor I, Cartas de Vincenza a Maria Mariani*, 10 de março de 1960, p. 169.

¹⁹⁰ *Cartas de Vincenza ao Padre Leonardo Tasselli*, 12 de março de 1975. Inédito.

¹⁹¹ *Idem*, 4 de dezembro de 1975.

Que infinito sofrimento as almas sentem longe de Jesus». ¹⁹²

O motivo do sofrimento e das lágrimas de Vincenza é sua forçada privação da Eucaristia e igualmente o afastamento das pessoas, de Jesus. É isto que ela reitera numa carta posterior: «Sim, meu Padre, desde pequena senti fome e sede da Eucaristia, sempre a tenho. O coração adora o meu Jesus e o adora por toda a humanidade. Quanto sofrimento, meu Padre, pelo fato de Jesus não ser amado. Procuram-no, mas onde? Jesus vive conosco, sua humanidade redimida». ¹⁹³

Vincenza, sete anos antes havia escrito a Padre Giuseppe uma carta cujo início era: «Meu Padre, estou triste, tão triste. Tenho sob meus olhos as palavras de um livro infame difamando a Jesus e outro que destrói a Eucaristia: são livros oferecidos à juventude no início da nova estação». A esta altura a “tristeza” de Vincenza toma um ímpeto de zelo pela verdade cristã: «E nós, corações consagrados, que fazemos se compactuamos com o erro deles, falsa aparência. A diplomacia não é caridade. No Sermão da Montanha não há diplomacia; há, ao contrário, a veracidade dos componentes da caridade; há força pacífica que teme, que não evita sofrimento algum para que a caridade seja viva, viva e atuante na veracidade do Espírito Santo». ¹⁹⁴

3. A Eucaristia como vida

Vincenza, às vezes, deixava transparecer algumas experiências suas sobre a Eucaristia. Provavelmente foi

¹⁹² *Cartas de Vincenza ao Padre Giuseppe Di Lazzaro*, 6 de setembro p. 177. Inédito.

¹⁹³ *Idem*, 5 de junho de 1972.

¹⁹⁴ *Idem*, 29 de setembro de 1972.

depois de uma comunhão que Vincenza se sentiu inspirada a escrever as seguintes confidências às irmãs da PFF: «Caríssimas, eu lhes falo com uma paz profunda, com vida plena, que perpassam meu ser. O Corpo e o Sangue de Cristo nutriram, assimilando minha carne, o meu sangue. Cristo Senhor vive em mim. A força vital divina da humanidade do Verbo assimila minha humanidade e Cristo Senhor vive na minha humanidade. A força vital de sua humanidade divina vive no mundo e atrai a si todos os corações».¹⁹⁵

Apesar de impossibilitada de receber a Eucaristia, Vincenza vive sua comunhão espiritual em atitude de adoração e de participação na vida trinitária. Escreve: «O Coração Eucarístico de Jesus, apesar de longe, no tabernáculo, me dá vida, vida intensa, nova vida que aumenta com amor e dor para elevar as almas à adoração, ao amor da Trindade Santíssima, Amor, Vida. A alma abismada em Jesus suplica graça, graça para as almas; adora o Pai, a Trindade Santíssima incessantemente operante com participação da alma na união com as Três Pessoas Divinas das quais procedem o Amor e a Vida para a Humanidade».¹⁹⁶

Quando participava da Santa Missa, o gozo da união se prolongava “no silêncio da adoração” como aparece num trecho da carta: «Nesta manhã, domingo, há pouco participei da Santa Missa; estou ainda em profundo silêncio em adoração no envolvimento em que o Senhor me coloca. Nada a toca à união nem a participação na vida humana; esta se envolve na plena

¹⁹⁵ *O Caminho do Amor*, II, *Cartas de Vincenza às Irmãs da PFF*, setembro de 1969, p. 71.

¹⁹⁶ *Cartas de Vincenza para o Padre Leonardo Tasselli*, 10 de agosto de 1970. Inédito.

vida de união e não sou senão Amor, Vida, doce gáudio».¹⁹⁷

Outra vez escreve: «Neste instante volto da Santa missa. A Santíssima Trindade se uniu a mim, em Jesus dentro de meu corpo. É infinita e aumenta no seu divino infinito, nossa plenitude de sua vida divina».¹⁹⁸

Para Vincenza, cada comunhão eucarística era uma participação e imersão na vida Trinitária. Vejamos esta outra confidência: «Volto neste instante da Santa Missa. Com plena e celeste paz. Jesus e o Pai e o Espírito vivem no meu coração. Jesus não está mais sozinho, está sempre unido ao Pai na união do Espírito Santo».¹⁹⁹

Para Vincenza a ação transformadora da Eucaristia era uma experiência excitante. Várias vezes a expressava em seu agradecimento e até a escreveu como se vê nos seguintes trechos da carta ao Padre Giuseppe Di Lazzaro:

«Recebi Jesus Eucaristia que me faz bela, santa: bela, pela sua Beleza, vida, pela sua Vida». «Hoje pela manhã recebi Jesus. Sabe como torna belo meu corpo e meu sangue todo purificado pelo seu Corpo e pelo seu Sangue».²⁰⁰

Vincenza não era uma pessoa encerrada em si mesmo. Do seu relacionamento de amorosa comunhão com Jesus, que se entregava a ela para viver sua vida, tirava a força para amar o próximo, doar-se aos outros,

¹⁹⁷ *Cartas de Vincenza ao Padre Giuseppe Di Lazzaro*, 28 de março de 1976, Inédito.

¹⁹⁸ *Idem*, 24 de julho de 1977.

¹⁹⁹ *Idem*, 29 de outubro de 1978.

²⁰⁰ *Idem*, 8 de novembro de 1977; 18 de novembro de 1879.

dar testemunho da fé, interceder e expiar os pecados de toda a humanidade.

4. Adoradora de Jesus Eucaristia

De tudo quanto se falou, aparece claramente como Vincenza viveu o espírito de adoração eucarística, mesmo quando impedida de estar diante do Tabernáculo. Gostaria de apresentar duas testemunhas que a descrevem como assídua e quase estática adoradora.

A primeira testemunha é de Dom Mário Fattorini, pois, quando menino foi companheiro de escola de Vincenza. Por ocasião do funeral da professora referiu algumas lembranças pessoais. Entre as lembranças refere a preciosidade seguinte: «O dever de falar me transporta em tempos passados, na minha juventude, melhor, na minha adolescência. Naquele tempo amadurecia-me a Idéia de me tornar sacerdote e penso com certeza que uma parte desse amadurecimento devia à Professora. Vê-la freqüentemente na Igreja e toda absorta em contemplar a Jesus Sacramentado, para mim foi o ensinamento da oração. Haviam-me falado os sacerdotes para refletir sobre a oração na minha futura escolha. Por isso andava, vez por outra, nas mais insólitas horas do dia, a fazer uma visita na Igreja... e eis que ela aparecia nessas insólitas horas para ter a companhia do Senhor. Foi este o primeiro ensinamento transmitido sem necessidade de palavras e sem sabê-lo».

O segundo testemunho nos refere Dom Luigi Venne, vigário paroquial de Urago d'Olio nos anos de 1968 a 1971. Começa seu depoimento dizendo que a professora Vincenza, em sua vida, nos seus relacionamentos com os outros, na sua maneira de ensinar e de se comunicar, sabia falar de Deus como se lhe fosse familiar ver o

invisível. Depois: «Onde conseguia tal força de persuasão espiritual, de encorajamento, de confiança, de solicitude materna por quantos encontrava casualmente pelas ruas»? Eis a resposta: «Talvez nem todos saibam quanto tempo a Professora passava na Igreja em silenciosa adoração contemplativa da Eucaristia, aquele Pão da Vida sempre conosco. Nas horas mais insólitas, se eu passasse pela Igreja, ela estava aí vigilante, atenta guarda daquela presença vivificadora e colaboradora».

III. ENSINAMENTOS EUCARÍSTICOS NOS ESCRITOS DE VINCENZA PARA A PEQUENA FAMÍLIA FRANCISCANA

O fim pretendido por Vincenza e que propunha à Pequena Família Franciscana, era *a união com Deus*, mais precisamente *a união com as Três Pessoas Divinas*, mas na condição plenamente secular. Tinha bem claro para si e provada por sua vida, que, para tal finalidade, a via mais direta e eficaz era a comunhão espiritual e sacramental com Jesus na Eucaristia. Portanto, era de se esperar que o tema eucarístico tivesse um lugar proeminente nos escritos dirigidos às suas “filhinhas e caríssimas irmãs”.

Expomos então os textos referentes à espiritualidade eucarística que Vincenza propunha ao seu Instituto. Tais textos tomam um tom exortativo próprio de quem se sente chamada a animar a vida consagrada de suas irmãs, mas com uma conotação autobiográfica. Vincenza não propõe teorias, mas fruto de longas horas de oração, de reflexões e de experiências pessoais. Em vão se espera tratados de teologia, dogmática ou moral, mas afirmações e exortações que Vincenza queria

infundir nas almas das irmãs de ideal e, possivelmente, nos corações de cada pessoa humana.

Seguiremos este caminho. De início examinaremos as poucas páginas que Vincenza dedicou ao tema da Eucaristia no escrito *Para viver minha vocação*. Em seguida colhemos as considerações e exortações sobre a Eucaristia contidas nas *Cartas de Vincenza às irmãs da Pequena Família Franciscana*. Finalmente acenamos brevemente à Eucaristia exposta no *Testamento espiritual de Vincenza*.

Apresento como introdução geral um breve escrito de Vincenza, publicado no *Boletim da TOF em São Caetano em novembro-dezembro de 1929*. Seria um comentário ao artigo da *Regra da TOF*, de como se aproximar do Sacramento da Comunhão. Ei-lo.

«Ó meu Rei, no céu vos gozaremos face a face na plenitude da perfeição. Ó meu Rei, que maravilhas o homem recebe no vosso sacramento de amor! Vossa criatura pobre, miserável, ignorante, cheia de defeitos, voltada para a terra pela ruína do pecado, por vossa graça surge como rainha. E se cada sacramento é um canal de graça, a Eucaristia é o sacramento do vosso amor. Com Ele se dá a verdadeira transformação. Com Ele procedem a intimidade, os dons, a maravilha da união. Dulcíssimo Rei, daqui provém a magnificência da vossa realeza.

Vós vindes, e oh! Que riqueza! Onde haveria senão espinhos, azedume, miséria e dor, eis um jardim onde a abundância e as delícias não existem similares na terra. Vós transformastes vossa amada! Não mais escrava, mas rainha, bela com a celeste beleza, rica das magnificências do reino eterno. Não tomarei mais em conta minha pobreza; minha fraqueza não mais existe.

Desapareceu por completo minha miséria. Vós, Rei Magnífico, poderoso, santíssimo, viestes ao meu encontro. E eu nada fiz senão aguardar-vos, auscultar-vos, agradar-vos, falar-vos, doar-me, gozar-vos, amar-vos. Amar-vos, ó meu Rei mais esplendente que o sol, riquíssimo de todas as magnificências, maior que o céu.

Quando entrais em meu coração, vós trazeis sempre riquezas imensas! Vossa potência não tem fim. Que minúscula se torna a terra! Cada coisa é um nada. Permanece somente minha fraqueza, vosso amor, a visão beatífica das almas. Só vós permaneceis. A alma se perde em vós. Tudo é nada, ó meu Deus! Amar-vos somente. Oh! maravilha! Oh! suave grandeza do amor de meu Rei. Vosso poder criou o homem e o vosso amor o faz reinar convosco. Ó, meu doce Rei, eu sou escrava a vossos pés na felicidade de vosso amor. Eu, vossa criatura, gozo vosso amor e vos amo. E transformais a miséria em celeste riqueza. Abramos o coração, ao altíssimo Rei que entra com a magnificência de seu amor. E transforma a miséria em celeste realeza. Faz da fé de vossa criatura o triunfo do vosso amor e o esplendor de vossa glória. Que força há diante da doce Potência do dominador dos corações! Nada nos atrai da grandeza humana! É espantosa nulidade, miséria terrível! Oh! alegria, reinar com Cristo, reinar com o Amor, isto é grandeza!».

1. “Para viver minha vocação”

Esta obra havia sido escrita já em 1936²⁰¹. O subtítulo era *Comentário à Regra*. Era natural que Vincenza ressaltasse que a *Regra* fora dada a pessoas que, *por*

²⁰¹ O Caminho do Amor I, *Para viver minha vocação*, pp. 39-75.

vocação, foram chamadas a uma *vida de amor*, que requer o santo *temor de Deus*, a renúncia ao próprio eu, o *morrer totalmente a si mesmo para alcançar a perfeita caridade*, isto é, aquela *vida de união*, que é *união própria de Deus*. «Quando Deus se une à alma, esta se torna um só espírito com Ele, isto é, com sua própria vida».²⁰²

Para conseguir tal união, necessário se faz a *oração*, uma *oração contínua*, como resposta ao amor do Senhor, que nos precede, uma oração na qual Deus se comunica conosco e nos *transforma*, uma oração que pode e deve continuar ainda, mesmo no cumprimento dos próprios deveres diários, porque é essencialmente amor ao Senhor. O alimento dessa oração é o nutrir-se da Sagrada Escritura, especialmente do Evangelho, Palavra de Deus.

Nesse ponto, Vincenza começa a expor o assunto que nos interessa. Trata-se de um breve capítulo de apenas três páginas, com o título *A Santa Comunhão e nossa vida eucarística*²⁰³. O texto serve para evidenciar as considerações de Vincenza, no esquema: a) *a vida deve ser eucarística*; b) *a eficácia transformadora da Eucaristia*; c) *adorar e clamar por Jesus Eucarístico*; d) *a santa Comunhão*.

A) A VIDA DEVE SER EUCARÍSTICA

Vincenza antecipa que a Regra estabelece para a manhã: «Imediatamente na Igreja para a Santa Missa e a Santa Comunhão»; à tarde, “Um último pensamento a Jesus Sacramentado, antes de dormir, como preparação

²⁰² *O Caminho do Amor I*, p. 45.

²⁰³ *Idem I*, pp. 55-56.

para a Santa comunhão»; Em seguida tece suas considerações. Sustenta que a vida das irmãs consagradas deve ser essencial e continuamente eucarística. «Nossa vida é vida para o altar, isto é, deve ser uma vida voltada ao altar ainda que não possamos estar aos pés do tabernáculo senão poucos momentos». Motivação: é mediante a Eucaristia que *Jesus forma suas esposas*. «Se quisermos nos tornar esposas do Amor Divino é necessário aprender a viver no altar o nosso Amor Jesus, Filho de Deus. Nosso posto é aos pés do tabernáculo, à semelhança de nosso Seráfico Pai, que, aos pés do santo Tabernáculo, passava noites inteiras e, longe dele, seu pensamento estava sempre voltado para a Eucaristia. É no Tabernáculo que a alma se aprofunda em seu Deus. É no Tabernáculo que Jesus forma suas esposas». ²⁰⁴

B. A EFICÁCIA TRANSFORMADORA DA EUCARISTIA

Como Jesus “forma” suas esposas? Como é possível deixar-se formar por Ele? Eis as respostas de Vincenza:

- Antes de mais nada, a aproximação de Jesus exige fé que nos possibilita *vê-lo invisível* e a verdadeira Fonte da *Vida*: «Sua Majestade não é visível, mas nós sabemos que ele vive na Eucaristia, Amor encarnado que quis ficar na terra. Homem—Deus que tem nas mãos a vida do homem, porque Ele é a Vida. Quis permanecer conosco, escondido no santo Tabernáculo para nos dar a vida». ²⁰⁵

²⁰⁴ O *Caminho do Amor I*, pp. 53 e 54.

²⁰⁵ *Idem*, p. 54.

- Inseparável da fé é o Amor, condição indispensável para ter vida divina: «E a vida Ele nos dá no amor, porque Ele é o Amor. Eis a condição: o Amor. No tabernáculo Ele é o Amor Vivo e quando sua criatura dele se aproxima ao seu Tabernáculo com o desejo de amá-lo, Ele, tão bom, se antecipa e dá o amor e no amor Ele dá a Vida».²⁰⁶ Amando Jesus na Eucaristia e em união com Ele, se *transforma nossa humanidade e lhe dá suas santas qualidades*; melhor, as faz viver *uma vida única com a Dele*: O lugar de nosso coração é o tabernáculo, onde vive o adorável coração do adorável Amor Jesus, Filho de Deus, Nosso Senhor. Junto à Eucaristia, intimamente unidas à Eucaristia e ao recebê-la, se produz o intercâmbio de amor e o dom da parte de Jesus Cristo, Deus e Homem. Sua Santíssima Humanidade transforma nossa humanidade e lhe dá suas santas qualidades. Sua divindade nos dá sua vida divina, vivendo assim uma só com a Dele²⁰⁷.

C) ADORAR E CLAMAR PELA EUCARISTIA

Se o dom da Eucaristia e seus frutos são grandes, é obvio que se deve, cheias de gozo, *adorar com todo o amor o Doador e pedir estar sempre com Ele*. Vincenza assim reforça sua idéia.

- Sim, é difícil explicar, mas a conclusão é necessária: «Compreenderemos o dom da Eucaristia só no paraíso». Admitindo os limites de nossa compreensão, no entanto, Ele quer que *não ponhamos limites* à adoração amorosa. «Pelo menos que na terra o adoremos com todo amor, nós, suas esposas, nós que

²⁰⁶ O Caminho do Amor I, p. 54

²⁰⁷ *Idem*, p. 54

queremos ser todas amor divino para Ele. Corramos a Ele, realmente, como cândidas pombas, que não têm outro arrulho a não ser a adoração amorosa a Ele, Deus vivente de amor por nós na terra. Não haja em nosso coração outro vôo, a não ser aquele de voar com asas estendidas e clamando o Santo Tabernáculo onde vive nosso Jesus. Sempre que possível, corramos a Ele desejando inclinar nossa cabeça em profunda adoração à sua majestade divina encarnada e escondida».²⁰⁸

- Ao entrar numa Igreja onde se conserva a divina Eucaristia, o primeiro impulso é *de fé e amor em adoração*. «Quando entramos numa Igreja onde se conserva a divina Eucaristia, digamos com viva fé a oração que nosso Seráfico Pai nos ensinou e nos deixou no seu testamento: *Nós vos adoramos, Santíssimo Senhor Jesus Cristo, aqui e em todas as vossas igrejas que estão no mundo inteiro. E vos bendizemos porque pela vossa santa cruz remistes o mundo*».²⁰⁹

Pensa-se que a oração de São Francisco foi aqui introduzida pelo Padre Ireneo ao revisar o Comentário da Regra, mas certamente Vincenza a tomou sua. No entanto, logo depois irrompe o entusiasmo ardente de Vincenza. Quer de fato, que as irmãs derramem a Jesus na Eucaristia a plenitude de *seus sentimentos, de adoração, de amor, de alegria, de louvor, de agradecimento*: «Circundemos a Ele de adoração, de amor, e, prostradas humildemente, estejamos felizes em tributar-lhe, de coração, todas as homenagens de adoração de louvor, de agradecimento».

Que tudo isso não fique restringido apenas para algum momento do dia e no lugar sagrado, mas haja

²⁰⁸ O Caminho do Amor I, pp. 54 e 55.

²⁰⁹ *Idem*, p. 55.

continuação após sair da igreja: «Não o deixemos, por favor, como um Rei sem amor. Ele que tanto ama, Ele que é o Amor. Conservemos a Ele sempre em nosso coração e quando saímos do tabernáculo, nosso lugar de amor, deixemos ali nosso coração no seu coração adorável; façamos que Ele venha com a gente, morando em nosso coração desejoso sempre de estar com Ele em nosso amor».²¹⁰

- O desejo ardente de Vincenza era que toda a *existência da pessoa*, no seu viver diário, fosse uma *contínua adoração* uma existência sempre tão ansiosa da “fome e sede” de Jesus: «Seja nossa vida uma contínua adoração ao nosso Deus vivo no Santo Sacrário por nosso amor. Fiquemos felizes de inclinar nossa cabeça e de adorar o nosso doce Senhor; tenhamos fome, tanta fome e sede dele: fome e sede de união com Ele na Santa Comunhão. Desejemos sempre e vivamente que Ele venha a nós, numa só vida para nos nutrir, a fazer uma só vida com Ele. Desejemo-lo durante o dia; adormeçamo-nos com o desejo, com amorosa ansiedade dele. Porque, na aurora, Ele virá a tornar-se um só amor conosco, um só viver. Levemo-lo todo o dia conosco, feliz por ter vindo e feliz ao pensar que amanhã cedo ele ainda virá, e sempre virá até nos unir eternamente com Ele. Vamos louvá-lo, agradecê-lo, adorá-lo».²¹¹

D) A SANTA COMUNHÃO

Se realmente temos sede e fome de Jesus, se nosso desejo é ter uma só vida com Ele, que *alegria* para nós recebê-lo realmente! Um gozo harmonizado com uma

²¹⁰ O Caminho do Amor I, p. 55.

²¹¹ *Idem*, p. 55.

grande *paz* e um profundo *recolhimento*! Só assim se vive momentos *inestimáveis* de *divina união*, que não *existem iguais*.

- Vincenza, antes de tudo, coloca em evidência que a recepção da Eucaristia se realize em num ambiente de *grande paz e recolhimento*, em íntima união, deixando que o Senhor *opere em nós, com o desejo de crescer em nós*: «Recebamos a santa comunhão em grande paz e grande recolhimento. Fechemos os olhos, deixemos tudo de lado, não nos preocupemos com o que lhe diremos, Estejamos em grande paz, recolhidas Nele. Ele realizará sua obra de amor. Somente desejemos crescer, crescer Nele. Ah! Momentos inestimáveis. O tempo da santa comunhão é o tempo em que a alma, por um momento, não tem mais vida terrena, nem dela necessita, vive a mesma vida e esta, Nele. É um momento de abandono da vida terrena e de vida em Deus, onde uma vida imortal se comunica com a mortal. São momentos de união divina, que não existe igual».²¹²

- Vincenza deseja que, devido à "*mesquinhez*" não percamos de vista o grande dom do Senhor: «Deixemos de parte com amorosa coragem, todas nossas ninharias e do demônio provocando-nos a nos desviar de tão grande dom. Não percamos, por coisa alguma, o maior dom que faz de nós um ser santo e divino para complacência e glória do eterno Rei».²¹³

- Vincenza, concluindo, renova a exortação e o empenho de fazer o máximo do cotidiano uma comunhão espiritual em preparação para a comunhão sacramental, na qual recebemos o Senhor de modo pleno e unificante: «Nossa vida seja uma única comunhão de desejo e de amor em

²¹² *O Caminho do Amor* I, p. 56.

²¹³ *Idem*, p. 56.

preparação à comunhão real. E o momento da comunhão seja para nós um momento alheio a tudo, para ter um só pensamento: Ele em nós».²¹⁴

2. Nas “Cartas às Irmãs da Pequena Família Franciscana”

Nas periódicas cartas às irmãs de Pequena Família Franciscana²¹⁵, Vincenza trata de diversos assuntos, conforme as circunstâncias, mas retoma muitas vezes sobre alguns temas muito caros. Entre eles a participação na Eucaristia e sua ardente adoração. Fala com entusiasmo dos *efeitos* espirituais proporcionado às almas pela Eucaristia; indica as disposições necessárias para recebê-la com fruto; agrada-lhe indicar Maria como modelo e guia.

A) QUE TODA A HUMANIDADE CONHEÇA O PÃO DA VIDA E DELE SE NUTRA

Vincenza gostaria que, não só a Pequena Família Franciscana, mas toda a humanidade conhecesse, recebesse e adorasse o *Pão da Vida*. Iniciando uma de suas cartas, escreve: «O Senhor Jesus me pôs no coração um grande desejo: que o homem, a humanidade conheça o Pão da Vida e o receba. Que tal desejo as inflame e comuniquem-no às almas».²¹⁶

²¹⁴ *Idem*, p. 56

²¹⁵ *O Caminho do Amor II. Cartas de Vincenza às Irmãs da PFF*, p. 164

²¹⁶ *Idem*, 11 de fevereiro de 1968, p. 64.

Passa depois a falar sobre a vida divina que o Senhor quer dar ao homem *para que viva e goze com Ele para sempre*. Apõe alguns ditos de Jesus do capítulo sexto do Evangelho de João, aos quais agrega a ordem de Jesus: «Tomai todos e comei, este é o meu corpo; bebei, este é o meu sangue»; Vincenza subitamente exclama: «Aqui falham as palavras, a alma fica no silêncio; está em união com seu Deus, com seu Rei e Senhor que lhe dá a vida. Filhinhos caríssimas, caríssimas irmãs, as palavras de Jesus lhe sejam fogo no coração. Ensinem os irmãos, ensinem que a carne e o sangue de Jesus é o alimento que transforma o homem em suas capacidades. É Jesus, bondade, beleza, verdade, que transforma, que dá a vida divina à nossa vida humana e por isso podemos amá-lo e com Ele viver. A Eucaristia é pão vivo dado a nós pelo Onipotente amor do Pai, do Filho e do Espírito Santo; dado a nós por Deus, Rei e Senhor do homem criado por Ele no amor e o quer unido a si no amor, na vida eterna. Necessário se faz comer a carne e beber o sangue de Jesus, na Eucaristia, com toda a alma, com toda a mente, com todo o coração, com todas as forças. Necessário se faz que os irmãos ensinem aos irmãos onde encontraram o pão da vida, como se nutre, como se comunga o infinito amor de Jesus, Homem Deus, que os une a si e lhes dá a vida. Surgirá no homem, na humanidade a fome do pão do Pai, do pão descido do céu, a fome de Jesus Eucarístico, pão de vida. Demos nossa vida a Jesus Eucaristia. Comuniquemos aos irmãos Jesus Eucaristia. Jesus será para eles o centro e o amor de Deus reinará sobre a terra. Deus amado e os irmãos salvos».²¹⁷

²¹⁷O Caminho do Amor II, 11 de fevereiro de 1968, p. 65-66.

Em outra carta escreve Vincenza: «Gostaria de estar aos pés do sacrário e adorar Jesus pelo mundo inteiro, por toda a humanidade. O coração, porém, o adora onde quer que esteja, em qualquer problema humano encontra-se com os irmãos. Jesus nunca se afasta de nós. Ele nossa vida, Ele, nossa união com o Pai na adorável Trindade».²¹⁸ Convencida da inestimável riqueza espiritual que tiramos do encontro com Jesus eucarístico, Vincenza pensa com amargura daqueles que não se dão conta do dom divino a eles oferecido: «Quantos ignoram que realmente [Jesus Eucarístico] atrai e prende seus corações, enriquece-os de dons e anima suas vidas; não sabem que neles vive, em sua força vital, a divina humanidade de Jesus».²¹⁹

B) A PEQUENA FAMÍLIA FRANCISCANA E A EUCARISTIA

Vincenza assim como sente e vive, deseja também que suas irmãs de ideal estejam convencidas do dom que lhes é dado na Eucaristia e o vivam. Escreve: «Minhas queridas irmãs, o que há de mais desejável sobre a terra que a Santa Comunhão»?

Reconhece que, infelizmente, não é possível receber a comunhão eucarística devido a tantos impedimentos. É preciso, no entanto, não arrefecer o desejo até cumpri-lo. A isto Vincenza sugere: «Sucedem que o desejo da santa comunhão é grande em nossas almas, mas por várias circunstâncias (trabalho, caridade, distância da igreja, doença, etc..), não podemos receber

²¹⁸ *Idem*, março de 1977, p. 123.

²¹⁹ *O Caminho do Amor II*, setembro de 1969, p. 71.

diariamente a santa Comunhão. Não desacorçoe nem se deprimam ou se sintam mal. Ao contrário, Jesus, nosso adorável Senhor, nos espera, sorri, se compraz em nos ver sempre com a lâmpada nupcial acesa e cheia com o óleo do ardente desejo, do amor que o anela. Minhas caras, nós podemos estar sempre com Jesus, numa contínua adoração e comunhão espiritual no recôndito de nossa alma até chegar à santa Comunhão. Jesus que, encontrando-nos com a lâmpada acesa, cheia de óleo, nos dará graça centuplicada e participação real de sua vida íntima».²²⁰

A atração que devemos sentir pela Eucaristia deveria ser tão forte para nos fazer *correr e voar* para ela. Vincenza usa essas palavras: «Ao Sacrário, minhas queridas, corramos, entremos nele. Voe, minha querida, para Jesus, em qualquer lugar que esteja. Voa ao Sacrário de Jesus com a mente, com o coração, com toda sua alma. Mesmo que seja um momento. Um suspiro, um louvor, um canto, uma lágrima, uma súplica, uma graça, um olhar, um silêncio de amor no dom renovado».

Lembrem-se as irmãs de não se limitar a um relacionamento intimístico com Jesus; ao invés, devem extrair da Eucaristia um ardente entusiasmo apostólico para fazer conhecer e amar aquele que é todo amor e vida para nós. E continua: «Pequena Família Franciscana, sua sede é o sacrário no coração de Jesus. No sacrário, queridas, está nossa renovação diária, sempre e em todo o tempo, todas unidas na fornalha ardente do seu coração. No sacrário está nosso viver, nosso sofrer, para, por Ele, amar as almas. Andar pelo mundo por Ele, pelas almas com e como nossa Mãe.

²²⁰ O Caminho do Amor II, maio de 1961, p. 34.

Assemelhem-se a Ela: humilde e resplendente de graça»²²¹

Vejamos um particular: Vincenza, frequentemente usa a expressão “Coração Eucarístico de Jesus”, símbolo de uma estreita relação desses dois aspectos do mistério de Cristo, como se fossem inseparáveis. A devoção ao Sagrado Coração de Jesus estimula o nosso humano ao amor de Jesus por nós, cujas expressões e cujo símbolo é o coração humano de Jesus. A Eucaristia realmente representa a expressão privilegiada deste amor, não correspondido, e, todavia, fiel. Boa parte de uma carta é dedicada a comentar a palavra de Jesus à samaritana: «Se conhecesse o dom de Deus e quem Lhe diz: dá-me de beber»... Vincenza conclui: «Vamos muitas vezes ao Sacrário, amantes adoradoras. Jesus na Eucaristia está vivo e se une a nós e nos dá sua vida»²²²

C) OS EFEITOS DA EUCARISTIA

Nos trechos precedentes já emergiu que a Eucaristia possui uma eficácia poderosa e maravilhosa na vida cristã. Ajuntemos alguns trechos que o comprovam.

A união com a Santíssima Trindade. Vincenza considera a união com Jesus na Eucaristia como o caminho mais eficaz para viver em comunhão com a Santíssima Trindade. Assim inicia uma carta: «Eu vos adoro, ó Pai, no profundo do meu coração. Eu vos louvo, agradeço-vos unida ao adorado Jesus que na santa Comunhão me une ao seu divino coração eucarístico, ao Espírito Santo, santificação de minha alma. Tríade Santa,

²²¹ *Idem*, maio de 1964, p. 39.

²²² *O Caminho do Amor II*, outubro de 1964, p. 43

que me dá a graça, participação real na vossa vida divina eu vos peço de me unir a vós»²²³

Vincenza vê na Eucaristia um meio para que participemos mais intensamente da caridade do Pai, do Filho e do Espírito Santo e afinal, da vida Trinitária. Por isso exorta as irmãs a usufruir deste inefável dom: «Adoremos na Eucaristia a Santíssima Trindade unidas a Jesus. Na Eucaristia Jesus continua a revelar o Pai. Continua a dar às almas e à humanidade inteira a caridade do Pai, a sua caridade de Filho unido indissoluvelmente ao Pai e a caridade do Espírito Santo, na união de vida com o Pai e o Filho. Jesus permanece conosco na Eucaristia (*Eis que estarei convosco até o fim dos séculos; é minha delícia estar com os filhos dos homens*), para que participássemos com a maior intensidade possível da vida de Deus (*Eu vim para que todos os homens tivessem vida e esta em abundância*). Esta maravilhosa obra de participação da vida do Pai e do Espírito Santo, Jesus a realiza especialmente na Eucaristia. Que alma, além do mais, pode sentir-se disposta e afervorada para entrar na intimidade da Santíssima Trindade: usufruir, de certo modo antecipado, da participação da vida de Deus para a qual foi criada e por Ele preparada. Queridas irmãs, esposas diletas de Jesus, a quem somos consagradas, usufruamos muitas vezes e de bom ânimo deste grande dom, desta possibilidade de participar da vida de Deus. Esta é a união com Deus que almejo e a todas desejo».²²⁴

Elevação e transformação. Na comunhão eucarística a pessoa humana é *elevada* acima de si mesma e isto é motivo de gozo: «É grande alegria adorar

²²³ *Idem*, maio de 1961, p. 33.

²²⁴ *O Caminho do Amor II*, dezembro de 1965, p. 49.

a Jesus, Deus conosco. Ele realiza maravilhas divinas no coração humano. A criatura humana se eleva aos bens celestes, particularmente à união com a Santíssima Trindade». ²²⁵ Elevação, portanto e comunhão de amor *transformante*: «Amar a Jesus na transformação da Eucaristia é tornar-se com Ele um só amor divino, na intimidade da Trindade Santíssima. Receber seu amor divino e amá-lo, uma vida assim tão grande como esta não há para o homem». ²²⁶

Vincenza, dois anos antes de morrer, ainda escrevia: «Queridas filhinas, o pão eucarístico nos liberta do engano de nosso eu e das seduções do mundo e nos alimenta com a verdade e a vida. Eis porque desejo com ardente amor que nos alimentemos Dele, verdade e vida. Fora com as falácias, na verdade oh! Gaudio de vida! Adoro-te, Jesus, verdade e vida: e, se pouca coisa é minha adoração, vós a fazeis grande! Queridas filhinas e irmãs espalhadas no mundo para os irmãos, adoremos a Jesus Eucarístico, conforme a doce vontade do Pai celeste: adoremos a Jesus que nos une ao Pai». ²²⁷

Uma espécie de assimilação. Percebemos que Vincenza afirma sua experiência pessoal em sentir-se como *assimilada* ao Corpo e Sangue de Jesus. É uma expressão muito citada. Para ela, ao receber a Eucaristia sentia-se *revestida de Cristo, de sua beleza, de sua glória*. Não haja surpresa lendo o seguinte trecho da carta às irmãs: «Adoremos a Jesus feito homem, Verdade e Vida. Adoremos seu corpo vivo de sangue imaculado. Alimentemo-nos dele, em profunda adoração. Ele nos assimila. Permanece em nós. Seu espírito divino torna-se

²²⁵ *Idem*, março de 1977, p. 123.

²²⁶ *Idem*, carta sem data, p. 21.

²²⁷ *O Caminho do Amor II*, setembro de 1980, p. 157.

nosso, aperfeiçoa nossas humanas faculdades, harmonia humano-divina do seu amor divino-humano. E em oração de amor, o coração pronuncia seu nome: Jesus, Jesus. Seu nome é vivo, e todo nosso ser vibra de luz, de graça, de amor, de vida. Miséria humana, quanto é amada por Jesus». ²²⁸

D) DISPOSIÇÕES PARA APROXIMAR-SE DA EUCARISTIA

A preciosidade e a grandeza do dom a nós oferecido exigem de quem o recebe as melhores disposições espirituais. É o Senhor que o exige.

Humildade e desprendimento. Vincenza exorta as irmãs à humildade e tira todo empecilho para a recepção deste dom, para que a alma se prepare para a acolhida. Escreve: «Queridas filhinhas, quando estão com Jesus no santo sacrário, quando o recebem na comunhão, não sentem o convite à santa humildade, para tolher qualquer impureza que infestam seu reino divino nos seus corações? Se não sentem, roguem-lhe insistentemente que as faça sentir o convite, que as ilumine, lhes conceda o desejo, a vontade de tirar diariamente o espírito de soberba de suas almas com a santa humildade, morada, que é, do Espírito do Senhor. Ele lhes dará a luz da verdade, a força da virtude, a caridade, a união divina com o Senhor nosso Deus Pai e com o adorável Filho». ²²⁹

Grande desejo. Vincenza, além da humildade e do desprendimento, que haja um *desejo imenso* de receber e de estar com o Senhor. *A fome e sede* da Eucaristia

²²⁸ *Idem*, 11 de fevereiro de 1975, p. 107.

²²⁹ *O Caminho do Amor II*, abril de 1943, pp.15-16.

que nela ardem, gostaria que o mesmo se desse com as irmãs: «Adormeçam com o desejo da Eucaristia e com o pensamento alegre que no dia seguinte receberão o Corpo e Sangue do Senhor, que assimila em Si, suas pessoas. (Notem: lembrem-se de mim que raramente posso receber Jesus Eucaristia, de todas nossas irmãs e de todas as almas que o desejam, mas, por circunstâncias várias estão impedidas)». ²³⁰

E) NOSSA SENHORA, MODELO E GUIA

Vincenza vivia uma ardente devoção mariana na prospectiva da Eucaristia, convencida que a Mãe de Jesus nos leva a Ele. Maria, sob vários aspectos, é modelo e guia, mas particularmente na união com Jesus presente no mistério eucarístico. Consequentemente é modelo e guia também no mistério de nossa união com a Trindade.

Maria nos ensina a «adentrar na intimidade do Pai, com o Filhinho, com o Espírito Santo. O grande desejo de seu coração é que suas filhas o assimilem. E quanto a alma se delicia na intimidade com a Triade Santa!

Queridas, gozem no Senhor; na paz de Jesus eucarístico eu as saúdo de todo meu coração. Ela no coração eucarístico de Jesus está conosco com seu poderoso amor de Mãe e nos introduz na santa união». ²³¹

Vincenza vê Maria como um modelo a ser imitado, a viver com Ele, não só na união com Jesus, mas também na íntima união, a mais alta, com a Santíssima Trindade e vivê-la para toda a humanidade. «Minhas queridas irmãs, particularmente nós, empenhemo-nos em

²³⁰ *Idem*, janeiro de 1976, p. 116.

²³¹ *O Caminho do Amor II*, dezembro de 1963, pp. 37-38.

seguir e imitar nossa Mãe Imaculada. A Mãe de Deus é a perfeita, e possui a mais alta união com a Santíssima Trindade. De Deus Pai, é filha; de Deus Filho é Mãe; do Espírito Santo é esposa.

Materna e poderosa, Maria Santíssima é toda nossa confiança, nossa segurança. Avante, pois, a seguir seus passos: segui-la, imitá-la, assemelharem-se a ela, para que nós que fazemos parte da humanidade, possamos viver com Ela em favor de toda a humanidade para a íntima união com a Santíssima Trindade, como o deseja o Pai, o Filho, o Espírito Santo, aos quais sejam a honra e a glória nos séculos dos séculos. Amém»!²³²

3. No “Testamento espiritual” de Vincenza

Vincenza, no seu *Testamento Espiritual*²³³, acrescenta alguns dados autobiográficos, de modo particular suas divinas inspirações que, desde criança, a haviam atraído para o Senhor e o zelo pela salvação e santificação dos homens: «Suspirava pelo deserto, necessitava de grande solidão e ao mesmo tempo clamava pelo desejo de doar-me ao mundo inteiro, de derramar nele a intensa vida de minha alma, de andar pela multidão, de elevá-la a Deus, de enchê-lo de amor por Ele; corações palpitantes para o Criador, para o único Sumo Bem, esquecidos da terra, num pleno processo de amor, de união com a vida».²³⁴

Vincenza recorda como o Senhor a «guiou pelas vias das renúncias mais santas» para purificá-la e amadurecê-la: «Nua e de mim despojada, meu Jesus me

²³² *Idem*, março de 1966, p. 50.

²³³ *O Caminho do Amor I, Testamento Espiritual de Vincenza*, pp. 125-133.

²³⁴ *Idem*, p. 125.

vestiu, me adornou, me tornou repleta. Ele nunca me permitiu estar longe de seu amor e me protege, tirando-me todo o resto».²³⁵

Ela se alonga descrevendo o ideal de vida que o Senhor lhe inspira e que ela o delineou na *Regra* escrita para si e pelas suas irmãs consagradas.

Quando começa a falar sobre a *oração contínua*, que deve alimentar a *intimidade com Deus Amor*, recomenda às irmãs celebrar o *Ofício Divino* estabelecido pela Igreja, ao menos alguma parte dele, e de se dedicarem à *Meditação* no tempo livre do dia. Mas isto não basta; e acrescenta: «Todo o tempo disponível e possível, ficar com Jesus no santo Sacrário e ficar com Ele, pelo menos, uma meia hora ao dia, senão continuada, pelo menos a intervalos». A motivação: «A Santa Eucaristia é a nossa vida e o centro de amor».

Por último acrescenta um conselho que julga útil: «Adormecer com o pensamento em Jesus, que virá a nós e com o vivo desejo de recebê-lo: na Santa Eucaristia está toda nossa vida».²³⁶

Qualquer um se admiraria que, nas oito páginas do *Testamento Espiritual*, apenas seis linhas são dedicadas ao tema da Eucaristia. Mas um olhar atento, nota que há afirmações de grande importância. Na exortação: dedicar *todo o tempo disponível e possível, em estar com Jesus no sacrário, e adorá-lo cada dia*; está também o conselho de orientar para Jesus, *já na noite precedente, o pensamento e o desejo de recebê-lo no dia seguinte*. E, sobretudo, há duas afirmações absolutas: *A Santa*

²³⁵ *Idem*, p. 125.

²³⁶ *O Caminho do Amor I*, p. 130.

Eucaristia é a nossa vida e o nosso centro de amor [...]; na Eucaristia está toda nossa vida.

CONCLUSÃO

Ao terminar estas páginas penso que o nome de Vincenza Stroppa poderia fazer parte das pessoas santas que o Papa Bento XVI inclui na Exortação Apostólica *Sacramentum Caritatis*²³⁷, como modelo exemplar de adoradoras eucarísticas; pessoas santas que «tornaram autêntica a própria vida graças à piedade Eucarística». Se Vincenza estivesse ainda entre nós, certamente havia subscrito com convicto entusiasmo as afirmações que o Papa escreveu concluindo a Exortação Apostólica: «É preciso que na Igreja esse santíssimo mistério seja verdadeiramente acreditado, devotamente celebrado, e intensamente vivido. O dom que Jesus faz de si mesmo no Sacramento memorial de sua Paixão, nos atesta que a saída desta nossa vida está na participação da vida trinitária, que Nele, nos é oferecida de modo definitivo e eficaz. A celebração e a adoração da Eucaristia nos permite aproximação do amor de Deus e de aderir pessoalmente até à união com o amado Senhor. A doação de nossa vida, a comunhão com toda a comunidade dos crentes e a solidariedade com cada homem, são aspectos imprescindíveis da “*logiké latría*”, do culto espiritual, santo e agradável a Deus (Cf. Rom, 12, 1), no qual, toda nossa concreta realidade humana é transformada na glória de Deus». (n. 94)

²³⁷ Bento XVI, Exortação Apostólica pós-sinodal: *Sacramentum Caritatis*, n. 94.

CAPÍTULO III

A espiritualidade mariana de Vincenza Stroppa

INTRODUÇÃO

Como para outros aspectos da sua espiritualidade, também para aqueles que dizem respeito à dimensão mariana, Vincenza Stroppa não nos deixou uma composição sistemática, mas, somente sinais e fragmentos parciais e ocasionais que são mais a expressão da sua experiência de vida, que teoria organicamente desenvolvida. Todavia, podemos colher de seus escritos uma doutrina e espiritualidade conforme ao mandamento cristão que é essencialmente cristológico e trinitário.

De fato, aqui resulta que a dimensão mariana está plenamente inserida na vida cristã concebida como comunhão com o Pai, com o Filho e com o Espírito Santo, em vista da realização do designo de Deus, no mundo.

As formas de espiritualidade mariana, através do tempo e das culturas, tiveram diversas manifestações. Para nós, é necessário verificar, à luz da palavra divina, mantendo dela os valores e aceitando os apelos, e também, deixando cair elementos ligados a um diferente contexto cultural.

Vincenza, tendo vivido no século XX, exprime a sua espiritualidade mariana em uma linguagem conforme a teologia e a cultura do seu tempo; mas, além da apresentação lexical, os fundamentos e os conteúdos são válidos e atuais. O relacionamento com Nossa Senhora, como se lê nos escritos de Vincenza, é ainda atual porque se envolve em constante fidelidade à Palavra

revelada e às exigências dos homens do nosso tempo e, continua a manifestar uma eficácia notável na ordem da vida espiritual, oferecendo “ajuda poderosa para o homem em caminho para a conquista da vida em plenitude” (*Marialis cultus*, 57). No itinerário do cristão, o relacionamento com Maria se impõe como imperativo da fé. (cf. *Lúmen Gentium*, 67), como elemento de santidade e estímulo de empenho e de esperança. Maria, “cheia de graça”, a quem Deus dirigiu o seu olhar de amor, provoca os cristãos para honrar em si mesmos o estado de graça, de amizade com Deus, a comunhão com Ele, a habitação do Espírito Santo, e a deixar-se invadir pela força transformadora deste Espírito para ser artífice, junto com Cristo homem novo, da humanidade nova. Assim Vincenza concebeu e viveu a sua ardente devoção e imitação de Maria. É o quanto se procura demonstrar nestas páginas. A espiritualidade de Vincenza aponta para a *nossa vida em Jesus Cristo* e, no interior desta, encontra a atitude para assumir sob o olhar de Maria. No seu caminho espiritual parte de Cristo, centro vivo da fé e do anúncio, e *nele* encontra Maria, a Igreja e o mundo, e *com ele* vive em comunhão com o Pai na luz do Espírito Santo.

O escrito presente é uma tentativa de ordenar os vários dados que consegui colher, sobretudo, dos escritos e testemunhos de Vincenza, coordenando-os em sete capítulos. Inicio colhendo a influência que o pai de Vincenza teve sobre ela até criança em relação à devoção mariana. Seguem algumas anotações sobre os sentimentos com os quais ela vivia as principais festas marianas. Pareceu-me importante colher como Vincenza via em Maria um modelo da pessoa perfeitamente harmonizada e, portanto, realizada em plenitude. É dado um espaço adequado para delinear como Vincenza

considerava Maria como modelo perfeito do viver a comunhão interior com Deus. E dado que esta comunhão de vida é empenho fundamental da Pequena Família Franciscana, um capítulo é dedicado a indicar Maria como inspiradora e modelo desta vocação e consagração. Não podia faltar um capítulo que apresentasse Maria como modelo no viver os três “conselhos evangélicos” de castidade, pobreza e obediência. Um capítulo breve mostra que Vincenza viveu e propôs a invocação a Maria para superar dificuldades e conseguir determinados objetivos. O último capítulo apresenta Maria como modelo e ajuda no desenvolver a missão apostólica para colaborar na salvação do mundo.

I. PAI E FILHA ATRAIDOS POR MARIA

Vincenza conservou sempre a lembrança e uma veneração por seu pai porque lhe pareceu que fosse a pessoa, que, mais do que todos a compreendeu e a amou. Entre muitas virtudes do papai, sempre admirou a sua devoção mariana, feita de plena confiança, tanta a dizer que Nossa Senhora *era a confidente* do papai. A este respeito colhemos alguns testemunhos.

1. As flores para Maria Menina

Desde menina, frequentando o jardim de infância, Vincenza foi atraída pela beleza de “*Maria Menina*” exposta na capela das irmãs. Uma manhã de primavera a pequena Vincenza, na horta do papai, viu alguns canteiros ricos de flores brancas (uma floração de ervilhas); e logo lhe vem a idéia de apanhá-las para levá-las a Maria Menina. Ao pensamento seguiu a ação, e

colheu delas uma grande quantidade. Mas eis que de repente chega a mãe que repreende asperamente a filha. A pequena, em copioso pranto, correu logo para o pai, que de braços abertos afetuosamente a acolheu, perguntou o motivo daquele pranto e o que faria de fato com aquelas flores. Conhecida a intenção de Vincenza o pai colocou aquelas flores num cestinho e, tomando a filha pela mão, lhe levou a Maria menina.¹ Nos anos da juventude de Vincenza e talvez em um momento de dor para ela, o pai lhe disse para incentivá-la: *Lembra-te que eu te consagrei à Nossa Senhora.*²

2. As “confidências” do papai

Aos 19 anos foi forçada a abandonar a vida no convento, naquela mesma noite enquanto Vincenza se encontrava desconsolada no próprio quarto, o pai, após ter rezado a Nossa Senhora, foi ao encontro dela para confortá-la. Vincenza comenta: “Certamente foi sua confidente (desde criança sabia que Nossa Senhora era sua confidente, a ela contava tudo, por vezes em voz alta. Eu no meu leito, no outro quarto, ficava quieta, como dormindo, mas a tudo escutava). Ele me tomou e apertou minha cabeça contra seu coração e, como de costume, me beijou na testa, sussurrando-me: *Coragem!*”.³

3. O último diálogo com o pai antes que morresse

O pai de Vincenza morreu aos 12 de outubro de 1916 após uma operação de hérnia. Vincenza nos conta como aconteceu a separação do pai no hospital, no último

¹ Cf. *O Caminho do Amor I, Recordações biográficas da sobrinha, PP. 167-168*

² *O Caminho do Amor II, Carta de Vincenza a Maria Mariani, 13/11/1960, p.173*

³ *Idem II, 13 novembro 1960, p. 174*

encontro com ele: “Nossa separação foi um verdadeiro sacrifício de ambas as partes. Em nossa última conversa Nossa Senhora o ajudou na imensa dor da natureza e a abandonar-se em paz nas mãos de Deus. Enquanto estava junto a ele no seu leito de hospital, me confidenciou: *‘Que farás meu amor, quando eu morrer?’*. Eu era a dor personalizada, mas lhe sorria em silêncio. Foi um momento desalentador, mas logo se recompôs: *‘Não, meu amor, enganei-me. Não pense mais naquilo que lhe disse. Quando morrer, Nossa Senhora será teu pai, tua mãe, tua irmã, tua amiga, será tudo para você. Esteja segura disso. Agora vai rezar o terço’*. Respondi-lhe: Eu rezo aqui mesmo, papai. *‘Não, vai rezar diante do sacrário. Adeus’*. Fui e não o vi mais, nem mesmo depois de morto”.⁴

II. AS FESTAS MARIANAS

As festas marianas sempre tiveram um significado cristológico e eclesial, enquanto celebram a participação de Maria nos mistérios da salvação indicados pela Igreja, da qual Maria é imagem e mãe, a sua vocação. Acerca das festas marianas, Vincenza não nos deixou comentários extensos, mas, somente, algumas alusões rápidas, todavia, suficientes para nos revelar a sua piedade mariana.

1. A Natividade de Maria

A singular atenção de Vincenza à festa da Natividade de Maria está ligada ao fato de que ela nasceu em 07 de setembro de 1893, vigília de tal festividade. Considerava

⁴ O Caminho do Amor II, Carta de Vincenza a Maria Mariani, p. 176.

sempre isto como um sinal da benevolência de Maria para com ela. Escrevendo a Maria Mariani, expressa os seus sentimentos nos seguintes termos:

“Sexta-feira, dia 08, festejamos nossa Mãe celeste. Dia de alegria e de íntimo colóquio. Conversamos com seu coração e ali colocamos todos nossos desejos, todas nossas necessidades para que se cumpra a vontade de seu amor, Jesus. Elevemos a Ela nosso hino de louvor, de alegria e de agradecimento. Enfim desejo que sejas sempre mais preferida do coração de Jesus e de nossa Mãe”⁵.

Na carta iniciada em 28 de julho de 1975, dirigida a PE. Giuseppe Di Lazzaro, se firma duas vezes sobre o argumento. Eis como se exprime: “05 de setembro. Estamos próximos da festa da Natividade da nossa celeste Mãe. Precedeste tu, a sua Anunciação, eu a vigília da sua Natividade; e eis-me colocada, pequenina, no seu coração sacerdotal, para que fôssemos os dois, um só amor em Jesus [...]”.

06 de setembro. Meu Padre Giuseppe, como queria que estivéssemos próximos para falar entre nós da nossa Virgem Mãe, agora que se aproxima a sua festa litúrgica. Todas as suas festas são para mim uma riqueza de amor, mas a Natividade me é cara de modo particular: pequenina, a via pequenina toda esplendorosa de beleza celeste, e eu também desejava em mim a sua beleza, queria ser semelhante a Ela, e isto sempre à medida que crescia”⁶.

⁵ *O Caminho do Amor II, Carta de Vincenza a Maria Mariani, 06 setembro 1961, p. 187.*

⁶ *Cartas de Vincenza ao Padre Guiseppe, nº 52, 28 julho 1975. Inédito.*

2. Anunciação do Senhor

Os três textos que estou para relatar penso que sejam suficientes para nos revelar a fé e os sentimentos com os quais Vincenza vivia o mistério e a festa da Anunciação do Anjo a Maria. O primeiro tirei ainda de uma carta de Vincenza a Pe. Giuseppe Di Lazzaro: “Meu Padre Giuseppe, terminei agora de cantar a *Ave Maria*; esta após o *Pai nosso*, é a única oração vocal do meu coração, e todo o meu ser está docilmente unido a Jesus. Quando eu recito ou canto *Ave Maria, cheia de graça*, eu vivo a efusão da Graça em mim; quando recito ou canto O Senhor é contigo, eu vivo a doçura da união com Jesus. E quanto é grande e vivo o meu desejo de viver e amar Jesus com a nossa Virgem Mãe. Esta manhã, terminada a oração, se me repetiram na alma as palavras de Pe. Gemelli quando o encontrei porque em mimurgia a Pequena Família (mas aquela não era a minha estrada, e eu fiquei muda, enquanto grossas lágrimas me enchiam os olhos”: *Não chore – me disse – só de olhá-la se vê que o Senhor é contigo*”⁷.

Em março de 1981, escrevendo às irmãs da PFF, Vincenza insiste sobre a necessidade de *conhecer o dom de Deus, que é aquele de poder viver na união com Ele*. Exprime toda a sua exultação por este dom que Deus lhe dá. Depois acrescenta: “Caríssimas filhinhas, sempre lhes repito – e muitas vezes – as palavras do anjo à Virgem aumentam a alegria de viver nossa vida e união com o Pai. Caríssimas filhinhas cresçamos sempre mais na graça à imitação da nossa Mãe, a glória da doce Trindade, para toda a humanidade”⁸.

⁷. Cartas de Vincenza ao Padre Guiseppe, nº78, 4 fevereiro 1977. Inédito

⁸. O Caminho do Amor II, Cartas de Vincenza às Irmãs da PFF, março 1981, p. 160

3. Solenidade da Bem Aventurada Virgem Maria Assunta ao céu

Esta solenidade suscitava em Vincenza o ardente desejo de uma doação total, sua e das irmãs, de um amor sempre mais puro e intenso para Deus. Eis como se exprime: “Minhas queridas filhas e irmãs, vos escrevo hoje, dia da Assunção de Nossa Senhora. O desejo que já ardia no meu coração, grande, vivo, dolorido, hoje se faz ainda mais premente. É o desejo que cada uma de nós, vigilante, atenta, consciente na livre doação a Deus, corresponda com todas as próprias forças ao amor de Deus”.

Prossegue afirmando que o amor deve tornar-se “sempre mais puro, maior, mais pleno, mais divino” mediante a transformadora obra do Espírito Santo. Depois conclui: “Hoje o meu coração vos leva todas ao redor de Nossa Senhora para gozar do seu divino júbilo pela correspondência ao amor de Deus. E estamos todas ao redor dela, pedindo a sua amorosa, poderosa, materna ajuda, porque nós também queremos corresponder ao amor de Deus à semelhança dela, também queremos ser santas com a alma cheia de graça. Queremos viver e consumir a nossa vida no amor só a Deus, nossa vida”⁹.

4. Festa da Maternidade divina de Maria

De 1931 até a reforma litúrgica pós-conciliar esta festividade era celebrada em 11 de outubro. De fato esta data, Pio XI a havia fixado em 1931 para recordar o XV Centenário do Concílio de Éfeso. Parece-me que a esta

⁹. *O Caminho do Amor II, Cartas de Vincenza às Irmãs da PFF, 15 agosto 1968, PP. 68 e 69.*

festividade Vincenza faça referência com duas breves notas que encontramos em Jesus Amor. É o breve escrito nº 06, que está repetido no nº 87 com alguma pequena variação:

6. *“Eterno e divino Pai,
Hoje, na festa da divina Mãe,
que no amor feito teu reino perfeito
viveu da tua paternidade e da geração do Verbo,
por obra do teu divino Espírito Santo,
nós nos entregamos novamente a ti para a mesma
obra em nós.*

*Vive em nós, ó Pai,
na geração do teu Verbo por obra do teu Santo
Espírito.*

87. *“Eterno e divino Pai,
hoje na festa daquela que no teu amor,
feita teu reino perfeito,
viveu e vive de tua paternidade e da geração do
Verbo
por obra do teu divino Espírito,
nós voltamos a nos doar a ti para a mesma obra em
nós.*

*Vive em nós, ó Pai, na geração do teu Verbo
por obra do teu Espírito Santo.
Eis o teu reino!
Vem a nós e age!*

Não é difícil ver aqui como a maternidade divina de Maria é considerada quase uma participação da paternidade de Deus Pai na geração do Filho. E é um modelo de uma maternidade espiritual que hoje o cristão é chamado a viver mediante a união com Deus e o apostolado em função da salvação do mundo. Vincenza o

crê e o deseja: “Vive em nós, ó Pai na geração do teu Verbo por obra do teu Santo Espírito. Eis o teu reino! Vem a nós e age!”. E tudo isto em analogia com o quanto Deus operou e opera em Maria nossa Mãe.

5. Imaculada Conceição da Bem Aventurada Virgem Maria

No que diz respeito a esta solenidade mariana, encontramos poucas alusões explícitas. Todavia, a Imaculada sempre está presente nas infinitas vezes que Vincenza nomeia Maria como *cheia de graça* ou *santíssima*, e as infinitas vezes que nomeia o seu Coração imaculado.

Escrevendo a Maria Mariani, Vincenza a exorta para que “Na novena e na festa da Imaculada peçamos por nós e pela nossa Pequena Família esplendor de graça, Espírito Santo, a semelhança d’Ele, doce mãe, que nos quer muito queridas a Jesus”¹⁰.

Para a festa da Imaculada de 1973, havia escrito a Pe. Giuseppe Di Lazzaro: “Hoje, festa da Imaculada, estou particularmente em festa com a Mamãe celeste e festejo a sua beleza, meta dulcíssima da minha alma no Espírito Santo. Sim, assim: bela, como ela, amar Jesus, doar-lhe a minha vida e crescer na Graça do Espírito Santo; bela como ela doar o amor divino de Jesus às almas. Vi num instante o nada humano e a plenitude de Graça, vida do Espírito Santo no humano; nada continha o meu coração e a minha alma prostrada no gáudio de infinita e profunda, silenciosa paz de adoração. De verdade,

¹⁰. *O Caminho do Amor II, Cartas de Vincenza a Maria Mariani*, 29 novembro 1975, p. 228.

somente pelo amor gerador e operante de Jesus, nós somos Vida no Pai, fogo do Amor Espírito Santo”¹¹.

O Maio mariano

Além das festas litúrgicas, a fé e a piedade estão expressas também através da dedicação do mês de maio a Nossa Senhora. A este respeito trago dois escritos de Vincenza, que vi publicados no *Boletim da Terceira Ordem Franciscana, em S. Caetano*: o primeiro para o Maio de 1930 e o segundo para o Maio de 1931. Se a forma lexical depende da linguagem então usada, os conceitos teológicos são profundos e o afeto para com Nossa Senhora é cheio de ternura e plena admiração.

“MAIO!”

Maio, mês das flores; mês no qual toda a natureza diz: sou mãe. Portanto, espontâneo, natural, nasceu no seio da Igreja o pensamento e a Prática de consagrar o Maio a Virgem Mãe, porque o amor age sempre livremente, e a liberdade é uma nota essencial e distintiva do amor que valoriza também aquilo que é nada; ou seja, aquilo que não é Deus. Mas, as obras de amor são sempre Dele, a sua fineza, delicadeza, sabedoria e sapiência. Consagrar a Maria, Virgem Mãe, o mês de Maio porque mês das flores. A flor é beleza, e beleza virginal; a flor é poesia e canto colorido; a flor é perfume e perfume que inebria. Eis a causa externa e mais comum que nos trás Maria para o maio. Mas o amor fala com a sua sabedoria, com a sua palavra que se comunica sem som, ou seja, sem veste externa, porque o amor não conhece intermediários e não

¹¹. Cartas de Vincenza ao Padre Giuseppe Di Lazzaro, 8 dezembr 1973. Inédito.

tem necessidade da obra da abstração, porque a sua palavra é alimento de inteligência (e que o amor seja fecundo deste amor nas almas; e vós, almas, disponham dele no seu ambiente: o silêncio). O amor é vida por isso vai ao essencial das coisas e na visão da essência, consegue também a percepção e o porquê do acidente. Agora, que coisa é a flor da qual percebemos somente aquilo que é externo? Qual é a vida da flor? É a vida que reproduz a vida, para continuar a vida. E, se não fosse a vida da flor, cada coisa teria escrito na frente: *morte*.

Na flor chegam concentradas as ondas de vida, para repartir semelhante a periferia. É a vida da flor que dá razão a flor. Assim é a vida da Virgem Maria que dá razão a Ela e as suas grandezas divinas. Sim, Maria é a grande, porque Mãe de Deus. E tudo isto que está em Maria o é para este fruto. E, nestas núpcias com o Amor incriado recebeu no Filho o Verbo eterno e todos aqueles que participam da sua plenitude, chamados filhos de Deus, porque nascidos de Deus. Por isso Maria é Mãe da Cabeça como do Corpo místico, tornada tal na dor do amor de Mãe: *Mulier, ecce filius tuus*. A nós, portanto, receber a nossa vida a Mãe de Deus, para tornar-nos em plenitude, filhos de Deus. Portanto, como ressoa sincrônico, no nosso coração, o nome de Maio (maternidade virginal), o nome de Maria (a Virgem Mãe).

Portanto, o que devemos fazer neste mês?

1º. Meditar, a profusão sempre abundante da natureza, a vida da flor (vida de maternidade, vida de concepção) em paralelo com a Vida que o Amor concebeu em Maria, Virgem e Mãe, para glória da Trindade Augusta e para nossa saúde.

2º. Tornar-nos, pelo Amor, aquilo que é da flor, isto é, a vida da flor, sob o soprar do Eterno Amor, como n'Aquela que um dia, com Jesus Amor, felizes da sua bem

aventurança, veremos e chamaremos, com gemidos inenarráveis de Eterno Amor: Mamãe¹².

Mãe! tu és Vida de Deus

Virgem, Filha, Esposa, Mãe, tu és a sua Glória perfeita, tu és Vida em Deus. Enquanto na terra tu cresces, Deus habita em ti, faz de ti o seu aposento. Tu és tão bonita que o Espírito, Eterno Amor, suspira de vir para desposar-se com a humanidade. O céu está dentro de ti, tu comunicas com o Altíssimo. Nenhum palácio suntuoso é digno de dar hospitalidade ao teu ser e, menina ignorada, virgem escondida, tu vives o paraíso. Tu cresces na terra em íntima comunhão com o teu Amor. Em torno a ti, tudo é luz: tu vês Deus. Tudo é paz em torno a ti: tu possues Deus.

Tudo é dom em ti: tu esqueces de ti mesma e todos cuidam de ti, e Deus é o Senhor da tua alma, e tu gozas o paraíso. Outras jovens podem se encher de bens terrenos. Tu és plena de Deus. Que te importa as honras da estirpe real! Tu vives humilde e escondida, porque outra realidade sente em ti. Não às honras e às delícias de esposa terrena. Tu desejas, como outras jovens, mas o teu dom completo ao Amor, a tua Virgindade ao Altíssimo, ao qual somente tu amas. O Onipotente, o Eterno Amor ao qual pertencem todas as coisas, a glória, o amor, a vida, é o Senhor da tua alma. Em ti a sua vida escorre plena. E não é Maria, a jovem hebreia, que vive, mas é Deus que na sua pureza vive nela! E tu és vida de Deus.

Maria, fulgor puríssimo, luz alvíssima de Deus. Maria, sabedoria de Deus, Maria ciência de Deus. Maria, amor

¹². *Boletim da TOF em S. Caetano*, maio 1930, p. 2.

do Amor. Maria, Vida do Amor! Maria, glória do Amor, Maria, paraíso do Amor. Maria, delícia da SS. Trindade. Maria, perfeição de Deus. Maria, fogo do Espírito Santo. Maria excelsa criatura que fixa o olhar em Deus, que goza da Verdade, que se sacia no Amor dele, que recebe dele a plenitude a Vida. E, oh maravilha e mistério do amor, Maria que doa e que dá vida ao Amor.

E Maria se esconde. A terra não pode atrair quem possui o paraíso. E Maria se esconde, já que ela nada tem para mostrar. Tudo é de Deus. Aceita tudo de Deus, os maravilhosos dons e, tudo doa a Deus seu Redentor e Senhor. Senhora e Serva, canta a Deus o *Magnificat* do amor, e Deus realiza nela coisas divinas. Senhora e Serva.

Serva, nela a justiça, engrandece o seu Senhor real que realiza nela grandes coisas. Senhora canta as grandezas do Onipotente, Altíssimo Amor. Maria se esconde. Não, não se esconde; a ela basta o seu Deus. Ela vive intensamente com ele. E como pode buscar de fora, a sombra dele, se ela o possui?

Maria, Serva do Amor! Maria, Senhora onipotente! Maria, luz de Verdade! Maria, Vida de Graça, Maria, Mãe do Amor! Doa para as nossas almas a resplandecente e claríssima tua luz. Emerge com as tuas mãos o nosso coração no coração do amor. Emerge no fogo do Amor o nosso coração. O tempo é propício. Nós esperamos o fogo consumidor e vivificador do Santo Espírito. Vem conosco Maria, para que desça em nós o Amor e, queime, e consuma, e vivifique. Nós queremos ir a ti, sua serva, dele a morada do Amor. Nós também queremos cantar as glórias do Amor. Queremos contigo, jovens ignorantes, virgens escondidas, ser o seu esplendor, o seu amor, a sua vida. Queremos contigo levar o amor sobre a terra. Queremos ser os frutos saborosos da sua

Igreja, para a humanidade toda que morre de fome, longe do Amor.

Ó Mãe, concede-nos ser purificados pelo Amor, pelo Amor mortos para as coisas humanas, pelo Amor mortos a nós mesmos, pelo Amor inebriados, pelo Amor vivificados. O incêndio do Santo Espírito consome os erros. Ó Maria, como tu, plena do Espírito Santo, faz que entendamos as coisas divinas, faz que a Vida venha para fluir, para habitar nas nossas almas. Como tu, faz que sejamos luz de Deus, amor de Deus. Fortes nos holocaustos, delícia do seu Coração, triunfo do seu Reino. Ó Maria, lírio candíssimo, rosa purpúrea, nós queremos ser as flores que venham para habitar, para viver contigo no aposento do Amor, para triunfo da Igreja e do divino Rei. Maria! Tu és nossa mãe. Nós queremos viver contigo no aposento do Amor, uma só coisa com o Amor! Tu és nossa Mãe¹³.

III. MODELO DA PESSOA DE PERFEITA HARMONIA

Vincenza concebia a nossa existência como um *crescer*, um *“ir avante e um caminhar para a plena maturidade da vida sobrenatural, segundo a vontade de Deus sobre cada alma”*. De consequência, julgava que, para caminhar para tal maturidade e responder de modo total ao amor de Deus por nós, é necessário uma iluminada e rigorosa “ascese espiritual”.

1. Ascese radical e sábia

Vincenza fala de *mortificação contínua* e da *virtude da*

¹³. *Boletim da TOF em S. Caetano, maio 1931, pp.2-3.*

pobreza entendida em sentido radical¹⁴. Em seguida retornou sobre estes conceitos, indicando Nossa Senhora como modelo da pessoa humana de perfeita harmonia: “Minhas queridas irmãs, na alma de Nossa Senhora reinava a harmonia perfeita”. As duas realidades, natural e sobrenatural, formavam nela uma unidade de harmonia perfeita. A realidade natural subordinada à realidade sobrenatural forma a harmonia perfeita, pela qual a vida é o desenrolar-se da divina caridade. De acordo com o beneplácito de Deus sobre nós, minhas queridas irmãs, nós também entramos na harmonia perfeita a semelhança de Nossa Senhora, da nossa santíssima Mãe, se perto dela subordinamos a nossa natureza à vida sobrenatural¹⁵.

Está claro que este resultado não é atualizável sem um sério empenho de abnegação e de distância. Por isso Vincenza reforça com firmeza: “Sim, minhas queridas irmãs; abnegação, sacrifício, dores, cruces, doação completa na obediência, fidelidade ao seu divino amor. É preciso esculpir a nossa natureza, sem nunca desistir. É preciso elevar-se sempre mais e, na ascensão, nunca parar no declive. Despidas de tudo, sobretudo de nós mesmas: sempre mais humildes, sempre mais puras, sempre mais bonitas para Jesus. Nesta subordinação, Deus nos une a si e disso vem a imensa força suprema e suave, de luz esplendorosa, de inflamado calor que faz, da natureza e da graça, uma única harmonia pela qual o viver é vida plena”.

Vincenza se delonga afirmando que no mundo existe uma imensa necessidade da presença de almas

¹⁴. Cf. *O Caminho do Amor II, Cartas de Vincenza às Irmãs da PFF*, outubro 1964, p. 42

¹⁵. *Idem II*, maio 1965, p.45.

abrasadas pelo amor de Deus; e de novo dirigindo-se às irmãs escreve: “Irmãs queridas é o amor divino no amor supremo que dá vida ao nosso coração; é o amor da Mãe Santíssima, poderosa, que cerca o nosso coração. Pequenas, miseráveis criaturas, tão amadas!”¹⁶.

2. A perfeição de Maria

A harmonia das faculdades humanas e a santidade da vida frutificam a perfeição, a beleza e o esplendor da pessoa. E isto aparece de modo excelente em Maria Santíssima. A este respeito acho interessante aquilo que Vincenza escreveu da sua experiência pessoal em *Pensamentos e Orações* que encontramos em *Jesus Amor* nos números 85 e 86 ¹⁷. Estes dois, entre outros coligados, me parecem muito significativos, para não dizer maravilhosos.

Vincenza fala da *perfeição* que ela contempla em Maria, à qual, segundo a afirmação de Jesus ela é configurada. Estamos diante de uma experiência espiritual pela qual Vincenza se sente declarada participante da “*perfeição*” de Nossa Senhora enquanto *Mãe, Esposa, Filha*, mesmo se, no curso da reflexão, o acento é colocado no ser *Esposa*.

Trata-se de uma “perfeição” que está capacitada de “*ver a santidade de Deus*” em todo universo e no agir de cada criatura. Disto resulta um “gozo do paraíso”. E volta ainda o conceito da *harmonia perfeita da pessoa* quando é configurada a Maria: “Em mim se ordenam as potências naquela harmonia vital pela qual todo o céu desce para encher a alma”. Ouçamos Vincenza:

¹⁶. Cf. *O Caminho do Amor II, Cartas de Vincenza às Irmãs da PFF, maio 1965, PP. 45-46.*

¹⁷. *O Caminho do Amor I, Jesus Amor, nºs. 85 e 86, pp. 110-111.*

85. “Jesus entrou no meu coração de maneira dulcíssima e disse verbalmente:

Tu me carregas como Mamãe e como nela, aqui se une o ser mãe, esposa, e filha.

E nesta perfeição senti o prazer da santidade colocada em Deus, em todas as coisas criadas por ele e em todas as suas obras. É um gozo divino e a alma que vê isso goza o paraíso. Em cada obra, desde a menor natural à mais excelsa sobrenatural, há uma santidade tão excelsa e infinita que o mundo inteiro é uma sombra de vida diante da vida produzida nos seres por tal santidade; o homem a carrega em si, não o sabe e a desleixa. A santidade que Deus colocou em cada coisa, da mais natural à mais sobrenatural, é um paraíso de sabedoria e amor. E minha alma está aberta, goza este paraíso de sabedoria e amor (paraíso de sabedoria que doa amor e paraíso de amor que mergulha na sabedoria), e se enriquece no esplendor de Deus, como Deus se encontra em cada criatura, como nela existe e vive e toda inundada parece que não existem mais barreiras para ela. Tudo isso é para o amor e a glória de ti também”.

86. “Na cela íntima abre-se para mim a perfeição divina da Mãe celeste. Olho o paraíso que ela trazia em si. Tal paraíso é a perfeição na qual a minha alma entra sem esforço algum e com abundância, como na água de sua vida. Minha perfeição consiste em entrar na perfeição da Mãe e tê-la em mim. Devo assemelhar-me à minha Mãe para tornar-me totalmente a esposa diletta, predileta do coração de Jesus. Dentro de mim, as potências dispõem-se naquela harmonia vital em que o céu inteiro desce para encher a alma. É uma maravilha, uma luz de

sabedoria, uma íntima obra de amor que só se realiza e se compreende na esposa de Deus. Sinto um grande perfume de Jesus, mas ele está escondido. Eu, o espero preocupada totalmente em preparar-lhe a santidade de amor, na qual ele ficará repousando para uma união plena. O tempo não me preocupa. Que ele venha ou vá, minha única preocupação é preparar sempre mais, na cela, a santidade de amor que o Espírito Santo trará quando quiser. Agora sei que a união com ele é infinita e que infinita é a santidade de amor que devo receber na minha alma”.

IV. MODELO DE VIDA INTERIOR E DE UNIÃO COM DEUS

Vida interior, para Vincenza, é ser plenamente animadas pelo Espírito Santo que nos configura com o Filho de Deus e nosso Redentor e nos une na comunhão com o Pai celeste. Isto pressupõe da nossa parte o empenho ativo ao silêncio, à escuta, ao estar com Jesus, para adorá-lo e recebê-lo na Eucaristia. Em tudo isto, Maria nossa Mãe, nos é modelo e ajuda.

1. Modelo de silêncio e de humildade

Vincenza recomenda freqüentemente o silêncio interior e exterior e motiva a preciosidade dele. Comentando a Regra, escreve: “O silêncio é fecundo para a vida da alma [...]. O silêncio é embeber-se na fonte vital onde Deus habita [...]. O silêncio é emergir-se em Deus”¹⁸.

Todavia, também recomenda o falar “tenhamos também para todos a palavra caridosa do santo amor”, mas, tão

¹⁸. *La via dell'amore, I, Per vivere la mia vocazione*, p. 58. Si vedano anche le pp. 56-59.

logo a caridade tenha cumprido a sua tarefa, sejamos o raio que logo se liberta daquilo que o prende e mergulha em Deus. Escutemos sempre com grande, delicada e especial caridade quem nos fala; estejamos sempre prontas a serenamente aliviar as almas com nossas palavras. E façamo-lo até com sacrifício e sofrimento de nossa parte. Jamais devemos condescender à nossa realidade e satisfação diante de uma alma que podemos ajudar com nossa palavra. Devemos levar sempre mais e a toda parte a doce serenidade do divino amor que sabe quando uma alma necessita de silêncio, e sabe falar quando uma alma necessita de uma palavra. Tenhamos certeza, pelo silêncio Deus nos ensinará a calar e a falar. No silêncio da união aprenderemos a divina delicadeza de Jesus, nosso Senhor, que é sempre o primeiro a dizer à alma uma palavra divina de verdade e de vida¹⁹.

A este ponto o pensamento de Vincenza vai para Nossa Senhora com convicção e admiração: “E nossa Mãe divina, que foi sempre a primeira a falar a palavra do amor, mas sem prolongar a conversa até a dissipação dela e de quem conversava com ela! Pois bem: devemos assemelhar-nos em tudo à nossa Mãe. Sempre as primeiras a falar, quando falar é caridade, mas sempre as primeiras a calar para não faltar à caridade”²⁰.

O escrito prossegue falando agora da necessidade de: “exercitar-se no santo silêncio”, um silêncio ditado pelo amor “vigilantes não em abster-se do mal, mas em por a alma em condições de ocupar-se prontamente e sem empecilhos com nosso amor fraterno, o Senhor Deus,

¹⁹ *O Caminho do Amor I, Para viver a minha vocação*, p. 59.

²⁰. *Idem I*, pg. 59

que vive em nós e sempre nos espera para viver conosco uma só vida de amor”²¹.

E de novo o pensamento vai para o modelo: “O nosso especial modelo é nossa divina Mãe. Pensemos como deviam ser suas palavras, com que graça divina as terá pronunciado, e como terá vivido sempre unida ao seu Eterno sol”²².

Estreitamente ligada ao silêncio está a virtude da *humildade*, virtude profundamente evangélica e nota essencial para a espiritualidade da PFF. Vincenza a indica como indispensável para viver a exemplo de Maria. Em uma carta toda assinalada na luta contra o orgulho para combater com empenho pela humildade, concluindo Vincenza escreve: “Irmãs, luz da vida, luz de Deus, vida escondida, retirada, silenciosa ao mundo, silenciosa é a santa humildade. Que bela caminhada assim, no abrigo secreto da nossa alma, onde o Espírito Santo nos faz rezar com gemidos inefáveis ao Pai e nos doa Jesus”.

E logo prossegue pensando em Nossa Senhora: “A nossa Mãe celeste seja o nosso espelho. Nela veremos qual deve ser a nossa vida escondida, retirada, silenciosa. Ah, a nossa Mãe celeste, no silêncio da sua casinha! Dela o mundo não cuidava, mas o seu coração era o feliz reino de Deus, e Deus nela. Eis a virgindade que na humildade é fecunda de glória a Deus e de salvação às almas. Felizes se seguirmos Jesus passo a passo e estaremos com Ele a exemplo de Nossa Senhora. Ele nos transformará sempre mais e tornará sempre mais superabundante, a nossa própria vida”²³.

²¹. *O Caminho do Amor I*, pp. 59-60

²². *Idem I*, p. 60

²³. *O Caminho do Amor II, Cartas de Vincenza às Irmãs da PFF*, abril 1943, p. 16.

2. Modelo de escuta da Palavra

Aquela que no Testamento espiritual escreveu: “Entre todos os livros um me é querido: a Sagrada Escritura”, tinha bem razão de recomendar às irmãs para dar grande importância à *Palavra de Deus* e de criar um clima de recolhimento e de oração que rendesse frutuosa a escuta. Ela lembra que a palavra ouvida na pregação dos sacerdotes é “Palavra divina que nos vem do próprio Pai que tanto ama as nossas almas”, portanto, devemos fazer delas tesouro: “Façamos tesouro, como nossa Mãe divina, que no recolhimento e no silêncio meditava a palavra divina das Sagradas Escrituras e a mente dela enchia-se de Deus. Juntas com ela no relacionamento de filhas sempre mais estreito aumentará em nós a fome e a sede de Deus e, enquanto bebermos e nos alimentarmos com a divina palavra, ainda se cumprirá em nós a vontade divina que nos faz mães de amor pelas almas, pela glória Dela²⁴.”

Na carta de maio de 1961, às irmãs, após fervida exortação para viver uma piedosa eucaristia verdadeiramente vivificante, recomenda também de alcançar a verdadeira sabedoria na oração e na escuta da palavra divina a exemplo de Maria. É certo que Deus “se revela às almas puras, amantes, sejam elas cientistas ou ignorantes, na oração, fonte de sabedoria”. Em consequência: “Porém, utilizemos também todos os meios à disposição, dentro das nossas possibilidades, para conhecer melhor Aquele que nós amamos. Conhecer a palavra Dele com a nossa alma”. E eis ainda Maria como modelo: “Nossa Senhora, lia, meditava, guardava e fazia com que a palavra de Deus gerasse

24 *O Caminho do Amor II*, 25 março 1953, p.28.

frutos no seu coração imaculado. Nós também, minhas queridas, conduzidas pela mão do amor do seu coração imaculado, lemos, estudemos, meditemos e guardemos no nosso coração, na nossa alma a palavra de Deus que em nós e nas nossas almas gerará frutos de vida eterna”²⁵.

Jesus: “nos revela ao Pai e a Trindade Dulcíssima”; em consequência: Estejamos atentas à escuta! Que ofensa à dulcíssima Trindade que habita e vive em nós, não receber seu divino amor, mais preocupadas com as coisas terrenas do que de sua vida e seu amor!²⁶.

2. Modelo do estar com Jesus

Nossa Senhora é modelo do estar com Jesus na quieta simplicidade e humildade em doce confiança: “Tudo era calma, simplicidade e doce intimidade no coração de Nossa Senhora, pois a sua alma celestial era totalmente feita de humildade. Criatura excelsa, de excelsa perfeição, senhora e rainha de única e divina predileção, apresentava-se a Deus com a humildade do seu nada. Humilde serva aos pés do seu próprio Senhor. Assim, minhas filhas, sempre devemos apresentar-nos ao Senhor na oração. Humildes na consideração do nosso nada. Para nós há mais ainda: nos devemos descer para além do nada, na miséria dos nossos pecados, não para repararmos na miséria deles, mas para poder nos elevar com maior humildade e alegria, rumo ao supremo Bem. Que alegria, para nossa Mãe celeste, o louvor ao supremo Bem que tudo lhe havia dado! Mente, coração e espírito estavam totalmente mergulhados na humildade.

²⁵. *O Caminho do Amor II*, maio 1961, p. 34

²⁶. *Idem II*, dezembro 1979, p. 148

Aquela humildade que, além de nos fazer conhecer a nossa abjeção, nos faz amá-la pela maior glória que por ela nos leva a Deus²⁷.

“Ensina às irmãs a fazer da PFF a sede no Coração Eucarístico de Jesus, onde todas, em qualquer parte do mundo, possamos reunir, através de nossa reunião universal de caridade, como ela está na vontade do coração de Deus para os homens. Lá está sempre nossa Mãe, plena da Maternidade divina, aperfeiçoando nossas disposições no cumprimento da vontade divina do seu e nosso Jesus, na sempre plena maternidade de graças”²⁸.

E ainda, dirigindo-se às irmãs do Conselho Central: “Nós estamos espalhadas no mundo, mas temos nossa sede-centro: o Coração Eucarístico de Jesus. Nele permanecemos sempre, continuamente. Façam morar nessa sede as filhas, pois ali encontrarão também a Virgem nossa Mãe poderosa e amorosa, nosso espelho de perfeição”²⁹.

Vincenza quer que as irmãs, com o dom de Deus, se ajudem reciprocamente para “caminhar juntas e rápidas, sempre mais rápidas à meta do seu divino amor”. Isto pressupõe: “andar contra a correnteza, ou seja, em sentido contrário ao espírito do mundo”. Mas para que o Senhor nada encontre do mundo no nosso coração, é indispensável que vivamos “a nossa santa pobreza” a qual, “vívda por nós no mundo, no seio da sociedade humana, é orvalho refrescante, que mata a sede, que germina a vida nas almas sufocadas, ressecadas. Áridas pelos bens da terra. Há tanto que sofrer pelos muitos males que arruínam as almas”.

²⁷. *O Caminho do Amor II*, maggio 1943, pp. 17-18

²⁸. *O Caminho do Amor II*, *Cartas de Vincenza a Maria Mariani*, 14 dezembro 1962, p. 194

²⁹. *Idem II*, 11 fevereiro 1963, p. 198.

Desta constatação Vincenza tira um ensinamento: “Com a nossa doce Mãe, todas juntas no seu coração eucarístico, ofereçamos a Jesus as dores da nossa alma, as dores do nosso corpo em suave, doce sacrifício de amor. Espírito Santo vem, arde, vivifica, somos suas”³⁰.

Na carta de março de 1966, Vincenza trata da Eucaristia como obra da Trindade e, função da nossa união com Deus. Vê no mistério eucarístico nossa participação mística no mistério da santa humanidade de Jesus e da maternidade de Maria. Escreve: “No mistério eucarístico ocorre o cumprimento da obra de Deus Pai, que é a união de Deus Filho com a humanidade, começada por Deus Espírito Santo no colo puríssimo da Virgem Maria. Minhas queridas irmãs, nós, particularmente, nos encontramos engajadas a seguir e imitar a nossa Mãe imaculada. Ela, Mãe de Deus, é a perfeita, a mais alta união com a Santíssima Trindade. De Deus Pai, é a Filha; de Deus Filho, é a Mãe; de Deus Espírito Santo, é a Esposa. Materna e potente, Maria Santíssima é toda a nossa confiança, a nossa segurança. Sigamos então, seus passos: segui-la, imitá-la, assemelhar-se a Ela, para que nós que somos parte da humanidade possamos viver com Ela, por toda a humanidade, a união íntima com a Santíssima Trindade, assim como o Pai quer, o Filho e o Espírito Santo, aos quais seja honra e glória pelos séculos, Amém!”³¹.

Na carta sucessiva, pensando na instituição da Eucaristia em função da união da humanidade com Jesus Cristo, invoca a ajuda de Maria afim de que a intenção de

³⁰. O Caminho do Amor II, *Cartas de Vincenza a Maria Mariani*, 14 dezembro 1962, p.194.

³¹. *Idem II*, março 1966, p. 50.

encontramos Jesus, particularmente, na Eucaristia, e lá também, encontramos a Mãe que nos une a Jesus. Escrevendo a Maria Mariani, Vincenza recomenda: Jesus se realize em nós: “Virgem Santíssima, Mãe de Jesus, Mãe da Igreja, abra os corações de todos à união com Jesus, com o coração eucarístico de Jesus, vida e cumprimento da unidade perfeita do homem em Deus. Pai todo poderoso, em Deus Filho, vida e sabedoria eterna, em Deus Espírito Santo, amor. Trindade e Unidade eterna, atuante no eterno amor. Minhas queridas irmãs, a melhor parte para nós é nos doarmos totalmente aos irmãos, como Jesus. Mãe santa, nossa materna segurança, desejamos tanto cumprir, assim como o seu coração imaculado cumpriu, a santa vontade de Deus. Meu Deus, Trindade Santíssima, que habitas e vives na minha alma, te adoro, te agradeço, te amo. Deixeis que o coração o diga sempre”³².

3. Modelo de amor e de união com Deus

O amor total a Deus é a mais intensa união com ele constituem a única meta a qual Vincenza tendia com todo empenho porque acreditava na precisa e absoluta vontade de Deus. Refere-se nisso continuamente nos seus escritos. Neste, via Nossa Senhora como aquela que a atraía para a Trindade:

*“Mãe, tu és meu raio de atração ao Pai,
a Jesus, ao Espírito vivificante.
Basta que eu te olhe por um instante apenas
e o meu coração é imediatamente transportado para
Deus, no amor divino da Santíssima Trindade.*

³². O Caminho do Amor II, abril 1966, p, 51

*Mãe, toma meu coração e faze-o semelhante ao teu.
Jesus me chama a viver tua vida e tu me guias.
Mãe, faze que eu seja cheia de graça como agrada a
Jesus
e que meu viver com Deus seja semelhante ao teu.
Tu vês, como Jesus me chama”³³.*

A união com Deus no modelo de Maria é uma aspiração constante em Vincenza: “Preciso de uma grande solidão para entrar mais profundamente na cela da minha alma, e ali ficar muito tempo com Deus, com a Trindade santa. Ficar sozinha com ela no fogo que queima qualquer pequeno defeito, deixando-me identificar no seu fogo vital. Fogo que produz a vida. Quanto desejo que minha vida, como a da minha Mãe, não seja outra coisa que sua vida”³⁴.

Considero que “Jesus nos chama a uma vida toda de amor”, Vincenza logo olha para o modelo: “Como a nossa Mãe divina, o Senhor nos encontre diante dele humildes e dóceis: *Eis a serva! Cumpra-se em mim, ó Senhor a tua vontade*”³⁵. “A vida divina na criatura tem princípio, isto é, começa, mas não tem fim, quer dizer, é infinita. Começa com o homem (para podermos compreender) e vai até o infinito. Feliz a alma que em consequência de sua vida e de seus atos tem um aumento de graça. Ela terá uma grande união com Deus. Eis a Mãe do nosso amor, Jesus, e nossa! Ela é cheia de graça, e como tal tem a plenitude da união com Deus”³⁶.

³³. *O Caminho do Amor I, Jesus Amor*, n.11, p. 82.

³⁴. *Idem I*, n. 67, pp. 103-104

³⁵. *Idem I, Per vivere la mia vocazione*, p. 39

³⁶. *Idem I*, p. 46

A união com Deus é *querida por Deus*, e Vincenza não quer outra coisa senão que se cumpra a vontade de Deus: “Deus quer ter em mim o seu reino como a Mãe celeste. Quer que a minha união seja contínua, que a minha vida de graça seja grande, plena e fecunda”³⁷.

“Vida fecunda: Vincenza pensa também na eficácia apostólica do seu viver, aquela eficácia que é fruto do Espírito Santo: “Devo viver como minha Mãe, para ter em mim a plena fecundidade do Espírito Santo e receber continuamente a vida: Jesus. Minha mente sempre unida a Deus para recebê-lo. Meu coração sempre unido a Deus para ter uma só vida com ele. Minha alma totalmente absorvida nele, meu absoluto Senhor, para realizar sua santa e divina vontade”³⁸.

Tomando a motivação do episódio evangélico no qual disse que Maria de Betânia escolheu a melhor parte que não lhe será tirada (Lc 10,42), Vincenza exorta as irmãs para que se disponham com todas as forças na escuta do Senhor, imitando não só a irmã de Lazaro, mas, sobretudo, Maria de Nazaré: “Esvaziemos as nossas mentes, o nosso coração, a nossa alma de qualquer outra coisa, e como a nossa Mãe divina, enchamos as nossas mentes, o nosso coração, a nossa alma, de Deus, fazendo com que Ele more em nós, e nós não sejamos nada mais que a vida dele. No meio do mundo.

Nós temos de ser como a Virgem nossa Mãe, atentas à vida de união com Deus, com a Trindade Santa, com Jesus, amor e vida, esta é a suprema glória e o supremo apostolado para as almas”³⁹.

³⁷. *O Caminho do Amor I, Jesus Amor*, n. 57, p. 100

³⁸. *Idem I, Jesus Amor*, n. 68, p. 104.

³⁹. *Idem II, Cartas de Vincenza às Irmãs da PFF*, 05 maggio 1952, p. 27

Em março de 1978 Vincenza escreve que o Espírito Santo e Jesus purificam o nosso coração afim de que seja capaz *de amar com perfeita liberdade e com todas as fibras*; afirma *beata a cruz e beato o sacrifício*, porque cruz e sacrifício são “o caminho seguro do amor, da união com Jesus e com os irmãos, cumprindo em nós a vontade do Pai, suave união no Espírito com a dulcíssima Trindade nossa vida”. E após estas afirmações, eis a exortação à Pequena Família Franciscana para seguir Maria como modelo e ajuda neste caminho: “Pequena Família Franciscana serve ao Altíssimo à semelhança da Mãe de Jesus e nossa Mãe, plena de graça. Cresce em graça e serve ao Altíssimo na exultação do sacrifício dom total de amor. Adora e serve em Jesus a altíssima Trindade, a salvação da humanidade. Ajuda-nos, Mãe cheia de graça, a crescer na graça para que, na efusão do Espírito, a verdade resplandeça no coração, suave força de vida, de amor, de sacrifício, de doação total. Como é belo o coração no esplendor da graça, assim que vêem Jesus na beleza de nosso coração, amam Jesus, por amor do nosso coração doado a ele. Ajuda-nos, Mãe nossa, plena de graça, para assemelhar-nos ao teu coração imaculado, ardentemente unido à Santíssima Trindade. Esta é a doce paz de vida humano-divina para o nosso coração”⁴⁰.

O amor e a união com Deus é o argumento sobre o qual Vincenza continuamente retorna. Exorta as irmãs para ter “a máxima solicitude de viver na união com Jesus, nosso caminho, verdade e vida”, e a “máxima solicitude do dom da vida, no íntimo da alma, dom sempre mais santo, mais belo”. E isto a exemplo de Nossa Senhora: “A semelhança da Virgem, nossa Mãe,

⁴⁰. *O Caminho do Amor II*, março 1978, p. 129

eu repito novamente: *‘Escutai a doce Trindade e seus corações se inflamarão de amor divino [...]. Estejam atentas a receber no íntimo de suas almas, o dom do Pai e a dar-lhe vosso dom total no amor de Jesus. A semelhança da Virgem nossa Mãe, nossa alma e nosso coração difundem amor no meio dos irmãos e com os irmãos e assim se cumpre em nós a vontade do Pai, na terra como no céu: a nossa redenção e a dos irmãos’*⁴¹.

Três meses após estas exortações Vincenza retorna ao argumento solicitando as irmãs *a crescer na graça, a viver a íntima união com o Pai celeste e com a doce Trindade em meio aos irmãos*; e depois acrescenta: “Filhinhas, caras irmãs, chamadas a dar nossa vida de amor à doce Trindade em meio aos irmãos e com os, irmãos, disponhamo-nos sempre mais, imitando nossa Virgem Mãe, a receber o dom da graça: o Espírito Santo, para que se cumpra em nós a plenitude da união, vontade do Pai. Como à nossa Mãe, o Espírito Santo nos dá Jesus e faz com que o coração exulte em seu Salvador”⁴².

Na carta de setembro de 1981, escrita com a idade de 80 anos, traça quase uma breve síntese do programa por ela transmitido à Pequena Família Franciscana. Inicia com habitual antífona trinitária e depois prossegue: “Oremos assim, na vigilância do nosso coração, para que se realize em nós, à semelhança da nossa celeste Mãe, a vontade do Pai. Com a nossa doce Mãe doemo-nos cada dia na vigilância do amor, para sermos sempre mais belas em graça, pela união dos corações ao Pai. Oh, a doce pobreza que espolia o coração de si mesmo e das coisas terrenas, quanto é rica de graça! Oh, a doce

⁴¹. *O Caminho do Amor* II, dezembro 1979, p. 140

⁴². *Idem*, II, março 1980, pp. 150-151.

liberdade que faz voar o coração no amor do Pai, na união com a doce Trindade. Libertemos o nosso coração do nosso “eu” e gozemos a felicidade da comunhão com Deus. Que alegria o coração livre, “uno” em Jesus! Que doce paz em meio ao sofrimento!

Quanto à nossa Virgem Mãe, repito: ‘cheia de graça’, eu exulto pela sua divina beleza e pela glória que essa dá a doce Trindade. Assim nós, à semelhança sua, em nosso coração sempre mais pleno de graça, glorificamos a doce Trindade, por toda a humanidade”.

O escrito prossegue comentando a beleza da vida de união com Deus: “Filhinhas e irmãs queridas, viver em união com o doce Pai, com o doce Filho e com o doce Espírito Santo. As pessoas da Santíssima Trindade não são nunca divididas: onde está o Pai que doa e chama está o Filho que se doa e está o Espírito Santo. Onde, no coração do homem, está o Filho que salva o homem, está também o Pai que nos faz seus filhos, e está o Espírito Santo que efunde o amor do Pai e do Filho. Então o nosso coração se torna o lugar de toda a comunhão de amor e de vida. Eu, mísero trapinho, com o coração pleno de amor de Jesus, amo, adoro, agradeço a Santíssima Trindade e, com todo ânimo clamo para que todos os corações conheçam, amem, adorem a Santíssima Trindade. Filhinhas e irmãs queridas despojemo-nos de nós mesmas, na dor, no sofrimento, no sacrifício, pela alegria de preencher-nos de Jesus que nos une ao Pai”⁴³.

5. Com Deus inspirou e preparou a PFF

Era certíssima a convicção de Vincenza que a fundadora da Pequena Família Franciscana fosse preparada e inspirada pelo Senhor e por Nossa Senhora

⁴³. *O Caminho do Amor II*, setembro 1981, pp. 161-162

mediante a vocação pessoal que foi amadurecendo progressivamente, não sem um “martírio secreto”. Tal vocação ela delineava sempre mais claramente *o fim, as modalidades de oferta, e as formas de apostolado*.

Em 1974, enquanto se estava revendo o Estatuto da Pequena Família Franciscana, para transformá-lo em Constituições, Vincenza confiou à Presidente Maria Mariani um escrito «que revela a vocação da PFF e a ela pertence». Confiava-o à Presidente Central para que fosse conservado, conhecido e observado na plena alegria do dom total a Jesus”⁴⁴. Em tal escrito emergem três afirmações importantes:

1. O Senhor, quando quis, *me revelou* de viver na união com Deus.
2. *Com certeza*, o Senhor me revelou que outras almas viriam.
3. O Sumo Pontífice *me confirmou* a vida de união com Deus, no meio do mundo com os irmãos.

É verdade que neste escrito não está mencionada Nossa Senhora, mais em tantas outras vezes Vincenza afirma que tal modo de vida se inspira na vida da nossa Virgem Mãe celeste como aparece também daquilo que virei expondo. Leiamos o texto de Vincenza: “Natureza e fim da Pequena Família Franciscana. O Senhor, quando quis, me revelou de viver em união com Deus, na cela da alma, no meio do mundo com os irmãos. E, com certeza, Jesus me revelou: outras almas virão para vivermos juntas em união com Deus, na cela da alma, no meio do mundo com os irmãos, apóstolas do seu santo Evangelho, na lei da caridade, do Espírito Santo, dom do Pai. O Santo Padre (Maria, você se recorda?), me confirmou a vida de união com Deus, no meio do mundo

⁴⁴. *O Caminho do Amor II, Cartas de Vincenza a Maria Mariani*, 27 fevereiro 1974, p. 222

com os, irmãos. O Santo Padre me revelou:

- Viver a vida de união com Deus. “*Sim*”.
- Na cela da alma. “*Sim*”.
- No meio do mundo. “*Sim*”.

Em união com Deus, na cela da alma, a Pequena Família Franciscana cumprirá sempre, na lei da caridade, a vontade de Jesus, como Jesus cumpriu a vontade do Pai”⁴⁵.

Quando jovem professora trabalhava intensamente na escola e na paróquia, Vincenza percebia sempre mais claramente a qual tipo de consagração o Senhor a chamava: “Enquanto isso amadurecia em mim, de forma clara e intensa, uma nova vida de consagração a Deus. [...] O meu segredo estava bem fechado em mim e amadurecia sempre mais no silêncio e na oração”⁴⁶.

O conteúdo desta vocação à vida de consagração ia-se delineando com clareza. De fato Vincenza escreve: “Em meio a todas essas obras Deus me chamava sempre mais no íntimo da minha alma. Ele queria a união com Ele no mundo. Queria almas que, renunciando a si e ao mundo, vivessem no mundo uma vida de união com Ele. Uma vida de graça no íntimo da alma, com a Trindade Santa, como Maria. Para mim era um martírio secreto entre Ele e eu. Deus me impelia”⁴⁷.

Empurrada por Deus finalmente Vincenza teve um encontro com Fr. Agostinho Gemelli para que lhe desse um apoio na realização da vocação. Mas, justamente naquele encontro se convenceu que “a via de Fr. Gemelli não era aquela que o Senhor queria de mim”⁴⁸.

⁴⁵. *O Caminho do Amor II*, pp. 223-224.

⁴⁶. *La via dell'amore, I, Irmã Vincenza fala de si*, p. 15

⁴⁷. *Idem II, Cartas de Vincenza a Maria Mariani*, 13 novembro 1960, p. 179

⁴⁸. *Idem II*, p. 179.

Vincenza nos tem sempre sublinhado que desde as origens da Pequena Família Franciscana ela se *sentia movida pelo Senhor* para fazer as irmãs compreender a “vontade amante” de Deus o qual “queria no mundo almas amantes, consagradas a Ele, numa vida de união, como Nossa Senhora. Sua caridade me fazia me aproximar das pessoas e a superar os obstáculos com a força do amor. O Padre Ireneo preferia que não fizesse nada e que me bastava viver o regulamento com o grupinho das terceiras em Brescia. Mas eu tinha um forte e suave desejo de uma instituição com almas consagradas a Deus numa vida de união no meio do mundo, uma vida de graça e caridade, como Nossa Senhora. O Padre não queria isso e temeroso, deixava-me agir, aceitando com paterna bondade, minhas solicitações”⁴⁹.

Na carta de setembro de 1966 Vincenza trás uma sua oração formulada muitos anos antes, na qual disse “*alguma coisa que Jesus e Nossa Senhora preparavam para a nossa Pequena Família Franciscana*”. Exprime a invocação de poder viver totalmente em Deus como viveu Nossa Senhora:

*“Meu Deus, Trindade Santíssima, tolhe-me. Se esta noite eu pudesse dizer: hoje me deixa toda em ti. Meu Senhor deixe-me em ti, toda em ti, meu Senhor, como a minha Mãe. Meu Senhor, Trindade Santíssima, Espírito Santo aumenta em mim a graça, aumenta-a cada instante, eu tenho necessidade de viver a tua vida, como a minha Mãe”*⁵⁰.

⁴⁹. O Caminho do Amor II, 15 novembro, 1961, p. 188

⁵⁰. Idem II, Cartas de Vincenza às Irmãs da PFF, setembro 1966, p. 52.

Segundo Vincenza isto, que era o quanto Jesus e Maria inspiravam a ela, era também isto que se esperava da PFF. Prova disso é o fato que Vincenza se dirige às irmãs afirmando que quando se ama verdadeiramente o Senhor, não se pode pôr limite ao dom total de si para receber sempre mais o amor divino. Demonstra o quanto a mortificação do egoísmo natural é necessária para nos abrir à graça da participação na vida divina. Enfim continua escrevendo: “O nosso livre “Fiat” (sim) à mortificação, às renúncias ao cumprimento da vontade divina em nós é a grande secreta cooperação na graça.

Abandonemo-nos com amor filial no coração da Mãe. Ela, que foi cheia de graça, conhece a perfeição, o caminho da graça, a fonte da graça, à qual nos conduz com mão maternal. É o seu coração que vive em uníssono com o coração do seu Filho, a nossa poderosa segurança”⁵¹.

Já três anos antes Vincenza havia expressado a sua alegria de ter podido constatar o zelo com que as dirigentes dos grupos assistiam e guiavam a PFF; havia exaltado a santidade no corpo e na alma, “o candor esplêndido da pureza” qual jóia de Deus e testemunho no mundo. A este ponto o seu pensamento entusiasmado ia para a PFF e para Maria seu modelo: “Ó minha querida Pequena Família Franciscana, oásis de pureza no mundo, não dobre a haste; levante-se exuberante, siga a Mãe puríssima que quis a PFF guarda de honra do seu coração imaculado. É ela que com amoráveis e maternais cuidados nos conduziu tão perto do coração imaculado, casa de ouro, alva torre, sede de sabedoria, que em cada momento da sua vida terrena crescia na íntima união com

⁵¹. *O Caminho do Amor II*, setembro 1966, p. 54

as três divinas Pessoas. O seu coração imaculado não perdeu a menor parte do dom da inacessibilidade de Deus. Desde o começo este foi o fundamento da nossa PFF. Viver, como a Mãe nossa, a vida interior com as três divinas Pessoas na sela secreta da nossa alma. Igual a ela, vida de união com Deus no meio do mundo. E ela, com amor de Mãe nos atraiu sempre mais ao seu coração imaculado e nos tornou: sua *guarda de honra*. Nos ensinou e nos ensina a entrar na intimidade com o Pai, com o Filho e com o Espírito Santo. O grande desejo do seu coração é que suas filhas se pareçam com Ela. E quanto Ela delicia-se na alma, na intimidade com a Trindade Santa”⁵².

V. MODELO NO VIVER OS CONSELHOS EVANGÉLICOS

Nossa Senhora é modelo perfeito daquela forma de vida que é a consagração a Deus mediante a profissão dos *três conselhos evangélicos* da castidade, pobreza e obediência. O desejo de tal forma de vida empurra a jovem Vincenza a entrar como aspirante no convento das Irmãs de Maria Menina, em Milão. Após somente seis meses foi obrigada a sair do convento e voltar para casa. Todavia, não renunciou ao ideal de consagração total e constantemente, com a oração e o discernimento, procurou o modo de realizá-lo dando vida à Pequena Família Franciscana. Agora, colhamos com alguns dos seus ensinamentos acerca dos três conselhos evangélicos de castidade, pobreza e obediência, sempre com referência a Maria como modelo perfeito.

⁵². *O Caminho do Amor II*, dezembro 1963, pp. 37-38.

1. Castidade virginal

No seu Regulamento de vida, que depois com alguns retoques se tornou o Regulamento da PFF, Vincenza havia escrito que o voto de virgindade “faz a alma abraçar no céu o seu (Deus de) amor e a torna sua esposa”.

Em 1930 escreveu um verdadeiro Cântico da virgindade, que foi publicado no Boletim da Terceira Ordem Franciscana em São Caetano. A forma lexical se ressentia da linguagem usual daquele tempo; mas o que conta são as intuições teológicas, o fervor e o entusiasmo, de quem escreveu. Verdadeiramente Vincenza não menciona Nossa Senhora, mas está claro que a sua figura está no fundo de todo o escrito. Vamos à carta.

A) O CÂNTICO DA VIRGINDADE

Virgindade

O Altíssimo, Onipotente Amor, chama às núpcias as suas criaturas. São suas as núpcias! As núpcias com as criaturas e as núpcias com o Rei do céu. Oh, maravilha! As núpcias como Rei do céu! Com o Altíssimo que do nada tirou o universo e a sua criatura. As núpcias com o Onipotente que num instante pode suscitar incêndios de amor e espera. Espera com a infinita e eterna força do seu amor, espera o suspiro da sua criatura! Oh! obra magnífica do Eterno amor! As núpcias do Rei do céu! Mas, para ir às núpcias, ocorre que o Rei chame ao amor. E quem Ele chama para o amor! Oh, ao amor Ele chama à candura. Oh, beleza inenarrável daquela que é chamada a tornar-se sua esposa! Ela é cândida como o lírio e no seu caminhar não admite sopro de mancha. Não

admite outra beleza, porque sabe que tudo é sombra e vem para ofuscar o candor que torna irmã dos Anjos. É ciumenta e feliz da sua beleza divina! E como não deveria ser se é a rainha magnífica onde deve habitar o seu Rei! E Ele! Oh, Ele naquela rainha de cândido fulgor se estabelece e prepara para as núpcias a sua dileta. E ela também se estabelece nele e nunca mais se separa da sua morada. E vive junto ao seu Amor na cela da sua alma. E que confirmar desta afortunada que, em companhia dos Anjos, ocupa-se a louvar o seu Rei, a contemplar a sua divina beleza, a exaltar a sua grandeza onipotente, a adorar a sua divina santidade, a agradecer a sua bondade, a cantar a alegria de amá-lo! Ela estará unida ao Amor. Assim acontecem as núpcias da virgindade! Oh, gáudio divino! Nunca mais ela deixará de ser a rainha afortunada! Nunca mais abandonará a doce morada onde o Rei eterno a fez sua rainha para a eternidade. Virgem feliz aos pés do seu Criador, do seu Salvador, do Altíssimo Eterno Rei de amor. Criatura tirada do nada e chamada pelo seu Deus para participar a divina grandeza d'Ele que é Vida, oh, como não te sentir queimada de amor por Ele que só para amá-Lo a criou.

Ó Virgindade, magnífico divino dom do Amor para a criatura, por isso ela espaaça nos céus da sua alma, nos céus infinitos do seu Deus, e recebe o amor e se une as núpcias com a Vida! Ó Virgindade, fulgor de luz, candor dos Anjos, amor de Deus, floresça centuplicada sobre a terra para estabelecer a Vida, reino de Deus, para circundar o Amor de uma falange de amantes lírios perfumados, no universo mundo, onde universal deve ser o seu reino! E quem não desejará ser o cândido lírio que para as núpcias com o divino Rei!!! Quem não desejará ser rainha feliz aos pés do Amor incriado! Ó jovens,

minhas irmãs, deixai as pequeninas coisas terrenas e venham comigo para a Vida! Deixai as belezas que não são senão sombra e venham comigo para a Beleza! Deixai os amores do tempo também eles sombras caducas, e venham comigo para o Eterno Amor”⁵³.

B) MODELO DE CASTIDADE VIRGINAL

No “Comentário da Regra” Vincenza exprime a sua admiração e reconhecimento ao Senhor pelo dom singular e precioso da virgindade consagrada, e afirma a necessidade de “elevar-se acima do viver humano para trazer em nós, sempre mais pleno e perfeito o excelso dom da virgindade”. Em consequência: “A caridade perfeita deve encher-nos a alma, pois nossa vida de amor com o Amor é vida fecunda com a Vida”.

E para acrescentar a esta plenitude de vida Vincenza indica o modelo: “Ao lado de nossa divina Mãe, elevemos o olhar ao nosso doce Senhor, ao nosso Rei que amamos, ao divino e santo Espírito, e veremos de que excelso amor e de que excelsos frutos eles têm a vida”⁵⁴.

Aqui Vincenza acrescenta que “nossa castidade não é resignada [...]; é uma virgindade querida e preferida ao matrimônio [...]. A castidade é uma questão de amor. Trata-se do sponsalício com Jesus; somente unidas, apegadas a ele nos manteremos na castidade perfeita. O amor a Maria santíssima será a mais forte ajuda para nós. Sempre próximas a nossa Mãe, sigamo-la sem nunca afastar-nos um passo dela”⁵⁵.

Logo após o funeral de Frei Ireneo, Vincenza nos confia

⁵³. *Boletim da TOF em S. Caetano*, julho-agosto 1930, p. 2.

⁵⁴. *O Caminho do Amor I, para viver a minha vocação*, pp. 68-69

⁵⁵. *Idem I*, p. 69

a Deus pronunciando o seu: “*Senhor seja feita a tua vontade*”. Depois, segura de que Fr. Ireneo nos acompanha do céu”, lembra às irmãs que “para nós se faz sempre maior a urgência da nossa formação de consagradas a Jesus no meio do mundo”. Reza ao Pai celeste que mande incessantemente o Espírito Santo ao coração dos nossos padres assistentes, para que levem com solicitude sacerdotal o peso da nossa, e também deles, Pequena Família Franciscana.; e enfim formula um desejo: “Os nossos corações sejam assim belos assemelhando-se ao coração da Mamãe celeste, plenos de graça para a glória da santíssima e adorável Trindade, luz, salvação e gáudio da humanidade”⁵⁶.

2. Pobreza evangélica

No boletim da TOF em S. Caetano Vincenza escreveu um breve artigo que foi publicado em junho de 1930 Poderemos chamá-lo *Cântico à Pobreza*, Vincenza pôs como título um versículo da *Saudação às virtudes*, escrito por S. Francisco de Assis. Leiamos.

A) Canto à Pobreza

“Minha Senhora, santa Pobreza, Deus te salve!”.

Eu me sinto tomada de imensa alegria pensando na santa pobreza vivida no mundo. Não possuir nada e restringir muito o necessário. Não ter senão dois vestidos, comer somente o pouco necessário como se apresenta sem fazer caso ao sabor. E quando os amigos vierem, oh, que alegria de fazer-se encontrar pobres, sem grandes cômodos, mobílias e comodidades, E dizer a

⁵⁶. *O caminho do Amor II, Cartas de Vincenza às Irmãs da PFF*, 2 junho 1976, pp. 116-117

eles: “Não tenho delícias para vos oferecer, não tenho senão o meu amor. Mas, oh, a suma felicidade de oferecer o pão a quem tem fome e hospedagem aos necessitados com toda a grandeza do meu coração e estar-me com eles, com todo afeto dos meus mais caros amigos! Oh! doce e santa pobreza que me torna, sim, livre na minha vida de amor! Pobre criatura, assim amada pelo seu Deus, de ser, de viver, participar da sua vida, ter o amor e amá-lo! Que riqueza! Que bem verdadeiro! Meu Deus, quem tu és do qual não posso dizer a Grandeza que a minha alma contempla, a Beleza puríssima que a alma inebria, a Vida que faz vibrar e gozar, a Luz que se revela e que queima. Tu minha riqueza, minha delícia, meu gáudio, meu doce inocente. Eu sou como uma pequena vara e Ti gozo, ó meu Sol!⁵⁷.

B) Pobreza em função da união com Deus

No *Regulamento de Vida* Vincenza havia escrito que o voto de pobreza «nivela [a pessoa] e lhe torna o caminho pronto para o completo abandono em Deus». E entre os meios necessários para “ter a alma ligada docemente ao seu Amor” havia indicado “a pobreza espiritual completa”.

Comentando a Regra, Vincenza dedicou ao voto de pobreza duas páginas em que este conselho evangélico é visto em função da maior união com Deus e do testemunho no mundo. Surpreende-nos que naquelas duas páginas não existe nenhuma menção a Nossa Senhora relativa a pobreza. Mas, a pobreza evangélica de Maria é recordada e admirada em outros escritos.

Nas cartas às irmãs Vincenza afirma: «Formadas pelos nossos padres assistentes na santa pobreza e guiadas

⁵⁷. *Boletim da TOF em S. Caetano*, junho 1930, p. 3.

para crescer em graça, viveremos à semelhança da nossa Virgem Mãe, com amor sempre maior, a nossa vida apostólica no meio do mundo onde o Senhor nos colocou»⁵⁸.

Em fevereiro de 1973, após calorosas exortações para viver a consagração como união com a *doce Trindade a exemplo de Maria*, Vincenza havia acrescentado: «Por isso vivei em ‘pobreza’ unidas à Virgem Maria. O seu amor materno nos acompanha no silêncio da união com o Espírito Santo, na intimidade do Pai, para que, como nela, se cumpra a divina vontade de doação ao mundo, do amor de Jesus vivente em nós»⁵⁹.

Um verdadeiro hino à pobreza nos ofereceu Vincenza por ocasião dos cinquenta anos de fundação da PFF: «Caríssimas irmãs, como agradecer a Deus, Trindade Santíssima, que nos fez este presente da PFF, pela qual pudemos nos consagrar a Cristo Jesus e viver a pobreza evangélica, a pobreza de nosso Pai São Francisco? Santa pobreza que produz flores do céu, bens celestes! Santa pobreza onde a alma e o coração livre se unem sempre mais ao seu Amor, ao seu Deus e Senhor, saborosa verdade, esplendor de vida: Jesus». Cinquenta anos de amor no Amor, insuflado em nossas almas, em nossa PFF! «A santa Pobreza, caríssimas irmãs, doa tudo ao Senhor: a alma, o coração, o corpo, todo nosso ser, para que tudo seja e deve ser, no amor, que no amor, nos dá a vida. Santa Pobreza que nos faz conhecer e amar Jesus e nossos irmãos!»⁶⁰.

⁵⁸. *O Caminho do Amor II, Cartas de Vincenza às Irmãs da PFF*, agosto 1975, p. 112

⁵⁹. *Idem II, fevereiro 1973*, p. 94

⁶⁰. *Idem II, outubro 1979*, p. 145

C) O FASCÍNIO DA POBREZA DE SÃO FRANCISCO

A pobreza entendida ao modo de São Francisco é um valor espiritual que Vincenza amou com intensidade particular para si e para a PFF desde a sua fundação. Encontramos fortes e muito significativas as seguintes afirmações que Vincenza expressou calorosamente em um encontro com as irmãs do grupo de Merate: «Eu queria, logo, que tudo se dirigisse a Frei Ireneo, tudo, mesmo as almas que chegavam deviam ir a Frei Ireneo, assim o grupo se formava, justamente porque o Senhor me havia disposto para a pobreza de São Francisco de Assis. Foi aquela que me uniu a todos os padres de São Francisco, a pobreza franciscana, porque é uma pobreza que despoja de tudo aquilo que pode ser obstáculo para a nossa vida de união com Deus. Devemos pensar que o Espírito Santo inunda de graças, infunde em nós a graça; mas é preciso que o coração esteja disposto a tirar tudo de nós mesmas, eis a pobreza: tirar tudo, antes dentro, depois fora. Está é a pobreza que nos coloca aí prontas para receber o Espírito Santo»⁶¹.

Notamos que neste texto, como nos seguintes, não está explicitamente mencionada Nossa Senhora, mas São Francisco. Porém não se esqueça que a pobreza querida por Francisco e por seus seguidores se inspirava no exemplo de Jesus e de Maria. Francisco meditava, com lágrimas nos olhos, a pobreza do Senhor Jesus Cristo e da sua Mãe pobre⁶². E na sua *Última vontade*, dirigida a Santa Clara e às Irmãs Pobres de São Damião, Francisco

⁶¹. *Cinquentésimo de fundação da PFF*. Ciclostilado, p. 27. Inédito

⁶². Cf. 2 Celano, 200: FF; *Leg.Maior*, VII, 1

escreveu: «Eu, frei Francisco pequenino, quero seguir a vida e a pobreza do altíssimo nosso Senhor Jesus Cristo e da sua santíssima Mãe e nela perseverar até ao fim» (FF. 140).

Prosseguindo no narrar as suas lembranças do passado e a situação presente, no encontro com as de Merate, Vincenza afirma: «Eu sempre fui levada à pobreza de São Francisco, ainda que diga com pesar, eu conhecia muito pouco o grande santo. Eu sentia querer viver a consagração no mundo mediante a pobreza franciscana [...]. Que alegria a santa pobreza que dá a liberdade do amor! Então sim que a alma virgem consagrada ao Senhor se desenvolve, cresce, arde nesta pobreza franciscana que a faz pairar no céu; porque não tem nenhum apego às coisas terrenas. [...]. Eu continuava a bater sobre a distância das coisas terrenas, a distância da terra, de nós mesmos. Eis a bonita e grande pobreza»⁶³.

4. A santa obediência

Vincenza sempre foi convencida que o *empenho fundamental* da vida consiste no *fazer em tudo e o mais perfeitamente possível a vontade de Deus*. Era lógico que visse no voto de obediência a “*corrente áurea*” por excelência «*que com segurança conduz a alma á união com Deus*», como escreveu no Regulamento de vida.

De outra parte, não podia esquecer os dois modelos supremos: Jesus e Maria na sua obediência à vontade do Pai celeste.

Comentando a Regra, Vincenza escreveu que «a santa obediência faz a alma caminhar com segurança para o

⁶³. *Cinquentésimo de fundação da PFF*. Ciclostilado, pp. 36, 37, 38. Inédito

monte excelso da santidade sem temer passos falsos nem perda de tempo»⁶⁴.

Prosseguindo o comentário, demonstrava que a pessoa consagrada é aquela que escolheu exercitar-se na obediência a Deus «até a obediência perfeita, num perfeito amor». De fato, para ser perfeita, a obediência deve ser expressão de amor a Deus e ato de fé em quem o representa na terra; é a resposta ao seu amor e é obra de santificação que Deus realiza em nós. A obediência é «o perfeito relacionamento com o doce Senhor que produz a perfeição em nós [...] A raiz da obediência está entre a alma e Deus». E conclui com um chamado de novo à Nossa Senhora: «Obediência perfeita ao amor de Deus foi a vida de nossa divina Mãe! Eis porque era perfeitamente obediente às criaturas»⁶⁵.

A conformidade com a vontade de Deus produz a união com Ele. Vincenza a pede como dom por intercessão de Maria: «Virgem santíssima, Mãe de Jesus, Mãe da Igreja, abra os corações de todos nós à união com Jesus, com o coração eucarístico de Jesus, vida e cumprimento da unidade perfeita do homem em Deus. Pai todo poderoso, em Deus Filho, vida e sabedoria eterna, em Deus Espírito Santo, amor. Trindade e Unidade eterna, atuante no eterno amor» [...] mãe santa, nossa materna segurança, desejamos tanto cumprir, assim como o seu coração imaculado cumpriu, a santa vontade de Deus»⁶⁶.

⁶⁴. *O Caminho do Amor I, Para viver a minha vocação*, p. 69

⁶⁵. *Idem I*, p. 70

⁶⁶. *O Caminho do Amor II, aprile 1966*, p. 51

VI. CONFIANÇA NA AJUDA DA MÃE

A devoção mariana pressupõe a confiança na ajuda poderosa de Nossa Senhora, na certeza que ela tem cuidado materno por nós. Vincenza nutre sempre esta confiança filial, desde quando era criança até quando, nos dias imediatamente precedentes a morte, os familiares a ouviam “invocar a Mamãe celeste e Jesus”.

1. Ajuda para viver a vocação e nas “terríveis negações”

Vincenza vivia de coração a própria vocação de consagrada no mundo, porque esta era a vontade de Deus. Por isso pedia a ajuda de Maria a qual não era somente modelo, mas também guia: “Mãe, toma o meu coração e faze-o semelhante ao teu. Jesus me chama a viver tua vida e tu me guias. Mãe, faze que eu seja cheia de graça como agrada a Jesus e que meu viver com Deus seja semelhante ao teu. Tu vês, como Jesus me chama”⁶⁷.

Vincenza quer que também as irmãs vivam em plenitude a sua vocação, inspirando-se em Nossa Senhora: «Filhinhas minhas, consideremos a nossa consagração a Deus na vida de união com Ele, à semelhança da nossa Virgem Mãe. Se não arde em nós o desejo e o querer de uma união sempre maior, vã é a nossa consagração»⁶⁸.

Consciente desde criança que o pai a havia consagrado à Nossa Senhora, Vincenza recorria especialmente a ela, quando as “terríveis negações” perturbavam a sua mente. Então, além do Senhor, ela se dirigia a Mãe celeste:

⁶⁷. *O Caminho do Amor I, Jesus Amor, n. 11, p. 82*

⁶⁸. *Idem II, Cartas de Vincenza às Irmãs da PFF, fevereiro 1973, p. 94*

«Minha Mãe, faze que me deixe atrair totalmente pelo amor, faze que minhas potências não sejam mais do que fogo do Espírito Santo que age no seio de Deus»⁶⁹.

2. Ajuda para um apostolado eficaz

Fascinada pela beleza da alma que vive da graça, Vincenza sofria constatando quanto mal há no mundo: «Quantas almas presas nas insídias do mal. Quantas almas nas trevas do pecado». É uma realidade que é mudada com a presença de almas santas. E Vincenza invoca: «Senhor Jesus, suscita os santos. És tu que salva as almas, que as inunda de luz divina, que vivificas a vida divina. Concedei-nos também o desejo de sermos os instrumentos da tua luz, da tua caridade divina no mundo das almas».

A oração continua longamente neste tom, pois Vincenza se dirige às irmãs para que invoquem a ajuda de Jesus e de Nossa Senhora para entrar na plenitude da vida divina: «Irmãs queridas, por nós, por todas as almas consagradas, por todas as almas que estão longe de Deus, roguemos a Jesus que nos apresente à Mãe. Roguemos que nos entregue a ela. Ela nos ensinará como sermos queridas ao seu Filho».

Nos ensinará como acreditar na Palavra de Deus; nos ensinará como podemos esperar na bondade de Deus; nos ajudará a entrar na divina caridade. Em união com o seu coração materno e imaculado entraremos na plenitude da vida divina: começo e fim da humana criatura no Amor não criado, vida eterna. Assim nós também nos tornaremos um raio de Deus no mundo. Um raio secreto, escondido na caridade operante de Deus.

⁶⁹. *O Caminho do Amor I, Jesus Amor, n. 19. p. 86.*

Um raio que atrai as almas para Jesus no gáudio de vê-lo conhecido, adorado, amado, servido; no jubilo do eterno reino d'Ele nas almas. [...] Seguimos a querida Virgem Mãe de forma que a humildade que atraiu Deus na sua alma, seja a forte e suave virtude que, nos tornando parecidas com ela, atraia também no nosso coração a plenitude do amor de Deus que faz os santos”⁷⁰.

Em junho de 1967 Vincenza anota como se desenvolve a sua vida e das irmãs: “Queridas irmãs, entre pedras e espinhos, entre lágrimas e dores, no turbilhão do mundo, caminhemos com Jesus. Jesus é o céu: Jesus está conosco, e nós temos o céu”.

Prossegue fazendo várias considerações; depois abre o coração em uma oração dirigida a Jesus, afim de que dê a ela e as irmãs *graça, amor, vida para levá-lo nas estradas do mundo*. Assim lhe vem espontâneo também o recurso da ajuda materna de Maria: «A ajuda maternal da nossa Mãe celeste é poderosa e pronta; mantenhamos sempre o nosso olhar filial, amoroso, em seu coração imaculado, por muito amá-la, e no amor assemelhar-nos a ela»⁷¹.

VII. A MÃE E O APOSTOLADO

“Arrastar as multidões, elevá-las a Deus, enchê-las de amor por Ele” foi o brado de Vincenza desde a mocidade. Brado que se acrescia quando ela estava “ocupada com Ele, onipotência, beleza, amor, vida!”⁷².

⁷⁰. *O Caminho do Amor II, Cartas de Vincenza às Irmãs da PFF*, março 1965, pp.43, 44,45.

⁷¹. *Idem*, II, junho 1967, pp. 58,59.

⁷². *Idem* I, Testamento espiritual, p. 125.

Compreendeu bem cedo que o apostolado fosse, como para a Virgem Mãe, uma “fecundidade de Espírito Santo” que gera a Vida, Jesus, nas almas. Esta convicção apareceu muitas vezes nas páginas precedentes, agora a comprovaremos com alguns outros dados.

1. Vida santa e apostolado

A raiz e a essência do apostolado, segundo Vincenza, estão na caridade: «O nosso apostolado está fechado nestas palavras do nosso Senhor: ‘amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos». Desta caridade ‘escondem e germinam todas as outras obras grandes e pequenas’ que glorificam o Senhor⁷³.

Em uma carta às irmãs, Vincenza faz referência a Nossa Senhora do início ao fim, como a confirma todo o conteúdo de longa carta para provar que *a vida santa glorifica Deus e salva as almas*. Inicia escrevendo: «Pequena Família Franciscana esteja sempre mais voltada a Jesus Eucarístico, a Jesus Crucificado, à amada Mãe divina, o olhar da alma, o ardor do coração. Te será dado o dom divino de ser totalmente unida a Deus, de acordo com a sua santa vontade. Ele purifica, enche a alma vivente do Seu amor divino; é a glória, a salvação das almas».

Prossegue exortando as irmãs a aproximar-se do Senhor: «Aproxime-se dele, sempre mais perto, com a absoluta vontade de tê-lo, só Ele, todo Ele. [...]. Pequena Família Franciscana está no mundo para amar a Deus e fazer com que seja amado em tudo, com tudo e por tudo. Todo o seu ser pertence a Deus».

Este *estar no mundo* com alma amante a Deus exige

⁷³.O Caminho do Amor I, Para viver A minha vocação, pp. 73, 74.

doar-se a Deus e as almas com caridade ardente, «tudo o que tem, que faz, que lhe cerca, que suporta, que goza, que doa, que recebe. Tudo na unidade do seu amor divino». E conclui: «A nossa Mãe que vivia toda nele, de mãos cheias nos doa o seu amor, para nos conduzir ao coração do seu Jesus»⁷⁴.

Em outra carta Vincenza exorta as irmãs a viver o empenho de amar como convém a alma consagrada, sob *a suave e transformadora força do Espírito Santo*. Então está garantida a eficácia apostólica, à semelhança de Nossa Senhora: «Importa viver sempre em plena e nova graça, à semelhança da Virgem Maria, nossa Mãe, a cheia de graça. Então, só ou no meio da multidão, na atividade ou na quietude, nada atinge a união de Jesus que vive no coração e o coração que vive em Jesus. Então, andamos no mundo com Jesus e trazemos Jesus ao mundo, à semelhança da nossa Mãe»⁷⁵.

A vontade de Deus acerca da vida de união com Ele, no meio do mundo com os irmãos tem em Maria um modelo exemplar. Tal união «deve resplandecer de graça e de dedicação de amor, à semelhança da Virgem nossa Mãe. Penetrem queridas irmãs, com o coração na oração, no coração Imaculado da humilde serva do Senhor, Maria, toda ocupada e atenta à vontade do seu Senhor, toda abandonada na fé ao seu Senhor que ela ama mais do que a si mesma e mais do que todas as coisas do mundo. Os seus pensamentos, os seus desejos, a sua vontade, tudo n'Ela está voltado ao cumprimento da vontade de Deus que vive n'Ela. À semelhança de nossa Mãe, nós também devemos crescer em graça para levar o amor de Jesus vivo em

⁷⁴. *O Caminho do amor* II, Cartas de Vincenza às Irmãs da PFF, janeiro 1959, pp. 31 e 32.

⁷⁵. Idem II, dezembro 1972, pp. 91 e 92

nós, aos irmãos. Quanta necessidade tem as almas de ver resplandecer a graça, vida de Deus!»⁷⁶.

2. Sacrifício e apostolado

O cristianismo sabe que o mundo está redimido e salvo mediante o amor que Jesus viveu e manifestou aceitando o sacrifício na cruz. É, portanto, impensável que nós possamos ser instrumentos de salvação com Jesus Cristo sem uma boa dose de sacrifício vivido e oferecido com amor. Este é um argumento que volta com frequência nos escritos de Vincenza. Desde jovem sentia o desejo de oferecer orações e sacrifícios em reparação dos pecados da humanidade, como aparece nas cartas de P. Alessandro Malèr; e assim foi por toda a vida.

Vincenza considerava isto como um componente importante da sua missão e das irmãs de consagração. A indiferença e a superficialidade de tantas pessoas diante dos dons inefáveis de Deus a empurram a exortar com firmeza as irmãs, gratificadas por tanta superabundância de graças, a oferecer-se em sacrifício «feito Jesus na Cruz, feito a nossa Mãe aos pés da Cruz». As exortava a viver uma intensa vida eucarística e a «andar pelo mundo a sofrer, amar, para Ele, para as almas»; e acrescentava: «Andar pelo mundo por Ele, pelas almas, com a Mãe nossa, e *como* a Mãe nossa. Assemelhando-nos a ela: humildes e reluzentes de graça»⁷⁷.

Na carta de março de 1974, Vincenza exorta as irmãs a viver com firmeza e empenho e sua vocação em função da purificação do mundo. Afim de que esta missão

⁷⁶. *O Caminho do Amor* II, junho 1974, pp. 101-102

⁷⁷. *Ivi*, II, maio 1964, pp. 38 e 39

imensa não pareça superior às suas forças, antes de tudo Vincenza indica Jesus Cristo redentor: «O gênero humano está banhado pelo sangue divino de Jesus, pelo sangue da redenção». Então, pelo fato que nós somos «pobres criaturas», não tem o que temer. E o motivo é: «Quem somos nós que Jesus chama de modo particular a unir-se a Ele na redenção dos nossos irmãos? É o mistério do seu amor ao qual nós devemos corresponder no total sacrifício de amor. Não importa quem sejamos nós: frágeis, débeis criaturas, capazes só de cair nos desvios do espírito humano e do mundo. Mas Jesus está conosco e n'Ele tudo podemos, com o pacto de que despojemos de nós e dos bens terrenos e vivamos em meios aos irmãos, na riqueza dos bens celestes da luz, da verdade, do puro amor que transmita o amor de Jesus. Quando este desejo arde dentro, o coração esquece tudo e só vive no holocausto de amor. Assim a nossa Mãe celeste, assim as virgens mártires de amor à semelhança dela, assim Jesus chama as nossas almas a seguir a Senhora, desconhecida ao mundo, mas no meio do mundo a viver com os irmãos a divina redenção»⁷⁸.

Constantemente Vincenza retorna a considerar a miserável situação de grande parte da humanidade e escreve: «Esta humanidade infeliz procura a libertação do seu doloroso trabalho, mas está imersa em si mesma e se cansa e se levanta para a própria redenção, que pode conseguir somente se une-se a Jesus, Deus feito homem, verdade, amor e vida».

Então Vincenza se volta às irmãs e escreve: «Filhinhas minhas, Jesus deu o martírio de seu coração e o sangue

⁷⁸. *O Caminho do Amor II*, março 1974, pp. 100-10

inocente à humanidade infeliz para redimi-la. No total sacrifício de nós mesmas com Jesus, damos a nossa vida com alegria, para que Jesus seja conhecido, seja amado e a humanidade seja salva. Conhecer e amar Jesus, morrer a nós mesmas, viver Jesus à semelhança da Virgem Maria, para que Jesus seja conhecido, amado, e as almas sejam salvas!»⁷⁹

Em *Jesus Amor*, encontramos uma fervorosa oração a Deus para que transforme a vida de Vincenza na própria vida d'Ele. Está compreendida também uma breve invocação a Nossa Senhora em vista da salvação da humanidade: «*Ó mãe querida, por todas as tuas alegrias, por todas as tuas dores, salva a humanidade*». (n. 75)

3. «... uma Ave Maria todo dia...»

Desejo completar este argumento trazendo um testemunho que Vincenza narra em um escrito a mim enviado. Enviado por mim para colocar por escrito alguns fatos da sua vida (que eu chamava “jóias”) «para fazer conhecer às almas como e quanto Jesus nos ama» entre outros recorda o seguinte, do qual aparece como a Mãe um se levantou e veio sussurrar no meu ouvido que não podia falar do seu pai. Eu lhe disse para escrever qualquer coisa que lhe agradasse. Porém, me deu uma celeste, invocada com fé, ajudou Vincenza a fazer um grande bem a uma família em dificuldade. Apresento a carta: «Eis uma grande joia da nossa Mãe do céu. É uma bonita joia, mas procuro abreviá-la. Um dia disse aos meus alunos: *falem como quiserem do pai de vocês*. Todos pegaram o caderno e o lápis para escrever. Mas grande pena. Procurei ter um encontro com a mãe

⁷⁹. *O Caminho do Amor II*, março 1977, p. 122

daquele filhinho e consegui. Apenas a vi, cumprimentei-a, e toda contente a convidei para entrar em casa, no meu pequeno escritório. Ela me seguiu em silêncio. Eu lhe falei do filhinho sempre em ordem, educado, atento, e acrescentei que nas famílias sempre existe alguns sofrimentos, mas que, certos sofrimentos só se superam com a oração. Então com um grito desesperado me disse: *não me fale de Deus e de oração*. Eu repliquei: *Uma pequena oração: rezaremos todo dia uma Ave Maria: você e eu; você reza a primeira parte, eu a segunda*. Ela começou a chorar em silêncio; depois me cumprimentou e com toda calma saiu. Depois, após vários acontecimentos que a Mãe do céu conduz a bom termino, a família se reuniu. Após dois anos do encontro (agora moravam distantes) veio a mim uma irmã da mãe dos filhos (eram dois) e me trouxe a saudação de cada um da família. Falou-me que veio para dar uma notícia: *nasceu uma menina*. Deixo pensar na minha alegria, que aumentou quando (a portadora da mensagem) me disse que *a haviam enviado para me dizer que a menina nascida era minha*. E eu a ofertei a nossa Mãe do céu, porque era sua»⁸⁰.

UM SONHO: CANTO E ORQUESTRA DE ANJOS

Concluindo o quanto recolhemos dos escritos de Vincenza acerca da sua espiritualidade mariana, trago a narração de um sonho que encontro em dois dos seus escritos. Um sonho é simplesmente um sonho, mas às vezes encontra confronto na realidade. Vincenza escreveu que «às vezes também os sonhos confortam a alma».

⁸⁰. Escritos de Vincenza ao P. Rocco Barbariga. Bloco de notas n. 2. Inédito. Citado em Rocco Barbariga, Vincenza Stroppa Mestra de vida e de espiritualidade, 2005, p. 82

Ouçamos Vincenza que conta este sonho nunca esquecido. Contou-o às irmãs da Pequena Família Franciscana reunidas na Assembleia Geral de novembro de 1968.

«Prestem atenção. Ok! Pois o Senhor colocou este sonho para um fim. Foi assim: enquanto estava indo recitar o Ofício divino, abri a porta para entrar na igreja e ouvi, lá no céu, um ruído tão pavoroso de espíritos que, arrepiei e com aquele medo todo gritei “*Ave Maria!*” (Era o meu jeito de fazer, quando tinha algo, chamava a Nossa Senhora: *Ave Maria!*).Ao gritar assim: *Ave Maria*, o ruído parou e lá no céu começou um canto de anjos. Um coral de anjos começou a cantar a *Ave Maria*. Eu parei ali um instante a ouvir e logo comecei a cantar com eles. Enquanto cantava, uma encostou aqui, outra encostou acolá, e outras chegavam e chegavam e chegavam: olhavam para mim e começavam a cantar, e eu, na minha grande felicidade, ouvia que todas cantavam como os anjos. E um anjo que tocava um trompete mesmo de Paraíso, ia e voltava entre o coral dos anjos e o nosso. Aquele canto se espalhou pelo mundo, pelo céu todo, e nós continuamos a cantar até o fim da *Ave Maria*. Filhinhas, aquela união da cantiga *Ave Maria* é a nossa vida: aí de quem se soltar daquela união, daquele coral que canta *Ave Maria* no mundo»⁸¹.

Entre os povos da antiguidade a valorização dos sonhos era amplamente difundida como manifestação misteriosa da vontade divina e como auspício do futuro. Na Bíblia os sonhos aparecem como uma via normal através da qual Deus se comunica com os homens, mesmo se, pela sua conatural obscuridade, no Javismo os sonhos foram

⁸¹. *O Caminho do Amor II*, novembro, 1968, pp. 69-70. Cf. também *Cartas de Vincenza a Maria Mariani*, 13 novembro 1960, p. 172.

considerados como uma manifestação da revelação da divindade de origem inferior à comunicação direta de Deus com o eleito.

No Novo Testamento os sonhos conservavam o seu crédito, embora apareçam com parcimônia e não servem de base a nenhum dos pontos dogmáticos da religião cristã. Nenhuma testemunha nunca pensou de motivar a mensagem central (o Evangelho) ou mesmo uma sua parte essencial com alguns sonhos. Entre os três evangelistas, somente S. Mateus alude aos sonhos de José antes do nascimento de Jesus e pela fuga para o Egito, os magos avisados de não tornar a Herodes, e ao sonho da mulher de Pilatos em relação à Paixão. Os Atos referem um sonho de Paulo simultâneo ao de Ananias, a visão noturna em que um macedônio suplica a Paulo de entrar na Macedônia, e aquela na qual o Senhor exorta Paulo a não ter medo das dificuldades que encontrará em Corinto.

Na realidade todos os sonhos que são narrados no N.T. não são senão variações de um único tema: Jesus Cristo. Isto explica também porque no N.T. faltam os sonhos pavorosos. Deus mostra aos seus filhos o caminho a seguir (MT 1, 20; 2, 13s; At 16,9); o Senhor encoraja os discípulos e lhe dá nova força (At 18,9; 23,11; 27,23s); se Ele quer isto acontece também mediante os sonhos.

Voltando a Vincenza, o seu “sonho” torna-se realidade. Até os últimos dias de sua vida ela cantou a beleza de graça e a bondade da Virgem Mãe, e convidou as irmãs para louvar com ela a doce Trindade com um canto de amor que envolvesse a humanidade inteira e todo o criado: «Quanto a nossa Virgem Mãe repito: “cheia de graça”, eu exulto pela sua divina beleza e pela glória que essa dá á doce Trindade. Assim nós, à semelhança sua,

em nosso coração sempre mais pleno de graça, glorificamos a doce Trindade por toda a humanidade»⁸².

«Cantem comigo, filhinhas e irmãs queridas, cantemos juntas, unidas o canto de amor sempre novo, sempre na união de amor ao doce Pai, ao doce Filho, ao doce Espírito Santo, a doce Trindade e doce Unidade. O nosso canto de amor, que sobe por toda a humanidade, envolve toda a criação, porque o homem é a criatura predileta do Pai, na união com Ele»⁸³. Somente um mês após estas últimas palavras, Vincenza passou a cantar com os Anjos no céu.

QUARTO CAPÍTULO

A espiritualidade apostólica de Vincenza Stroppa

INTRODUÇÃO

A intenção destas páginas é de colher e delinear a espiritualidade apostólica vivida e proposta por Vincenza Stroppa. De início digo que não é empresa fácil, por vários motivos. Antes de tudo, porque Vincenza quase nunca usou um procedimento teórico sistemático no afrontar este tema; porém, tocando nele muitas vezes, sempre falou dele segundo lhe ditava o coração naquele momento, como expressão espontânea e urgente de um ardor interior que irrompia das convicções mais fortes e desejava comunicar-se.

É difícil também, porque Vincenza usava a linguagem dos místicos, os quais mais do que explicá-las, anunciam as suas experiências pessoais. Usando também vocábulos

⁸². *O Caminho do Amor II*, setembro 1981, p. 161

⁸³. *Idem II*, fevereiro 1982, p. 164.

comuns, entendem exprimir com eles um significado mais profundo daquele usual. Exprimem não tanto conceitos abstratos quanto vividos e pessoais. Vincenza usa palavras simples, que todo cristão conhece, mas para ela são a expressão de um conteúdo e de uma carga de vitalidade por ela vividos, nos quais desejava envolver irmãs e irmãos.

O meu esforço é de recolher os dados contidos nos escritos de Vincenza no tema do apostolado e de coordená-los segundo alguns *critérios teológicos espirituais*, hoje julgados indispensáveis para delinear e verificar a autenticidade e a validade de cada forma de espiritualidade apostólica operante na Igreja.

Anuncio esquematicamente o elenco de tais critérios essenciais, segundo os quais será estruturada a redação da presente busca no que diz respeito à espiritualidade apostólica de Vincenza Stroppa.

- a) Está mencionado e definido aquilo que atualmente se entende por *espiritualidade* em gênero e, em particular, por espiritualidade *apostólica*. Isto é necessário porque no decorrer dos séculos os vocábulos de *espiritualidade* e de *apostolado* estão carregados de diversos significativos, se não completamente opostos.
- b) Dado que se trata de espiritualidade apostólica *cristã*, é de dever que ela seja a expressão de *referências pessoais e vitais* que, no vivido concreto e histórico, a pessoa tem com o *Deus Trino* revelado por Jesus Cristo, com a *Mãe de Jesus*, com a *Igreja*, com a *humanidade* e com o *cosmo*. Tais referências, enquanto requerem um agir *com e como* Deus (mais simples *com e como* Jesus), visam a promover a qualidade de vida digna dos filhos de Deus, em todos os ambientes

- e, especialmente lá onde a vida está colocada em perigo de tantas formas de mal.
- c) Qualquer forma da atividade apostólica de uma pessoa cristã, para ser genuína, necessita de *certo motor unificador* que é a caridade sobrenatural, uma caridade operosa que consente à pessoa humana, animada pelo Espírito Santo, de agir com o Deus Trino, reconhecido e amado, servindo e amando efetivamente o próximo.
 - d) Por último, é óbvio que a realização desta mística da ação apostólica supõe a ativação de um adequado *itinerário formativo*, com a clara visão do fim, a sinceridade do empenho pessoal e o uso dos meios necessários e específicos.

Estes critérios teológicos espirituais são tidos na devida consideração, porque são fundamentos seguros e inseparavelmente ligados entre eles, assim por constituir uma autêntica espiritualidade apostólica. São, portanto, bases sólidas e linhas individualizadas pelos teólogos à luz da mensagem bíblica, da tradição eclesial e do magistério recente. Estão inseparavelmente ligados entre eles, se atraem e se integram mutuamente, concorrendo para compor uma autêntica espiritualidade apostólica. No decorrer da exposição, a descrição de cada um deles exigirá ser integrada com a descrição dos outros.

I. O CONCEITO DE ESPIRITUALIDADE APOSTÓLICA

Premissa teológica

Atualmente com os termos de *espiritualidade* ou de *vida espiritual* aqui se refere à experiência concreta e

histórica de cristãos que, dóceis à ação do Espírito de Cristo, tendem à perfeição da caridade para com Deus e para com o próximo. Trata-se do *vivido concreto* de pessoas, que dia após dia e, no ambiente em que vivem, esforçam-se para conduzir uma genuína vida no Espírito do Ressuscitado. Qualificando tal *espiritualidade* de apostólica, referir-se ao agir daqueles que, na comunidade cristã, estão dedicados a qualquer atividade com que atuam na missão da Igreja na história.

Portanto, por *espiritualidade apostólica*, entende-se a inseparável união do quanto se esclarece indicar com os termos de experiência espiritual de *agir apostólico*, vale dizer o vivido concreto de uma existência que, além de ser experiência do divino, é também dedicação para a vida e a salvação do mundo.

Em princípio, uma existência não pode ser autenticamente cristã se não é apostólica. De fato, a missão pertence ao ser de Cristo (o Apóstolo do Pai por excelência), ao ser pela Igreja (proclamada no *Credo* como *apostólica*) e ao ser de todo coerente seguidor do Ressuscitado. O ensinamento do Concílio Vaticano II liga o apostolado dos fiéis ao sacramento do batismo, com o qual eles participam da missão sacerdotal, profética e real de Jesus Cristo (cf. *Lumen Gentium*, 31; *Apostolicam Actuositatem*, 2-3) e, em última análise, participam do mandato missionário que Jesus recebeu do Pai e transmitiu aos discípulos para que fosse por eles atuado no Espírito (Cf. *Lumen Gentium*, 17). Assim se explica porque a Igreja «por sua natureza é missionária» (Ad Gentes, 2) e porque «a vocação cristã é por sua natureza também vocação ao apostolado» (*Apostolicam Actuositatem*, 2).

Na Igreja existem múltiplas formas de apostolado segundo as pessoas, os campos de ação e as finalidades

perseguidas. Portanto, é inevitável que também a espiritualidade daqueles que se dedicam sejam diversificadas; mas, é sempre necessário que realizem aquelas características essenciais ou o critério teológico espiritual que elencamos na Introdução.

Segundo Vincenza

Vincenza já havia demonstrado como entendia e vivia o apostolado, com o seu empenho de total disponibilidade nas várias atividades desenvolvidas na paróquia e na escola como fruto da caridade que a animava. Pois, em seguida não pede dela uma descrição quando escreveu: «O nosso apostolado está fechado nestas palavras de Nosso Senhor: Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos. Jesus fechou aqui a obra máxima que manda a toda alma, e pela qual derivam todas as outras obras».¹

Sempre fui convencida de que não existe eficácia apostólica se a atividade não brota da amorosa comunhão com Deus: «Quanto mais o coração está pleno de graça, mas é apostólico, porque naquele coração vive e age o Senhor».²

Para Vincenza era impensável que uma alma consagrada, que ama a Deus, *«fique de braços cruzados»*.

Sentia uma forte responsabilidade para com os homens e as mulheres que haviam recebido por Deus menos do quanto fora dado para ela. Para ela o apostolado era um dever de justiça mais do que de

1 O Caminho do amor, I, Para viver minha vocação, pp. 73-74.

2 Ivi II, Cartas de Vincenza às irmãs da PFF, dezembro de 1972, p. 92.

caridade. Oração, obrigação do próprio estado, sacrifícios diários... todo o viver devia ser oferecido em vista da salvação dos irmãos: «Nós devemos nos sacrificar para levar Jesus em todo coração. Devemos nos doar no sacrifício, para que a graça que jorra do coração eucarístico de Jesus caia nas almas»³.

«Amar os irmãos e dar a eles obras de amor, a semelhança de Jesus, é realizar em nós a vontade do Pai celeste, e é gáudio do coração. A nossa doação amorosa aos irmãos revela à humanidade o amor do Pai celeste»⁴. Por hora bastam estes poucos acenos que serão confirmados e ampliados tratando os pontos sucessivos.

II. A REFERÊNCIA A DEUS TRINO

Premissa teológica

Como afirma o *Catecismo da Igreja católica* (259), “toda a Economia divina dá a conhecer tanto a propriedade das pessoas divinas como a sua única natureza. Igualmente, toda a vida cristã é comunhão com cada uma das pessoas divinas, sem de modo algum separá-las. Quem rende glória ao Pai o faz pelo Filho no Espírito Santo; quem segue a Cristo o faz porque o Pai o atrai e o Espírito o impulsiona”.

Assim é também a atividade apostólica da Igreja e de todo fiel. Viver uma genuína espiritualidade apostólica significa colaborar com o Deus trinitário, grande protagonista na história: agir com e como Jesus de Nazaré, apóstolo do Pai; agir hoje animados pelo Espírito do Pai e do Ressuscitado, grande missionário na história.

3 O Caminho do amor II, *Cartas de Vincenza às irmãs da PFF*, 1967, p. 61.

4 *Ivi*, II, março de 1980, p. 151.

Deste modo o cristão (homem e mulher) encontra o Deus vivo, o contempla, caminha com ele, o experimenta operante no próprio agir, desde que seja informado da «fé viva que ascende a esperança e age por meio da caridade» (*Lumen Gentium*, 41).

Na origem do apostolado cristão está o Pai que mandou o Filho no mundo e, com o Filho, doou o Espírito para a salvação da humanidade. Segundo a doutrina do Concílio Vaticano II (cf. *Lumen Gentium*, 31); *Apostolicam Actuositatem*, 2,3), o apostolado dos cristãos está coligado diretamente ao sacramento do batismo, com o qual eles participam da missão sacerdotal, profética e real de Cristo e, em última análise, se ligam ao mandato missionário de Jesus recebido do Pai e transmitido aos seus discípulos para que fossem atuados no Espírito Santo.

Deste modo a missão apostólica dos cristãos pega origem e alimento na riqueza transcendente do mistério trinitário, através da mediação histórica de Jesus. O cristão é enviado pelo Pai no mundo para que aí realize a salvação, atingindo o sentido da sua existência missionária por uma estreita e vital referência à Trindade divina.

A *Trindade é ativa* no apostolado cristão. Uma única corrente de caridade une o Pai ao Filho e estes aos seus seguidores, e os cristãos estão unidos ao Filho e ao Pai no Espírito Santo. Esta é a mística no ágape de S. João. O cristão vive apostolicamente somente se incluí-se, consciente, na dinâmica frontal do amor trinitário.

Deus Trindade mora no coração daqueles que amam, porque Deus é amor que se comunica aos seus filhos e filhas na medida em que eles demonstram efetivamente de amar-se mutuamente (cf. Jo 14,12-16).

A espiritualidade apostólica, para ser autêntica, deve ter feições trinitárias, enquanto o apóstolo cristão vive e age com e como Deus Trindade, aqui e agora, de modo convicto e coerente. Vive e age em sintonia com as três Pessoas divinas e aponta para conduzir os irmãos à comunhão de vida com a Trindade.

Segundo Vincenza

Nas três Pessoas divinas, Vincenza Stroppa vê a *fonte, o modelo e o sustento* da nossa missão apostólica. Tem presente a comunicação de amor, de vida e de ação entre as três Pessoas divinas que vivem e revelaram, e continuam a revelar na história: “Espírito Santo, eu creio que incessantemente, tu moves o universo com a tua força animadora. Senhor Jesus, eu creio que o universo é teu. Creio que tu o levas na glória do Pai [...]. Creio Senhor Jesus, que contigo está o Pai que doa ao homem a sua bondade paterna e, na força do Espírito Santo, une os homens em um só amor: amor que é a vida de todo homem, vida da humanidade inteira, do universo inteiro”⁵.

Para Vincenza a *inabitação* da Trindade no coração do fiel não é vista como uma presença *estática*, somente para adorar; é ao invés, uma presença *ativa*, que age e da qual Vincenza depende e é continuamente vivificada. O afirma referindo-se, não a princípios abstratos, mas àqueles que Deus realizou nela, à sua experiência interior, O seu viver e as suas escolhas se apoiam na experiência que teve de Deus Uno e Trino. Ela tem absoluta segurança da ação de Deus nela, e a este Deus se abandona totalmente. Todavia, isto não a leva a sentir-se uma “iluminada” que possa opor-se,

5 O Caminho do amor,II, carta de Vincenza às irmãs da PFF, maio de 1970, PP. 78-79.

eventualmente, à Igreja hierárquica; antes, a docilidade ao Espírito e o amor a Jesus Cristo a insere sempre mais profundamente na obediência à Igreja. Tudo isto aparecerá também do quanto diremos em seguida.

A Trindade é o *fim* ao qual conduzir os homens: «O nosso apostolado é universal: onde as filhinhas da PFF se encontram, no meio do mundo com os irmãos; vivem o apostolado vivendo em Jesus e na força suave do Espírito para unir os irmãos ao Pai»⁶.

De sua parte, Vincenza deseja, age e sofre para a salvação de toda a humanidade, querida por Deus Trindade: «Queria ver todas na tua luz, no teu amor [...]. Tu sabes quanto sofro, ó Trindade divina que eu desejo adorada, amada por todos os homens para a tua glória e a salvação delas. Tu és a realidade viva. Que eles te conheçam, te amem e sejam o teu reino. Peço-te que me aceites»⁷.

O horizonte ao qual apontar é sempre a comunicação de vida de todos com as Três Pessoas divinas; «Jesus está aqui, conosco, no amor que o consumiu, para unir-nos ao Pai, ao Espírito-Amor, para transformar-nos. É esta transformação que nos dá o amor divino, que nos faz amar com amor divino, que nos faz andar pelo mundo, da vida terrena, erigida com espinhos internos e externos, individuais e sociais com a força suave do Espírito-Amor, para que Deus seja amado, se faça, em todos os corações, um só divino amor»⁸. «Não existe vida completa para o homem se não vive na Trindade»⁹. E isto não pode deixar-nos indiferentes, não somente para nós pessoalmente, mas também para os irmãos.

⁶ Ivi, II, junho de 1980, p.153.

⁷ O Caminho do amor, I, Jesus Amor, n. 82, p. 109

⁸ O Caminho do amor, II, Carta de Vincenza às irmãs da PFF, 1967, PP. 60-61.

⁹ Ivi, II, junho 1977, p. 125.

III. A REFERÊNCIA A DEUS PAI

Premissa teológica

Os livros do Antigo Testamento falam muito de Deus e aqui o apresentam quase como se fosse um Deus “ambíguo” que «dá a morte e faz viver, que espanca e cura»; é juiz e salvador. Todavia, nesta imagem ambígua, a benevolência prevalece no que diz respeito à ira, e a graça no que diz respeito à pena.

Deus age por amor a si mesmo, isto é, como Deus de amor, de graça, de perdão, de fidelidade, doador da vida. Pede somente a conversão pessoal dos que estão no erro e praticam o mal. No Novo Testamento o rosto e o coração de Deus como Pai misericordioso nos são revelados plenamente por Jesus através do seu Evangelho e o seu agir. Deus é Pai de todos os seres humanos e quer a salvação de quem se perdeu. E é por isto que cuida de cada um e reserva os seus cuidados maiores para aqueles que valem pouco ou nada e são considerados os párias da sociedade. Antes, são justamente estes que recebem dele a promessa do dom do Reino (cf. Lc 12,32).

Como *Pai misericordioso*, Deus solicita a todos para praticar a misericórdia e a caridade nos relacionamentos interpessoais, particularmente nos confrontos com quem está atingido pelo sofrimento, pela injustiça, pela pobreza, por toda forma de miséria humana. Deus Pai mandou a nós o seu Filho e o Espírito Santo afim de que nós participássemos da sua vida que se identifica com a caridade. Tornados filhos no Filho e animados pelo Espírito Santo, somos chamados a nos deixar envolver totalmente pela oferta de amor que o Pai nos doa, respondendo com a oferta do nosso amor, isto é

naquele viver e agir que é o agir de Deus pelos homens. E isto é o sentido do apostolado cristão.

Segundo Vincenza

O APOSTOLADO É QUERIDO PELO PAI

Como Jesus, o Filho dileto, é mandado pelo Pai para uma missão salvadora, assim nós somos chamados a cooperar para a salvação do gênero humano. Assim pensa Vincenza: «O Pai celeste, com a doce e suave força do Espírito Santo, cumpre sobre nós a sua divina vontade, para continuar a salvação da humanidade»¹⁰.

E ainda: «O Pai celeste nos deu Jesus, nosso amor, nossa vida na força suave do Espírito Santo [...]. Vo-lo repito, porque a vontade do Pai celeste urge em mim: conhecer e amar Jesus no dom total da nossa vida e no dom total fazê-lo conhecido e amado de cada coração, de cada mente, no meio do mundo»¹¹.

Três meses antes de morrer Vincenza ainda escrevia: «Filhinhas e irmãs queridas, a vontade do Pai é a união de todos seus filhos aqui na terra como no céu. Isto é também a meta da nossa vida no sacrifício e no amor: doar-se totalmente a fim de que Jesus seja conhecido e amado como caminho, verdade e vida que conduz à doce união com o Pai no Espírito Santo»¹².

RESPOSTA AO AMOR

Para motivar a sua decisão total a Deus e aos irmãos, Vincenza parte do alto, da consideração do ser e

10 O Caminho do Amor II, 7 agosto 1976, p. 118.

11 Idem II, setembro 1977, p. 127.

12 Idem II, dezembro 1981, p. 162.

do agir de Deus que, conforme a sua natureza, é *Amor* (1 Jo 4,16): “Uma única ocupação tem Deus: amar, e, no amor, age e gera. Deus é amor, vida. Eis o sublime chamado: viver de divino amor. A ocupação da criatura é semelhante a de Deus: amá-lo e com ele ser vida”¹³.

Por sua vez, Vincenza tinha uma longa experiência do amor de Deus Pai para com ela, por isso sentia a necessidade de lhe exprimir a sua gratidão. Causava-lhe um «*gáudio sobre humano*» ser *filha* de Deus e destinada a uma plenitude de vida em Deus¹⁴. Clamava que todos pudessem fazer a sua mesma experiência. A ela bastava pensar no amor paterno de Deus por ela e por toda a humanidade para sentir arder no coração um «martírio de sede de Deus». Por isso agia, sofria e se empenhava para crescer em santidade: «Compensar-te, ó meu Deus, com o meu amor e a minha dedicação, de toda a ingratidão dos homens. Oh, quanto o clamo. Amar-te por todos, por toda a humanidade, e por todos os pecados dos homens, doar-te o esplendor da minha alma»¹⁵.

O desejo de colaborar com a graça de Deus na salvação do mundo desejava sempre: «Salvar muitas almas: ser instrumento de luz, de amor, de vida divina pelo mundo inteiro, pela tua glória, o Rei do céu, da terra e do meu coração»¹⁶. Tudo isto confirma que o viver e o agir apostólico de Vincenza tinha o seu princípio propulsor na caridade divina.

13 *O Caminho do Amor, I, Testamento Espiritual de Vincenza*, p. 131.

14 Cf. *O Caminho do Amor, I, Jesus Amor*, nn. 10, 19, 26, 34, 88.

15 *Ivi, I, Jesus Amor*, n. 99, p. 119.

16 *Ivi, I, Jesus Amor* n. 79, p. 108.

VI A REFERÊNCIA AO FILHO DE DEUS

Premissa teológica

Jesus de Nazaré é o Enviado do Pai, é o Apóstolo incomparável que realiza a missão salvadora a ele confiada. Realiza-a com o dom total de si mesmo (Cf. Heb 10,5-10), com características, atitudes e comportamentos. Fala e age em perfeita fidelidade filial na atuação do plano divino da salvação.

Animado pelo Espírito Santo, com o seu agir revela o amor misericordioso do Pai para com toda humanidade, sem discriminação de pessoas e com particular compaixão para com os mais distantes e desprezados. Exposto o inenarrável sofrimento e condenado a morrer na cruz, oferece a si mesmo «para dar testemunho da verdade» e para que os homens «tenham vida e a tenham em abundância» (Jo 18, 17; 10,10).

Jesus Cristo veio «para reunir os filhos de Deus que estavam dispersos» (Jo 11,12), viveu a caridade apostólica do bom Pastor que conhece as ovelhas, as busca com amor, as defende e as salva oferecendo a si mesmo.

A caridade apostólica do cristão se inspira e é animada por aquela de Jesus: é empenho de atenção, disponibilidade, ternura, compaixão, interesse pelas pessoas; é zelo caridoso que quer ajudar cada um a viver o próprio chamado e pertença ao Reino de Deus. Se o Batismo incorpora a pessoa em Cristo Filho de Deus, a Confirmação a conforma a Jesus também naquela missão de redenção. O cristão, para ser verdadeiro apóstolo, deve viver com Jesus e como Jesus, interiorizando e atuando no limite possível, as suas atitudes e comportamentos tipicamente apostólicos. A

exemplo de Jesus e movido pelo seu Espírito, deve ajudar os irmãos para conduzi-los à *verdade* salvadora, à verdadeira *liberdade*, à *vida* divina e, portanto, à *alegria* plena. Vivendo a mística união e conformidade a Jesus Cristo, o cristão o “representa” como uma realidade que ressoa em toda a própria vida. De tal modo é Jesus mesmo que si “representa” personalizado na existência dos crentes. E é assim que a fé vivida se torna testemunho apostólico. O apostolado cristão não é testemunho de uma idéia ou de uma fórmula, mas da pessoa de Jesus Cristo; e não somente “dizê-lo”, mas mostrá-lo “agindo” em nós. O anúncio do Evangelho, que não fosse acompanhado por um sério empenho de vida segundo o Evangelho, seria uma mensagem vazia ou deveras contraproducente. Deve aparecer que toda a vida do cristão é testemunho de Cristo, não somente quando se realiza explicitamente obra de apostolado.

Segundo Vincenza

A paixão apostólica de Vincenza foi um fogo constante que lhe ardia no ânimo: «Jesus, quanta sede tenho da tua graça em mim e em todos os homens. Doa às almas, ó Jesus, o teu divino amor que ilumina, destrói, vivifica e forma o teu reino». E para que este desejo se torne realidade, Vincenza invoca o Senhor mesmo para que opere nela esta existência transformada. «Destrói tudo em mim, eu te peço, e todo meu ser seja graça divina, divino amor, seja tua vida, para dar-te glória, ó Senhor, para dar-te glória»¹⁷.

Não lhe importa que o seu viver aconteça no esquecimento, importante é pertencer totalmente a

17 O Caminho do amor, I, Jesus Amor, n. 53, p.99

Jesus. Então o pensamento destas duas afirmações: «Trabalhe em silêncio. Pertences a Jesus... me trazem infinito prazer e paz, vida plena e aumentam em mim o amor por meu Senhor e pelo mundo inteiro! Nada mais quero de mim, senão dar tudo a meu Deus como lhe agrada e que todas as almas, pelo amor do meu Jesus, sejam salvas»¹⁸.

Vincenza que, desde pequena, havia feito da Eucaristia «o centro da sua vida», não podia ficar insensível ao empenho de levar ao Senhor quem lhe estava distante. Temos disso a confirmação por algumas exortações dirigidas às irmãs da PFF: «Grande desejo o Senhor dá ao meu coração: que o homem, a humanidade, conheça o pão da vida e o comam. Que seja fornalha para vós este desejo, e comuniquem-no às almas»¹⁹. «Demos a nossa vida a Jesus Eucaristia. Comuniquemos aos irmãos Jesus Eucaristia. Jesus se tornará o centro deles e o amor de Deus reinará na terra. Deus amado; os irmãos salvos»²⁰.

JESUS FONTE E MODELO

Vincenza olha para Jesus como a fonte e modelo do viver: Jesus agia estava sempre no Pai. Eis nossa vida: agir e estar sempre nele, nossa vida. E eis o universo feito um feliz claustro, onde na liberdade completa, acontece a obra do amor entre a criatura e o Criador»²¹.

18 O Caminho do Amor I, Jesus amor, n. 65, p. 103.

19 O Caminho do amor, II, Carta de Vincenza às irmãs da PFF, 11 de fevereiro de 1968, p. 64.

20 Idem, II, 11 de fevereiro de 1968, p. 66.

21 O Caminho do amor, I, Testamento espiritual, p. 126.

Jesus é o modelo e o *fim* da nossa vida apostólica: «Jesus abriu os corações e as mentes à sabedoria. Ele viveu a sua vida, homem entre os homens, por isto mesmo: fazer conhecer o Pai, o Filho, o Espírito Santo, dar a conhecer Deus atuante na fecunda trina Unidade»²². Vincenza olha o mundo com o olhar de Jesus, toca nela a necessidade de que o mundo tem de Jesus e se sente chamada a doar Jesus ao mundo: «O mundo precisa de almas que vivam em Jesus Cristo. Pobres como Ele e em contínua doação de amor [...], viver a pobreza de Jesus, bem celeste para a purificação do mundo. É a nossa missão. O gênero humano é banhado pelo sangue do divino Jesus, pelo sangue da redenção. Quem somos nós que Jesus chama de modo particular a unir-se a Ele na redenção de nossos irmãos? É o mistério do seu amor ao qual devemos corresponder no total sacrifício de amor»²³.

Parece-me estar na verdade se nestas palavras de Vincenza vejo, por reflexo, um chamado para viver a *Kenosi* da encarnação redentora de Jesus, descrita por S. Paulo em *Fil.* 2, 6-11. Como Jesus foi mandado no mundo para purificá-lo e salvá-lo, assim ele nos manda, mas, devemos estar vivos nele e como ele porque ele continua a sua obra por meio de nós. É o quanto Vincenza quer que esteja bem presente na mente e no viver das irmãs: «Filhinhas minhas, enquanto vos falo me canta no coração o adorável nome – *Jesus* -. Chamadas a viver a união com Deus no meio do mundo, deixais o mundo que está dentro de vós. Deixais o mundo que arruína os corações nos bens terrenos. Jesus nos quer no meio do mundo, mas não do mundo. Escutai dentro de

22 O Caminho do amor, II, Carta de Vincenza às irmãs da PFF, 19 de novembro de 1967, p. 62.

23 O Caminho do amor, II, Carta de Vincenza às irmãs da PFF, março de 1974, p. 100.

vós, olhai, ouvi no âmago do vosso ser, na solidão do vosso belo deserto interno, na vossa vida; o Espírito Santo que vos precede na sua divina chama de luz, na força suave, de graça, nos une a Jesus. Grande gozo no coração a união com Jesus! Com Ele entrar no mundo, belo de sua beleza, estar no meio do mundo pleno de seu amor. Grande júbilo que dilata a alma, o coração, estar no meio aos irmãos. Viver com Jesus, viver de Jesus, viver Jesus, no meio do mundo com os irmãos, em todas as fases dos acontecimentos humanos, de sofrimento, de dor, de pena, de alegria, de conquistas, de redenção, de amor ao Amor Jesus que nos leva ao Pai»²⁴.

A “SECULARIDADE” DE JESUS E A NOSSA

Para Vincenza a nossa plenitude de vida, e, portanto, de ardor apostólico é um dom para pedir com a *oração*. Então o nosso estar *no mundo*, a nossa “*secularidade*” será verdadeiramente apostólica. Por isso ela chama a necessidade e a fecundidade da oração: «Oremos, filhinhas minhas, queridas irmãs; constantemente oremos. Matemos a sede, restauremos na oração, água viva que jorra viva de graça divina, vida incessante do Espírito Santo. Matemos nossa sede, restauremos nossas forças na oração; bebe-se a vida, se vive Jesus. O seu divino amor é nossa eficiente secularidade, é ação do Espírito Santo, ação de vida apostólica na força da graça [...]. Salvar as almas, glória de Jesus. Dar a nossa vida no sacrifício a Jesus, Deus amor feito homem para dar a todos os homens amor, vida. Mais vive a vida de união com Deus, mais viveis unidas entre vós no amor e com os irmãos, única

24 O Caminho do Amor II, outubro de 1975, p. 113.

essencial secularidade»²⁵.

E justamente a condição de secularidade torna-se um motivo para insistir sobre a exigência de união com Jesus. É preciso *imitar a secularidade de Jesus* que, mesmo vivendo no meio dos homens, *estava sempre unido ao Pai*: «Asseguro-vos, minhas queridas irmãs, que se o vosso coração, todo o vosso amor está empenhado a conhecer, amar Jesus, vós viveis no mundo, no meio dos irmãos, com os irmãos, a secularidade de Jesus, em união com a nossa Virgem Mãe, dulcíssima co-redentora»²⁶.

O DOM RECÍPROCO

Com o passar dos anos o ardor apostólico de Vincenza, que fora seu “gáudio e martírio” desde os anos juvenis, não se tinha enfraquecido. Ela sentia que a vida vai sendo gasta até o fim para a glória de Deus e a salvação dos irmãos, em oferta de amor. Dois anos antes de morrer, anciã e entre grandes sofrimentos, incentivou as irmãs com a seguinte mensagem: «Filhinhas e irmãs caríssimas, na simplicidade da primeira regra constava a palavra escrita “*Jesus Amor*”, e a contém ainda e para sempre. Era a urgência misericordiosa do salvador Jesus, Deus feito homem, para unir-nos ao Pai, a doce Trindade. Jesus amor nossa vida, nossa primeira regra e nossa eterna união e glória. Nossa imolação de amor é para Jesus amado em toda criação e em cada coração humano: isto é um presente a Jesus, isto é nosso apostolado universal. Filhinhas caríssimas, o Pai nos

²⁵ O Caminho do Amor II, outubro de 1975, PP. 113-114.

²⁶ Idem II, janeiro de 1976, p. 116.

concedeu um dom de poder amar Jesus Amor. Oremos para que se cumpra a sua vontade e cada coração arda de amor ao amor de Jesus, nossa vida que nos une a doce Trindade»²⁷. O Senhor nos deu o dom da missão, nós nos doamos a ele ao realizá-la.

V. A REFERÊNCIA AO ESPÍRITO SANTO

Premissa teológica

O ESPÍRITO SANTO EM JESUS, NA IGREJA, NO CRISTÃO

Viver e agir com Jesus e como Jesus é possível somente pela atividade em nós do Espírito do Pai e do Cristo ressuscitado. O fato que Jesus ressuscitado confiou a missão dos apóstolos comunicando a eles o Espírito Santo é sinal de que o próprio Espírito é o agente principal e indispensável para tornar eficaz o anúncio e – naqueles que escutam a palavra da salvação torna de «novo o coração e o dirige para Deus abre os olhos da mente e dá a todos doçura no consentir e no acreditar na verdade» (Dei Verbum,5).

Em Pentecostes o Espírito desceu sobre a comunidade de origem em forma de numerosas línguas de fogo. A Igreja continua a viver e a agir sob a ação do Espírito, porque é através d'Ele que se perpetua a transmissão da fé de pessoa para pessoa, de uma geração à outra. A Igreja nasceu com a descida do Espírito Santo que lhe dá o fogo da caridade e a compreensão do tesouro que lhe é confiado em Cristo. O cristão é missionário na medida em que se abre ao

27 O Caminho do Amor II, dezembro de 1980, pp. 158-159

Espírito, dócil às suas inspirações. Então a palavra anunciada e a decisão vivida são testemunhas concretas e eficazes. A Igreja não pode ficar fechada em si mesma, separada do mundo, mas está aberta ao mundo pelo Espírito para a missão. Em virtude do Espírito, toda a Igreja é *apostólica* além de *una, santa, católica*. Deve evangelizar, mas também reevangelizar o mundo com frequência descristianizado. E tal missão não será nunca possível sem a ação do Espírito Santo.

Todo particular fiel, membro da Igreja, participa da sua apostolicidade, segundo as características da própria colocação no interior da Igreja; e a sua ação apostólica será eficaz na medida em que se deixar “espiritualizar” pelo Espírito em comunhão com a Igreja.

É a presença operante do Espírito a animar a vida de fé do cristão (cf. *Rm* 15,30; *Tim* 1,3); e é ele ainda que torna possível a caridade para com Deus e para com o próximo, porque somente ele pode vencer o egoísmo humano e fazer triunfar a caridade (cf. *Gal* 5,16-26).

O ESPÍRITO E A COMUNHÃO NA IGREJA

O Espírito do Pai e do Filho, comunicado aos cristãos, os une no amor fraterno que faz deles uma comunidade de amor, a Igreja, e assim, levando-os a amar Deus, eles voltam à sua origem, para estar unidos na caridade a Deus e entre eles formando uma só realidade como são o Pai e o Filho (cf. *Jo* 17,21-26). Da parte dos cristãos a resposta aponta para um análogo amor unificador e totalizante para Deus e para quanto ele criou e ama. Assim, o amor a Deus e ao próximo, resultam a ser uma participação ao mesmo amor trinitário, um amor que coenvolve no seu dinamismo unificador toda a pessoa cristã com o seu viver e operar.

E Igreja, enquanto “corpo de Cristo” (e muitos que se tornam um só corpo) é obra do Espírito Santo: é, de fato, o mistério da unidade entre o Uno (Cristo) e muitos (os fieis, os seus membros) e esta unidade é a Igreja, então é a obra do Espírito é de edificar a Igreja na unidade: mistério de comunhão na potência do Espírito de comunhão.

Segundo Vincenza

O Espírito Santo é o amor que move o Pai para doar o Filho para a redenção humana e sustém o Filho na sua oblação em Espírito eterno para nós; é o fogo que inflamou os apóstolos no testemunho evangelizador e no martírio.

É A ALMA DO APOSTOLADO

É necessário que nós sejamos movidos pelo Espírito; se ele não é a alma do nosso agir não existe apostolado eficaz, porque falta o amor verdadeiro. Mas o que é o amor? Vincenza responde: «O amor é Deus no coração. É o movimento vivificador do Espírito Santo, chama que penetra todo o ser em uma força inefável, suave, que dá ao homem a capacidade de receber a vida de Deus. E a vida de Deus é o amor»²⁸.

Com a idade de oitenta anos Vincenza ainda escreverá: «A nossa doação amorosa aos irmãos revela à humanidade o amor do Pai celeste. E o Espírito arde de amor no coração, para que cada coração esteja unido a Jesus salvador. Sofrer como Jesus no Guetsêmani; dar a cada coração a alegria do amor de Jesus é glorificar o

28 O Caminho do Amor II, agosto de 1973, p. 97.

Pai: assim arde o meu coração na urgência do Espírito»²⁹.

TRANSFORMA-NOS

O Espírito Santo, que transformou os discípulos temerosos em apóstolos corajosos, nos transforma também em apóstolos convictos e generosos e, contemporaneamente, age naqueles aos quais nos dirigimos. A sua atividade é múltipla. Doa a verdadeira sabedoria e o amor que fazem conhecer e amar Jesus e ao Pai, condição necessária para amar o próximo: «No íntimo do nosso ser o Espírito Santo ilumina, doa o seu coração puro, o amor de luz claríssima, que faz claro todo ser, ensina todas as coisas, introduz na verdade, revela o Pai e faz conhecer o Filho. O coração atento ao Espírito Santo ama e recebe a força ardente e suave»³⁰.

Em outra carta, Vincenza afirma que o Espírito Santo «transforma a miséria humana em clara luz de verdade, em suave força de amor»³¹.

É IMPLORADO COM A ORAÇÃO

Vincenza não cansa de recomendar a oração como disposição favorável para receber o Espírito Santo e, portanto, os seus dons maravilhosos: «A alma se dispõe a receber o Espírito Santo, e o Espírito Santo a inunda de luz, de força, de amor, de graça [...]. Na chama de amor que o Espírito Santo acende, o coração ama Deus e os irmãos do mesmo amor, puro e verdadeiro [...]. Rezai, filhinhas, e recebereis a luz do Espírito Santo»³².

29 O Caminho do Amor II, março de 1980, p. 151.

30 Idem II, 13 de novembro de 1969, p. 74.

31 Idem II, fevereiro de 1973, p. 94.

32 Idem II, dezembro de 1973, PP. 98 e 99.

Pensando na situação de cada irmã que se encontra no mundo entre os homens para viver com coerência e responsabilidade a própria consagração e testemunho cristão, Vincenza escreve: «Então rezo ao Espírito Santo, animador supremo, para sempre iluminá-las e colocá-lhes no coração o fogo vivo do amor, para que nenhum irmão, que com elas percorra no mundo o caminho da vida, fique só na luta pela conquista do bem, mas em comunhão de amor sinta em si a presença do Senhor que a ama, e na alegria do amor o conheça e o ame»³³.

A este ponto Vincenza é tomada por um místico arrebatamento e escreve: «O Espírito Santo, revelador trinitário, nos participa aquilo que o Pai deu ao Filho, amor não criado, mergulha o coração no amor e o seu fogo de luz, de verdade, de força transformadora, nos faz em Cristo os diletos do Pai, na inefável doçura e reluzente beleza que ultrapassa todo pensamento: na ternura suave a alegria de união que é fonte de cantigas e de nova vida no amor, que não tem confins, não tem limites, nem medida, somente alegria de amor, de viver no amor. O Espírito Santo nos leva no coração de Deus»³⁴.

Com sua força suave o Espírito Santo: «move, guia, ensina, conduz à verdade, à vida. O Espírito Santo do Senhor se derrama no coração. Recebe-o, escute-o. Ele conduz no temor para que a graça cresça em vós [...]. No contato do coração ardente, vigilante, o Espírito transforma a nova vida em esplendor sempre novo e maior amor»³⁵.

Somente se somos iluminados, animados e transformados pelo Espírito seremos instrumentos

33 *O Caminho do Amor II*, 12 maggio 1971, p. 82

34 *Idem II*, 12 maggio 1971, p. 82.

35 *Idem II*, dicembre 1972, p. 91.

eficazes nas mãos de Deus para ser úteis na salvação dos nossos irmãos.

VI. A REFERÊNCIA À MÃE DE DEUS

Premissa teológica

No plano salvador de Deus, Maria de Nazaré, Mãe de Cristo e da Igreja, desenvolve um papel particular; portanto, a espiritualidade apostólica não pode prescindir do fazer referência também a ela.

ELEMENTOS APOSTÓLICOS ESSENCIAIS

Dos dados bíblicos e do magistério eclesial é fácil colher elementos apostólicos de Nossa Senhora, que são exemplares para nós. Elenco particularmente os seguintes:

- ❖ A fé de Maria e a sua disponibilidade a serviço do projeto salvífico de Deus, movida pelo Espírito Santo.
- ❖ A sua missão histórica de Mãe e colaboradora de Jesus Redentor.
- ❖ O seu ser a primeira e perfeita discípula de Jesus e o respeitável testemunho do mistério dele na Igreja primitiva.
- ❖ O seu ser constituída Mãe dos fiéis, enquanto, em virtude do Espírito Santo, continua a gerar a graça para cada um dos crentes e o corpo místico de Cristo.
- ❖ A exemplaridade das suas virtudes teologais e morais vividas no contexto das condições quotidianas comuns aos seus contemporâneos.

O CARÁTER MATERNO DO APOSTOLADO

O Concílio Vaticano II nos recorda que, justamente porque o apostolado tende à regeneração dos homens em Cristo, «também porque em sua obra apostólica, a Igreja se volta para Aquela que gerou a Cristo... Esta Virgem deu em sua vida o exemplo daquele materno afeto do qual devem estar animados todos os que cooperam na missão apostólica da Igreja para a regeneração dos homens» *Lumen Gentium*, 65).

Esta referência a Maria, não só nos lembra o *objetivo* essencial e o *caráter materno* do apostolado, mas oferece o paradigma da *unidade de vida* dos cristãos, porque Nossa Senhora, «enquanto viveu na terra a vida igual a de todos, cheia de cuidados familiares e de trabalhos, estava sempre intimamente associada ao Filho, cooperando de modo absolutamente singular na obra da Salvação» *Apostolican Actuositatem*, 4.

MODELO DE APOSTOLADO NA SECULARIDADE

A imagem global de Maria, que resulta dos Evangelhos, é aquela de uma mulher situada em um limitado contexto geográfico, histórico e cultural; uma mulher verdadeira, aberta à escuta e pronta na ação; uma mulher que, levando em conta as condições sociais do tempo, se comportava de modo absolutamente livre e coerente com as próprias convicções de fé, reconhecia a própria escassez, mas era capaz de assumir graves responsabilidades, disposta a partilhar alegrias e a afrontar sofrimentos.

De tais atitudes espirituais e comportamentos operativos emergem acentuadas características de espiritualidade apostólica cristã, quais, por exemplo, o

caminho não fácil de fé aberto ao futuro de Deus; a humilde, livre e criativa adesão ao plano de Deus; a alegre acolhida e a perseverante docilidade ao Espírito Santo; a livre e generosa cooperação à missão do seu Filho.

Todo apóstolo ou apóstola do Evangelho do nosso tempo pode experimentar muito de perto tal Mulher, como uma irmã e mãe que viveu acontecimentos propícios e adversos, análogos aos nossos, se bem que em um contexto social e cultural muito distante do atual.

Segundo Vincenza

MODELO DE MATERNIDADE ESPIRITUAL

Vincenza afirma: «Senhor eu quero viver como tu queres». E, interpretando à vontade divina, traça um perfil precioso: *«em pureza evangélica; grande silêncio; profundo recolhimento; ardente caridade; profunda humildade»*.

Elencando estes aspectos Vincenza tem presente um modelo: a Mãe de Jesus. De fato, prossegue com estes termos: «Devo viver como minha Mãe, para ter a fecundidade do Espírito Santo e receber e gerar continuamente a vida: Jesus. A minha mente sempre unida a Deus para recebê-lo. O meu coração sempre unido a Deus para ser uma só vida com Ele. A minha alma toda absorvida n'Ele, meu absoluto Senhor, para realizar a sua santa divina vontade»³⁶.

Vincenza parece toda absorvida na união com Deus, porque esta é a sua vocação absoluta, mas o é também em função de uma *fidelidade apostólica*: gerar

36. O Caminho do Amor, I, n. 68, p. 104

Jesus, vida dos homens. O fim apostólico está sempre presente. Nesta prospectiva podemos interpretar duas breves orações de Vincenza (em cujo texto em grande parte coincide) com os quais se dirige a Deus Pai em uma festa da Virgem Mãe: «Eterno e divino Pai, hoje, na festa da divina Mãe, que no amor feito teu reino perfeito viveu a sua paternidade e da geração do Verbo, por obra do Espírito Santo, nós nos entregamos novamente a ti para a mesma obra em nós».

Até aqui Vincenza contemplou a obra de Deus em Maria, em função da redenção humana, portanto com objetivo apostólico. Por sua vez, a Virgem acolhendo na fé o dom divino, «se fez teu reino perfeito»: nela Deus reina. Tudo isto suscita em Vincenza o desejo de que Deus realize qualquer coisa também em nós: de fato, prossegue invocando: «Vive em nós, ó Pai, na geração do teu Verbo por obra do teu Santo Espírito. Eis o teu reino! Vem a nós e age»³⁷.

Também aqui Maria é vista como sublime exemplo, não só de vida em Deus, mas também de apóstola que colabora com Deus para gerar os homens para a vida divina. Não é por nada que Vincenza escreve: «viveu e vive da tua paternidade e da geração do Verbo na obra do teu divino Espírito».

MODELO DE VIRTUDES APOSTÓLICAS

Se Vincenza insiste tantas vezes sobre a devoção mariana é porque em Maria aprendemos muitas coisas úteis não só para a nossa santificação, mas também, pela eficácia do nosso apostolado.

De Maria aprende-se «como se faz para ser diletta ao seu Filho..., como se acredita na Palavra de Deus...,

37. O Caminho do Amor I, n. 6 e n. 87, PP. 80 e 11.

como se espera na bondade de Deus». Maria «nos ajudará a entrar na divina caridade. Em união com o seu coração materno e imaculado entraremos na plenitude da vida divina»: princípio e fim da humana criatura no amor incriado, vida eterna. «Assim também nós seremos um reino de Deus no mundo. Um raio secreto, escondido na caridade operante de Deus. Um raio que atrai para Jesus as almas na alegria de vê-lo conhecido, adorado, amado, servido; na alegria do seu reino nas almas»³⁸.

Em muitas de suas cartas Vincenza dirige a atenção para o exemplo de Nossa Senhora, particularmente a sua bondade, obediência, pobreza e humildade.

APOSTOLADO NA SECULARIDADE

Vincenza vivia no mundo em contato com toda categoria de pessoas e sempre advertia o quanto a humanidade tem necessidade de ser guiada para a vida da fé e da graça. Sentia-o como um imperativo para si e para as suas irmãs de consagração, para atuar no modelo de Jesus e de Nossa Senhora. «A semelhança da nossa Mãe, nós também devemos crescer em graça, para levar o amor de Jesus, vivo em nós, aos irmãos. Quanta necessidade dele tem o mundo! Quanta necessidade têm as almas de ver resplandecer a graça, vida de Deus! No nosso caminho terreno no meio dos irmãos, devemos levar o Senhor, manifestá-lo, comunicá-lo. Cristo Senhor deve transparecer, resplender em cada ato nosso, atitude, palavra... Para que isto seja possível devemos antes levá-lo, tê-lo em nós, possuí-lo com o amor»³⁹.

38. *O Caminho do amor, II, Carta de Vincenza às irmãs da PFF, março de 1965, p. 44.*

39. *Idem II, junho de 1974, p. 102.*

No ter indicado a *união com Deus* como essencial para o carisma da PFF, para viver *no meio do mundo*, está claro que Vincenza reconhecia o caráter “*secular*” da sua vocação e consagração. Mas quando a *Associação de perfeição evangélica* pediu e obteve de ser reconhecida como *Instituto secular de vida consagrada*, Vincenza não esconde qualquer perplexidade, porque lhe parecia que alguém colocasse o acento mais na *secularidade* que na *união com Deus*. Portanto, fez questão de exprimir o seu pensamento, e sempre com o olhar para Maria escreveu: «A palavra *secularização* não me agrada, não é a nossa palavra; a nossa palavra é *comunhão dos filhos de Deus* no meio do mundo. Comunhão de graça de Espírito Santo, como foi ao início no meu coração, *a semelhança da Plena de graça, nossa Virgem Mãe*. Comunhão de graça, de amor aos irmãos, de doação a todos em todos os níveis de participação no amor do Senhor» ⁴⁰.

Em espírito de fé aceitou a ação dos Superiores e exortou as irmãs para acolher tudo com fé e alegria: «Vigilantes tenhamos o coração sempre preparado para receber o Espírito Santo. A sua força vivificante nos faz viver em Jesus Cristo Senhor, isto é, viver de amor do Amor, viver a vida na Vida. Queridas filhinhas e irmãs, os acontecimentos referentes à nossa passagem e a aprovação, são o cumprimento da vontade do Senhor e, no nosso trabalho humano, são sempre alegria, paz e união no amor com o nosso Amor Jesus»⁴¹.

O pensamento de Vincenza volta ao modelo de Maria. Na mesma carta acrescenta: «Formadas pelos

40 Carta de Vincenza a Pe. Leonardo Tasselli, 5 dezembro de 1972. Inédito. Citado em Rocco Barbariga, *Vincenza Stroppa, mestra de vida e de espiritualidade*, 2005, p. 142.

41 O Caminho do amor, II, Carta de Vincenza às irmãs da PFF, agosto de 1975, PP. 111-112.

nossos padres assistentes na santa pobreza e guiadas a crescer em graça, viveremos, a semelhança da nossa Virgem Mãe, com amor sempre maior, a nossa vida apostólica no meio do mundo onde o Senhor nos colocou».

E justamente em vista deste *viver no meio do mundo*, Vincenza se dirige aos padres assistentes: «Queria pedir, antes o peço aos nossos padres assistentes, de falar-nos do valor teológico que tem a nossa vida apostólica pela aprovação a Instituto secular».

Conclui dirigindo-se às irmãs com um renovado pedido a Maria: «Estou convosco com o desejo de que o nosso coração seja sempre mais semelhante ao coração da nossa Virgem Mãe, para amar e levar ao mundo o amor de Jesus»⁴².

VII. A REFERÊNCIA À IGREJA

Premissa teológica

A IGREJA É TODA APOSTÓLICA

Quando no Credo afirmamos que a Igreja é *apostólica*, reconhecemos que, em Pentecostes, o Espírito Santo a tornou tal, isto é, *dimensão histórica* da comunhão trinitária e *realidade visível* da comunhão dos fiéis com os apóstolos e seus sucessores. Por obra do Espírito Santo na Igreja, não só se perpetua a presença de Jesus Cristo no meio dos seus, mas também o seu ensinamento e a sua ação santificadora, transmitida pelos apóstolos e pelos seus sucessores. Neste sentido a Igreja é *apostólica*.

42 O Caminho do Amor II, agosto de 1975, p. 112

Também o *simples fiel* é apostólico se possui e vive a verdade transmitida pelos apóstolos. De fato, com o sacramento da Confirmação, cria-se no cristão um estado novo e permanente de “maturidade” espiritual nos confrontos da fé, da qual *consegue* a responsabilidade pessoal nos confrontos da fé, unida à força e a ajuda para comunicá-la aos outros.

Estar conformados a Cristo com o Batismo e a Confirmação significa estar configurados a ele não somente como Filho de Deus – assim por ser nós também filhos de Deus no Filho – mas também na sua missão de enviado como Redentor do mundo.

O FIM DO APOSTOLADO

A meta a quem aponta a atividade apostólico-missionária da Igreja é salvação e a plenitude da vida dos homens em Deus. Trata-se de anúncio da Palavra e oferta dos Sacramentos para a libertação dos pecados e a divinização do homem; mas também de libertação das consequências do pecado em nível individual e social, portanto, de formação humana.

Toda atividade apostólica autenticamente cristã se move sempre no âmbito da Igreja, «comunhão de vida, de caridade, de verdade», enviada à humanidade para ser «um germe firmíssimo de unidade, de esperança e de salvação» (*Lumen Gentium*, 9). O apostolado cristão não somente vive um sentir com a Igreja, mas *dentro* da Igreja, com o vivo sentido de pertença a ela, fundada sobre os Apóstolos e sobre o ministério pastoral dos seus sucessores.

A espiritualidade apostólica cristã é empenho para partilhar a missão, as diretrizes operacionais e a experiência da comunidade de Igreja encarnada em um

determinado território humano e destinada a servir a humanidade com o próprio empenho de anúncio e de santificação pela justiça, a liberdade, a solidariedade, o diálogo, etc. Aponta para fazer surgir e guiar a comunidade nas quais «do Espírito impele o grupo dos fiéis para ‘fazer comunhão’, para ser Igreja {...}. Um dos objetivos da missão, de fato, é de reunir o povo na escuta do Evangelho, na comunhão fraterna, na oração e na Eucaristia» (João Paulo II, *Redemptoris Missio*, 26). Objetivo da missão é que se realize a oração de Jesus: *«para que todos sejam um, como Tu, Pai, estais em Mim e Eu em Ti. E para que também eles estejam em Nós, a fim de que o mundo creia que Tu Me enviaste»* (Jo 17,21).

Segundo Vincenza

O amor e a fidelidade à Igreja, como comunidade cristã e como autoridade hierárquica, acompanha toda a vida de Vincenza. Ela viveu a experiência interior de ser inspirada e guiada pelo Senhor em relação a sua singular vocação e missão, mas nunca caiu na presunção de auto suficiência e, muito menos de oposição à guia materna da Igreja.

CONSTANTE FIDELIDADE AO SUCESSOR DE PEDRO

Por toda vida Vincenza conservou uma fiel e filial adesão à pessoa e ao magistério do sucessor de S. Pedro. Já estudante, na Escola Normal de Treviglio, defendeu o Papa, os Bispos e a Igreja contestando ardorosamente um professor maçônico que havia ousado

ironizá-los⁴³.

Com confiança e paciente espera desejou que o ideal de vida, por ela vivido e proposto à PFF, obtivesse a aprovação por parte do Papa. Finalmente pode exultar pela aprovação tida pela voz do Papa Pio XII: «Em 1953, quando na audiência tive a confirmação do Santo Padre para a vida de união com Deus, na cela da alma, no meio do mundo meu segredo finalmente estava nas mãos da Igreja e com a prudência e a paciência com as quais o Espírito sempre me guiou, continuei minha obra para que se cumprisse a vontade de Deus»⁴⁴.

Em março de 1972, após algumas exortações para cultivar um coração puro por meio do qual, entre outros, «No rosto dos teus semelhantes verás a face do Senhor e amarás a todos como irmãos», acrescenta: «Quero recomendar-vos de estarem, sempre que possível, unidas à Palavra do Papa»⁴⁵.

Queria que nas várias formas de apostolado, as irmãs se mantivessem em sintonia com o Pontífice. Esta é uma das exortações frequentes: «Por isso recomendo ardentemente, como já fiz outras vezes a viva voz, vos recomendo, na união ao sucessor de Pedro (vigário de Jesus, que de Jesus recebeu o doce envio: *‘Apascente os meus cordeiros, apascenta as minhas ovelhas’* – ensinaí as crianças, aos rapazes, aos adolescentes, enquanto é possível, também no sacrifício ensinaí a verdade”. Doai a vós mesmas, não temais a incapacidade, é o Espírito Santo que opera»⁴⁶.

43. Cf. *O Caminho do amor, II, Carta de Vincenza a Maria Mariani*, p. 177.

44. *O Caminho do amor, I, Vincenza fala de si*, p. 18.

45. *O Caminho do amor, II, Carta de Vincenza às irmãs da PFF, março de 1972*, p. 87.

46. *Idem II, 11 de fevereiro de 1975*, p. 108.

VINCENZA E OS SACERDOTES

Sinal da confiança de Vincenza na Igreja é também o ter sempre não só colaborado com os sacerdotes, mas também tê-los procurado com insistência para a assistência espiritual, a começar pelo pároco Dom Giovanni Marinelli a Pe. Alessandro Malér, Dom Carlo Rossi... até a Pe. Giuzeppe Di Lazzaro.

Realizada a fundação da PFF, cuidou-se assiduamente de assegurar-lhe uma adequada assistência espiritual. Quando a secretária da PFF queria que a Instituição fosse guiada por Vincenza, antes que por Fr. Ireneo Mazzotti, - porque o padre franciscano tardava para abrir-se à visão de universalidade que Vincenza queria, no acolher novas irmãs à PFF – a resposta foi clara e decisiva: «A exortou a pacientar-se, porque também eu queria que o novo movimento estivesse nas mãos de um ministro de Deus»⁴⁷.

Da sua parte Fr. Ireneo agiu sempre com espírito de fé e de serviço como se houvesse proposto do nascer ao fim da PFF: «Coração dulcíssimo de Jesus, Coração dulcíssimo de Maria, vos prometo que nesta obra serei sempre vosso simples instrumento disposto a tudo fazer e a tudo sofrer para que se cumpra também nisto a vossa vontade»⁴⁸.

E Vincenza, nos últimos dias da sua vida, repetia ainda com o pensamento ao querido Fr. Ireneo e sussurrava: «Fr. Ireneo foi um homem de fé que agradou ao Senhor. Ele aceitava humildemente de homem de fé, [...] um homem de grande fé»⁴⁹.

Vincenza foi sempre cuidadosa no pedir a guia e a

47. *O Caminho do amor, I, Vincenza fala de si*, p. 17.

48. *P. Ireneo Mazzotti, Quero ser santo, 21 de agosto de 1929*, p. 63.

49. *O Caminho do amor, II, Último encontro de Maria Mariani com Vincenza*, p. 241.

assistência espiritual dos sacerdotes para a PFF, até de insistir pessoalmente junto ao Ministro Geral dos Frades Menores para que não deixassem faltar tal assistência. Ainda em 1975, enquanto estava em curso o processo de aprovação da PFF como Instituto Secular de Vida Consagrada – e com isto se temia que a autonomia do Instituto trouxesse consigo a total independência da Ordem dos Frades Menores, compreendida a assistência espiritual – Vincenza se dirigiu ao Ministro Geral nestes termos: «*Agora exprimo ao Sr., reverendíssimo Ministro Geral, o meu filial desejo, que sempre me acompanhou e me acompanha: que a sua paterna bondade tenha sempre cuidado, muito cuidado de nós, Pequena Família Franciscana, para que também na nossa pequenez, queremos viver na união com Jesus, na fecunda desejável pobreza franciscana*»⁵⁰.

Ficava radiante ao constatar que os sacerdotes eram homens de fé. O amor a Igreja levava Vincenza a rezar e a sofrer pela santificação dos sacerdotes. Um fenômeno que a fez sofrer intensamente foi aquele trabalho “pós conciliar” no qual se extraviaram alguns sacerdotes e religiosos com um enfraquecimento da fé e uma tendência marcada para “raciocinar” humanamente demais e colocar tudo em discussão. Segundo ela era um prender-se e firmar-se no humano (portanto em uma verdadeira doença da fé), enquanto o sacerdote e o religioso devem arder do mesmo fogo de Jesus, doar-se, imolar-se pela glória do Pai e a salvação das almas. Isto levava não só a falência pessoal, mas também a eficácia do seu apostolado. «Temos conosco Jesus, o Deus feito homem. Temos conosco a vida, mas um doloroso extravio, uma angústia amarga atormenta o

50. O Caminho do Amor II, Carta de Vincenza às irmãs da PFF, 11 de fevereiro de 1975, p. 108.

mundo e em particular os jovens que se perguntam: Onde está Jesus? Muitos homens que responderam ao chamado divino e, Jesus fez seus amigos, se deixam iludir pela falsa luz e a verdadeira luz do Espírito se obscurece neles, não veem mais Jesus, Deus feito homem e não podem mais responder aos irmãos que se interrogam: Jesus está aqui, no meio de nós vivo e verdadeiro. Os seus corações estão insensíveis e a quem procura a luz, o amor de Jesus, não têm nada para dar»⁵¹.

Vincenza estava bem convencida que não é com a simples razão que se leva os homens à plenitude da vida, mas testemunhando a eles a fé e levando-os à comunhão com Jesus. Daí a sua exortação aos sacerdotes: «Sacerdotes, olhai Jesus, olhai-o sempre; arde de amor e de dor no meio dos seus. A sua força é a sua união com o Pai. Mesmo no Getsêmani o Pai não o deixa só, e sobre a cruz o seu sangue quente de amor lhe dá a doçura da vontade do Pai. Sacerdotes olhem Jesus na sua humanidade que continua a arder de amor e de dor pela salvação da humanidade. É convosco amor, vida, e vós sois para as almas amor, vida. Não pensais outra coisa. Sois amor e vida para as almas, e isto custa sangue. Que doçura maior do que ser amor e vida!»⁵².

A PFF CARISMA NA IGREJA PARA A IGREJA

Vincenza sempre foi convencida que a PFF é um dom feito à Igreja para uma missão particular no interno da própria Igreja: «A doação de nós mesmas a Deus, numa vida de união no meio do mundo, além de glorificar a Deus por meio do nosso amor, além de nos encaminhar

51. *O Caminho do Amor II*, agosto de 1973, PP. 96-97.

52. *Carta de Vincenza a Pe. Donato Ginelli*, 29 de abril de 1976. *Inédito*.

ao Paraíso, nossa meta, é o cumprimento do mandamento divino do amor, a nossa particular missão, a missão particular da PFF, na Igreja, pois a meta da nossa vida de união com Deus no meio do mundo é a de comunicar Deus vivente na alma humana a todos os nossos irmãos em Cristo Senhor. “Pense agora, alma querida na sua missão e considere como tem que ser a sua vida de união com Deus»⁵³.

Em 1968, lendo o boletim do Instituto, Vincenza se alegra ao ver escrito o que há tantos anos havia acreditado, vivido e esperado. O confiou a Presidente Maria Mariani: «A PFF não existe senão enquanto é uma instituição da Igreja e pela Igreja. Isto me renova a alegria, o júbilo de quanto sozinha na minha cela secreta, degustava a doce, suave força do rebento da Igreja e o pensamento ia às irmãs que estariam de maneira mais aberta. Ora, a ti, minha querida Presidente Central Maria Mariani, me dirijo e cobro a tua responsabilidade. Tu sabes que, por uma graça especial do divino Espírito Santo, que a vida da PFF é união com Deus no meio do mundo. A união com Deus gera alma apostólica no mundo. Da união com Deus brota água viva no mundo, sem isso, o coração do homem, da humanidade resseca. A união com Deus precisa estar junto com os irmãos; pelo mistério da vida divina, do amor divino, eles, sem sabê-lo, a usufruem. Esta é a finalidade da PFF no meio do mundo. Portanto, é necessário dar uma formação através do estudo, às almas, para uma capacidade sempre maior de receber muito de Deus, para também dar muito. Minha querida Maria, que a finalidade da PFF, não seja minimizada, mas que haja um esforço amante e generoso de todos, pela sua sempre maior realização. Confio-te: o divino Espírito unido ao Pai e a Jesus te dê a

53. *O Caminho do amor, II, Carta de Vincenza às irmãs da PFF, fevereiro de 1956, p. 30.*

graça. Isto que te confio é obra do amor de Deus»⁵⁴.

VIII. A REFERÊNCIA AO MUNDO E À HUMANIDADE

Premissa teológica

O CONCEITO DE MUNDO

Por “mundo” entendemos o *cosmo* e a *humanidade*, criados e redimidos em Cristo Jesus. Eles, ainda sujeitos à fragilidade e ao pecado, devem ser levados a ser sempre mais *Reino de Deus*, também com a nossa colaboração.

Tal colaboração está no se tornar, também nós um “sacramento” daquele amor que Deus demonstrou na encarnação, na vida e na morte de Cristo por cada pessoa humana. Isto pressupõe o nosso *viver em Cristo* e o esforço de descobrir e fazer descobrir a dignidade inviolável de *cada pessoa humana* e das *realidades temporais*. Saber acolher o positivo que está no outro e na história, e viver isto em atitude espiritual e apostólico do tipo *diálogo*. O apóstolo cristão aponta sobre os valores essenciais do Evangelho: o projeto de Deus (o reino) no que diz respeito a qualidade de vida digna dos filhos de Deus, valores que fazem do apóstolo uma pessoa evangelizada e evangelizadora: uma pessoa que está *no mundo*, mas não é *do mundo*, porém para a salvação do mundo.

54. O Caminho do Amor II, Carta de Vincenza a Maria Mariani, 27 de maio de 1968, PP. 210-211.

ESPIRITUALIDADE DE ENCARNAÇÃO

No século passado se afirmou sempre mais o interesse por uma *espiritualidade de encarnação* no modelo do Filho de Deus que se inseriu nas nossas condições de vida para redimi-las. Compreendeu-se com clareza que uma vida santa é uma vida *sólida* também com *as realidades temporais*; é a resposta que o cristão dá ao Senhor nas condições “profanas” e habituais da vida.

Isto é o que dizem concretamente a “pequena via” de Teresa di Lisieux, a piedade e a “fraternidade universal” de Charles de Foucauld, a espiritualidade operária da J.O.C. de Joseph Cardijn, a espiritualidade de Madeleine Dêlbrel e outros. Mas o confirma também o Concílio Vaticano II que reconhece a importância das *realidades temporais* para se atuar no reino de Deus; e com os capítulos quarto e quinto das Constituições dogmáticas *Lumen Gentium* e depois com a Constituição pastoral *Gaudium et Spes*, ensina que a vocação à santidade é dirigida a todos e é realizável em toda situação e estado de vida. Santidade e secularidade estão estritamente unidas. A santidade não consiste na fuga do mundo, mas, na assunção das realidades temporais que entrelaçam a nossa vida, e, na ordem segundo Deus. Quem vive em Deus e com Deus está por ele exposto neste mundo pelo qual Deus enviou o seu Filho.

Aprofundado o conhecimento que a Igreja é “sacramento de Cristo”, que diz junto o ser pelo mundo e o ser para Deus no mundo, disto segue o caráter de serviço da ação da Igreja no mundo, da comunhão na caridade como autenticidade da sua missão e da missão mesma de Cristo. Pelo fato de que a Igreja está no

mundo e o mundo na Igreja, é necessário que entre os dois sujeitos distintos se instaure o diálogo, ainda que a escuta recíproca exija ser crítico. Os dois podem dialogar porque quem fala e age na Igreja e no mundo é o único Senhor. A Igreja dirige-se ao mundo para ajudá-lo a descobrir e construir o reino de Deus, que se realiza, seja também diversamente, na Igreja e no mundo, e realizadamente somente além do seu tempo. O dever da Igreja é de solicitações e de estímulo, de conduzir e de guiar na descoberta e na realização da autêntica “mundanidade” além da santificação pessoal das pessoas.

Expressão particular deste existir em solidariedade de vida com o mundo, para a sua salvação, são no nosso tempo, os Institutos Seculares de Vida Consagrada. Os seus membros, vivendo a vida quotidiana no meio das categorias sociais e nas profissões seculares, oferecem às pessoas com as quais partilham a vida, o sentido da harmonia e da beleza da existência humana que é tanto mais digna e alegre quanto mais está aberta para Deus.

Segundo Vincenza

Desde criança Vincenza teve um sentido positivo do mundo qual realidade maravilhosa criada por Deus para a humanidade. Dele, admirava a beleza e dele tirava inspirações de louvor, de agradecimento e adoração a Deus, e de empenho pessoal: «Desde pequena, apenas surgia o sol, corria nos campos para contemplar o orvalho. Era para mim a imagem viva da abundância da graça e do amor de Jesus nas nossas almas. Dele sentia dentro de mim a luz, o calor, a vida, e via na minha alma

que Deus me amava»⁵⁵.

Afirma que na juventude era exuberante e plena de vida, com uma grande vontade de cantar: «Amava e amo ainda a música, o canto, o estudo, o trabalho, e dançarei ainda, quando for para a glória do Senhor»⁵⁶.

Sabia alegrar-se não só com a beleza do criado, mas também pela conquista do saber humano: «Senhor Jesus, suscita os santos. És tu que salvas as almas, que as inunda de luz divina, que vivifica a vida divina. Também a nós concede o desejo de ser instrumentos da tua luz, da tua caridade divina no mundo das almas. ‘Tu fazes os gênios, os cientistas que descobrem e revelam a vida que ferve no universo que, Tu, Sabedoria, Bondade, hás criado para o homem»⁵⁷.

Se o homem se abre para Deus, então: “Tudo o que é humano é bonito, é grande; tem um prédio de amor e, na fé, na esperança, na caridade se eleva á fonte da vida, para Deus, e nos aperfeiçoa”⁵⁸.

O AMOR ÀS PESSOAS

Vincenza amava as pessoas humanas. A sua admiração e o seu amor por elas estão sintetizados nesta sua frase: *“Uma vida humana é tanto maior e magnífica que vale mais do que o universo inteiro”*⁵⁹.

Tendo intuído muito bem, por graça, o que é a vida de Deus em uma alma, nutria um ardente desejo de levar todas as pessoas a fazer a sua mesma experiência:

55. O Caminho do amor, II, Carta de Vincenza a Maria Mariani, 13 novembro de 1960, p. 180.

56. Idem II, p. 173.

57. Idem II, Carta de Vincenza às irmãs da PFF, março de 1965, PP. 43-44.

58. Idem II, 11 de fevereiro de 1967, p. 56.

59. Idem II, maio de 1964, p. 39.

“Deus me fez ver, de forma mais clara do que o sol, a sua vida em cada alma. E como não amar todas as almas, já eu todas são vida do meu amor!”. E do coração logo brota uma oração: “Salvar-te muitas almas; ser instrumento de luz, de amor, de vida divina para o mundo todo, para a tua glória, ó Rei do céu, da terra e do meu coração!”⁶⁰.

Aquilo que atormenta e provoca Vincenza é o desejo que as pessoas tome conhecimento da admirável comunhão de vida a que Deus lhes há destinado: “Senhor, dá-me a graça de elevar as almas a ti, à dignidade de sua meta [...]. Senhor Deus, ocupas todo meu coração, todo o meu ser e a minha alma te rende adoração por todo o universo. Jesus, sofro muito e forte. Faze que eu dê frutos de amor e glória para ti, nas almas”⁶¹.

Era natural que Vincenza desejasse que as irmãs da PFF partilhassem com ela esta paixão pela salvação do mundo: “Minhas queridas irmãs, Jesus não nos pôs em clausura, mas no mundo entre os irmãos. Como vivemos no mundo nós o enxergamos bem. Quanta compaixão! Quanto sofrimento! Quanto dom da graça, de vida sobrenatural, nós devemos dar ao mundo. Almas, almas irmãs, irmãos que vivem inconscientes, sem vida divina. Todavia a finalidade da existência é a vida divina dos filhos de Deus. Minhas queridas irmãs, nós recebemos com fartura a vida de Deus. Doemos esta vida com fartura, na construção da nós mesmas, feito Jesus na cruz, feito a nossa Mãe aos pés da cruz”⁶².

Vincenza está convencida que o maior dom que se

60. *O Caminho do Amor I, Jesus amor*, n. 79, p. 108.

61. *Idem I*, n. 78, p. 108.

62. *Idem II, Carta de Vincenza às irmãs da PFF*, maio de 1964, p. 38.

pode fazer aos homens é de levá-los ao Senhor, e fazê-los tomar consciência do quanto Ele os ama: «Quando o homem viver na vida do Senhor Jesus, então terá a alegria plena, porque cada momento da sua existência é amado, guiado e unido à vida pelo Espírito do Senhor, na liberdade do amor. Amor por amor é a lei divina de vida. Ah, se eu pudesse doar ao mundo inteiro a experiência do amor de Jesus que sacia até a medula dos ossos »⁶³.

O apostolado cristão é ir ao encontro da necessidade profunda de salvação a que anela a humanidade, e nós devemos fazer a ela esta caridade: «No mundo, o homem procura o Salvador, procura a vida contida no Salvador; talvez inconscientemente sente a necessidade de conhecer, de amar Cristo Jesus. Ajudemos ao mundo, ao homem, aos irmãos nesta procura sofrida, como o único meio válido para trazer a todos a nossa união com Cristo Jesus. Sem o pleno contato com Jesus nós e nossos irmãos permanecemos na nossa pobre humanidade. O Espírito Santo não nos queima com a sua chama que faz arder de amor a Deus e aos irmãos. Jesus tem nas mãos a riqueza da vida divina para o homem; mas o homem não o conhece e não o ama. Jesus continua a caminhar com o homem, volve no coração o seu amor incessante; mas quando, onde o coração humano se encontra com Jesus? Onde, quando se entretém com Ele? Quando crê que só ele é a sua vida? Creiamos nós e perseveremos na nossa união com Jesus. A nossa Mãe celeste nos ajude »⁶⁴.

63. *O Caminho do Amor II*, 2 de fevereiro de 1971, p. 81.

64. *Idem II*, maio de 1973, pp. 96-96.

SOFRIMENTO PELO HOMEM DISTANTE DE DEUS

Uma forma de apostolado é viver com os irmãos partilhando com eles «os pesos do corpo e da alma». O amor nos leva a aliviar os sofrimentos dos doentes, dos pobres, dos tribulados.

«Mas – escreve Vincenza – O amor sente onde existe mais necessidade e, quando o corpo é ajudado, fica a terrível necessidade da alma: a ausência de graça, de amor divino. Esta é a grande, a infinita dor do amor [...]. E maior ainda e terrível, é a dor para quem está bem na terra e não pensa e não sente que está lhe faltando a graça, faltando Deus. Queridas irmãs, nós devemos nos santificar para levar Jesus a cada coração. Temos que nos doar ao sacrifício, para que a graça que jorra do coração eucarístico de Jesus penetre nas almas. A ausência de graça nas almas é o mais terrível perigo que ameaça a humanidade »⁶⁵.

Provava um pungente sofrimento quando constatava o orgulho humano que se serve da razão para rejeitar a luz de Deus e precipitar nas trevas portadoras de egoísmos e dores. Inicia uma carta com estas afirmações: «Minhas queridas irmãs, a luz de Deus resplandece na nossa alma e sobre toda a humanidade. Quantos problemas humanos, quantos problemas terrenos que dão uma grande sede da fonte da vida, e temos que jogar nela a nossa alma e a humanidade, para que possam se libertar do orgulho, do egoísmo... Quantos sofrimentos do espírito, quantas dores da alma presos nas trevas »⁶⁶.

A carta continua demonstrando que o homem, com o seu orgulho e a sua presunção de fazer por si sem

65. *O Caminho do Amor II, Natividade de Maria*, 1967.p. 61.

66. *Ivi*, II, dezembro de 1966, p. 54.

Deus, não faz senão cair em ruína. A conclusão é simples e inevitável: «Somente Deus pode vir em nosso socorro. Somente Deus pode confirmar e aperfeiçoar com a sua graça, as nossas virtudes humanas. É a Ele que é preciso, humildemente, pedir luz e graça, para que as virtudes se reforcem e as obras revelem o relacionamento filial entre o homem e Deus, assim que a vida seja verdadeiramente caridade fraterna»⁶⁷.

UM APOSTOLADO UNIVERSAL

No seu Testamento Espiritual Vincenza diz se sentir animada por um *“amor universal* que «a tudo desaparece e tudo abraça». Isto a levava a «prodigalizar todo o amor, feito de alegria e de abnegação, a todos e em todas as ocasiões que se apresentasse: aos pequenos, aos grandes, às almas amantes, às almas indiferentes, a quem alegra, a quem chora, a todos»⁶⁸.

Cerca de dois anos antes de morrer escrevia: «Senhor, Tu querias minha comunhão contigo e a tua comunhão com cada coração. Auscultar-te é cumprir a tua vontade. Tu não hás tomado em conta minha miséria, minha debilidade, minha ignorância. Tu sempre me falaste de amor divino, de teu amor por mim e cada coração. E ainda arde em mim esta paixão; que cada coração te conheça, te ame na união com o Pai e a adorável e dulcíssima Trindade; que cada homem seja salvo e te glorifique»⁶⁹.

Na última carta às irmãs, ainda uma vez Vincenza dialoga com o Senhor para exprimir-lhe o próprio ardor e o próprio *“sofrer”* pelas almas: «Oh luz viva e onipotente

67. O Caminho do Amor II, p. 55

68. Idem I, Testamento espiritual, p. 128.

69. Idem II, Carta de Vincenza às irmãs da PFF, setembro de 1980, pp. 156-157.

que inunda todo meu ser! O coração arde por ti e se alegra da mesma forma no sofrer, e sofre porque nem todos os corações vivem em ti e não te amam. Jesus, tu sabes o meu sofrimento pelo ardente desejo de meu coração, para que todos os corações ardam de amor por ti»⁷⁰.

Depois se dirige às irmãs para que se unam a ela no cantar à Trindade o canto de amor que envolve toda a humanidade e todo o criado: «Cantem comigo, filhinhas e irmãs queridas, cantemos juntas, unidas o canto do amor sempre novo, sempre na união de amor ao doce Pai, ao doce Filho, ao doce Espírito Santo, à doce Trindade e doce Unidade. O nosso canto de amor, que sobe por toda a humanidade, envolve toda a criação, porque o homem é a criatura predileta do Pai, na união com Ele»⁷¹.

NAS SITUAÇÕES CONCRETAS DA EXISTÊNCIA

As situações concretas, nas quais Vincenza operou com espírito apostólico, foram diversas; assinalamos particularmente o seu *ambiente familiar*, os ambientes em que se encontra de *estudante a professora*, a sua *paróquia* e a *Pequena Família Franciscana*. Em todas as situações Vincenza operou sempre em atitude de generosa dedicação, movida pelo Espírito do Senhor e desejosa de participar aos outros aquela fé e aquele amor que lhe ardiam no coração.

a) *No ambiente familiar*

A família de Vincenza foi assinalada repetidamente pela dor: dos 10 irmãos e irmãs que a formavam,

70. O Caminho do Amor II, fevereiro de 1982, PP. 163-164.

71. Ivi, II, p. 164

sobreviveram somente três irmãs, enquanto todos os outros morreram em idade pueril. Vincenza ficou órfã do pai com 19 anos e em seguida por tantos anos devesse ocupar-se da mãe doente. Além disso, as famílias das outras duas irmãs e dos sobrinhos, provaram a enfermidade fortemente, pediram a ajuda de Vincenza a qual se prodigalizou por eles sem descanso.

Resumindo uma vida inteira, Vincenza escreveu: «Na minha vida sempre tive (a minha mãe também por longos anos) doente para cuidar, crianças para criar e filhinhos para cuidar. É próprio da nossa vida de doação, de amor em todos os níveis, ao mundo, aos irmãos, a humanidade»⁷².

E tudo isto não obstante que ela mesma foi atingida pelas doenças e dores. Avançada nos anos sentia-se «Um pouco arruinada da cabeça à extremidade inferior: dores, no estômago e fígado que mal funcionam, as costas tão pesadas que parecem levar uma grossa soma, dor nos olhos»⁷³.

Especialmente o mal dos olhos e a progressiva cegueira a fizeram sofrer muito; mas tudo aceitou e suportou com adesão à vontade de Deus, experimentando que o seu «coração, que não soube senão amar, ama sempre mais»⁷⁴. Parecia que existia mais para os outros que para si mesma; mais do que preocupar-se das próprias doenças, se prodigalizava em aliviar os males dos outros. Não sabia dizer não aos pedidos de ajuda; da sua parte lhe bastava isto: «O Senhor, que dispõe seja daqui e de lá onde é necessário, me ajude»⁷⁵.

72. *O Caminho do Amor II, Carta de Vincenza a Maria Mariani, 23 de janeiro de 1973, p. 218*

73. *Idem II, 20 dezembro de 1962, p. 195.*

74. *Carta de Vincenza a Sofia Penner, 29 janeiro de 1977. Inédito.*

75. *O Caminho do amor, II, Carta de Vincenza a Maria Mariani, 10 novembro de 1973, p. 220.*

b) Apóstola como estudante

Quando Vincenza iniciou a frequentar a escola *Técnica em Chiari*, tinha cerca de vinte anos; superava pela idade suas companheiras de escola, mas também pela bondade de ânimo e pelo empenho nos estudos. Era querida e «incutia respeito pela seriedade da sua vida, do seu vestir digno, embora modesto, por algo que brotava de seus olhos que manifestavam uma vida interior intensa [...]. Sabia ser amiga de todos e, mesmo amando o silêncio e a contemplação sabia dedicar seu tempo também às companheiras, deixando assim a marca de seu mundo interior com o exemplo, a serenidade e muita compreensão»⁷⁶.

Vincenza soube conquistar também a admiração dos professores assim ao final do triênio, o Presidente convocou o pai de Vincenza para congratular-se com ele e apertando-lhe a mão disse: *Sua filha é muito boa, é muito brava. Seja orgulhoso de sua filha*⁷⁷.

Durante o triênio na Escola Normal em Treviglio, Vincenza deu um testemunho de vida cristã, convencida e alegre, para atrair a estima das companheiras e dos companheiros de escola. Ela mesma atesta que *era muito benquista e próxima com alegria e delicado respeito*. Ainda que muito reservada, «porém, eu fazia a diferença entre todos. As minhas companheiras, especialmente as mais queridas, às vezes me abraçavam dizendo que eu tinha o paraíso no coração»⁷⁸.

Conquistou também estima e respeito dos professores não obstante a índole maçônica deles. Quando – como já recordado – um professor ousou

76. *O Caminho do amor I, Lembranças biográficas da sobrinha.*

77. Cf. *O Caminho do amor II, Carta de Vincenza a Maria Mariani, 13 novembro de 1960. P. 176.*

78. *Idem II, 13 de novembro de 1960, p. 177.*

ironizar o Papa e os Bispos, Vincenza se levantou no meio da sala e teve com ele uma calorosa discussão. O resultado foi que: «Por fim o professor disse que da parte dele eu teria sempre quatro. E eu que tinha a alma em dor, mas em paz retruquei: 'Como o senhor quiser'. Mas aquele quatro nunca apareceu. No último ano na escola, aconteceu que me acompanhou até à igreja e ao se despedir me disse: *Reze por mim*»⁷⁹.

Aquilo que impressionava de modo especial era a sua retidão e franqueza cristã junto a uma doçura e pureza invejável. Particularmente revelador é o seguinte episódio. O professor de desenho que também era maçom e que havia impedido ao sacerdote aproximar-se de sua mulher morrendo – um dia perguntou a Vincenza: «*Quando você for professora o que vai fazer? Limitei-me a sorrir. E ele continuou: Falo a você como se fosse seu pai. Não entre no convento. Fique no mundo. Você é um lírio e o mundo precisa desse lírio.* Depois levantou-se comovido e saiu da sala»⁸⁰.

Está lembrado que em Treviglio Vincenza fez parte do *Circulo de cultura* instituído por Dom Carlo Rossi. Este sacerdote, conhecedor do ânimo apostólico de Vincenza, confiou-lhe uns deveres. Entre 1918 e 1919, veio a Treviglio Arminda Barelli para fundar o grupo de Ação Católica. Por aquela ocasião Dom Carlo impôs a Vincenza: Olhe o que deve falar; dirá o que sente. E eis como se desenvolveram os fatos: «Aquela noite o oratório estava cheio de jovens, de operários e também de Bispos. Eu não preparei nada, pedi somente a senhora da qual eu era pensionista de me acompanhar, e entrei no salão por uma porta nos fundos. Barelli falou da Ação Católica que surgia (estávamos em 1918). Quando

79. *O Caminho do Amor II*, p. 177.

80. *Ivi, II*, p.178.

terminou, eu me levantei, atravessei toda sala, subi no palco e comecei a falar. Disse tudo aquilo que sentia. Quando terminei, desci do palco e, caminhei para o fundo sem ao menos “*reverenciar*” aos Bispos presentes. Eu tinha só urgência em botar para fora esta coisa que devia surgir no meio do mundo, e não dei atenção nem aos Bispos, nem à Barelli»⁸¹.

«*Disse tudo aquilo que sentia... Eu tinha só urgência em botar para fora esta coisa que devia surgir no meio do mundo*». Anunciou o que nutria no coração e já era a sua vida. O deduzimos por outra afirmação escrita na carta citada precedentemente a Maria: «Naquela noite eu falei às operárias da nossa dedicação a Deus»⁸². Já então estava convencida que não existe verdadeira ação católica se não existe *união com Jesus Cristo*: só isto nos faz amar, trabalhar e sofrer para levar os irmãos para Deus.

c) *Apóstola como professora*

Vincenza ensinou na escola elementar de outubro de 1919 a 1955. Ocupou o cargo de chefe de grupo, trabalhou no Patronato escolástico e foi encarregada de dar conferências às mães e esposas.

A escola, obra de arte. Vincenza se dedicou à escola com todo empenho e com intenso amor, convencida da grandeza e responsabilidade da sua missão. Para nós são eloquentes estas suas afirmações: «A escola é uma cara obra de arte e, toda vez que entro nela, esqueço tudo aquilo que lhe é estranho. Procuro as almas a mim confiadas, respiro o ar luminoso da nossa comunicação e

81. Quinquagésimo de Fundação da PFF – Vincenza Stroppa mestra de vida e santidade, 2005, pp. 51-52.

82. O Caminho do amor, II, Carta de Vincenza a Maria Mariani, 13 de novembro de 1960, p. 178.

vivemos juntas»⁸³.

Não se contentou com os conhecimentos no campo didático e pedagógico adquiridos quando estudante, mas cuidou de enriquecê-los frequentando alguns cursos de atualização na Universidade Católica de Milão e lendo livros de pedagogia. Teve também conferências que revelam os seus critérios pedagógicos ⁸⁴. Com a sua profissão de educadora olhava para «doar luz à razão e força à vontade. Por isto, alegro-me em abrir as mentes, educar a inteligência, transmitir conhecimentos, saber, e tudo ajuda a chegar à conquista, a posse da verdade para formar o homem. E formar o homem é o mais alto trabalho humano e, a meu ver, o maior dom que o homem faz ao homem»⁸⁵.

O verdadeiro mestre e o menino. Queria que os alunos fossem educados para conseguir a plenitude da sua vocação humana e cristã. E para isto não se podia prescindir da referência a Deus e ao exemplo de Jesus Cristo: «Mestre há um só: Deus, Jesus, o Mestre divino. Só Ele, seu criador, educa perfeitamente o homem. No entanto, também o homem que se aproxima de Deus pode tornar-se mestre. E quanto mais se unir a Ele, mais se tornará mestre. Mas quem for chamado para educar e ficar longe de Deus, não pode dar a verdade, porque não a possui, instrui, mas desencaminha a inteligência e é a ruína do educando e da sociedade»⁸⁶.

Vincenza estava profundamente convencida de que «cada criança é uma inteligência, uma alma, e as almas são mundos». Difícil para compreender; por isso cada criança é observada e estudada com amor, porque «não

83. *O Caminho do amor, I, Vincenza na escola*, p. 19.

84. *Idem I*, pp. 19-24.

85. *Idem I*, p.19.

86. *O Caminho do Amor I*, p.19.

se conhecendo a criança, trabalha-se em vão com ela e até pode causar-lhe dano»⁸⁷.

Coerente com estes princípios, Vincenza dava uma materna atenção aos seus alunos. Além disso, a escola lhe dava a ocasião de ter conhecimento de situações familiares dolorosas; então estudava um modo de ajudar com respeito e delicadeza e com a contribuição da sua fé e oração.

Livre e corajosa contra as injustiças. Especialmente a sua profissão de professora pediu a Vincenza franqueza no defender *a liberdade contra as injustiças do regime fascista*. Foi olhada com suspeita e foi elencada na lista dos «*Mestres brescianos de pouca fé fascista*». Nunca se deixou intimidar, e teve a coragem de enfrentar diretamente um “hierarca do Fascismo” vindo propositadamente a Brescia para uma desafiadora intimidação. Aquele arrogante não esperava encontrar uma mulher fera da verdadeira liberdade, e deveria tornar a Brescia derrotado e humilhado ⁸⁸.

d) Na vida paroquial

Desde a adolescência Vincenza havia prestado o seu serviço na paróquia pelo canto litúrgico e o catecismo. Retomou os seus serviços a pleno ritmo quando retornou estavelmente em Urago d'Oglio após ter conseguido o diploma de professora. Então «além do ensino, me dediquei a toda obra de bem que as circunstâncias me levavam. Assim trabalhei na Ação Católica, nos catecismos, na escola de canto sacro masculino, no teatro para a juventude masculina, nas missões, isto é,

87. *Idem I*, pp. 21-22.

88. *Quinquagésimo de fundação da PFF. Vincenza Stroppa mestra de vida e santidade*, pp. 83-84.

obras missionárias paroquiais, etc»⁸⁹.

No oratório passava muitas horas, às vezes até meia noite, pelo catecismo, o canto, o teatro. Foi de válida ajuda aos diversos Diretores do oratório no programar as várias iniciativas e ajudar os catequistas na impostação e no desenvolvimento das lições.

Segundo as ocasiões, em caso de necessidade, Vincenza desenvolveu por algum tempo também a função de “doméstica” do sacerdote, tornando-se «disponível para a acolhida atenciosa das pessoas, com grande espírito de familiaridade e com a alegria de sentir-se útil, mesmo com este serviço, ao apostolado»⁹⁰.

Levou ajuda aos afazeres da casa também a outro Vigário Paroquial, que não havia encontrado uma doméstica. E comenta: «Veja, assim é a nossa vida no meio do mundo, viver de amor pelo Senhor e pelos irmãos, e é a vocação de seguimento do amor»⁹¹.

Humana e cordial com todos. Vincenza tinha um coração aberto para com todos, convencida de que, se o Senhor é tão bom conosco, nós também devemos querer bem a todos. Dom Luigi Venni afirma que ela «quando passava pela rua, se interessava para saudar as pessoas que encontrava e reconhecia mais com o ouvido do que com os olhos (dada a sua cegueira quase total): tinha palavras boas, densas de humanidade e de cordialidade para com todos, com trato distinto e senhoril». Também Dom Mario Fattorini afirma que Vincenza era de uma *cortesia delicada*. É a confirma do quanto Vincenza viveu e recomendou às irmãs no *Testamento espiritual*; após a

89. O Caminho do amor II, Carta de Vincenza a Maria Mariani, 13 de novembro de 1960, p. 179.

90. Testemunho de Dom Luigi Venni. Vincenza Stroppa mestra de vida e de espiritualidade, p. 88.

91. O Caminho do amor, II, Carta de Vincenza a Maria Mariani, 5 fevereiro de 1974, p. 222.

recomendação de «usar todos os meios» para fazer apostolado, acrescenta: «Uma última coisa, à qual dou a máxima importância: ser complacente com todos, com a liberalidade e o senhoril próprio do amor, mesmo que para isso se deva sofrer muito»⁹².

e) Como “cofundadora” da PFF

Para a fundação da PFF e à sua caracterização, Vincenza muito contribuiu. Oferecendo o próprio Regulamento de vida e continuando a exercitar a função de *formadora* das irmãs ao ideal proposto. Por ela nutriu sempre não só o afeto de irmã, mas também uma atitude de *maternidade espiritual*, pela qual foi sempre tida, por Fr. Ireneo Mazzotti e pelas irmãs, como *cofundadora*. Mesmo não tendo função de governo, seguiu sempre com afeto as vicissitudes da PFF e continuou a sua obra de animadora espiritual mediante a sua palavra iluminada e com os seus escritos, particularmente com a suas circulares dirigidas a todas as irmãs. Isto é quanto já emergiu nas páginas precedentes e que ressaltará nas seguintes.

IX. O CENTRO PROPULSOR E UNIFICADOR: A CARIDADE OPEROSA

Premissa teológica

DO PASSADO AO HOJE

A história da espiritualidade nos diz que no

92. O Caminho do Amor I, Testamento espiritual, p. 130.

passado, às vezes prevaleceu *uma visão um pouco dualista* que via certa oposição, entre oração e apostolado, contemplação e ação, o divino e o humano, o serviço de Deus e o serviço do próximo. Com frequência se buscou superar esta oposição propondo um *esforço de harmonização em equilibrada composição* de momentos de oração e de empenhos de trabalhos e apostolado. Mas este esforço, mesmo louvável, se revelou em fracos resultados.

Atualmente somos profundamente convencidos que, para fazer *unidade* entre *vida teológica e atividade apostólica*, não basta estar em nível puramente operativo e organizativo, mas é necessário centrar a atenção no plano pessoal interior, isto é, *na caridade*, a soja que suscita o *zelo* pela glória de Deus e pela salvação das pessoas humanas. De fato, a caridade tem uma eficácia *unificadora e totalizante*: unifica o amor a Deus e ao próximo, e envolve todas as faculdades da pessoa. Só uma verdadeira e intensa *caridade* pode ser o centro que preside e inspira as atitudes e os comportamentos das pessoas e orienta suas avaliações e as decisões espirituais. Quem desenvolve um apostolado necessariamente deve ser ajudado para alcançar e consolidar aquela *“graça de unidade”* que é indispensável à maturação pessoal e à eficácia do trabalho apostólico.

O DADO BÍBLICO

Toda a Escritura ensina que *o amor a Deus e ao próximo* estão estritamente ligados: o culto a Deus não tem valor se não são observados os deveres para com o próximo, do qual fazem parte também os inimigos. Mesmo estes últimos são amados porque Deus os ama;

o amor ao próximo, portanto, é motivado com o pedido ao modo do agir divino.

Por sua vez o amor a Deus e ao próximo envolve também a *vida de oração* até tornar-se ela o *princípio inspirador e propulsor*. Como o culto que Jesus dá ao Pai se identifica com a atuação caritativa da sua missão portadora de salvação á humanidade, assim a conduta moral do cristão, ditada pela caridade, é um requisito indispensável para uma oração e um culto agradáveis a Deus.

As grandes figuras orantes da Bíblia se sentiam amadas gratuitamente por Deus, e eles, em resposta, o amava e cumpriam a missão salvadora a eles confiada, aderindo totalmente a Deus e manifestando tudo isto na oração (pensemos nos grandes amigos de Deus e do povo, intercessores junto de Deus pelo povo, como Abraão e Moisés).

Também os primeiros cristãos, tendo recebido o Espírito do amor, atuavam um projeto de vida caracterizado por uma intensa comunhão fraterna e pela perseverante e condizente oração. Era a caridade ardente e eficaz que os estimulava à oração. O modelo deles era sempre Jesus, cuja atividade evangelizadora e a oração brotavam do seu amor fiel ao Pai e misericordioso para com a humanidade pecadora; e através de tal amor revelava a caridade de Deus na história.

Segundo Vincenza

Tendo em conta uns princípios teológicos atualmente tidos válidos, procuramos demonstrar como a espiritualidade de Vincenza concorda com eles. Verdadeiramente já emersos muitas vezes; aqui damos algumas demonstrações.

“DUAS VINCENZAS EM UMA”

Vincenza escreve que desde pequena sentiu vivamente em si um duplo olhar: aquele de uma fervorosa solidão com Deus, junto àquele de dar-se totalmente para «conduzir a multidão para Deus»; quase que contemporaneamente existissem nela “duas Vincenzas”: «Sempre ficou claro na minha mente [...] o modo com o qual desde pequena, Jesus me fez entender como eu vivia com ele. Sentia que viviam duas Vincenzas, uma que abraçava toda maravilha no universo e nas criaturas, e outra toda absorvida nele. Como fosse isto não saberei dizer, mas só que era assim [...]. Porém vivendo na cela, eu vivia também fora, e tudo devia tornar-se uma só unidade no caminho do amor»⁹³.

Por toda a vida aspirou a ter unificado o dúplice olhar que a apaixonava. Viveu uma intensa intimidade com Deus, mas não se fechou em um intimismo que diz respeito ao narcisismo: nela ardia o desejo urgente de levar almas ao Senhor e, por tal objetivo, rezava, agia, sofria.

Insistia no primado da oração porque sabia bem o quanto somos inclinados a tornar-nos escravos de interesses imediatos que polarizam em torno a si todo o resto. De outra parte estava convencida que só a caridade sobrenatural inspira, orienta e alimenta o verdadeiro agir apostólico; de outro modo o assim dito “apostolado” é somente ativismo.

A insistência sobre o primado da oração era para garantir o vivo empenho operativo dirigido para o bem dos outros. Não podia pensar que uma pessoa ardente de verdadeiro amor a Deus, ficasse indiferente diante das

93. Carta de Vincenza, 1931 – *Vida de Família*, 2000, n.7, p. 36.

peessoas para ajudar e as almas para levá-las a Deus. Entre as suas notas íntimas trazemos esta: «O amor divino, no seu perfeito desenvolvimento de união com Deus, com força irresistível, dirige-se para o apostolado. Mas a alma apostólica se forma na contemplação»⁹⁴.

A FORÇA DA CARIDADE

O apostolado é a atualização do duplo preceito do amor: sobre isto Vincenza não tinha dúvidas; brotavam do coração afirmações espontâneas e categóricas: «As obras que não derivam do amor a Ele, do amor de Deus, não têm nenhum valor diante d'Ele, e nem mesmo ele as pede e as deseja[...]. A caridade é a obra máxima que o Senhor nos pede, e só a caridade e as obras que dele florescem o glorificam. [...]. Quanto mais a nossa vida for desapegada de nós e plena de caridade divina, mais seremos apóstolas, isto é, aquelas desejadas pelo seu coração. A vida da alma amante é toda um apostolado mesmo se nunca se move, mesmo se cala sempre, mesmo se a todos escondida, desconhecida. [...]. É a caridade que forma os apóstolos, os verdadeiros apóstolos. O verdadeiro apóstolo de Jesus é formado pela caridade»⁹⁵.

Evidentemente tal caridade perfeita não se consegue sem duro esforço e um intenso rezar; mas ela vale o nosso esforço. Vincenza torna a afirmar: «As obras da alma unidas a Deus são as obras perfeitas. E mais a união da nossa alma com Deus na oração, será grande, mais a nossa vontade se tornará perfeita e, por isso, operante na caridade, e na caridade agirá até o dom total que não tem mais reservas. Dediquemo-nos, portanto, à

94. *O Caminho do amor, I, Jesus Amor, n. 71, p. 105.*

95. *Idem, I, Para viver minha vocação, p. 74.*

oração e a aperfeiçoar nela a nossa vontade, assim que os sofrimentos se tornem força do amor nas mãos de Jesus, Deus Senhor que nos chama para dar-lhe o fruto maior da obra humana unida a Deus, e ser vítima de amor»⁹⁶.

A PECULARIDADE DE SUA VOCAÇÃO

Repetida vezes Vincenza afirmou que foi o Senhor a chamá-la para «uma nova vida de consagração a Deus» através de uma progressiva maturidade espiritual. Tornada impossível a vida consagrada em convento, o Senhor lhe fez compreender que queria ser amado e servido no meio do mundo: «No entanto se amadurecia em mim, de modo claro e intenso, uma nova vida de consagração a Deus»⁹⁷.

Este processo de clarificação e amadurecimento durou alguns anos, através da reflexão e a oração: «O meu segredo estava bem fechado dentro de mim e amadurecia sempre mais no silêncio e na oração»⁹⁸.

Mesmo quando Fr. Agostinho Gemelli a encaminhou a Fr. Ireneo para esclarecer a sua vocação, Vincenza sentiu que não devia ter muita pressa de ser compreendida, mas que devia deixar Deus agir. «Meu segredo estava bem fechado dentro de mim, permitindo que o Senhor realizasse a sua vontade, na certeza de que outras almas me seguiriam na nova forma de consagração a Deus»⁹⁹. Quando finalmente, o ideal foi codificado na Regra, Vincenza o sintetizou na tríplice afirmação: *Viver a vida de união com Deus, na cela da*

96. *O Caminho do Amor I*, p. 73.

97. *Idem I*, Vincenza fala de si, p. 15.

98. *Idem I*, p. 15.

99. *Idem I*, p. 16.

alma, no meio do mundo. E afirmou que tal Regra é «para todas as almas que Deus chama para viver a vida de união, na secreta cela da alma, no meio do mundo, totalmente consagrada a Deus com os três votos, em particular a pobreza e no apostolado universal»¹⁰⁰.
Aqui quero sublinhar:

- ❖ Está proposto realizar a *melhor harmonização* entre vida de união com Deus, entendida como interioridade profunda, e o estar no mundo abertas a um apostolado *universal*.
- ❖ A consagração empenha radicalmente a *totalidade* da pessoa através dos três votos.
- ❖ Acrescenta “*em particular a pobreza*” não quer tolher nada aos votos de castidade e de obediência, mas significa que o voto de pobreza é visto como o que engloba os outros dois, como liberdade perfeita e um morrer a si mesma e a tudo para que também a castidade e a obediência sejam expressões de perfeita caridade.

A interioridade e a união com Deus *não exoneram* da atividade apostólica nas realidades temporais, mas a *exigem* e são delas a *alma*, o segredo da sua eficácia.

Nem sempre o ideal de Vincenza foi compreendido e mantido na sua integridade, mas ela o chamou sempre de novo, não cessando de esperar na assistência divina: «A Regra foi tocada e retocada [...]. Da minha parte devia agir sempre e ainda com grande prudência e paciência, mas segura na contínua obra do Espírito Santo»¹⁰¹.

100. O Caminho do Amor I, p. 16

101. Idem I, p. 16

X. O NECESSÁRIO ITINERÁRIO DE FORMAÇÃO

Premissa teológica

Para formar o apostolado não basta o chamado; é necessária uma formação adequada à missão. Jesus também não se limitou a chamar os discípulos, mas os enviou à missão após ter-lhes formado com o seu exemplo, ensinamento e com o dom do Espírito Santo. Os advertiu que para continuar a sua missão no mundo não podiam prescindir dele e deviam estar-lhe plenamente unidos e conformes na fidelidade ao Pai e no serviço para a humanidade inteira. *Como o Pai me enviou eu também os envio.* (Jo 20,21) *Ide... Eis que eu estarei convosco todos os dias até o fim do mundo.* Mt 28, 19-20).

O cristão deve cuidar da sua formação não só pela própria maturidade cristã, mas também em vista da autenticidade e eficácia da sua presença de testemunha apostólica no mundo. Tal formação exige que cada um realize *a unidade de vida em Cristo* na docilidade ao Espírito Santo. Isto é a ajuda para realizar uma fusão harmônica do ser e do agir segundo o espírito do Evangelho. É verdade que o itinerário formativo pode e deve variar segundo as pessoas e os distintos projetos apostólicos para atuar segundo as várias vocações e situações existenciais, mas para todos o ponto central e unificador, fica sempre o amor a Deus e ao próximo, em união e no modelo de Jesus Cristo. O cristão deve sentir-se *responsável* pela própria formação e, por isso, disposto para acolher as ajudas que lhe são dadas. Nisto, é importante que tenha um vivo sentido de *pertença* à comunidade eclesial e ao próprio Instituto, se é membro dele. Deve consolidar o conhecimento do *fundamento*,

das *finalidades*, das *condições* e *modalidades* do apostolado que é chamado a desenvolver. Noutras palavras, deve *personalizar* o seu ponto de vista e de apostolado. E isto comporta fadiga, renúncia, sacrifício, mas também causa alegria, esperança e paz.

Segundo Vincenza

Nos capítulos precedentes já emergiram que Vincenza tinha no coração a sólida formação humana, cristã e apostólica das irmãs, e também os vários estímulos que oferecia a elas. Queria que tal formação fosse alimentada com o conhecimento da *Palavra divina*, *a oração* e *os sacramentos*, com a abertura do coração as necessidades de toda a humanidade, olhando sempre para Jesus e Nossa Senhora como modelos de apostolado.

PONTOS PRECISOS

Num período em que a PFF estava em crescente expansão e, portanto, havia a necessidade de critérios precisos acerca do acolhimento de novas vocações e seus campos de apostolado a preferir, foi pedido a Vincenza de manifestar o seu pensamento, que seria examinado e avaliado pelo Conselho Central da PFF. Pedia-se a ela responder a estas perguntas:

- 1) Quem se deve aceitar na PFF?
- 2) Qual o apostolado da PFF?
- 3) Quais as normas para enviar vocações na PFF?
- 4) Quais as condições e requisitos para aceitação

Vincenza responde esquematicamente, mas com clara precisão, em um escrito enviado a Maria Mariani para o Conselho Central. Eis as respostas para cada ponto:

1. *Quem se deve aceitar na PFF?*

«A PFF aceita as almas que são chamadas pelo Senhor para viver a vida de união com Deus; na cela da alma; no meio do mundo. São os três “Sim” do Santo Padre.

2. *Qual o apostolado da PFF?*

Na fecundidade da vida de união com Deus, quando, como e onde Deus dispõe, na Ordem Terceira e fora da Ordem Terceira. Prodigalizar-se com amor generoso; para o triunfo da Igreja; a santificação dos Sacerdotes; a salvação dos irmãos.

3. *Normas para enviar vocações à PFF:*

- a) Os que podem enviar vocações à PFF são: Confessores e Diretores espirituais; Assistentes da PFF; Irmãs da PFF. Podem também ser enviadas por vias fora das normais, conforme a vontade de Deus.
- b) Todas as almas (mulheres) chamadas por Deus para viver uma vida de união com Ele, na cela da alma, no meio do mundo e tendo condições e requisitos exigidos para a aceitação, podem ser inscritas na PFF.
- c) Todas as mulheres, não só as terceiras, pois, uma vez aceitas, poderão tornar-se terceiras depois.
- d) O envio de vocações à PFF deve ser feito com prudência, estudando primeiro a pessoa a fim de

conhecê-la bem, assegurando que responda aos requisitos exigidos para a aceitação.

4. *Condições e requisitos para a aceitação.*

- a) Que seja normal de inteligência.
- b) De constituição física e psíquica sãs.
- c) Que possa cumprir a obrigação moral usando todos os meios úteis para adquirir e viver a vida de união: meditações, orações, santos sacramentos, estudo da Palavra de Deus, retiros mensais e exercícios espirituais anuais.
- d) Que tenha trabalho e meios seguros para o seu próprio sustento.
- e) Idade: de vinte a quarenta anos.

Estes requisitos, se não os possui, deve desejar e querer possuí-los, porque sem eles não se pode conquistar a vida de união: o desprendimento de si mesma, do mundo e dos bens terrenos. Fome de Deus. Fidelidade na oração. Uma atração divina para uma intimidade com Jesus. Amor ao retiro e ao silêncio»¹⁰².

COM O OLHAR A JESUS

Olhando a Jesus, Vincenza vê o apostolado como um *abrir as mentes e os corações à Sabedoria*; e tal sabedoria é conhecer a Trindade operante que atende pacientemente e confiadamente a resposta da criatura. Jesus é o *Revelador* da Trindade e Aquele que doa o Espírito Santo: «Jesus abriu os corações e as mentes à sabedoria. Ele viveu a vida, homem entre os homens, logo para isso: fazer conhecer o Pai, o Filho, o Espírito Santo; fazer conhecer Deus atuante na fecunda trina

102. O Caminho do amor, II, Carta de Vincenza a Maria Mariani, 19 dezembro de 1955, pp.165-167.

Unidade. Deus doa e espera a resposta de amor da criatura. Espera o vagaroso mover-se da nossa miséria, espera com o amor de Deus. Não nos perturbe, portanto, a nossa miséria: as asas do amor a moverão, na paz da sabedoria até que o voo seja livre no coração de Deus. Jesus abriu as mentes e os corações e enviou o Espírito para transformar, na sabedoria, a miséria humana. Assim é agora como antes»¹⁰³.

Além disso, Vincenza vê Jesus, «homem entre os homens», como aquele que veio para *abraçar a humanidade*, para levá-la ao Pai. Um “abraçar” que é carregado de amor e de força. Vincenza queria vê-lo especialmente nos sacerdotes.

Tendo participado de um encontro dos Padres Assistentes da PFF, Vincenza manifestou alegria e dor, escrevendo a Maria Mariani: «Sentia-me contente ao ver os padres assistentes tão paternalmente solícitos, mas eles não receberam nem viveram o abraço da humanidade com o qual Jesus me uniu a si para comunicar às almas seu divino amor. Por isso eu os vejo muito voltados para si mesmos, mesmo fazendo seus louváveis esforços e suas convicções para compreender a vocação da consagração no mundo. Esta abraça a humanidade como abraça Jesus desde sua vinda entre os homens até ao fim dos tempos. É preciso aproximar-se ao Homem Deus na unidade de conhecimento, de amor, pedindo-lhe que sua união com o Homem seja sempre mais perfeita, pois esta foi sua missão e unidos a Ele, é também a nossa missão para a glória de Deus Pai, de Deus Filho, de Deus Espírito Santo. E nesta tarefa o nosso poderoso auxílio é a Mãe de Deus»¹⁰⁴.

Quando os frades tentaram restringir o apostolado

103. *O Caminho do amor*, II, Carta de Vincenza às irmãs da PFF, 19 de novembro de 1967, pp. 62-63.

104. *Idem* II, Carta de Vincenza a Maria Mariani, 8 abril de 1967, pp. 205-206.

as irmãs da PFF somente ao interno da Ordem Terceira, Vincenza sofreu com isso e defendeu o ideal de apostolado universal que Deus lhe havia inspirado. Pedido por Maria Amada Mariani de manifestar-lhe «a ideia primeira» e originária que o Senhor lhe havia inspirado como sua vontade acerca do apostolado, Vincenza respondeu: «te asseguro, queria Maria Amada, que a Pequena Família Franciscana, na sua vida de união com Deus, no meio do mundo, é e será sempre apostólica, de apostolado universal, como a nossa divina Mãe. A vida de união com Deus, no meio do mundo deve ser a nossa vida, isto é o objetivo da Pequena Família Franciscana. Lembra-te sempre os três “Sim” do Santo Padre Pio XII»¹⁰⁵.

O FIM DO APOSTOLADO

Aberta a todas as possibilidades de apostolado, Vincenza visava ao fim deste, que para ela era ajudar as pessoas a viver intensamente *a vida da graça*. Como Jesus revela o Pai para doar a nós a vida divina, assim deve ser o apostolado cristão para os irmãos. «O homem atinge a sua meta quando vive a vida da graça». «Jesus, quanta, qual sede tenho da tua graça em mim e em todos os homens». «O mais sublime trabalho do homem é fazer frutificar a graça e chegar à perfeição da vida divina»¹⁰⁶.

A finalidade é fazer de modo que o Senhor seja conhecido, amado, servido e adorado em comunhão de vida com Ele. Este é dever de toda pessoa, mas para realizá-lo necessita da ajuda dos irmãos.

O apostolado visa fazer compreender o fascínio da vida cristã; mas isto pressupõe que o próprio apóstolo a

105. O Caminho do Amor II, 1 dezembro de 1960, p. 183.

106. O Caminho do amor, I, Jesus Amor, nn. 52, 53, 54, p. 99.

viva com alegria. «Quando o homem viver na vida do Senhor Jesus, então terá alegria plena, porque em cada momento da sua existência é amado, guiado e unido à vida pelo Espírito do Senhor, na liberdade do amor. Amor por amor é a lei divina. Ah, se eu pudesse doar ao mundo inteiro a experiência do amor de Jesus que sacia até a medula dos ossos»¹⁰⁷

Voltando a este argumento, Vincenza escreve ainda: «O amor que sacia o homem é um bem que não vem do homem, não pode vir do homem: vem do Deus-Homem, do Cristo Senhor, ao homem, encontrado na sabedoria do Espírito Santo. Não quero dizer para não pensar no pão do corpo: pensar nele e dar, até também se tornar despojado, ajudar a conquistá-lo; ajudar a conquistar o bem estar digno do homem, mas no amor ao Cristo Senhor, que testemunha o amor do Pai para o homem» (CA II, dezembro de 1971, pág. 85).

Vincenza visa sempre à promoção humana que se ocupe de toda a pessoa, compreendido o alcance do fim último.

GARANTIR A ORAÇÃO E A UNIÃO COM DEUS

Enfim, muitas vezes Vincenza afirmou que não se pode fazer apostolado eficaz se não se está fortemente unido ao Senhor e, portanto, se não se dá o justo espaço à oração. Se temos que assumir problemas humanos terrenos e sofrimentos espirituais que não podemos esclarecer e afrontar somente com as nossas forças, tornam-se necessárias a luz e a força de Deus, e as devemos invocar com a oração e o sacrifício. Vincenza não cessa de ensinar: «Somente Deus pode vir em nosso

107. O Caminho do Amor II, Carta de Vincenza às irmãs da PFF, 2 fevereiro de 1971, p. 81.

socorro. Somente Deus pode confirmar e aperfeiçoar com a sua graça, as nossas virtudes humanas. É a Ele que é preciso pedir humildemente, luz e graça, para que as virtudes se reforcem e as obras revelem o relacionamento filial entre o homem e Deus, assim que a vida seja verdadeiramente caridade fraterna. Irmãs queridas, aqui eu paro. Meditemos e oremos. Oremos para que a luz resplandeça nas nossas almas e sobre toda a humanidade. E sacrifício, sacrifício para sermos sempre mais justas, fortes, prudentes e temperantes conosco mesmas e com os nossos irmãos; e sobre estes alicerces a nossa alma eleva-se a Deus, na santidade que lhes é doada pela união com Ele» (CA II, dezembro de 1966, pág. 55).

Vincenza escreve: «O nosso lugar no mundo requer vontade de fogo, luz, vida intensa, grandíssimo amor. É a parte melhor, por nós escolhida, que assim requer e por isso envolvem todas as nossas forças de mente, de alma, de coração [...]. Eis porque, num certo tempo do dia, qualquer que seja, temos que tomar a iniciativa e resolver: caminho, pobres tarefas, queridas criaturas, deixem-me a sós com o meu Senhor. Sozinha, no fundo da minha alma, junto com o meu Deus! Eu preciso d'Ele; de invocá-lo; de saber o que ele quer de mim; de lhe dizer do meu amor; de ficar calada enquanto a sua vida de graça intensifica-se e trabalha sempre mais no fundo da minha alma. Assim, livre de espírito e do mundo, livre de mim mesma, livre das criaturas, na liberdade divina do seu amor, fortalecida e enriquecida poderei retornar ao meu lugar no mundo, ao lugar que Ele escolheu e quis para mim» (CA II, setembro de 1965, págs. 47 e 48).

Se todos têm necessidade de rezar, tanto mais as pessoas consagradas a Deus na condição secular.

Vincenza o recorda às irmãs: «Nós, consagradas a Deus no mundo, não temos elementos externos que confirmem, que mantenham viva a consciência da nossa consagração, e nos façam viver esta realidade com entusiástica convicção, acima de qualquer realidade humana, terrena. [...]. A verdadeira oração: água que mata a sede, pão que alimenta, conforto de amor, intimidade vivificadora que recebe e dá a força transformadora do Espírito Santo» (CA II, março de 1970, pág. 77).

UMA ASCESE DE DISTÂNCIA E DE MORTE

Não somos bons colaboradores de Deus se não estamos desprendidas de nós mesmas e de tudo e mortos ao nosso egoísmo. Vincenza estava convencida disso e, por isso, insistia sobre a necessidade de distância. Também nisto as suas intervenções são frequentes e fortes; referimos algumas delas.

Segundo ela a oferta das irmãs a Deus, é feita *com alegria* porque trás frutos que alegram a elas e ao mundo inteiro: «Entregamo-nos com alegria àquele que nos chamou, separando-nos com gáudio de tudo, para preparar em nós uma clausura sempre mais digna Dele, onde os nossos irmãos, todos os irmãos do mundo inteiro, encontrem o Deus vivo e o amem» (CA II, Natal de 1935, pág. 7).

Nisto quer que as irmãs sigam os ensinamentos de S. Francisco de Assis «com coração de filhas e, sobretudo, façamos como ele fez: morrer a si mesmo para viver no amor a Deus e aos nossos irmãos»

Depois tudo, trata-se de coerência com a graça da vocação que aceitamos livremente: «Com a graça de Deus e seu livre arbítrio, a doação de si tem que se

tornar, enquanto caminha na vida de dedicação a Jesus, tem que se tornar absoluto. Morrer ao amor a si mesma, ao mundo, às criaturas, aos bens terrenos» (CA II, fevereiro de 1956, pág. 29).

As irmãs consagradas devem estar entre os homens, dando a eles o testemunho de um *coração puro* para estimulá-los a viver, por sua vez, a beatitude da pureza de coração: «O coração do mundo também vê Jesus, Deus-Homem. O Homem, feito de coração limpo, puro, verá a Deus. Verás a verdade, a justiça, o amor, a vida. Verás que além de todos os bens humanos e terrenos, existe Ele, o Senhor, o Amor, que contém tudo e tudo dá. Dá a ti o humano e o divino. Verás o valor da tua vida de ser humano, feito para ser humano em Cristo Jesus. Verás a beleza, a riqueza da renovação contínua da tua vida, onde habita e vive a Trindade Santíssima. No rosto dos teus semelhantes verás a face do Senhor e amarás a todos como irmãos. Tenha um coração limpo e puro» (CA II, março de 1972, págs. 86 e 87).

Mas fazer-se um coração puro comporta um empenho decidido de *libertação*. Eis outro ponto que Vincenza acentua com tom imperativo: «Despoja-te de ti. Desprende-te dos bens temporais. [...]. A pobreza de espírito é a libertação. O coração sai livre da prisão e vive e voa direto ao seu “tesouro”, onde encontra todos os bens. Não há nada mais na prisão, escravidão, mas alegre se volta para quem criou todos os bens e no amor se doa. E o menor pedaço de pão que comes e o gole de água fresca que bebes na cava da mão e o perfume de uma flor são tesouros que dão ao coração um canto de amor e de oração. Minhas filhinhas, a nossa consagração a Deus leve ao mundo a libertação na pobreza. Leve a luz da oração. Leve o Cristo Senhor para que os corações sejam limpos, puros e vejam a Deus» (CA II,

março de 1972, pág. 87. Cf. Para viver a minha vocação, págs. 66 e 67).

Vincenza não se limita à distância dos bens terrenos, mas tende a um “morrer” a si mesma para alcançar ao amor mais puro, mais livre e universal, e para *chegar à divina perfeita caridade*. Este é um dever para atuar com a ajuda da graça e com o nosso empenho; e para não perdermos e coragem, devemos olhar o amor de Deus que nos previne e nos sustenta com a força da sua graça: «Deus, o Nosso Senhor está conosco. Dá-nos a graça de iniciar o ato de renegação e depois diante da nossa correspondência, com seu amor onipotente, realiza tudo. Admirável e fantástica liberdade do amor! O amor eterno, nosso Criador, não nos criou escravos, mas livres. E espera que de nós, da nossa liberdade, da nossa vontade, o início do ato amoroso. Deu-nos e nos dá a potência deste início do ato amoroso. Se assim não fosse, como poderia o homem dizer que ama? É o homem que, tendo liberdade e poder para isso, deve querer realizar em si o holocausto de amor pro Jesus, que tanto sofreu por amor à sua criatura. A criatura que agora sofre tanto por amor, e seu Criador, Pai e esposo, se encontram e num contato divino doam-se mutuamente, e o Espírito transforma a pobre criatura humana em criatura de graça e divino amor. Grande vida de amor!» (CA I, Para viver a minha vocação, págs. 43 e 44).

HUMILDADE E POBREZA

Muitas vezes Vincenza indica a necessidade de uma humildade sincera, não só para estar diante de Deus, mas também nas relações com as pessoas humanas com as quais vivemos. Pede a humildade como

uma graça: «Para glorificar-te, ó Pai, e para agradecer Jesus, nós te pedimos a incomparável graça de querer viver como o teu divino Filho, Nosso Senhor, humildes, pobres, desejosas somente em crescer cada dia mais no teu santo e divino amor. Queridas irmãs, pensastes frequentemente em Jesus suave e humilde, todo suavidade e amor entre os homens? Todo bondoso ao fazer-se pequeno como eles? Que age com amabilidade, em paz, esquecido de si mesmo, só atento em glorificar o seu Pai celeste? Por que aquele bendito coração era tão amável, tão exuberante de paz? Porém nós, queridas irmãs, nós não temos o coração humilde! Temos dentro de nós a soberba. A soberba do pecado original e aquela que se acrescenta, sempre maior, dos nossos pecados» (CA II, Carta de Vincenza às irmãs da PFF, abril de 1943, pág. 14).

Disto tira as consequências: ocorre um drástico empenho: «Pois bem, queridas irmãs, esmaguemos de verdade e todo dia a cabeça da serpente maléfica que arruína na nossa alma o reino de Deus. Esmaguemos o ego soberbo do pecado que levanta a cabeça e se mantém como dono e senhor de tudo. Este ego satânico que se faz centro de si mesma e não deixa o reino ao Espírito de Deus. Este ego que gostaria de gloriar-se, e temendo ser diminuído na glória perde a calma, agita-se, põe-se à frente, levanta-se sobre tudo e sobre todos, porque assim tem que ser, acima de todos. Que miséria! E Deus deixa essa morada. Se for assim, então todas as obras são pervertidas e até aquelas que parecem despontar e brotar de uma vida dedicada ao bem, nunca poderão dar frutos de santidade».

Esta humildade de morte ao próprio *eu* é indispensável para o apostolado: «Humildes com nossos irmãos justos ou pecadores que sejam. E temos razão

nisso! Porque se nos orgulhamos de sermos filhas do Pai, eles também o são; se eles são miseráveis pecadores, nós também temos as mesmas raízes e somos miseráveis e pecadoras» (CA II, abril de 1943, págs. 14-15).

Vincenza sabe que a vocação cristã, e mais ainda a vocação á vida consagrada, comporta o «caminhar contra a corrente, ou seja, em sentido contrário ao espírito do mundo. Jesus nos deixou, no mundo, mas não do mundo, põe o seu olhar divino sobre a nossa alma que ele próprio enriqueceu de graça, à qual Ele tem predileção. Qual grande desejo, ardente, no nosso coração, que Ele não ache nada do mundo! Eis, minhas queridas, a nossa santa pobreza. Vivem-na com todo amor. A santa pobreza faz a alma dócil para seguir Jesus; a santa pobreza faz o corpo dócil para seguir a alma e disso vem aquela harmonia celestial que deixa a alma livre de mergulhar no divino amor. A santa pobreza, vivida por nós, esposas de Cristo, vivida por nós no mundo, no seio da sociedade humana, é orvalho refrescante que mata a sede, que faz germinar a vida nas almas sufocadas, ressecadas, áridas pelos bens da terra» (CA II, Pentecostes de 1963, pág. 35). Viver em pobreza como Jesus e Maria, no meio do mundo, mas em contínua oferta de amor, é unir-nos a Jesus pela purificação do mundo. É verdade que nos somos “menos de nada”, mas estamos nas mãos de Deus e nele podemos tudo: “Quem somos nós que Jesus chama de modo particular a unir-se a Ele para a redenção dos irmãos? É o mistério do seu amor ao qual nós devemos corresponder no total sacrifício de amor. [...]. Jesus está conosco e n’Ele tudo podemos, com o pacto de que nos despojemos de nós e dos bens terrenos e vivamos em meio aos irmãos, na riqueza dos bens celestes da luz, da

verdade, do puro amor que transmita o amor de Jesus” (CA II, março de 1974, pág. 100).

USAR TODOS OS MEIOS

O amor “universal” exige – segundo Vincenza – «prodigalizar todo o amor, feito de alegria e de abnegação, a todos e em todas as ocasiões que se apresentem: aos pequenos, aos grandes, às almas amantes, às almas indiferentes, a quem se alegra, a quem chora, a todos» (CA I, Testamento Espiritual, pág. 128).

Isto pressupõe uma formação espiritual que seja fruto de múltiplos fatores. De fato Vincenza admoesta que é necessário «amar-se com todos os meios, especialmente com os meios que vêm da Igreja, para acrescentar em nós o amor: piedade litúrgica, estudo sério, estimulado pelo desejo e pela necessidade que vem do Amor, e ação, quando o Amor o quer, pedindo-lhe continuamente vida de união e amor» (CA I, pág. 128).

Prossegue elencando os meios que a ascese tradicional sempre recomendou e, enfim, sugere usar aquele meio que, segundo ela, é de máxima importância: «Ser complacente com todos, com liberdade e distinção próprias do amor, mesmo se, para fazer isto, se deva ter grande pena».

De tal “liberdade e distinção” queria que fossem dotadas todas as irmãs chamadas a ser dirigentes da PFF. A este propósito escreveu a Maria Mariani: «Rezo, rezemos para que o Senhor nos conceda uma Presidente Central severa consigo mesma, se quiser, mas com toda caridade e bondade para compreender cada irmã. De amplo horizonte para abraçar no amor de Deus, toda a humanidade na qual vivemos. Que no seio de nossa Mãe Igreja guie a PFF na linha mestra de sua finalidade sem

perder-se em caminhos secundários, embora bons. Peço, não só pela Presidente Central, mas também para cada Presidente Provincial, de cada chefe de grupo, de cada dirigente. Agora sim, continuo convosco, minhas queridas. Usar de grande delicadeza para com cada irmã tratando-a com respeito, estima e dignidade. Longe o mais leve aceno de desprezo, de ironia» (CA II, Carta de Vincenza a Maria Mariani, outubro de 1962, pág. 191).

SENSO DE PERTENÇA E DE RESPONSABILIDADE PESSOAL

É de grande importância que os membros de um Instituto de vida consagrada tenham viva consciência da sua pertença ao Instituto e saibam usufruir da ajuda que ele oferece em vista de um apostolado eficaz (cf. Lumen Gentium, 43 a).

Desde que nasceu a PFF, Vincenza se prodigalizou para que as irmãs consagradas sentissem vivamente e com grande responsabilidade a sua pertença ao Instituto e utilizassem das ajudas que ele oferece para a sua formação espiritual e apostólica. A tal objetivo esforçou-se constantemente para que não viesse a faltar a assistência espiritual por parte dos sacerdotes.

Aqui reportamos só algumas exortações de Vincenza dirigidas às irmãs a fim de que sentissem a preciosidade da ajuda que vinha a elas dado pela pertença ao Instituto em espírito de solidariedade e fraternidade.

«As nossas Assembleias, as nossas reuniões são chamadas do Espírito Santo; são uniões de corações que comunicam a fome e sede do Senhor, o desejo do dom total a Ele, a busca da oração que transmite luz, contato, força suave do Espírito Santo que queima tudo o que não é seu e transforma o coração na doce chama que não

sabe outro coisa senão amar» (CA II, junho de 1972, pág. 89).

«Filhinhas minhas, minhas queridas irmãs, estais todas no meu coração. Assim sejam entre vós: amai-vos, tenhais carinho umas com as outras, naquela unidade que testemunha Jesus convosco» (CA II, dezembro de 1972, pág. 22).

«É doce comunicar-vos o amor de nosso adorado Senhor Jesus. E é doce amar-nos, em Jesus, umas às outras. Quantas riquezas em doações de umas às outras, para fazer crescer em nós o holocausto de amor a Jesus, para a sua glória e a salvação da humanidade, na verdade e caridade de dulcíssima Trindade» (CA II, março de 1978, pág. 130).

Em 1943, durante a segunda guerra mundial conseguiu organizar um breve curso de Exercícios Espirituais em Monza para as irmãs. Vincenza as exortou com ardorosa recomendação: «Preparem-se e vão com a vontade de receber em troca uns bons frutos. É uma preciosa graça que vos deve guiar o ano todo. Ó minhas irmãs, cada minuto da vida tem que passar em fartos frutos de amor divino. Pois bem, os santos exercícios vos ajudarão a atuar essa vontade divina de perfeição. Comprometam-se para enriquecer com os divinos tesouros que levam consigo» (CA II, julho-agosto de 1943, pág. 23).

Em 1975, desejando bom êxito dos Exercícios Espirituais, escreveu: «O Senhor vos faça santas e comuniquem entre vós, não somente agora, mas sempre, os dons do Senhor. Esta é a união da PFF, não feita de paredes, mas da comunhão das nossas almas, dos nossos corações vivos do mesmo único Amor Senhor Cristo Jesus» (CA II, agosto de 1975, pág. 112).

CAPÍTULO V

A esplêndida e combatida fé de Vincenza Stroppa.

INTRODUÇÃO:

Abordamos um tema delicado, mas bastante importante e interessante. Façamo-lo atendo-nos fielmente aos dados certos que colhemos principalmente dos escritos de Vincenza mesma, na consciência de que quanto de mais verdadeiro e profundo ela viveu, é conhecido somente por Deus. Temos, no entanto, elementos suficientes para afirmar e admirar uma vida de fé iluminada e forte, ainda que combatida pelas dolorosas provas, as quais, antes, concorreram para torná-la mais pura e heróica. Tais provas e escuridão não nos maravilham. Experimentaram-nas figuras místicas do A.T. e também tantos santos cristãos de cada época da história; para limitar-nos a figuras mais recentes, poderemos citar Teresa de Lisieux, Padre Pio de Pietralcina, Madre Teresa de Calcutá e outras.

Falando de si, Vincenza exprime o seu tormento, mas reafirma sempre a sua vontade de crer e de amar o Senhor com todas as suas forças. Não nos encontramos diante de uma pessoa que arrasta cansativamente a vida, bem antes, de uma verdadeira cristã sempre repleta de amor por Deus, pela “Dulcíssima Trindade”.

Seguiremos Vincenza na sua vida cristã límpida, fervorosa, centrada sobre a piedade eucarística, que a leva à escolha da total consagração ao Senhor. Mas justamente então, experimenta a primeira dolorosa “prova” da fé porque, depois de um breve tempo de “paraíso” é forçada a voltar ao mundo.

Só a compreensão do papai e a ajuda iluminada dos diretores espirituais levam Vincenza não só a superar a crise, mas a obter uma idéia mais clara do que o Senhor quer dela. Então conseguido o diploma de Mestra, renova a heroica escolha de renunciar à carreira tentadora que lhe é oferecida puramente para não expor-se ao perigo de preferir o amor ao saber ao amor total a Deus.

Abordamos, pois, o tema central da nossa busca: a relação entre razão e fé na vida e nos escritos de Vincenza e as “terríveis lutas” por ela sustentada pela sua fé “provada”. Temos meio de constatar o quanto Vincenza estimava a inteligência humana, mas conhecia também o uso negativo dela que muitas vezes fazem os homens. Ouçamos também o quanto Vincenza devia “lutar e sofrer” para manter pura e vitoriosa a sua fé.

Por último, referimos a algumas confidências que Vincenza nos deixou a cerca de momentos de surpreendente e imprevista iluminação espiritual, que ela sempre considerou como sinais de uma particular benevolência divina para com ela e que lhe foram de conforto nas várias circunstâncias da vida.

I. “POR OUTRAS VIAS ELE ME GUIOU”

No seu Testamento Espiritual, Vincenza, recordando os anos juvenis, recorda as grandes aspirações que a entusiasmavam desde a infância e a juventude, enamorada de seu Deus, «toda ocupada d’Ele, onipotência, beleza, amor e vida». E, subitamente, acrescenta uma consideração que, certamente, retoma todos os anos da sua existência. «Por outras vias Ele me guiou, pelas vias das renúncias mais santas, onde o coração devesse agonizar e a minha alma purificar-se, temperar-se. Nua e despojada de mim, o meu Jesus me vestiu, me adornou, me preencheu. Ele nada

me concedeu além do seu amor, e me circundou, tirando-me todo o resto. Agora entendo a predileção!» (CA I, Testamento Espiritual).

Chegando à idade de 87 anos, Vincenza se dirigirá a Jesus com estas palavras: «Eu não sei, escuto-te e digo: Desde a infância desejava o deserto para estar a sós contigo. Mas tu querias mais de mim e eu te escutei e tu me deste o teu amor. Tu quiseste a minha comunhão contigo e a tua comunhão com cada coração. Escutar-te é cumprir a tua vontade. Tu não olhaste para a minha miséria, a minha fraqueza, a minha ignorância. Sempre me falaste de amor divino, do teu amor por mim, por cada coração. E ainda arde em mim esta paixão: que cada coração te conheça, te ame na união com o Pai e a adorável dulcíssima Trindade; que cada ser humano seja salvo e te glorifique» (Caminho do Amor II, Carta às Irmãs da PFF, setembro, 1980).

Neste primeiro capítulo veremos como as “outras vias” foram manifestadas desde a juventude de Vincenza e como ela, despojada de si, foi *revestida, adornada, preenchida* pelo seu Senhor.

1. DE ENAMORADA DE DEUS A “REBELDE”

A vivência religiosa dos genitores de Vincenza, a sua ativa e alegre participação à vida em oratório e em paróquia, junto a uma fervorosa vida sacramental, contribuíram para desenvolver nela uma fé convicta, límpida, forte, entusiasmada que, com o crescer, se traduziu em uma vontade de total consagração a Deus para a salvação do mundo.

De fato, Vincenza escreve: «Queria consagrar-me o mais cedo possível ao Senhor, e aos 18 anos entrei em um convento. Era como se tivesse entrado no paraíso: deixar

o mundo para sempre, para sempre servir a Jesus, escondida entre os muros, em total dedicação» (Caminho do Amor II - Carta à Maria Mariani, 13 de novembro, 1960).

Mas para destruir aquela vida de paraíso bastou uma doença que ninguém soube explicar, nem curar, e da qual o médico tirou uma só conclusão: o retorno da doente à família.

Vincenza comenta: «Seis meses depois (da entrada no convento), tudo estava despedaçado». Foi constrangida a sair do convento, não obstante ela quisesse ficar ali «mesmo se tivesse que morrer». Para ela foi um golpe tremendo: «Sofri mais que a morte. Jesus tinha deixado que me botassem fora no mundo». E fala de “choque”, de “rebelião” da parte de todo o seu ser, de “martírio indizível”: “Para mim foi um “choque”. Retornar ao mundo, do qual com a alegria tinha fugido, deixando tudo, também o amor do meu pai, para doar-me toda a Ele. Todo o meu ser se rebelou. Rebele-me contra Deus. Por que, por que, por que fazer-me retornar ao mundo? (...) Sofri um martírio indizível» (Caminho do Amor II - Carta à Maria Mariane, 13 de novembro, 1960) .

Rebelião e Martírio: estas palavras, em uma pessoa enamorada de Deus, nos fazem pensar em momentos de vida que encontramos em outros grandes enamorados de Deus, como o profeta Jeremias, alguns salmistas e, por fim, Jesus que grita: Meu Deus, Meu Deus, por que me abandonastes? (Mc 15,34). Todos sabemos que sobre os lábios de Jesus, aquele grito não é de desespero, mas revela que Jesus não cessou de rezar e continuou a crer no Pai e, como o justo do salmo 22, continuou a pregar com esperança e pedido de ajuda. Jesus, privado de todo sustento, invoca Deus como único apoio. O seu grito é a expressão de uma fé radical até na situação extrema.

Assim é também o de Vincenza. Visto que foi truncado o único ideal que dava plenitude de sentido à sua vida, pergunta-se *porque* o Senhor permitiu isto. Na angústia e na obscuridade que a envolve não consegue perceber a vontade de Deus sobre ela, e se pergunta se o seu ideal não tenha sido um engano. A gravidade deste “choque” se manifestou nos seus efeitos provocando outra doença que coenvolveu o físico e a psique por alguns meses.

2. A procura da vontade de Deus

Sob o conselho e encorajamento do amado pai, Vincenza retoma os estudos para se tornar mestra na escola e assim preparar-se para fazer aquilo que o Senhor queria dela. O pai lhe propunha preparar-se para fazer a vontade do Senhor. E Vincenza comenta que justamente aquilo que o Senhor queria era também o que ela queria (CA II – Carta a Maria Mariani).

Enquanto frequentava a Escola Técnica em Chiari, Vincenza teve como encontrar Frei Alessandro Malér e desfrutar de sua direção espiritual. Infelizmente as cartas de Frei Malér que possuímos são somente de julho de 1916 em diante. A partir desse acontecimento alguns dados nos iluminam sobre a vida espiritual de Vincenza durante os anos juvenis. Destas cartas, transparece antes de tudo, que Vincenza é uma jovem que, por graça de Deus, *tem fome e sede do amor divino*, sente a necessidade e o dever de *ser instrumento de expiação e de purificação para o mundo*.

E como ainda sofre por não poder viver no convento, Frei Malér a ilumina e a conforta: «Não buscar se Jesus quis quem sabe a clausura ou outra coisa para ti. As

circunstâncias te mantiveram no mundo, Jesus não creu oportuno intervir milagrosamente para mudar as coisas, e agora Ele te quer feliz do modo como estás. Que a Sua vontade faça as delícias de tua alma. O amor se aperfeiçoa na fusão da alma com a Dele. Esta será a tua Santidade» (CA I - Carta de Padre Alessandro Malér a Vincenza, 6 de julho de 1916).

Vincenza sente uma permanente atração pela Eucaristia com uma vontade de reparação. O diretor espiritual lhe diz que tal atração é dom e inspiração divina, pelo qual deve agradecer a Deus, permanecendo sempre humilde. Prossegue afirmando que, se o Senhor se esconde e nos deixa na aridez, devemos abandonar-nos à ação do Espírito, permanecendo na nossa oração. E acrescenta: «Os momentos de aridez, são, ainda, o efeito do amor de Jesus por ti. Às vezes ele quer fazer-te tocar com a mão que a tua santidade é Ele só, que sozinha não serias capaz de nada, e para dar-te disto uma profunda convicção, Ele permite que por alguns instantes, Vincenza se encontre como Vincenza sem Jesus. Não é que, então, a sua graça te tenha abandonado, mas por um momento, que às vezes se prolonga por um dia e mais, ele suspende os efeitos sensíveis da sua graça em ti. Aproveita destes momentos, cara filha, eles são destinados a enraizar tua alma na bela e fundamental virtude da humildade, sem a qual não há virtude. Nisto reconhece ainda, a mão amorosa do teu Dileto que se compraz em honrar-te de todas as virtudes e, em especial aquela superior a todas as outras, isto é; a humildade» (CA I, 16 de agosto de 1916). Pouco depois o diretor espiritual retorna sobre o dom que Jesus faz a Vincenza por aquela «sede e fome d'Ele que frequentemente te atormenta» e que «é efeito da sua

caridade por ti». Mas adverte que ainda quando o Senhor se esconde, precisa continuar a amá-lo. «A alma da Santidade está no amor interior. Quem mais ama é mais santo». Não podendo fazer grandes sacrifícios, ofereçamos ao Senhor o nosso desejo: «o martírio de desejo rende a Deus a mesma glória que o efetivo martírio» (CA I, 31 de agosto de 1916).

A quanto parece, Vincenza deve ter expresso o desejo de oferecer-se como “vítima de amor” pela salvação do mundo. Frei Malér lhe responde que tal desejo é um dom do Senhor, mas depois acrescenta: «Não é este o resumo fiel do quanto pudeste experimentar no seu interior, desde o primeiro dia em que Deus te fez sentir de querer-te toda sua? Mas, disto compreenderás qual seja a tua missão. Deus te escolheu para o teu bem, mas também, e direi quase antes de tudo, para o bem dos outros. Jesus deve continuar em ti a sua paixão. Por quem? Por ti, mas antes de tudo pela salvação das almas. Para este fim dirija todas as tuas intenções. Este espírito de apostolado te permitirá progredir sempre mais no caminho da caridade, e procurarás em sumo grau a glória do teu Jesus» (CA I, 28 novembro de 1916). Em essência, Vincenza aparece rica de fé e de amor, mas sempre necessita do sustento que lhe vem da orientação sacerdotal.

A respeito das “almas vítimas” é interessante o quanto Frei Malér escreve a Vincenza cerca de 20 anos mais tarde. Tenha-se presente que na Pequena Família Franciscana várias irmãs faziam promessa de “vítima” e tinham constituído uma espécie de grupo particular. Vincenza, ainda que se disto tratou sabiamente no seu *“Para viver a minha vocação”*, pediu um parecer a Frei Malér, o qual lhe escreveu: «Este gênero de agregação não se forma nunca sem grande dificuldade. Antes de

tudo porque existe sempre o lado humano, o qual necessita ter em consideração, e ainda, e, sobretudo, porque o Maligno (o espírito mau) procura sempre misturar a sua ação à do Mestre Divino. Mas tenha fé. Se Ele quer, esta causa será feita, malgrado e contra tudo. Em caso contrário, quer dizer que a sua vontade é completamente diferente daquilo que nós temos projetado para a sua glória e o bem das almas. Paz, Fé, Abandono sempre» (CA II - Carta de Frei Malér a Vincenza em 02 maio de 1939).

3. O primado do amor a Deus

A firmeza da fé, o fervor eucarístico e a franqueza do testemunho cristão de Vincenza continuaram nos anos em que ela frequentou a Escola Normal em Treviglio, colaborando com o Círculo Cultural, fundado por Dom Carlo Rossi. Ao mesmo tempo se fazia sempre mais clara a vocação para viver na perfeita união com Jesus Cristo em meio ao mundo para fazer conhecer e amar aquele que para ela era plena vida.

Quanto aquilo constituísse para ela um valor absoluto o demonstrou de maneira surpreendente quando, ao conseguir o diploma de mestra, o Presidente a convocou e disse: «Tudo está feito e pronto. Você só tem que preparar a sua mala e ir a Firenze ao Colégio Internacional para continuar os estudos». Para ela foi um momento dramático, uma escolha entre dois amores: ela, tão amante do estudo ao ponto de ser isentada dos exames finais porque tinha obtido 10 em todas as matérias, renunciou imediatamente à tentadora oferta-prêmio. Por qual motivo? Pelo seu total amor a Deus. Escutemo-la: “E se o amor ao estudo me afastasse, ainda que minimamente de Deus, e eu viesse menos a Ele?

Isto se passou no meu interior. Dos olhos me caíram grossas lágrimas. O Presidente me olhou, compreendeu minha renúncia e, abaixando os olhos, pesarosamente se foi embora. A minha alma estava plena d'Ele do desejo de gastar a minha vida por Ele" (CA II – Carta a Maria Mariani, 13/11/60).

Repensando em suas renúncias e particularmente naquela ultimamente recordada, Vincenza um dia escreverá: *«Por ti, ó, Senhor, renunciei ao estudo, à música, ao canto, à dança, minhas paixões, e, sobretudo, ao estudo que eu amava tanto, pelo temor de que este amor me levasse longe de ti, que o mundo me roubasse do meu Senhor. E tudo isto era segredo entre ti e mim. Quanto sou feliz que tu tenhas tomado posse de mim!»* (CA I, Jesus Amor, n° 80).

A renúncia a conseguir graus acadêmicos, mais altos não significa que Vincenza não amasse o aprofundamento do saber ou mesmo que não tivesse estima e confiança pelas conquistas da razão humana. Era entusiasmada pela sua fé, mas apreciava a razão, ainda que conhecesse e temesse (conhecesse e temesse) os perigos aos quais pudesse levar. A este propósito, fica bem que agora procuremos clarear o seu pensamento e o seu comportamento a cerca da relação entre fé e razão.

II. FÉ E RAZÃO: LUZ E TREVA

Nós nos propomos refletir sobre um argumento ao qual Vincenza dedicou muita atenção, para o qual pediu ajudas e graças de discernimento e que constituiu motivo de tanto sofrimento para ela. Ao mesmo tempo nos revela a beleza da sua alma e as lutas que teve que sustentar.

Para uma serena avaliação da visão de Vincenza, tenhamos como oportuno relembrar sinteticamente aquilo que a teologia espiritual ensina a cerca da fé “provada”.

1. Estima e admiração pela inteligência humana.

Prova de que Vincenza apreciasse a razão humana é o uso que dela fez sempre, o seu aplicar-se ao estudo e a paixão com que se dedicou ao ensino. Estava convicta de que “doar luz à razão e força à vontade” é o dom maior que se possa fazer ao ser humano. E sublinhava a sua convicção afirmando: «Por isto é minha alegria abrir as mentes, educar as inteligências, dar o conhecimento, o saber e tudo (isto) faz concorrer, à conquista, à posse da verdade, para formar o homem. E formar o homem é o mais alto trabalho humano e é, para mim, o dom maior que o homem faz ao homem. Chega até a exclamar: “O pensamento, a inteligência é aquilo que de mais elevado saiu das mãos de Deus, e o homem que possui estes dons e que deles faz nascer as obras, é grande” (CA I, Jesus Amor, nº 28). Mas as faculdades humanas devem ser aperfeiçoadas pelo Espírito Santo que é amor vivificante. Então, “a inteligência se torna amor e o pensamento se torna amor, e a vontade se torna amor e a alma se torna o teu reino. O teu puro amor, ó Tríade (Trindade) Santa» (CA I. Jesus Amor).

Vincenza experimenta pessoalmente que o reto uso da inteligência procura dignidade e bem estar das pessoas e lhes abre à contemplação da magnitude do Criador: «Também em mim inculcam os motivos e os argumentos da razão. É sempre um enriquecimento em todos os níveis existenciais o uso efetivo das faculdades próprias do homem e pode produzir evolução, maturidade

humana, e por consequência, maior dignidade e melhor vivência humana. A luz da razão e as forças penetrantes da inteligência manifestam a magnitude do Criador que dá à sua criatura dons tão grandes que testemunham o sublime lugar do homem na sua obra criadora» (C.A. II - Carta de V. às irmãs da PFF, junho 1972).

2. Limites e riscos da Razão

O homem infelizmente, pode usar mal a própria inteligência, para seu próprio dano. Ajudá-lo a fazer dela um bom uso é obra de grande fraternidade, particularmente se o ajuda a viver melhor o seu relacionamento com Deus.

«O homem, porém, na sua liberdade, pode também cuidar pouco desses dons; às vezes, cuida mal deles, não o usa de verdade ou abusa deles. É obra, por isso, de grande fraternidade humana ajudar os irmãos a abrir a sua inteligência, a guiar a sua razão. O pão do saber - tão necessário quanto o outro pão e talvez, mais - deve circular de homem para homem, e cada um deveria sentir a necessidade de colocá-lo em comum. Na relação entre o homem e Deus, as faculdades humanas ficam na soleira do secreto mistério divino exclusivo a Deus. Deus, amor incriado, presente no homem, quer amor, quer consigo a sua criatura, a quer na vida com ele, na relação divina do seu Espírito, fogo de amor, de vida». (CA II Carta de V. às irmãs da PFF, junho de 1972).

Para “manter os olhos límpidos, as orelhas tranquilas, a mente serena” estando no mundo e no tempo em que vivemos, ocorre o reto uso da razão, mas também a ajuda da graça: «O estudo da sabedoria humana é o perfeito uso da razão para o pleno desenvolvimento dos

dons naturais que recebemos de Deus. A natureza humana, como é de fato, tem aquilo que é bom, aquilo que tem necessidade de ser aperfeiçoado e aquilo que deve ser mortificado, isto é, o egoísmo em todas as suas formas: as mais grosseiras e as mais refinadas. Mas a natureza humana é inimiga da mortificação, das cruzes, das humilhações, não quer morrer a si mesma. É a graça que a transforma, que a eleva a Deus (...). A graça é participação misteriosa, mas real, participação que ultrapassa todo conhecimento natural, humano. A razão, a inteligência humana leva só à soleira da vida sobrenatural e não pode passar além: isto é na vida de graça. A graça não destrói a natureza, mas a aperfeiçoa, a transforma, a eleva até à intimidade divina. A harmonia da natureza na graça advém só na vida de união com Deus» (CA II, setembro 1966).

Sem o auxílio da fé e da graça, a razão humana se priva daquela luz de verdade que é a vida verdadeira: fica sobre a soleira do convívio divino, mas não entra nele. Vincenza o afirma com força e sofrimento:

*«Senhor Jesus! Luz calorosa de vida. Luz de júbilo
vivificante*

*Luz de ardor na paz inefável da plenitude do fim.
Vê-se em ti beleza; bondade; imerges no amor, fazes
viver a vida.*

*Torna-se sombra toda beleza, toda harmonia terrena,
humana.*

Obscuridade, a razão.

*A razão permanece à soleira (umbral) do teu banquete.
Não entra, não pode entrar.*

*Não tem os dons vivificantes; deixa morrer de fome e de
sede.*

*Tu és luz que sacia, luz de vivificante sabedoria
Luz dos silêncios onde a palavra é vida,
Ó luz, ó Senhor, tem piedade de nós» (CA. I Jesus Amor
nº 72).*

Aquilo que São Paulo afirmava em Romanos 8, a respeito da luta entre a *carne* e o *espírito*, Vincenza o descreve com simples palavras, referindo-se às relações entre a razão e o Amor que é Deus mesmo nela: «Tenho duas coisas que vivem uma grande vida em mim, mas cada uma vive por si. Quando acontecesse a fusão delas e fusão completa, aconteceria a minha total união. É o amor e a razão. O amor que, sendo divino, pois que é o Amor, o meu Pai Celeste, a Trindade Santa que vive em minha alma e a vivifica, me inflama de intensa vida. A minha razão, que sou eu, não se submete inteiramente ao amor, ao meu Pai, ao meu Senhor, à vida; não aceita com segurança, não confia, **é sempre reservada com Deus. E é causa do meu martírio! Porque eu amo o meu Tudo, mas minha razão me mantém sempre reservada** com ele. E ele espera que eu esteja segura dele, que eu me abandone fielmente ao seu amor, a sua vida. Deverá ser ainda o meu celeste Pai a dar à minha razão a plena fé na sua ação divina de amor e de vida, ou deverá ser a minha razão que na pura fé se submete? Ou deverão ambas cumprir a sua parte devida? Eu creio que deva ser este último. Mas Deus cumpre a sua parte. É a minha razão que falta na sua parte!» (CA I nº 60).

Rejeitando as dúvidas e o medo da razão, Vincenza quer que prevaleça o amor; e o afirma com um quádruplo “Quero”, coroado de uma fervorosa invocação: «Não quero mais falar de razão; não quero mais raciocinar.

Quero que o amor me submeta, quero ser submissa ao amor, quero que a vontade de Deus se cumpra em mim. Quero que a minha razão se coloque em filial submissão ao meu Deus, e se deixe vestir pela luz que ilumina e inflama, e se funde com a vida. Complete, meu Deus a livre, perfeita, livre fusão da minha razão e do meu coração” (CA I nº 61).

3.Razão e coração: de quem é a proeminência?

No ânimo humano é sempre vivo o impulso para fazer prevalecer a razão sobre o coração. Enquanto parece que a razão dê algumas certezas que o coração humano não sabe oferecer. Mas segundo Vincenza, a certeza da razão é só relativa e parcial, quando não, também um engano. Por experiência, Vincenza sabe que o coração vivificado pela fé vê com maior profundidade. Isto não tira nada à preciosidade da razão, mas é indubitável que o coração cheio da verdadeira caridade é o único caminho para tomar posse das verdades divinas, por isso deve ter a preeminência. Vejamos as argumentações de Vincenza. O trecho que reportamos é longo, mas merece ser lido, também se o primeiro fim nos transmite a frase: *«digo que os racionalistas são uma espécie a ser destruída: tenho na minha razão um espírito de independência que, de tudo faz arma para evitar um sujeitar-se dela ao coração. E isto é sempre alimentado pelo hábito de ter eu sempre, numa certa medida, sufocado o amor, isto é, a caridade do coração, para deixar dominar a razão, enquanto que ela é segura daquilo que trata, porque está ao alcance da mão. Eu vi muito bem, que, enquanto a certeza, ainda que numa certa medida ela existe e pode ser; enquanto a segurança absoluta existe para rir; enquanto depois para*

tê-la à mão (isto que trata); a razão tem à mão aquilo que escondeu, pois a maioria das coisas naturais nos sobrepassam infinitamente, pensemos, pois nas sobrenaturais. E eu vi, conheci e provei, por experiência que o coração, sede do amor, isto é, da caridade, em um relâmpago vê, conhece Deus e o ama, em um olhar instantâneo de luz e de fogo, e não para progredir de raciocínio. No entanto, sinto um bem muito grande a razão! Uma potência admirável e por sua natureza incomparável, o pensamento! E me é assim evidente que de todos os intelectos juntos não se trai um momento, um movimento de verdadeira caridade, enquanto por meio do coração conhecemos os princípios supremos e este é o único caminho para repousar e tomar posse da caridade, quando se trata das coisas divinas. É o coração do meu Senhor, do meu Jesus adorável e assim enfocado de amor por mim! Sei, por experiência, que a razão humana, também se bem armada de lógica, se não se sustenta sob a luz do coração, se não se torna dela uma vassala, se não se deixa por ela penetrar, cai na sombra da morte. Isto, não obstante, a quem devo deixar dominar? A razão ou o coração? Isto é, a caridade que existe tem sede no coração? Dominar as duas de acordo, fundir-se, mas uma tem sempre a preeminência. E a quem a preeminência? Não digo a minha propensão e não a quero nem mesmo admitir no meu pensamento, por temor de ofender o Senhor; a combato e digo que os racionalistas são uma gente a destruir. É Deus que repetidamente me atira e me imerge no amor!» (CA I, nº 50, pág. 97-98).

Vincenza é entusiasta por aquilo que Deus criou e de quanta inteligência humana soube colher, mas o viver para ela é, sobretudo, amar Deus: «Tu és o centro de onde tudo parte e tudo termina. Tu és o amor, és a vida.

Tu és a essência de tudo. Tu és a sabedoria, o poder, a beleza, a força, o amor, o criador, o Pai. Eu te amo o Pai, o Filho e o Espírito Santo, eu te amo ó Deus» (CA I, nº 18, pág. 85).

Vincenza sabe distinguir bem a diversidade entre o crer puramente racional e a fé como dom de graça: «É bem diferente, por quanto bela [o Deus], a fé da razão que te reconhece nas suas obras, pela fé que é o teu divino dom para identificar-se no amor contigo a tua criatura. Esta fé, te suplico, meu amor, dá-me, porque eu tenho sede de amar-Te. Continua a dar-me, para que o meu amor cresça, que eu tenho muita sede: Jesus, Deus da minha alma, quero abandonar-me a ti, ao Pai, ao Espírito Divino, agradar-te, glorificar-te. Eu vivo só para isto» (CA I, nº 41, pág. 93).

Quanta inteligência e coração se harmonizando sob a ação do Espírito Santo abrem a alma para receber a plenitude de vida de Deus: «A razão descobre a verdade, e o pensamento paira nas alturas do infinito e se intensifica nas profundidades. A mente e o coração são luz e flama. A vida se intensifica para o infinito. Tudo isto é uma magnificência maravilhosa de vida da mente e do coração do homem. Deus lhe deu estes dons. No entanto, tudo isto é nada, e eu o digo por experiência. Tudo isto é nada quando se chega à porta da união com Deus. Cessada a atividade pela ação amorosa de Deus, advém a união amorosa com Deus» (CA I, nº 55, pág. 100).

Se, ao invés, a razão humana quer prescindir da fé amante, causa obstáculo a plenitude de vida e de união com Deus. Vincenza o sabe e toma as defesas: «A minha razão de tudo faz arma para evitar a total sujeição ao amor. Resistir além disso é mal [no sentido de que não devemos estar a raciocinar]. Que morra desta morte

amorosa a minha mente, e seja glorificado Deus» (CA I, nº 56, pág. 100).

E ainda: «Deus, meu amor, eu quero abandonar-me plenamente ao teu amor. Tu, dá-me o abandono confiante no pleno esquecimento de mim. Dá-me a fé, a esperança e a caridade: não me ocorrem mais que estas para viver a tua vida de amor» CA I, nº 13, pág. 83).

4. «Qual grande inimiga»

A razão humana, não só permanece à soleira do convite divino, mas pode tornar-se também uma «inimiga» da fé e do amor. Explica-se, portanto, como isto pudesse provocar grande sofrimento e luta numa alma toda enamorada de Deus, como era Vincenza.

«Deus, tu és a sabedoria, o amor, a vida. De ti tem sede a minha alma. Eu, com a sede que tenho de beber em todo instante na identificação. [...]. Tu me atraís no teu amor, e o dá-me então Jesus, que eu me sinto morrer! Dá-me! Eu sou imerecida e a minha razão é muito sábia segundo o mundo, e descarta este amor que está fora do seu domínio. É ela a rainha de si. Ela pode bem penetrar toda a existência do homem, da vida, das coisas! Meu Deus, qual grande inimiga. Pobre razão. Portanto, se vês que na soleira da vida divina ela deve parar. Aqui é o reino de Deus, não do homem. Jesus, minha sabedoria permanece torna-me tola no teu amor. Eu não posso mais viver Jesus, se tu não me imerge no teu amor. Tudo è esterilidade e morte fora do teu amor. Amar-te ó amor, mas não do meu amor, bem sim, do teu amor» (CA I, nº 13, pág. 83),

O alvo da razão mal usada é a fé, porque algumas vezes esta destruiu também o verdadeiro amor, por isso Vincenza invoca a Deus uma fé puríssima, líquida, clara:

«A alma que não tem a graça de ver Deus com a fé não o poderá nunca ver no amor. O meu Deus, tu engrandeces minha fé, torna-a puríssima, líquida e clara de toda corrupção, com todas as provas, que pela força, a profundidade, a totalidade valem todo o meu ser» (CA I, nº 13, pág. 84).

Quando a razão sai com as suas presunções e insinuações, para Vincenza é momento de *agonia sangrenta*, mas sente mais que uma força interior torna invencível a vontade de crer e de amar: «Que agonia sangrenta, que pena, que espasmo, o Deus, quando vem a prova. Então uma só vontade surge em mim como vigia, e não cede um instante: também toda destruída eu quero crer em ti e amar-te. Mas basta que eu acene ao teu amor, que o meu martírio de sede de ti inflama-se. Senhor dá-me amor. Amar-te por todos, e por todos doar-te o esplendor da minha alma» (CA I, nº 98, pág. 118).

Para Vincenza só Deus é *sabedoria, amor e vida; ela tem sede dele*, com desejo de *ser uma só coisa de amor* com ele. Por isso pede que Ele a atraia no seu amor. Convicta de que não o merece, todavia o pede como dom para vencer os enganos da razão: «Não o mereço, não me deverias dar, porque a minha razão é muito sábia segundo o mundo e descarta este amor que está fora do seu domínio. É ela a rainha de si, e nada quer sobre ela, do seu domínio. Ela sabe bem que a razão humana é muito grande, que bem pode penetrar e conhecer toda a existência do homem, da vida e das coisas».

Elencar, com certa ironia, as arrogâncias da razão humana, Vincenza afirma a inconsistência e a estupidez: «Meu Deus, que grande inimiga! Pobre razão! Não se vê que, chegada a soleira da vida com Deus, torna-se impotente como toda coisa criada».

A razão pretende «dominar!»[talvez também «no amor pelo Amor»]]. E Vincenza exclama: «Ó que estupidez. E não quer aceitar nada que não seja do seu domínio. Ó, o amor divino como está longe de ti. Quando chegar o meu amor, pobre razão, tu não será mais nada. Onde a vida de Deus começa, a tua termina» (CA I, nº 98, pág. 118).

E aqui o discurso torna-se oração, profissão de fé e de amor: «Meu Deus vence, triunfa. A razão humana e o teu amor são coisas de todo opostas. Jesus, sabedoria minha, torna-se tola no teu amor! Atraia-me no centro da tua cela, porque eu morro de sede de ti. Eu não posso mais viver, ó Jesus, se tu não me emerge no teu amor. Contigo Jesus, tudo é vida. Ah, amar-te, ó meu amor, mas não mais do meu amor, e sim do teu amor. Ó, o teu amor ó meu Deus, da à alma a vida. A alma assim é a tua glória e tu o seu eterno amor» (CA I, nº 98, pág. 118).

5. Interrogativas na espera de respostas

A vontade de viver uma fé autêntica e as provocações que vinham da razão levaram Vincenza a ativar o seu espírito crítico. Descobrimos que ela se interroga e se pede se o seu relacionamento pessoal com Deus é fruto da graça ou da sua emotividade e, portanto, ilusório. A sua experiência de vida teologal é somente um sentimento religioso, um estado emocional, fácil e imediato? Aquilo que ela crê, ama e espera é realidade ou ilusão?

Vincenza não presume de estar em grau de dar de si respostas certas, mas proclama a sua vontade de radical adesão a Aquele que a fascina e que dá pleno sentido a sua vida.

Por outro lado, muitas vezes afirma de gozar paz e alegria derivantes da certeza de estar na vontade de Deus. De um lado, teme um engano proveniente da própria natureza humana; de outro, é certa que o amor e o gozo que a penetram toda, não pode vir senão de Deus. É quanto descreve nos seus apontamentos íntimos: «Eu me alegro, mas tenho o direito de alegrar-me porque Jesus me ama? Eu, pobre e miserável pecadora, ser assim repleta de amor e de alegria. Este gozo que me penetra toda, eu sinto, vem do amor. Mas, é Deus que me ama, ou é uma idéia minha? Sei que Deus ama as almas, mas eu não deverei ser assim amada, porque estou bem distante de ser digna. E então, é toda uma idéia minha este seu amor por mim, ou é verdade o seu amor? Sei que das minhas idéias, pelas idéias humanas não pode vir este gozo vital que acresce, alarga e intensifica em mim a vida em Deus, (mas será a minha vida em Deus, ou uma minha ilusão?), a vida do amor, da minha união com ele. Isto não obstante, eu de mim temo sempre. Este gozo que queima todas as misérias e a minha impotência e me dá vida. Este gozo que trás em si todo bem, é o gozo do meu Deus, ou é gozo meu, da minha natureza? Este gozo que percorre e penetra toda minha alma, ainda que existam os sofrimentos físicos, espirituais, morais que vêm de mim, da terra, das criaturas? Este gozo que é transformante, é meu ou é de Deus?» (CA I, nº 43, pág. 94).

A este trecho pontuado com seis interrogativas sobre a autenticidade ou não da sua experiência espiritual Vincenza faz seguir uma oração de renovada vontade de amar Deus e de absoluto abandono nele.

«Seja como for, ó amor de minha alma, eu quero amar-te e dar toda minha vida por ti também se tu não me ames, porque existem bem razões de não amar-me.

E o amor que eu tenho por ti, que me faz pronta a tudo por ti, desejosa de tudo dar-te, de tudo sofrer, de cumprir toda a tua vontade, de glorificar-te ó meu Deus, este meu amor é verdadeiramente meu amor por ti, ou me engano, e é ao invés uma idéia que me faz crer de amar-te, enquanto não é amor, mas ilusão? Deus, meu amor, acima de tudo, uma só coisa impera em mim: te amo, ó meu Deus, te amo» (CA I, nº 44, pág. 95).

Até aqui pudemos constatar que também para Vincenza a vida de fé não foi uma aventura fácil e ainda mais aparecerá em seguida. Para compreender melhor o significado desta sua experiência espiritual, é oportuno referir em síntese isto que os mestres de espiritualidade ensinam acerca da «fé provada».

6. O ensinamento dos mestres do espírito

Os mestres da espiritualidade cristã afirmam que, de regra, uma pessoa não chega à plena maturidade na fé sem passar através “das provas e as tentações”. Deus, de fato, «prova» a fé dos homens. Assim põe à prova a fé de grandes personagens do Antigo Testamento (cf. Hb 11).

Mas porque Deus “prova” a fé? Para torná-la mais genuína, para aumentar o valor (cf. 1Pedro 1, 6-7). O tempo da vida humana é um tempo de prova da fé. E isto confere à fé um caráter «noturno». Em realidade, crer é caminhar na “noite”, na espera que surja a aurora da vida eterna. Uma longa noite que é iluminada somente pela Palavra de Deus, a qual, de fato, é «lâmpada que brilha em um lugar escuro, até despontar o dia e surgir a estrela da manhã em vossos corações» (2Pedro 1, 19).

O cristão pode ser provado *por causa da fé* ou *na própria fé*. Os autores da espiritualidade dizem que alguma vez o crente, também fervoroso, é absorvido por dúvidas insistentes e tormentosas acerca das verdades mais fundamentais da fé cristã; tem a terrível sensação de que o terreno da fé lhe venha a faltar sob os pés; sente que a certeza da fé, por ele experimentada outras vezes em uma forte experiência espiritual, se desenvolve e se dissolve em uma nuvem opaca e oprimente, até sentir um escuro descer na sua alma. O crente então se pergunta se a sua vida de crente não é toda uma ilusão, uma tentativa desesperada de agarrar-se às sombras, e se, ao invés não tem razão aqueles que não creem. Bastante frequente à dúvida intelectual se junta um estado de apatia e de aridez espiritual que torna difícil a oração e dá a dolorosa sensação de falar ao muro, porque de outro lado parece que ninguém responde, antes que não exista mesmo ninguém.

Verdadeiramente não existe nada mais tormentoso para o crente, de que este “silêncio de Deus”: é um entrar em cheio na “noite da fé”, na “nudez do espírito” descrita por São João da Cruz e por outros místicos. Esta purificação da fé é o meio mais adequado para unir-se a Deus; é o caminho que Deus normalmente escolhe para os seus eleitos que ele chama ao topo da santidade. À luz desta doutrina espiritual parece que se deve considerar a experiência de Vincenza.

7. «Negações terríveis»

Para uma pessoa que pôs todo o sentido da vida no amor a Deus, porque por ele amada, a tentação de duvidar da existência de Deus não pode ser outra coisa que provocar um terrível medo. Como Vincenza mesma afirma de si:

«Negações terríveis passam na minha mente. Destruição completa da vida sobrenatural, do amor de Deus ao homem».

Vincenza reage com todas as suas forças e invoca ajuda de Maria Santíssima. «Mas a minha alma quer amar o Amor até a minha total absorção. Minha mãe faz com que eu me deixe toda atraída pelo amor, faz com que as minhas potências não sejam mais que fogo do Espírito Santo operante no seio de Deus».

E retorna com o pensamento e a invocação ao Senhor: «Senhor, eu sou fortemente tentada de não ocupar-me mais das coisas tuas e nem ao menos de ti. De deixar-te. Viver para mim é dar frutos. E onde estão os frutos se o meu amor se destrói! [...] Me assaltam lutas terríveis, e, para crer no amor de lutar até o sangue. Quantas e quais terríveis tempestades, no longo passar dos anos, mi abateram como a querer destruir-me».

Mas, eis um grito de vitória: «O meu amor a ti, que desde a infância arde, sempre ficou mais forte. Eu ardo vivamente Senhor, sacia-me de amor. Jesus, amor, amor» (CA I Jesus Amor nº 19, pág. 86).

A aspiração habitual de Vincenza é expressa nestas palavras: «Senhor, faça que eu veja a tua vontade, que te ame e sirva segundo a tua santa vontade».

E nos momentos de obscuridade, implora: «Jesus vem nas minhas trevas, ensina-me, eu te verei, compreenderei. Jesus, a treva é viva, tu és mais claro e real do que o sol. Realiza em mim, ó Senhor, o mistério do amor ao transformar-me em ti» (CA I nº 75, pág. 107).

8. «Paz infinita... e terrível martírio»

Em um manuscrito de Vincenza, entregue ao seu diretor espiritual D. Francesco Metelli, provavelmente até o fim

de 1936, ela o informa de como passou uma jornada de retiro com as Irmãs da Pequena Família Franciscana, Exprime a sua alegria de ter encontrado em todas elas tanta boa vontade e depois comenta: «Ó sim Jesus, ontem foi muito bom, já que vi as almas entrar com um belo passo no espírito da regra, e, não só isto, mas o próprio Padre falou verdadeiramente como eu desejava, e isto é, como a regra quer a vida contemplativa ou vida de união». Acrescenta outras informações e depois confia a D. Francesco o próprio estado de ânimo no seu duplo aspecto de «paz infinita» e de «terrível martírio».

O primeiro aspecto parece que se referia à experiência vivida no dia de retiro, mas parece que seja também uma atitude habitual em Vincenza: «E agora eis o estado de minha alma: uma paz infinita e nas mãos daquele que Jesus colocou no seu lugar; uma dor incessante pelo amor que urge continuamente em mim, assim que, quando uma alma é colhida pelo Senhor, eu sinto a necessidade de outras cem; quando de uma voz se eleva a Ele o canto de amor e de glória, eu sinto a necessidade que toda a terra não seja mais que um fogo de amor e um canto de glória para Ele».

O segundo aspecto faz referência ao frequente insurgir das tentações de pensar que toda a relação de Vincenza com Deus seja somente ilusão: «Um martírio contínuo, quando mais, quando menos, do inimigo que queria em mim a destruição. Eu não sei se posso fazer compreender como é terrível tal martírio; certo é um martírio que supera a todos. A destruição não só do amor, mas do amado».

Vincenza passa a descrever as insinuações do tentador: «Quem ama, pobre tola! Não só é ridículo o teu amor, a regra, as almas, mas o teu próprio amado, já que nada existe se não uma coisa imaginária; e não resta

senão o terrível vazio, o nada assustador, e tudo se desfaz como um punhado de tenebrosa poeira. Meu Deus, qual estado! Não há pranto que possa consolar, nada. Bem, eu quero crer, ó meu Deus: Te amo».

Vincenza prossegue dizendo ter falado do seu estado de ânimo também a Frei Ireneo Mazzotti e de ter tido respostas iguais àquelas de D. Francesco: «O Padre me pediu como estava internamente e eu lhe expus um pouco. Disse-me que tudo isto advém nas almas chamadas de modo especial à inocência e ao amor; e oferece tudo isto para quem realmente perdeu a fé. Palavras precisas que tu me disseste. Bem, D. Francesco, sabe que a pequena colomba deve continuar a sustentar-se contra o aniquilamento que tal estado traz, que tudo desvanece, meu Deus, diante dos seus olhos e que, não obstante, ela quer cumprir a obra de Deus» (Breve relatório a D. Francesco Metelli. Inédito. Citado em Rocco Barbariga, Vincenza Stroppa mestra de vida e espiritualidade, 2005, pág. 87).

9. «É um espasmo todo o meu ser»

Na certeza da «pura fé» que o Senhor está *com ela*, Vincenza encontra a força de lutar e a vontade de vencer a tentação, a qual queria convencê-la que precisa *destruir* tudo aquilo que até agora constituiu o seu viver. Ela reafirma de confiar-se plenamente ao seu Deus e Pai e de amá-Lo em qualquer desolação:

«Jesus, Deus, estás comigo.

Estás comigo na pura fé.

Como são terríveis Senhor estas lutas.

Tudo subvertem.

É um espasmo todo o meu ser.

Precisa destruir a si mesma.

Quero relaxar-me toda nos braços de meu Deus.

Pai, em qualquer desolação quero dizer-te: te amo, te amo» (CA I, Jesus Amor, nº 21, pág. 87).

A razão queria convencer Vincenza de entender que é ilusão e engano tudo aquilo que de belo e de grande ela recebeu e recebe de Deus e que constitui a razão do seu viver. Mas ela quer continuar a crer e a amar aquele que lhe dá a vida e gozo. Estão nisto as suas «*terríveis batalhas*»: «Deus, Pai, Jesus, que terríveis batalhas! Mas eu te amo. Amo-Te ó meu Deus, na destruição de mim, na destruição de tudo aquilo que de belo e de quanto grande deu à minha alma, a minha mente, ao meu coração. Estar imersa e viver no teu puro amor, ó Jesus, é vida e é gozo divino» (CA I, nº 22, pág. 87).

Com sentido realístico, Vincenza conhece bem os dramas da alma e o perigo que a mente e o coração, deixados a si mesmos, levam para longe de Deus. Só o *fogo vivo* do amor divino pode orientar eficazmente as faculdades humanas para o seu verdadeiro fim. Mantê-las na reta direção é dura luta:

*«Ó Deus, amor, amor da minha alma,
toma posse das potências de minha alma
que muita luta fazem por teu amor.*

*A minha alma quer lançar-se e imergir-se no teu amor,
e as minhas potências, ó como estão prontas a impedir o
caminho a fazer-se de patrões.*

*São bem fortes estas minhas potências,
E não existe mais que um fogo vivo, um fogo do teu amor
que a possa tirar de sua posição
e deixar livre a minha alma.*

Nesta luta eu agonizo de amor.

*Vem Jesus! Não é que eu queira vencer para não lutar
mais, ó não. Preciso vencer para amar-te na imersão
completa» (CA I. nº 27, pág. 89).*

10. Contemporaneamente no Getsêmani e sobre o Tabor

Até quando duraram estas lutas e obscuridade? Nos escritos de Vincenza não foi dito. Descobrimos, todavia, pelas letras escritas às irmãs na sua plena maturidade e velhice, uma Vincenza ardentemente entusiasta, rica de luz e de ardor, que si sente no Getsêmani no pensamento de grande parte da humanidade que não conhece e não ama o seu Salvador, ou quando tem a impressão que alguém faça desviar a Pequena Família Franciscana do seu verdadeiro ideal; mas também se sente cheia da luz e do gozo do Tabor, que o Senhor lhe comunica.

Vejamos alguns trechos das cartas voltadas às irmãs nos últimos anos de sua vida.

Em março de 1977, Vincenza acena a Jesus que «deu o martírio do seu coração e o seu sangue inocente à humanidade infeliz para redimi-la», mas infelizmente esta humanidade «está imersa em si mesma e a fadiga se levanta à própria redenção que pode conseguir somente se une-se a Jesus, Deus feito homem, verdade, amor, vida». Vincenza exorta as irmãs a unir-se a Jesus no dom total de si mesmas, afim de que, Jesus seja conhecido, amado e a humanidade seja salva. E não pode distrair-se de confiar qual é o seu viver: «Jesus está conosco, sempre conosco. Com qual celeste doçura se une a nós, no nosso coração. Que doce paz, que suave força na nossa frágil natureza humana, o seu divino amor. Que alegria sua união conosco; Ele, o Senhor do homem, o Senhor da humanidade, Deus feito homem, verdade, amor, vida, nossa união na adorável Trindade!». E, de imediato Vincenza explode numa oração de alegre adoração e

louvor: «O meu coração prorrompe na alegria... Eu falo de ti, meu Senhor, minha vida com a adorável Trindade que habita e vive em mim. Tomou-me nas estreitezas da minha humanidade, fez-me livre em ti. Verdade, amor, vida é a tua luz em mim. Substanciosa, saborosa de vida é a tua verdade. Prazerosa a tua vida em mim. Adoro-te, meu Senhor Jesus, meu Deus. Tem-me amada. O teu amor é eterno em mim. Adoro-te Pai dulcíssimo. Tem-me dado Jesus. Adoro-te, Espírito de Deus Senhor, minha união na adorável Trindade que habita e vive em mim. Eu exulto no meu Salvador, eterno e infinito amor» (CA II, Cartas de Vincenza às irmãs da PFF, março de 1977, pág. 122-123).

Em junho de 1978 Vincenza canta a sua *doce paz* e a sua *plena vida*, no seu viver «uma» *em Jesus*, ou no *nosso humano e doloroso caminho*: «No nosso humano e doloroso caminho, que doce paz viver ‘uma’ em Jesus. Meu Senhor, amar-te e amar a humanidade que não te conhece: esta é a tua vontade. Amar-te e amar no holocausto para que a união da nossa vida em ti se cumpra. Que vida plena viver na dependência do meu Senhor! É tudo um mover-se, um agir, um operar na plenitude do amor, da união. “*Eu sou a verdade*”. A fé, efusão de graça do Espírito Santo, fixa o olhar no esplendor vivificante da verdade, recebe a Vida: Jesus Cristo, Deus Amor. A fé, doçura de patrimônio celeste, gozo de herança no amor do Pai, do Filho e do Espírito Santo: dulcíssima união de infinito amor, de infinita vida» (CA II, junho de 1978, pág. 131 e 132).

Um mês depois, Vincenza, recordando São Paulo que «combateu o bom combate e conservou a fé», escreve: «Queridas filhinhas, é grande alegria combater o bom combate e conservar a fé. É viver de doação, de

amor. Se tu, filhinha, não ama, não amou, não conservou a fé».

Queria estar presente com todas as irmãs para comunicar a elas sua grande alegria de doar-se totalmente ao Senhor, na união com Jesus e o Pai: «Viver em Jesus nossa vida é o cumprimento da vontade do Pai e o cumprimento da nossa união com o Pai, Ó a divina paz, o divino amor, a vida divina de Jesus no nosso coração em união à doce adorável Trindade! E muito sofrer pelo ardente desejo que Jesus seja amado por todos os corações e toda humana criatura seja salva no amor, em Jesus e goze a união à Trindade! Levar almas a Jesus, no sacrifício. Assim a Virgem nossa Mãe, assim nós» (CA II, 26 de julho de 1978, págs. 135 e 136).

Com distância de um ano Vincenza retorna a manifestar a sua *alegria* porque *o amor de Jesus nunca deixa e a sua união a redime sempre em nova vida Nele*. Exprime ainda o seu *sofrimento* porque *não todos os corações conhecem Jesus, não todos os corações o amam*. Volta-se depois às irmãs, confiando a elas o seu estado de ânimo: «O meu Senhor Jesus, Deus feito homem, me repete continuamente: *Eu sou o caminho, a verdade, a vida e o homem tem de mim a vida eterna*. Assim, na sua vontade, fez e faz em mim o Pai Celeste; assim Jesus deseja falar a cada coração que o escuta. Escutem-no. Jesus fala de união suave e forte, de plenitude de vida, e as suas palavras doam sempre mais vida plena ao coração, na união ao Pai celeste, Deus e Senhor da humanidade» (CA II, setembro de 1979, pág. 143).

A carta de março de 1980 é um prosseguimento contínuo de exclamações plenas de espanto pelas obras de deus e pela beleza de viver em união com Ele.

Não fala por ouvir dizer, mas pela experiência vivida. Relatamos dois pequenos trechos: «Viver de amor ao Pai. Que paz suave, que plenitude de vida, de união sempre mais plena! Doce adoração do pai que nos ama! Ó alegria de vida: amar e ser amadas!».

«O meu Salvador lavou a minha miséria no seu sangue, unindo-me a Ele, me purificou. O seu divino amor continua a purificar-me e a sua união promove uma vida sempre mais plena. Que doçura a sua misericórdia! A minha alma, o meu coração, todo o meu ser é feliz no meu Salvador. Eu o vejo e o meu coração exulta. Os seus dons são dons de luz, de verdade, de vida, e eu sou rica em abundância e superabundância. Esta é a sua vontade» (CA II, março de 1980, págs. 150 e 151).

Quando Vincenza, com mais de oitenta anos, transcorria os seus dias aflita por vários achaques físicos e particularmente da cegueira quase total, escreveu ao Pe. Giuseppe Di Lazzaro: «Os sofrimentos do corpo, que desde jovem me acompanham, são preciosos, não pelo gosto de sofrer, isto é desumano, mas porque nesta pequena natureza perecível, Jesus cumpre seu Onipotente amor de redenção e faz, deste pequeno corpo, a expressão pura da alma, do coração, do amor, e um dia será a sua glória, glória de Deus feito homem» (Cartas de Vincenza a P. Giuseppe Di Lazzaro, 25 de fevereiro de 1975. Inédito. Citado em Rocco Barbariga, Vincenza Stroppa – Mestra de vida e de espiritualidade, 2005, pág. 203).

Também o pensamento da morte muito vizinha não atemorizava Vincenza, antes a fazia desejar acolhê-la como pleno holocausto, no Cristo, ao Pai. Tornando ao Pe. Giuseppe escrevia: «Escuta-me: não sei o que acontecerá, que será de mim no momento da morte.

Escuta-me: agora vejo o meu Senhor que me acolherá no seu Onipotente amor, que serei unida a ele no esplendor da união da adorável Trindade. Todo o meu ser o vê e goza. E eis todo o meu grande e pleno desejo: aquele de tornar-me holocausto lapidado e puro, no meu Senhor Jesus, ao Pai, dulcíssima Trindade» (CA II, 10 de março de 1978. Citado em Rocco Barbariga, Vincenza Stroppa, Mestra de Vida e de Espiritualidade, 2005, pág. 204).

Poucos dias depois, retorna a descrever o seu estado de ânimo: «O meu viver Jesus é incessante vida nova. Dirijo-me à metade. Dá-me Senhor, de alcançar na plenitude da tua vontade» (CA II, 28 de março de 1978. Citado em Rocco Barbariga, Vincenza Stroppa, Mestra de Vida e de Espiritualidade, 2005, pág. 204).

Parece que o Senhor tinha concedido também a Vincenza, como a Teresa de Lisieux e outras santas, de *“sentar-se à mesa dos pecadores e dos ímpios”*, solidária com as suas trevas e angústias, sem, todavia, partilhar a sua desafeição com referência a Deus e, menos ainda, a revolta deles contra Ele. Ela é constante no seu ser crente e amante, e aquele Deus Trindade que habita nela continua a ser luz, vida, alegria e paz.

III – EXPERIÊNCIAS DE «LUZ VIVIFICANTE»

Na sua vida espiritual Vincenza experimentou grandes desafios e provas sofridas, certezas vivíssimas e dúvidas desconcertantes. De sua parte refletia, rezava, lutava, amava, reafirmava a sua vontade de total confiança em Deus. E o Senhor não faltou de doar-lhe momentos de claríssima intuição das realidades espirituais. Foram momentos de extraordinária

experiência, que ela teve sempre como sinais de uma inefável benevolência divina e motivos de conforto espiritual. Algumas vezes lhe falou, sob nosso convite, de alguns temos também o testemunho escrito. Pedimos-lhe.

1. «Como de costume, Jesus me uniu a si»

Vincenza nos confia, que desde pequenina, no pequeno campo do papai como num ermo, passava horas de reflexão e de oração afetiva e contemplativa, assim intensa a perder o senso do tempo: «Ó quantas horas fugiam sem que me desse conta, enquanto estava toda ocupada Dele, Onipotência, Beleza, Amor e Vida» (CA I, Testamento Espiritual, pág. 125).

Desde jovem mestra, eis um estranho momento, não mais no campinho do papai, mas no Lago de Iseo. Em uma esplêndida jornada de 1921 Vincenza com uma sua colega e três meninas se foram para Lovere, atravessando o Lago de Iseo. Deixamos a ela a palavra: «Sobre a lancha se viajava bem, diretas a Lovere, ao Teatro Tardini, para um concerto. Como de costume, Jesus me une a si num silêncio profundo, altíssimo, onde eu não viverei mais: é Ele que vive. Quando retornou em mim, ouvi uma das jovens que dizia a sua Instrutora: *Viu senhorinha como a Mestra, aprofundada em pleno silêncio, não vivia mais conosco? E não é a primeira vez que eu a vejo assim.* Eu ouvia na minha doce paz de união. A Instrutora lhe respondeu: *Estes silêncios, é preciso respeitá-los, são os silêncios das grandes obras de Deus.* Na minha cela exclusiva do meu Senhor, qual plenitude de vida, de união, de amor, de paz, livre no meu Jesus, minha vida, meu doce Senhor» (Escritos de Vincenza ao P. Rocco Barbariga,

Bloco de notas nº 2. Citado em Rocco Barbariga, Vincenza Stroppa, *Mestra de vida e de Espiritualidade*, 2005, pág. 60.

Narrando o mesmo fato em 1979, Vincenza nos revela que aquela estranha experiência não era nova para ela; afirma de fato: «O Senhor fez aquilo que fazia sempre: levou-me no caminho consigo» (Cinquentésimo ano de *fundação da PFF*. Citado em Rocco Barbariga, Vincenza Stroppa, *Mestra de Vida e de Espiritualidade*, 2005, pág. 60).

2. «Eu vi a luz vivificante»

Noutro momento de graça, ao qual Vincenza atribui grande importância, foi em 1924, de modo improvisado. Vejamos a narração: «Em 1924 foi-me dada uma terceira classe com sessenta e quatro alunas. [...]. Uma noite, enquanto, só, na sala corrigia as tarefas, foi levada para fora de mim, no meu Senhor, Luz, Verdade, Vida. Eu vi a luz vivificante do meu Senhor. O meu Senhor, Verdade, Vida vem em mim, une-se a mim e na alegria e na paz do amor revelou-me: *Esta é a minha união contigo, que não te será nunca tirada e ninguém poderá tocá-la*. O meu Senhor não olhou a minha miséria humana e a sua união em mim, foi sempre maior, e a minha alma exulta no meu Senhor» (Escritos de Vincenza a P. Rocco Barbariga. Bloco de Notas nº 2. Inédito. Citado em Rocco Barbariga, Vincenza Stroppa, *Mestra de Vida e de Espiritualidade*, 2005, pág. 64).

3. «O vi assim, claramente...»

Vincenza nos informa também sobre outro momento de “clara visão”, ou claríssima. O seu “ver” nestes casos,

não parece fruto de alucinação; frutifica um novo desafio de doação total. Vincenza pede a Deus para «ver do teu ver», isto é, com os olhos de Deus. O seu *ver* não é só um *saber*, mas um ver que multiplica o amor; aquele ver que «deixou-me um gozo de paraíso». Um ver que, enquanto contempla a santidade de Deus, revela também o nada e o pecado da criatura e, todavia, não a assusta, mas a preenche ainda mais de amor e de gozo: «O vi assim, claramente o Ser, o Onipotente, o Senhor e patrão, que na minha alma se multiplicava em amor desmedido por ele. Vi depois a criatura que vem do nada, e que é nada. Tudo quanto existe na relação que existe entre a criatura e Deus é a obra da sua vontade que é amor. Amor feito de perfeitíssima bondade. Eu vi Deus, supremo Senhor e patrão. Eu via a criatura, o ser nada. Eu vi depois a monstruosidade do pecado. Estas coisas se sabem muito bem, e, de fato, também as conheço muito bem. Mas qual diferença do saber ao ver. Ao ver-me nada, o meu amor se multiplicava, e se multiplicava, porque ainda continua em mim a crescer o amor Dele pelo que vi. Permanece em mim o gozo de tê-Lo visto, a Ele, Supremo Senhor e patrão e eu, nada. Eu vi a verdade e ela me enche de gozo. Um só coisa desejo: amá-Lo sem medida e servi-Lo no dom total» (CA I, Jesus Amor, nº 48, págs. 96 e 97).

4. «Assemelha-se toda a mim»

No seu *Testamento Espiritual* Vincenza reassume todo o seu viver em um relatório de amor recebido e restituído entre ela e o Senhor, e ainda estendido para alcançar a plenitude da “imersão” e “identificação” com Ele: «Eterno amor, tudo eu te dei. Tudo tu me deste da tua vida e eu

tudo quero ser para ti: quero ser vida e amor. Em mim eu sinto a tua vida e quero ter muita, até a plenitude, até que o teu desejo de querer-me plena de graça seja cumprido. Tu me esperas cheia de graça e isto eu suspiro. Vejo um abismo desconhecido de amor, e eu desejo imergir-me e identificar-me. Em um momento de grande dor, enquanto pensado no maior modo de amá-lo, isto é, na última relação além da qual não existe outra, Ele rasgou as trevas com uma grande e imprevista luz, e tudo se iluminou nas palavras: *assemelha-se toda a mim!*» (CA I, Testamento Espiritual, pág. 132).

CONCLUSÃO

A vida espiritual de uma pessoa fica sempre não plenamente explorada, não obstante as nossas buscas. Creio, todavia, ter recolhido dados suficientes para afirmar que a fé de Vincenza é constantemente colocada à prova, e isto contribui para torná-la sempre mais pura e forte. As “terríveis lutas” sustentadas por ela, de um lado a fizeram experimentar a infelicidade dos pecadores e dos não crentes pela salvação dos quais sempre pediu e se ofereceu em sacrifício, por outro, serviram para fazê-la renovar a vontade de crer e de confiar-se totalmente a Deus. Nisto Vincenza é modelo para todo cristão. Todo chamado a «obediência da fé», de fato, inevitavelmente deve combater este «bom combate» para «conservar a fé» (2 Tim. 4, 7).

Todo cristão é «homem do caminho» (Atos 9, 2), sempre em caminho: deve sentir-se sempre em estado de conversão, sempre capaz de recomeçar. São Paulo escreve: «Caminheemos à luz da fé e não da visão» (1 Cor 13,12): uma fé que tem constantemente necessidade de ser sustentada, confirmada e vivificada pela nossa

assiduidade com o Senhor, feita de silêncio, de escuta, de oração, de busca.

Sabemos que a fé é uma semente que, posta no nosso coração, mas, mesmo por isso, é sujeita a uma dinâmica de crescimento sempre ameaçada. O crente sempre é «homem *de pouca fé*» e, por isso, incumbe sempre sobre ele a urgência de abrir-se a uma fé maior; e quando quer aumentá-la, não lhe resta mais que a invocação: «Senhor, salva-me (Mt 14,30); Eu creio, ajuda minha incredulidade (Mc 9,26); Senhor aumenta a nossa fé (Lc 17,5)».

Vincenza invocou, e o Senhor a ouviu: «Deus, meu amor, eu quero abandonar-me plenamente ao teu amor. Tu dá-me o abandono confiante no pleno esquecimento de mim. Dá-me a fé, a esperança e a caridade, não me ocorrem mais que estas (virtudes) para viver a tua vida de amor [...]. Esta fé, te suplico, meu amor, dá-me, para que o meu amor cresça, que eu tenho muita sede. Jesus, Deus da minha alma, quero abandonar-me a ti, ao Pai, ao Espírito Divino, para agradar-te, glorificar-te. Eu vivo só para isto» (CA I, Jesus Amor nº 41, pág. 93).

<><>*<>*<>*